



**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E
LITERATURA
CURSO DE DOUTORADO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA**

WEIGMA MICHELY DA SILVA

**CARTOGRAFIA EXISTENCIAL DO EDUCADOR
EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO:
intersecções entre Literatura e Geografia**

Araguaína- TO

2025

WEIGMA MICHELY DA SILVA

**CARTOGRAFIA EXISTENCIAL DO EDUCADOR
EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO:
intersecções entre Literatura e Geografia**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura - PPGLIT, da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT, Campus Universitário de Araguaína-TO, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras: Linguística e Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Araújo de Melo

Coorientadora: Érica de Cássia Maia Ferreira

Araguaína -TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D111c da silva, WEIGMA MICHELY.

CARTOGRAFIA EXISTENCIAL DO EDUCADOR EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO: CARTOGRAFIA EXISTENCIAL DO EDUCADOR EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO: intersecções entre Literatura e Geografia / WEIGMA MICHELY da silva. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2025.

228 f.

Tese (Doutorado) (Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura - PPGLLit) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientador: MÁRCIO ARAÚJO DE MELO.

Coorientador: ÉRICA DE CÁSSIA MAIA FERREIRA.

1. Momentos Formadores. 2. Literatura. 3. Cartografia Existencial.

EBD 410

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

WEIGMA MICHELY DA SILVA

**CARTOGRAFIA EXISTENCIAL DO EDUCADOR
EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO:
intersecções entre Literatura e Geografia**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura - PPGLLIT, da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT, Campus Universitário de Araguaína- TO, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Letras: Linguística e Literatura.

DATA DE APROVAÇÃO: 08/07/2025

BANCA EXAMINADORA:



Documento assinado digitalmente
MARCIO ARAUJO DE MELO
Data: 26/07/2025 10:19:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Marcio Araújo de Melo – UFNT
(Orientador e presidente da banca)**



Documento assinado digitalmente
ERICA DE CASSIA MAIA FERREIRA
Data: 25/07/2025 12:06:04-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Érica de Cássia Maia Ferreira – UFNT
(Coorientadora)**



Documento assinado digitalmente
NILSA BRITO RIBEIRO
Data: 26/07/2025 09:00:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dra. Nilsa Brito Ribeiro (UNIFESSPA)
(Membro Externo 1)**



Documento assinado digitalmente
RICARDO JUNIOR DE ASSIS FERNANDES GONCALVES
Data: 25/07/2025 15:07:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Ricardo Assis Gonçalves (UEG)
(Membro Externo 2)**



Documento assinado digitalmente
ADAO FRANCISCO DE OLIVEIRA
Data: 26/07/2025 11:17:25-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Adão Francisco de Oliveira (UFT)
(Membro Externo 3)**



Documento assinado digitalmente
LUIZA HELENA OLIVEIRA DA SILVA
Data: 26/07/2025 06:50:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva (UFNT)
(Membro Interno 1)**



Documento assinado digitalmente
DERNIVAL VENANCIO RAMOS JUNIOR
Data: 25/07/2025 12:18:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

**Prof. Dr. Dernalven Venâncio Ramos Júnior (UFNT)
(Membro Interno 2)**

DEDICATÓRIA

Na infância, sonhava em ter um boneco de pano chamado “João Fofão”. Era grande, com feições diferentes daquelas bonecas de olhos de vidro que até hoje me causam certo desconforto. Por muitos natais esperei por esse presente que nunca chegou.

O tempo passou e a vida, num ato inesperado, me deu um “João Fofão” de verdade: inteligente, sensível, dono de um gosto musical apurado, um ser em formação que vivenciou minha ausência em diversos momentos.

.....

Mais tarde, outras responsabilidades me exigiram mais tempo de estudo, viagens e isolamento para leituras. Fomos nos distanciando, cada um no próprio universo. Para compensar, criei um QG tecnológico para ele, embora soubesse que não era a melhor solução. Ainda assim, nunca ouvi reclamações. Ele segue confiante, certo de que, ao fim dessa fase, teremos a chance de realizar tantos planos que aguardam na gaveta.

Se não fosse a timidez que o acompanha, mais pessoas já teriam conhecido essa alma incrível que está desabrochando. Nenhum texto seria capaz de traduzir tudo que compartilhamos até aqui. Rezo ao universo, a cada divindade ou energia possível, para ter o privilégio de vê-lo crescer e fazer parte de cada conquista, acreditando que a felicidade pode ser simples, apesar de tantas barreiras.

E, meu “João Fofão”, tudo o que faço é por você. Dedico este estudo, dedico meus dias, porque encontrar a felicidade ao seu lado é o que faz tudo valer a pena.



In memoriam
Ao professor Doutor Manoel de Souza e Silva
● 13/07/2023



A resistência à ocupação colonial mostra-se, desde sempre, como a qualidade mais evidente da cultura do dominado. Assim, o período batizado, cinicamente, pelo colonizador, como de pacificação marca já um processo de rejeição à presença colonial, o que não vem a cessar com a vitória militar do ocupante. Há, pelo contrário, um acirramento que resulta em uma cultura que, mesmo convivendo com o rolo compressor colonial, busca manter sua fisionomia, cria artificios defensivos, hiberna, auto-exila-se, sem nunca, entretanto, desfigurar-se irremediavelmente. (Silva, 1996, p. 134)

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente à minha mãe, dona Zeza, mãe de nove filhos e filhas, criou uns 15... Foi a senhora quem garantiu que eu pudesse estudar, viajar, escrever, sonhar... com uma possível tranquilidade. Cuidando do meu filho, cuidou também dos meus projetos, da minha saúde mental e da continuidade da minha formação. À senhora devo o que sou e tudo o que aprendi sobre o valor de viver com atenção e generosidade. Obrigada pela vida!

Antônia Maria da Silva, minha irmã, em seu nome agradeço a toda a família que segue ao nosso lado. A tua coragem me inspira: você rompeu velhos padrões e mostra, dia após dia, como uma mulher pode se reinventar para viver melhor. Obrigada por estar sempre por perto e por abrir caminhos que antes pareciam impossíveis. Por tudo o que já fez, e por tudo o que ainda virá, receba meu carinho e minha gratidão.

À minha coorientadora, Dra. Érica de Cássia, meu afeto e reconhecimento. Você me guiou nos momentos em que foi necessário pragmatizar os caminhos da pesquisa. Que sorte a minha ter encontrado em você alguém que me acompanhou nas leituras, escuta, paciência e recepção calorosa. Em sua presença, sinto-me acolhida, e isso, em meio a tantas incertezas, é um presente raro.

Professora Dra. Nilsa Brito Ribeiro, sua presença nessa banca qualificou muito além do texto, qualificou nossa escuta, nossos argumentos em novos diálogos. Sua leitura aguçada e crítica profissional foram essenciais. Sua leitura do meu trabalho é daquelas que tocam o que há de mais vivo em quem escreve: você me vê e, ao mesmo tempo, me exige. Sua aula na qualificação ficará guardada como um marco para mim, tanto pelo rigor quanto pelo cuidado. Obrigada!

À professora Dra. Luísa, minha referência. Tenho com você uma dívida imensurável: segurança na escrita, politização dos afetos, generosidade nas madrugadas em que tudo parecia escapar. Nos encontros do Coletivas Raimunda, aprendi a me ver como parte de um projeto maior. Sua presença é um grito contra o abandono entre mulheres, sobretudo quando o silêncio se instala e a escrita já não faz mais sentido para o corpo exausto. Você esteve nos bastidores da minha travessia: nas revisões intermináveis de textos, nas angústias de cronogramas apertados, nos prazos que se acumulam sobre mesas de cansaço. Por mostrar, com sua trajetória e com sua prática, que também é resistência acolher, sem renunciar ao rigor. Obrigada por ser feroz, firme e doce - quando assim o deseja.

Professor Dr. Márcio Araújo de Melo, você e Luísa chegaram com o gesto certo, no momento exato em que mais precisei: viram-me tropeçar diante das incertezas na pesquisa e,

com firmeza e sensibilidade raras, me ajudaram a levantar e seguir em frente com confiança renovada. Meu orientador, como descrever com justiça o papel decisivo que você desempenhou em minha trajetória no doutoramento? Sua presença foi determinante para que eu pudesse vislumbrar novas rotas intelectuais e afetivas. Com você, aprendi muito mais que estratégias acadêmicas ou formas de aprimorar a escrita científica, aprendi que ser professor implica estar atento ao humano, compreendendo que a educação é um exercício diário de escuta, ética e generosidade, também. Sua erudição consistente, sempre compartilhada com serenidade, ampliou significativamente minha visão sobre a trajetória docente. Obrigada pelas incontáveis trocas intelectuais, pelas correções e leituras, pelas reflexões que se desdobraram em conversas instigantes, sempre marcadas por afeto, paciência e respeito recíproco. Admiro especialmente seu imenso repertório literário, a capacidade de gerenciar todo o arcabouço sem perder o tom professoral, sua educação que se confunde com calma e paciência nos impressiona e ensina cotidianamente. Sua capacidade de acolher dúvidas e medos, orientando-nos a encontrar soluções e caminhos próprios, é admirável. Vocês tornaram possível a minha chegada até aqui, contribuindo para uma trajetória acadêmica marcada pela integridade e pelo compromisso com a formação crítica e humana. Por tudo isso e muito mais, receba minha mais sincera gratidão.

Professor Dr. Dernival Venâncio Ramos Júnior, nosso reencontro foi tão potente quanto desafiador. Entre o mestrado que foi meu orientador e agora, houve uma pandemia, e talvez por isso nossas trocas exijam um tempo diferente – o tempo necessário para que suas palavras e críticas eruditas reverberem e façam sentido - para mim. Às vezes, sua fala se faz compreender apenas depois do silêncio, quando estou sozinha. Isso me desconcerta, mas também me transforma. Obrigada por me desconstruir com afeto.

Professor Dr. Ricardo Assis Gonçalves, companheiro incontestado nesta travessia. Sua generosidade, inteligência e ética me ensinam a cada encontro. Compartilhamos leituras, viagens, inquietações. Você me inspira com sua dedicação à pesquisa literogeográfica e ao compromisso com a manutenção da vida. Obrigada pela leitura ética e profissional com que leu minha tese, talvez por ter me visto nas imersões ao vivo e em cores, fique mais fácil para você compreender o motivo pelo qual escolhi alguns caminhos sinuosos na escrita, fico feliz que tenha entendido minha proposta. Que bom que nossos caminhos se cruzaram.

Professor Dr. Adão Francisco de Oliveira, sua presença é força política. A energia que você imprime aos espaços é mobilizadora. Agradeço pelas trocas nos encontros do Colóquio Travessias, por sua articulação entre academia e movimentos sociais, e pela disposição em integrar minha banca mesmo diante de uma agenda apertada. Sua atuação é necessária e urgente.

Ao professor Dr. Fadel Vasconcelos, meu carinho e respeito. Seu acolhimento amoroso, seu canto no Rio, sua escuta sempre disponível: tudo isso reverbera em minha pesquisa. Este trabalho tem como sujeito Eguimar, mas não há como falar dele sem falar de você, e vice e versa. Vocês se entrelaçam em uma aliança que usa a arte e a palavra como ferramentas de resistência, saúde e reinvenção do mundo. Estar próxima de quem ajudou a fundar o SUS é, para mim, um privilégio imensurável. Parafraseando Veríssimo: ainda bem que você venceu a corrida da vida e chegou ao útero certo. Seu percurso tem multiplicado ganhos para tanta gente – e isso, sim, não tem adjetivo que baste.

Professor Dr. Eguimar Felício Chaveiro... como agradecer? Sua presença foi, e é, um acontecimento na minha vida. Quando resolvi escrever sobre você, eu não sabia a dimensão do que estava por vir. Mas fui, e fui com tudo. Acompanhar sua trajetória, tentar compreender seu movimento singular/plural, foi também me refazer como leitora, pesquisadora, sujeita social. ‘As caminhografias’ com você me modificam e só o futuro nos poderá confirmar como se deu tal mudança. Mais do que um sujeito na pesquisa, você ocupou lugar de interlocutor no percurso. E por tudo isso, reconheço: sua generosidade intelectual, suas pautas urgentes, sua presença *online* e física, sua escuta rara, sua prontidão comunicativa, seu acolhimento no Grupo Dona Alzira, sua ética firme, sua delicada mediação de afetos, sua apresentação a Fadel e a tantos outros, sua inclusão em agendas importantes, sua parceria em eventos e publicações, sua atuação na Coluna Opinião da Visat/Fiocruz, por me levar à Aruanã e, principalmente, sua escolha em ser professor – um professor que muda destinos. Obrigada por compartilhar sua história, por me permitir fazer parte dela. Obrigada por não recusar a luta, por fazer da vida um ato de resistência, por transformar cada aula, cada encontro, cada pesquisa em possibilidade de transformação. Você, hein?! Tem muito mais de onde tirei o que apresento no texto a seguir... Minha gratidão sincera a Você, Eg.

Minha gratidão é imensa a tantas pessoas que cruzaram este caminho. Caso eu tenha, por distração da memória ou tropeço da consciência, deixado de mencionar algum nome, peço desde já desculpas. Como me alertou a professora Nilza certa vez: quando alguém/algo não é lembrado, há sempre um gesto de apagamento - e, nesse caso, trata-se de um apagamento de minha própria memória, um lapso que, mesmo não intencional, carrega o peso da deliberação. O que se apaga por não se lembrar, também fala de escolhas, do que a memória privilegia ou silencia.

Agradeço a Deus por tantas coisas!!! Expressar e vivenciar minha fé sempre foi um exercício de reinvenção. Cresci cercada por valores religiosos que, por muito tempo, serviram como base, mas também como limite. Revisitá-los não tem sido simples. Sigo em reconstrução,

questionando dogmas e desconfiando de certezas, sem jamais abandonar a crença em uma presença divina que me acompanha. A cada passo, encontro sentido em uma espiritualidade que se aproxima da concepção de Deus segundo Spinoza: Deus que vibra no abraço do meu filho, no movimento do mar, no silêncio das árvores, na comunhão entre os seres. Essa forma de fé me devolve pertencimento e liberdade – uma liberdade que se reinventa. Assim, agradeço pela sensação de fazer parte de algo ainda maior e que não tem explicação palpável, a não ser esquizofrenia.

A todos e a todas, que porventura não citei, obrigada.

RESUMO

A presente tese analisa as narrativas que compõem a trajetória de vida, formação e atuação profissional do educador Eguimar Felício Chaveiro, tomando-as como chave para compreender a articulação entre experiência subjetiva, engajamento político e inovação pedagógica. Para isso, estabelece-se quatro objetivos específicos: (a) compreender, nas narrativas, a história de vida de Chaveiro como referência para a análise de suas experiências formativas; (b) analisar como ele utiliza a literatura para desenvolver pesquisas e práticas de ensino na área da geografia humana; (c) investigar, no discurso, os movimentos do sujeito em sua trajetória docente, intelectual e política; e (d) identificar regularidades temáticas e de estilo em suas produções literárias. A justificativa para este estudo assenta-se na necessidade de reconhecer e valorizar as múltiplas experiências que integram a trajetória de educadores, tomando a vida narrada como um campo legítimo de análise acadêmica e formativa. Parte-se da convicção de que investigar o processo formativo de um professor permite compreender dimensões constitutivas da docência, como a subjetividade, o engajamento político e o caráter interdisciplinar da produção do conhecimento. Como fundamentação teórico-metodológica, mobiliza-se estudos centrados na história de vida, em especial *Experiência de Vida e Formação* (Josso, 2004) e *Uma ponte ao mundo: Cartografias Existenciais de pessoas com deficiência* (Chaveiro; Vasconcelos, 2018). Técnicas da história oral, ancorada em *A Voz do Passado* (Thompson, 2002) são adotadas para a geração dos dados, enquanto a análise se subsidia pelas teorias do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011 [1979]; 2016 [1895-1975]; Volóchinov, 2019 [1895-1936]; 2021 [1895-1936]). O corpus é composto por entrevistas, bilhetes poéticos, crônicas, textos avulsos e cartas, sendo analisado a partir de uma abordagem qualitativa que privilegia os enunciados, as categorias temáticas e os processos de construção narrativa da subjetividade. Parte-se da premissa de que a trajetória narrada por Chaveiro consagra a docência como prática responsiva e interdisciplinar, erigindo-a em gesto ético-estético de endereçamento ao outro. Potencializado pelo entrelaçamento entre geografia e literatura, seu conjunto escritural (autobiográfico, literário e epistolar) constitui espaço de escuta e reflexão crítica, ampliando o engajamento social e político mediante o diálogo entre vozes e tempos diversos. Os resultados revelam: (1) quatro núcleos temáticos recorrentes - território, memória, resistência e afeto - que atravessam docência e militância do autor; (2) a escrita epistolar e a crônica, situadas no “rés-do-chão” da experiência cotidiana, configuram recursos de formação continuada e mobilização comunitária; (3) a convergência entre geografia e literatura amplia recursos heurísticos para a leitura crítica do espaço, estimulando práticas pedagógicas dialógicas e inclusivas; e (4) a autorrepresentação docente sustenta uma ética da responsividade, ancorada na escuta do outro e na ação coletiva. Conclui-se que a história de vida, quando tomada como método de investigação e formação, torna-se ferramenta potente para problematizar subjetividades docentes e propor caminhos interdisciplinares à pesquisa em Geografia Humana e Literatura.

Palavras-chave: Formação docente; literatura; cartografia existencial; história de vida; geografia humana.

ABSTRACT

This thesis analyzes the narratives that compose the life trajectory, education, and professional practice of educator Eguimar Felício Chaveiro, using them as a key to understanding the interplay among subjective experience, political engagement, and pedagogical innovation. Four specific objectives are established: (a) to grasp, within the narratives, Chaveiro's life story as a reference point for analyzing his formative experiences; (b) to examine how he employs literature as a research and teaching tool in human geography; (c) to investigate, discursively, the subject's moves across his teaching, intellectual, and political career; and (d) to identify thematic and stylistic regularities in his literary production. The rationale for this study rests on the need to recognize and value the multiple experiences that shape educators' trajectories, treating narrated life as a legitimate field of academic and formative inquiry. The work proceeds from the conviction that exploring a teacher's formative process illuminates constitutive dimensions of teaching—subjectivity, political engagement, and the interdisciplinary character of knowledge production. The theoretical–methodological framework draws on life-history studies, especially *Experiência de Vida e Formação* (Josso, 2004) and *Uma ponte ao mundo: Cartografias Existenciais de pessoas com deficiência* (Chaveiro & Vasconcelos, 2018). Oral-history techniques grounded in *A Voz do Passado* (Thompson, 2002) generate the data, while analysis is informed by Bakhtin Circle theories (Bakhtin, 2011 [1979]; 2016 [1895-1975]; Voloshinov, 2019 [1895-1936]; 2021 [1895-1936]). The corpus consists of interviews, poetic notes, chronicles, occasional texts, and letters, examined through a qualitative approach that privileges utterances, thematic categories, and narrative processes in the construction of subjectivity. The study posits that the trajectory narrated by Chaveiro consecrates teaching as a responsive and interdisciplinary practice, elevating it to an ethical–aesthetic gesture addressed to the Other. Strengthened by the intertwining of geography and literature, his body of writing—autobiographical, literary, and epistolary—creates a space for listening and critical reflection, broadening social and political engagement through dialogue among diverse voices and temporalities. Results reveal: (1) four recurrent thematic nuclei—territory, memory, resistance, and affection—that traverse the author's teaching and activism; (2) epistolary writing and the chronicle, situated at the “ground level” of everyday experience, serve as resources for continuing professional development and community mobilization; (3) the convergence of geography and literature expands heuristic tools for critical readings of space, fostering dialogic and inclusive pedagogical practices; and (4) the teacher's self-representation underpins an ethics of responsiveness rooted in listening to the Other and collective action. It is concluded that life history, when employed as both investigative and formative method, becomes a powerful tool for problematizing teacher subjectivities and outlining interdisciplinary pathways for research in Human Geography and Literature.

Keywords: teacher education; literature; existential cartography; life history; human geography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Adentro no universo ‘eguimariano’

Figura 02: Bandeiras convocadas no chão da reunião

Figura 03 e 04: Weigma adentrando no círculo do Caderninho Vermelho do Chaveiro/dedicatória

Figura 05: Eguimar e o bilboquê

Figura 06: A despedida do Cacique Raul Hawakati

Figura 07: Eguimar no aniversário de 92 anos do professor doutor Horiestes Gomes na sede do Partido Comunista Brasileiro, em Goiânia-GO

Figura 08: O narrador de si mesmo

Figura 09: NA travessia entre a Ariká e a Buridina

Figura 10: Caminhando para uma mesma direção

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Categorias de análise e expansão

Quadro 02: Crônica 1 - *O Breu Grávido de Estrelas*, Chaveiro (2022)

Quadro 03: Categorias/subcategorias da crônica *O Breu grávido das estrelas*

Quadro 04: Crônica 2 - *A Arte da Saúde do Trabalhador*, Chaveiro (2019)

Quadro 05: Categorias/subcategorias da crônica *A Arte da Saúde do Trabalhador*

Quadro 06: Crônica 3 - *Shakespeare com cachaça*, Chaveiro (2019)

Quadro 07: Categorias/subcategorias da crônica *Shakespeare com cachaça*

Quadro 08: Crônica 4 - *O bar do Quinhozim*, Chaveiro (2021)

Quadro 09: Categorias/subcategorias da crônica *O bar do Quinhozim*

Quadro 10: **Carta 1:** a identidade da terra-mãe - Livro 3

Quadro 11: Categorias/subcategorias da carta “A identidade da terra-mãe” (Fadel, 01 set. 2011)

Quadro 12: A necropolítica autorizada

Quadro 12: Carta 2 - essas grandezas - Livro 3

Quadro 13: Categorias/subcategorias da carta “Essas grandezas” (Eguimar, 26 ago. 2009)

Quadro 14: Essas grandezas... e miudezas - Livro 3

Quadro 15: Categorias/subcategorias da carta “Essas grandezas... e miudezas” (Fadel, Livro 3)

Quadro 16: Carta 4 - Fadel é arte - Livro 3

Quadro 17: Categorias/subcategorias da carta “Fadel é arte” (Eguimar, 28 ago. 2009)

Quadro 18: Carta 5 - tempo desgovernado - Livro 2: Desvios para a mesma direção

Quadro 19: Categorias/subcategorias da carta "Tempo desgovernado" (Fadel, 17 ago. 2011)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ARENA** – Aliança Renovadora Nacional
- AEDUC** — Associação Educacional
- AGB** — Associação dos Geógrafos do Brasil
- AFLAF** — Associação de Filosofia Latino-Americana e Caribenha
- CNPq** — Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
- CONSUR** — Conselho Sul-Americano
- CPT** — Comissão Pastoral da Terra
- CUT** — Central Única dos Trabalhadores
- DNER** – Departamento Nacional de Estradas de Rodagem
- DOI-CODI** – Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna
- FUNAI** – Fundação Nacional do Índio
- GE** — Grupo de Estudos
- GEOCIB** — (não especificado no texto)
- IA** — Inteligência Artificial
- IESA** — Instituto de Estudos Socioambientais
- IHGG** — Instituto Histórico e Geográfico de Goiás
- IBRA** – Instituto Brasileiro de Reforma Agrária
- INCRA** – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- LGBTQIAPN+** — Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais
- PA** — Pará (sigla do estado)
- Pcdob** — Partido Comunista do Brasil
- PIBIC** — Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
- PPGLLIT** — Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura
- PT** — Partido dos Trabalhadores
- SEDUC-TO** — Secretaria de Educação do Tocantins
- SIGEOLITERART** — (não especificado no texto)
- SUDAM** – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
- UEMASUL** — Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão

UEG — Universidade Estadual de Goiás

UFG — Universidade Federal de Goiás

UFT — Universidade Federal do Tocantins

UFNT — Universidade Federal do Norte do Tocantins

UNB — Universidade de Brasília

UNE — União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

ADENTRANDO O TERRITÓRIO EGUIMATIZADO	18
2 CARTOGRAFIA EXISTENCIAL.....	33
2.1 Fundamentos cartográficos e experiências formadoras: rastros de uma subjetividade em movimento	35
2.2 Memória, tempo e intersubjetividade.....	44
3 MEANDROS DA NARRATIVA: ESPAÇOS DE ENUNCIÇÃO E PRÁTICAS DIALÓGICAS.....	53
3.1 Dos subsídios da história oral	60
3.2 A constituição do corpus.....	62
3.2.1 ‘Caminhografias’ com Eguimar.....	63
4 O NARRADOR DE SI.....	85
4.1 Raízes rurais, a vida na escola e fora dela	88
4.2 Entre fronteiras e migrações formadoras	97
4.3 Experiências vividas na megacidade: a reinvenção do ser	108
5 CRÔNICAS DA EXISTÊNCIA E DA MILITÂNCIA.....	116
5.1 O “rés-do-chão”	118
5.2 O cronista em Eguimar	123
5.3 As crônicas eguimarianas.....	125
6 O GRUPO DONA ALZIRA: UMA EPISTEMOLOGIA GEOGRÁFICA LITERÁRIA	147
6.1 O ‘ato leitoral’ do educador geógrafo.....	149
6.2 Grupo Dona Alzira: mediação literária.....	166
6.3 A literatura como ferramenta do geógrafo.....	178
7 A ARTE DO AFETO: CAMINHANDO PARA FADEL.....	186
7.1 Uma ponte ao mundo: escritas epistolares na travessia	187
7.2 1	
CONSIDERAÇÕES	209
REFERÊNCIAS	213

1 ADENTRANDO O TERRITÓRIO EGUIMATIZADO

Sempre escapará alguma coisa: o amargo fugidio do café, subtexto precioso para compor a arte do sabor. Do gole de água, escapará a espessura do copo, a dança da faringe, o silêncio do aquífero. Do que se vê, escapará o invisível, deus cochichando nos ouvidos da matéria, a rebeldia dos átomos. Até do movimento, lei maternal de tudo que existe, vai escapar a pausa, a nota do piano, a onda do som e da alma. Depois de algum tempo, descobre-se, com a ajuda de Dr. Freud vestido numa casaca negra, algo impróprio para menores de dezoito anos: o que escapa é o que fica; é o que fere. É o que desafia. Então, seguindo os passos da personagem de Mia, usa-se as mãos, esboça-se a força, abre-se a porta e caminhará para aprender que andar é deixar para trás. Não seria o caso de, antes da esquina, pedir socorro para a mãe? (Chaveiro, Eguimar F. Mensagem recebida por Weigma Michely da Silva. 03/02/2024. Mensagem via WhatsApp.)

Nesta tese, mergulho nas reminiscências do educador Eguimar Felício Chaveiro para compreender os momentos formadores desse professor doutor titular em Geografia Humana do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG), Campus Samambaia, em Goiânia. Ao adentrar suas narrativas, busco compreender os sentidos atribuídos aos seus momentos formadores, tal como emergem nas entrevistas, articulando-os a um processo de reconstrução da memória narrada. O professor Eguimar é filho, pai, irmão, companheiro, amigo, membro ativo da Associação de Geógrafos do Brasil (AGB), ocupa a cadeira 28 no Instituto de História e Geografia de Goiás (IHGG), e coordena o Núcleo de Estudos Espaço, Sujeito e Existência “Dona Alzira”, entre outros grupos de pesquisa com os quais dialoga¹.

Nesta seção, como nas demais, apresento bilhetes escritos por Chaveiro (2024) e enviados a mim ao longo da escrita desta tese, inserindo-os estrategicamente para estabelecer pontes entre suas narrativas pessoais e as temáticas discutidas. Esses registros atuam como recursos interpretativos que adensam as nuances da trajetória do sujeito pesquisado, articulando-se aos debates teóricos e analíticos. Assim, os bilhetes deixam de ser fragmentos isolados e tornam-se elementos fundamentais na ressignificação dos conceitos e reflexões aqui propostos.

É nesse entrelaçamento entre escrita, memória e experiência que minha própria trajetória docente se inscreve. Iniciei minha carreira na Secretaria de Educação do Tocantins (SEDUC-TO) em 2000, completei 25 anos de atuação em escolas públicas de diferentes municípios do estado no mês de fevereiro do corrente ano. Nessas instituições, lecionei na educação básica e atuei na formação de professores prioritariamente Língua Portuguesa e Literatura, experiências

¹ <http://lattes.cnpq.br/9540141505352914>

que despertam em mim um desejo de conhecer outras formas de aperfeiçoamento docente. Além do trabalho na educação básica, acumulei experiências no ensino superior, entre elas na Universidade Estadual de Goiás (UEG), de 2002 a 2008, ministrando disciplinas de Literatura Portuguesa e Literatura Comparada, na AEDUC, Metodologias e práticas de Ensino de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira I e II, e ainda, trabalhei na Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL), de 2021 a 2023, atuando como professora substituta em Lusofonia, Estudo do Texto Poético, Estudo do Texto Ficcional e Literatura Afrobrasileira. Paralelamente, envolvi-me em projetos de extensão e iniciativas pedagógicas que tinham como foco a leitura e a produção textual, consolidando um olhar sensível e reflexivo sobre o papel do professor como mediador de saberes.

Durante o Mestrado em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), sob orientação dos professores doutores Dernival Venâncio Ramos Júnior e Márcio Araújo de Melo, pesquisei sobre “momentos formadores” em relatos de vida. A partir desse estudo, despontaram reflexões que apontaram minha própria identidade em trânsito, sobretudo ao investigar a trajetória do professor de Literaturas Africanas em países de língua portuguesa, o erudito Doutor Manoel de Souza e Silva. Percebi que diversos elementos de sua história dialogavam com complexidades da minha, especialmente no que tange ao reconhecimento e fortalecimento de minhas raízes negras - não retinta -, bem como na construção de uma consciência política e leitora na docência.

Meu interesse por narrativas de vida de professores ecoa a partir de minha trajetória escolar na educação básica, vivida no Colégio Nossa Senhora da Conceição, em Wanderlândia (TO). Foi ali que obtive acesso a debates e leituras que incentivavam uma visão crítica da realidade sociopolítica. Antes do ingresso escolar, a cidade já era marcada por tensões históricas, principalmente durante o regime militar. Próxima à Guerrilha do Araguaia, Wanderlândia ocupava território fronteiro, portanto, estratégico. Por conta desse aspecto, veículos militares cruzavam constantemente a BR que corta a cidade, assim como havia uma vigília rigorosa ao correio local, em que cartas eram monitoradas e, muitas vezes, interceptadas².

² Minha professora de História na educação básica, Luzenir Gomes da Rocha, que durante o período da Guerrilha do Araguaia trabalhava nos Correios, sempre deu testemunhos públicos - dos quais fui ouvinte em diversas ocasiões - sobre episódios em que homens de terno fechavam a agência com ela dentro para abrir cartas utilizando técnicas específicas que permitiam restaurá-las ao estado original, sem sinais de violação. Segundo seus relatos, esse procedimento fazia parte de um dos mecanismos de mapeamento adotados pelos militares para identificar áreas estratégicas de avanço em busca dos rebeldes envolvidos na guerrilha.

Outro momento histórico que marcou minha formação foi a transição do antigo estado de Goiás para o recém-criado Tocantins. Essas transformações geopolíticas foram compreendidas graças à mediação dos professores, que nos conduziram a refletir sobre as implicações da divisão territorial e suas repercussões sociais. As experiências consolidaram em mim a percepção de que o professor é um agente fundamental na preservação da memória coletiva, resguardando narrativas que, se esquecidas, podem abrir espaço para novos autoritarismos e apagamentos.

Na escola, diretores e professores assumiam posturas alinhadas a políticas públicas de inclusão. Destaco a figura do padre Josimo Moraes Tavares, descrito por Silva, Silva e Silva (2024, p. 06) como um líder comprometido com os marginalizados. Com formação em Filosofia e Teologia, atuou vigorosamente na Comissão Pastoral da Terra (CPT), defendendo os direitos de pequenos agricultores e posseiros na região do Bico do Papagaio, extremo norte do Tocantins. “Padre Josimo, nascido em Marabá (PA) em 1953, ingressou jovem no seminário, sendo ordenado em 1977. Atuou em Wanderlândia e São Sebastião do Tocantins, e sua trajetória pastoral foi marcada pela firme defesa dos mais vulneráveis contra os abusos dos latifundiários”.

Embora eu não compreendesse à época toda a complexidade histórica e geopolítica em curso, o convívio, ainda que breve, com Josimo, transformou intrinsecamente minha trajetória. Desde cedo percebi que a docência, aliada ao engajamento sociopolítico, reverbera na comunidade e ressignifica a própria ideia de educação. Não por acaso, nossos uniformes estampavam o lema freireano: “Educar para libertar”.

Compreendo, portanto, que as identidades docentes emergem do entrelaçamento de múltiplas vozes e interações, atravessadas por contextos sociais, políticos e culturais que se cruzam tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Ao observar como cada educador constrói e reconstrói sua prática, pondero minha percepção sobre as dinâmicas de sentido que nascem do encontro de diferentes discursos. É nesse movimento que a minha própria trajetória, ancorada em vivências diversas e sustentada por estudos que valorizam o caráter transformador do ato de ensinar, se abre ao diálogo permanente sobre práticas pedagógicas inclusivas e inovadoras. Reconheço, assim, a pluralidade de vozes como elemento constitutivo da formação de sujeitos críticos e engajados - como ilustra este estudo, que se debruça sobre a experiência do educador Doutor Eguimar Felício Chaveiro.

Retomando o bilhete, alinho-me a Chaveiro (2024) ao afirmar que “sempre escapará alguma coisa”, expressão que sintetiza a complexidade da experiência humana, marcada por perdas, ausências e pela precariedade da consciência. A subjetividade, aqui compreendida como

relacional, nasce das interações que a constituem. A “invisibilidade do que se vê” apresenta que a percepção humana é sempre parcial, e que a consciência de si depende do outro para se completar.

À luz dos conceitos *bakhtinianos*, percebo que é justamente o olhar do outro, esse princípio avaliativo externo, que me oferece o excedente de visão capaz de me completar. O que narro sobre mim nunca coincide, nem poderá coincidir, com o que o outro vê e diz a meu respeito. Sinto que essa tensão entre os campos de visão é constitutiva da minha identidade, entendida sempre como processo inacabado.

Se, por um lado, reconheço que minhas limitações de consciência podem me frustrar, por outro, percebo que ampliam minha escuta interpretativa, levando-me a valorizar o que permanece silencioso ou invisível como parte essencial na construção de sentidos. Ao me debruçar sobre a complexidade das experiências narradas por Eguimar, assumo a necessidade de fazer escolhas metodológicas deliberadas, mas sei que isso não exclui a dimensão inconsciente e incontrolável da pesquisa. Pelo contrário: justamente diante dessa “falta estruturante”, tais escolhas se mostram ainda mais urgentes.

Trabalhar com trajetórias de vida significa assumir riscos e responsabilidades que envolvem minha própria exposição subjetiva, reconhecendo a pesquisa como uma experiência aberta e relacional, feita de vivências singulares e fragmentárias. Quando falo em singularidade, refiro-me à posição única e irrepetível que cada um de nós ocupa no mundo, posição essa que se constitui na interlocução com os outros. Busco sustentar meus pressupostos em uma escrita detalhada, reflexiva e poeticamente sensível, reconhecendo que a interpretação permanece sempre aberta e em contínua construção.

Falar sobre Eguimar é também falar sobre minha própria existência, ancorada na simbologia que a vida apresenta e que se desdobra em sentidos que só a convivência possibilita. Eguimar se mostra, como um homem da farofa, do aglomerado, ora do mato, ora da cidade, com uma escuta capaz de desatar os nós do silêncio e trazer à tona o que cada um de nós guarda de mais íntimo, quase como a água de morro abaixo: imprevisível e natural.

O bilhete surge como material que me permite refletir sobre a plurissignificação das memórias narradas, pois percebo que cada elemento de uma narrativa de vida se desdobra em múltiplas camadas de (re)interpretação, quando o simples se torna convite à elaboração interpretativa. Ao analisar as vivências narradas, busco acompanhar as descobertas que emergem das tramas da existência. Entendo que as experiências humanas, sempre fragmentadas e incompletas, compõem um tecido de vozes em constante interação. Nenhuma identidade, nem mesmo a minha, se fecha em si mesma.

Neste trabalho, ao tratar dos momentos formadores de Eguimar, costuro meus referenciais, construo uma cartografia existencial do educador, cuja voz, em diálogo com a minha e com outras, compõe as múltiplas dimensões de sua existência enquanto sujeito social: pai, filho, escritor, amigo, estudante, entre tantas outras identidades presentes nas narrativas recolhidas em entrevistas e documentos. Falar do outro, para mim, é sempre um gesto relacional, no qual minha subjetividade se desnuda no campo do olhar e da alteridade que me constitui.

Busco acompanhar os desdobramentos de um percurso intelectual e profissional que se constitui em diálogo constante com o território e a linguagem. O discurso aqui elaborado compõe apenas parte da complexidade que representa uma das possíveis leituras sobre os momentos formadores do educador Eguimar. Para lidar com a sutileza dessas narrativas poéticas, adoto uma escrita que se afasta do tom objetivo, distanciado e impessoal que caracteriza o gênero acadêmico tese. Este é um texto híbrido, dada a natureza de sua temática, assim, concordamos com Dosse (2009, p. 241), que caracteriza as narrativas de vida como um gênero híbrido entre autobiografia e biografia, o que, conforme Lejeune (1980, p. 230), pode ser descrito como um "relato de vida", expressão amplamente utilizada pelos praticantes desse método de investigação.

Assim, a relação que estabeleço com Eguimar, no âmbito dos relatos de vida, começa por uma profunda imersão no universo do outro. Como sugere Dosse (2009, p. 15), ao definir meu sujeito, “mergulho de cabeça em seu universo”, vivenciando uma fase marcada por intensa descoberta e envolvimento. Sinto-me tomada por um êxtase quase sensorial, em que busco avidamente cada detalhe da vida narrada: “como a língua e o tutano, o coração e os miolos. Depois de alguns meses desse festim, sei mais sobre ele do que sobre aqueles com os quais convivi” (Arnaud, 2003, p. 59). Não por acaso, Bakhtin (2011, p. 138) complementa que “não existe um limite acentuado e de princípio entre a autobiografia e a biografia”, indicando que a diferença entre esses gêneros não reside na “diretriz axiológica básica da consciência”, mas sim na relação dinâmica e intersubjetiva que sustenta o processo narrativo.

Preciso, contudo, reconhecer que essa imersão pode gerar uma sensação ilusória de poder e domínio sobre o biografado. Experimento, por vezes, uma espécie de “estranha transferência”, ocupando simbolicamente o lugar do outro: “O corpo que acolhe é o meu. Experimento, nessa fase, uma autêntica sensação de poder” (Arnaud, 2003, p. 60). Essa ilusão pode me levar a um falso sentimento de superioridade, alimentado pela crença em uma lucidez conquistada pelo distanciamento temporal e investigativo, como se eu pudesse observar

Eguimar “do alto” e constantemente desvendar novos aspectos de sua trajetória (Dosse, 2009, p. 15).

Chega, porém, o momento em que sou confrontada com os limites, a necessidade de decantação, a hora de “cortar na carne viva, fazer escolhas drásticas e dolorosas, aceitar as falhas, as lacunas na documentação, e preenchê-las com a dedução lógica ou a imaginação”. É preciso selecionar, recortar, dar sentido a uma ótica que optei por defender. Trata-se de uma etapa em que procuro equilibrar a fidelidade aos fatos narrados/observados e a interpretação criativa, sempre reconhecendo que uma biografia jamais dará conta de toda a complexidade do outro. Por isso, me volto para seus momentos formadores na perspectiva dos relatos de vida. Ainda que a biografia possa se tornar o “espaço sonhado da invenção, da ficção”, preciso aceitar minhas próprias limitações e construir uma narrativa que abrace a complexidade do sujeito, mesmo atravessada por lacunas e silêncios inevitáveis (Dosse, 2009, p. 16).

Lejeune (1980, p. 240) reforça minha percepção de que o relato de vida pode se transformar em uma “heterobiografia”, em que narrar a vida do outro é sempre um exercício mediado pela minha perspectiva subjetiva. A fronteira entre o ‘eu’ e o ‘outro’ se mostra tênue e constitutiva para ambas as identidades, ainda que o foco permaneça prioritariamente no sujeito narrado. Ao contar a história de alguém, inevitavelmente revelo também aspectos da minha própria existência.

Eco Barthes (2003, p. 71) quando escreve que “o simbólico se torna, ao pé da letra, imediatamente: perigo essencial para a vida do sujeito; escrever sobre si pode parecer uma ideia pretensiosa; mas é também uma ideia simples: simples como uma ideia de suicídio”. Essa aposta arrisca uma espécie de “morte do autor”, no sentido foucaultiano: narrar-me exige que uma parte de mim se apague para que outra possa surgir. Cada relato desloca o anterior, inaugura saber novo e faz de mim sujeito diferente. Larrosa (2002, p. 21) chama esse abalo de “experiência” aquilo que me sensibiliza e me refaz, “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca”. Assim, ao revisitar as lembranças de Eguimar, desperto também as minhas e, nesse jogo de alteridades, biografado e biógrafa se recriam na linguagem.

Bakhtin (2011, p. 139) amplia essa perspectiva ao afirmar que “biografia ou autobiografia é a forma transgrediente imediata em que posso objetivar artisticamente a mim mesmo e minha vida”. Compreendo o termo “transgrediente”, nesse contexto, como a minha capacidade de ultrapassar os limites da interioridade para me enxergar de fora, como outro de mim mesma, no ato criativo da narrativa. Mesmo quando autor e personagem coincidem, percebo que há sempre uma distância necessária entre o eu que vive e o eu que narra, o que

torna indispensável o olhar externo - esse 'excedente de visão' - como condição essencial para que eu compreenda a minha própria identidade.

Desse modo, tanto a biografia quanto a autobiografia constituem formas de autoobjetivação que, para além da exposição factual da vida, elaboram representações estéticas permeadas por múltiplas camadas de sentido. Para Bakhtin (2011), o valor biográfico é considerado o menos transgrediente à autoconsciência, pois demanda um distanciamento menor entre o sujeito e sua imagem narrada, favorecendo uma relação mais fluida e dialógica entre autor e personagem.

Bakhtin (2011, p. 140) acrescenta que "o autor de biografia é aquele outro possível, pelo qual somos mais facilmente possuídos na vida, que está conosco quando nos olhamos no espelho, quando sonhamos com a fama". Essa reflexão reforça o caráter relacional e intersubjetivo da escrita biográfica, em que o "outro" passa a integrar minha própria consciência, influenciando como lembramos a nós mesmos e aos outros.

Foi justamente ao lidar com as memórias de Eguimar que percebi como cada história captada traz fragmentos que, em sua alteridade, provocam ressonâncias afetivas e intelectuais nas conjecturas. Experimento uma forma de aproximação que, ao preservar as diferenças, favorece sentidos de pertencimento parcial e promove uma escuta partilhada, distinta da identificação por espelhamento.

O trabalho com histórias de vida segue uma lógica metodológica que se contrapõe à cultura contemporânea da velocidade, caracterizado em grande parte pelo consumo imediato e fragmentado de informações. Ao contrário dessa perspectiva, as narrativas pessoais exigem tempo, escuta atenta, contemplação analítica e uma interpretação criteriosa. Han (2023, p. 33-34) alerta para o risco da perda do "tédio profundo", entendido como "ponto alto do descanso espiritual", em razão da prevalência da multitarefa e da banalização da contemplação reflexiva.

Concordo que essa desaceleração introspectiva é essencial, mas ressalto que, mesmo nos processos de interioridade, estou sempre envolvida numa dinâmica intersubjetiva e dialógica, em diálogo contínuo com as vozes dos outros na constituição da minha subjetividade. Pois, minha identidade e minhas emoções são formadas no diálogo contínuo com o mundo e com as pessoas que o habitam, há sempre uma dimensão coletiva, histórica e social em toda experiência interior.

Mesmo assim, entendo que as narrativas de vida resistem à lógica da efemeridade informacional, promovendo uma compreensão humanizada das experiências e das dimensões singulares da existência plural. Sei que nem todas as informações captadas podem ser plenamente compreendidas ou articuladas de imediato, mas os sentidos que ressoam orientam

meu percurso de pesquisa e provocam reflexões sobre minhas próprias inquietações existenciais.

Assim, assumo um percurso metodológico que privilegia a desconfiança crítica, convidando ao questionamento e à análise das marcas subjetivas presentes nas narrativas. Ao desacelerar para ouvir e interpretar histórias de vida, descubro possibilidades de aprendizagens que transcendem limites temporais e subjetivos, criando diálogos significativos entre trajetórias individuais e coletivas.

A multiplicidade de perspectivas que emerge das histórias de vida desafia categorias analíticas rígidas, exigindo abordagens teórico-metodológicas mais flexíveis e abertas à diversidade de significações. Ao internalizar as experiências narradas pelo meu interlocutor, percebo que participo de um processo contínuo de reavaliação crítica das minhas próprias concepções e práticas, reconhecendo, assim, a complexidade inerente à condição humana. Mesmo quando penso em autoformação, compreendo, junto com Bakhtin (2011), que tal processo é sempre relacional, co-constituído pelo olhar e pela voz do outro, que me disponibiliza um acabamento externo e desloca meu próprio ponto de vista.

A noção de “existência singular-plural” ressalta que cada percurso pessoal constitui uma “marca estilística” própria, expressão da singularidade do sujeito, ao mesmo tempo em que se encontra atravessado pelas inflexões históricas que configuram o tecido social. As experiências que vivo e os sentidos que construo emergem desse entrelaçamento de vozes, em que o diálogo com o outro e com o tempo funda uma identidade sempre em movimento. Assim, ao narrar a própria vida, o sujeito reelabora valores e sentidos coletivos, atualizando-os e imprimindo-lhes novos contornos.

A convergência entre cartografia existencial e pesquisa biográfica, especialmente por meio dos relatos de vida, me possibilita uma perspectiva complementar e provisória na análise relacional das trajetórias identitárias, apenas uma entre muitas leituras possíveis, sempre produzidas em uma relação intersubjetiva.

A cartografia existencial, conforme Chaveiro e Vasconcelos (2018), me leva a conjecturar sobre os fluxos e conexões dentro de um território simbólico e político. Já a abordagem biográfica, especialmente ao considerar os momentos formadores expandidos por Josso (2004) a partir das “experiências formadoras”, destaca a importância das memórias e das transformações pessoais. Nessa interação conceitual, busco, pela cartografia, compreender as redes de conexões sociais, políticas e afetivas que envolvem o sujeito, enquanto os momentos formadores apontam passagens decisivas para as constituições identitárias.

De acordo com Chaveiro e Vasconcelos (2018, p. 33), ao cartografar uma trajetória, compreendo que preciso olhar para a inter-relação entre corpo, cultura, memória e comunidade, pois cada ato se desenvolve em um território delimitado por disputas e significados.

Centrada na ideia de trajetória de vida e incorporando a noção de espaço como suporte, meio e condição das trajetórias, esforçando-se para exemplificar na vida concreta as suas representações teóricas, a cartografia exerce uma compreensão política do mundo e das Pessoas-paisagem. Deflagra um saber comprometido com a prática e uma prática instaurada no saber. Deflagra, ainda, o dever de perceber e sentir o que emana da leitura da paisagem.

Ao articular a cartografia existencial com os momentos (de)formadores, compreendo que os relatos de vida criam fluxos significativos, conectando múltiplos pontos existenciais e constituindo a identidade como um emaranhado complexo de vivências, relações e redes de sentido (Deleuze; Guattari, 1995). Contudo, reconheço que, embora as narrativas componham redes de significados, cada voz permanece singular, responsiva e inacabada, constituída na tensão dialógica entre alteridade e pertencimento. Essa perspectiva reforça que subjetividade e identidade são processos abertos, dinâmicos e continuamente reconfigurados pelas interações sociais e afetivas.

Entendo que a História de Vida, como abordagem teórico-metodológica consolidada, tem se mostrado uma estratégia valiosa tanto para formação pessoal quanto profissional. Na tradição da "escola de história de vida e formação", percebo dois eixos centrais: o primeiro enfatiza uma compreensão teórica das biografias, ligada à pesquisa-formação e à autoformação; o segundo emprega narrativas biográficas em contextos diversos, como profissionalização, reinserção social e transformação das práticas pedagógicas e sociais (Josso, 2004). Esses eixos se articulam, em minha análise, a objetivos teóricos específicos: (i) definir o posicionamento metodológico que assumo diante das narrativas e (ii) propor novos modos de investigar, amparados na experiência e na singularidade dos narradores biografados (Silva, 2016).

No debate contemporâneo sobre pesquisa-formação, busco consolidar um espaço teórico-metodológico que legitime abordagens subjetivas como formas de produção do conhecimento, compreendendo a intersubjetividade como princípio metodológico central. Em diálogo com Bakhtin (2011), entendo que essa intersubjetividade significa uma relação dialógica entre sujeitos constituídos na diferença, nunca uma coincidência de consciências. Assim, sinto que, como narradora e pesquisadora, co-construo saberes e sentidos com meus interlocutores em um diálogo permanente, produzindo processos reflexivos e formativos que

vão além da individualidade e consolidam um conhecimento ao mesmo tempo singular e coletivo.

A decisão pelo educador Doutor Eguimar Felício Chaveiro se deve a seus trabalhos interdisciplinares que transformam a maneira do fazer científico, aproximando o campo da geografia e da literatura para construir *Uma ponte ao mundo: Cartografias existenciais da pessoa com deficiência e o trabalho*³; *Projeto Deus-menino da pirulitagem - A vida é um engenho de passagens*⁴; propor *Pamonhas epistemológicas*⁵, reconhecer a necessidade de *Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos*⁶; buscar entendimento sobre *A dança da natureza e a ruína da lama - Geografia e Literatura - uma leitura possível*⁷; conhecer o grupo Dona Alzira compreendendo a dimensão do *Espaço, sujeito e existência: mediações entre geografia e literatura - o exemplo da representação de Goiânia*⁸; ilustrar o campo de ação entre as áreas de Geografia e Literatura; lançar-se na leitura literária de crônicas, poesia, “letraquinagem”, bilhetinhos, cartas pessoais/literárias, profissionais, afetivas e sobre o gênero cartas. Colabora, ainda, para entendermos os *desvios para uma mesma direção*⁹ do Doutor Eguimar e o Doutor Luís Carlos Fadel Vasconcelos¹⁰ no grupo Visat Multiplicadores (Vigilantes de saúde dos trabalhadores), motivados a lutar pelos direitos humanos e saúde de trabalhadores, movendo ações, grupos de estudo e constituindo afetividade que coordenam ações efetivas.

³ O livro *Uma ponte ao mundo* aborda - com sensibilidade - como o trabalho pode ser um espaço de construção de subjetividades e inclusão para pessoas com deficiência, enquanto expõe as barreiras sociais e culturais que perpetuam exclusões.

⁴ O livro é fruto de entrevistas e pesquisas que abordam o tema da hanseníase por meio das trajetórias de vida dos moradores da ex-colônia Santa Marta, hoje Hospital de Dermatologia Sanitária Santa Marta; as narrativas desses sujeitos e sujeitas são transformadas por Eguimar em crônicas que captam a natureza de seus sentimentos com muita sensibilidade.

⁵ O artigo utiliza a metáfora das "pamonhas epistemológicas" para discutir, no contexto do Cerrado Goiano sobre a soberania alimentar, como a alimentação reflete a história e cultura de um povo, analisando as dinâmicas e desafios atuais da produção alimentar, com base em um projeto do CNPq desenvolvido por meio de atividades acadêmicas e de campo.

⁶ O artigo discute como a interlocução entre Geografia e Arte, em especial a Literatura, amplia as possibilidades de pesquisa ao propor uma "dizibilidade" que conecta conceito e experiência, superando a escrita geográfica abstrata e burocrática para dar conta da dramaticidade dos espaços contemporâneos, destacando o papel da literatura na organização do pensamento e na criação de mundos através da palavra.

⁷ O estudo analisa os poemas “A oração do Milho” e “A minha cidade”, de Cora Coralina, a partir de uma perspectiva integrada entre Geografia e Literatura, sustentando que a voz literária enriquece a ciência ao incorporar intuição, emoção e sensibilidade.

⁸ O estudo questiona o formalismo acadêmico na Geografia e rejeita a literatura como mero ornamento, propondo analisar Goiânia através da relação entre Espaço, Sujeito e Existência, demonstrando, a partir de poemas, como a cidade é palco de múltiplas representações e práticas sociais.

⁹ É a proposta encaminhada de um livro com as cartas trocadas entre os doutores Eguimar Felício Chaveiro e Fadel Vasconcelos.

¹⁰ <http://lattes.cnpq.br/9374582276941041>

Não situamos as narrativas somente como objeto de estudo, as compreendemos como processo catalisador de mudanças que podem provocar e locupletar tanto os sujeitos envolvidos quanto o contexto amplo em que as histórias se desdobram. Assim, esta pesquisa amplia nosso olhar sobre debates importantes para o campo dos estudos de humanidades, compreendendo por meio da literatura o seu uso como instrumento de análise da existência de sujeitos em espaços cotidianos na área da Geografia Humana - o seu uso para a compreensão da diversidade humana. Esta pesquisa compreende, ainda, a construção de conhecimento sensível do sujeito interlocutor: o educador Doutor Eguimar Felício Chaveiro.

A pesquisa-formação em História de Vida sobreposta à Cartografia Existencial destaca-se pela capacidade de conhecer aspectos essenciais da prática docente e intelectual de Chaveiro (2023; 2024), que, consciente de seu protagonismo, permite por meio dessa abordagem desenvolver uma interlocução significativa de seus momentos formadores. Esta Cartografia Existencial se instaura como um espaço em que a (inter)subjetividade do pesquisado se conecta com a produção de conhecimento de relevância coletiva, construindo uma ponte entre a experiência pessoal e os saberes teóricos.

A relevância e o ineditismo desta pesquisa residem nos momentos formadores do sujeito pesquisado e na combinação de dados biográficos em um processo reflexivo e participativo. Chaveiro (2023; 2024) é apresentado por meio das memórias narradas, consentindo que nosso olhar externo o complemente, permitindo-nos assim compreender e aprender com sua prática. Incorporar a história oral na pesquisa sobre os momentos formadores possibilita uma interpretação autêntica da trajetória, valorizando a subjetividade e a singularidade das experiências. Em um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia e pela regulamentação de registros digitais, é fundamental preservar o valor insubstituível da escuta ativa.

A metodologia de pesquisa-formação em narrativas de vida legitima os saberes experienciais e contribui para a construção das identidades e subjetividades dos narradores, inserindo-os na co-construção do conhecimento. A análise vai além da mera documentação de experiências, busca compreender os significados que o sujeito pesquisado atribui às vivências. A trajetória docente sob esse ângulo reafirma as ações do docente em Eguimar, “um professor (que sou) em seu exercício, ou seja, dando aulas, dando cursos, dando palestras, lendo e escrevendo, conversando com seus alunos, com seus ouvintes, com seus leitores, consigo mesmo” (Larrosa, 2020, p. 09) - envolvido na constante reinvenção das relações e dinâmicas com os grupos aos quais se encontra aglutinado.

A história de vida estimula a construção coletiva de narrativas, documenta a experiência individual e desencadeia um diálogo entre diferentes lógicas e áreas de conhecimento, colabora

para o entendimento do pesquisador, do leitor e do sujeito interlocutor sobre complexidades que precisam ser lidas mediadas pelo diálogo. Nesse contexto, os relatos de vida vão além de um método de pesquisa, transforma-se numa jornada compartilhada de descoberta e entendimento mútuo, agregando novos elementos à bagagem experiencial na autoformação dos sujeitos envolvidos.

O objetivo geral desta tese é analisar narrativas relativas à trajetória de vida, formação e atuação profissional de Eguimar Felício Chaveiro. Para esse propósito, a pesquisa estabelece quatro objetivos específicos: (a) compreender nas narrativas a história de vida de Chaveiro como referência para compreensão de suas experiências formativas; (b) analisar como Chaveiro utiliza a literatura para desenvolver pesquisas e ensino na área da geografia humana; (c) investigar no discurso os movimentos do sujeito em sua trajetória docente, intelectual e política; e (d) identificar regularidades temáticas e de estilo nas produções literárias de Chaveiro.

Como fundamentação teórico-metodológica, mobilizamos estudos centrados nos relatos de vida, como *Experiência de Vida e Formação* de Marie Christine Josso (2007), *Cartografias Existenciais* (Chaveiro; Vasconcelos, 2018) e *O Desafio Autobiográfico* de François Dosse (2002). A história oral, fundamentada em Thompson (2002), forneceu as bases metodológicas para a geração dos dados por meio das entrevistas. Já o referencial discursivo bakhtiniano (Bakhtin, 2011 [1979]; 2016 [1895-1975]; Volóchinov, 2019 [1895-1936]; 2021 [1895-1936]) orienta especificamente a análise dessas narrativas, enfatizando principalmente as relações dialógicas, o papel das vozes do outro e os processos de interação que emergem na construção dessas narrativas.

Na seção *Adentrando o território eguimatizado*, o leitor é apresentado a Eguimar, à relevância desta pesquisa, seus objetivos e à abordagem teórico-metodológica escolhida. Esse início funciona como um convite à imersão, uma porta de entrada para percorrer os caminhos rizomáticos que atravessam o pensamento do sujeito-interlocutor. É neste espaço introdutório que se estabelece o tom da investigação e se desenha o percurso analítico do trabalho.

O capítulo *Cartografia existencial* inaugura o mapeamento das experiências e dos fundamentos teóricos que sustentam o estudo. Na subseção *Fundamentos cartográficos e experiências formadoras: rastros de uma subjetividade em movimento*, são discutidas as bases teóricas e as vivências que compõem o movimento subjetivo do pesquisado. Já em *Memória, tempo e intersubjetividade*, aprofundam-se as relações entre recordações individuais, temporalidades diversas e as tramas intersubjetivas que atravessam o processo de formação do sujeito.

Na seção *Meandros da narrativa: espaços de enunciação e práticas dialógicas*, o foco recai sobre o percurso metodológico que fundamenta o estudo. Aqui, o termo “meandros” simboliza os caminhos nem sempre lineares, mas férteis, percorridos pela memória ao ser narrada. A subseção *Dos subsídios da história oral* destaca a potência da história oral como ferramenta para captar relatos de vida e afetos estruturantes da identidade de Eguimar. Em *A constituição do corpus*, detalham-se as entrevistas, imersões e demais fontes que formam o material empírico da pesquisa, explicando os critérios de seleção, preservação e análise desse acervo multifacetado. Por fim, em *‘Caminhografias’ com Eguimar*, são abordados os itinerários compartilhados entre pesquisadora e sujeito, reforçando a dimensão participativa da investigação.

A quarta seção, *O narrador de si*, coloca em cena as narrativas de Eguimar, permitindo que o próprio sujeito se constitua enquanto narrador de sua trajetória. Em *Raízes rurais, a vida na escola e fora dela*, são explorados os saberes e ritmos do campo que marcam a subjetividade do pesquisado. A subseção *Entre fronteiras e migrações formadoras* observa como deslocamentos geográficos e culturais ressignificam valores e identidades. Já em *Experiências vividas na megacidade: a reinvenção do ser*, discute-se o impacto da vivência em ambiente urbano sobre a reinvenção e autocompreensão do sujeito que narra.

O capítulo *Crônicas da existência e da militância* investiga como a escrita, especialmente no formato de crônicas, opera como gesto de engajamento social e político. A subseção *O “rés-do-chão”* valoriza a atenção ao cotidiano como elemento fundante da militância. Em *O cronista em Eguimar* e *As crônicas eguimarianas*, examinam-se o processo criativo, a tessitura discursiva das narrativas e o modo como experiências individuais se entrelaçam a movimentos coletivos, mobilizando ações e reflexões.

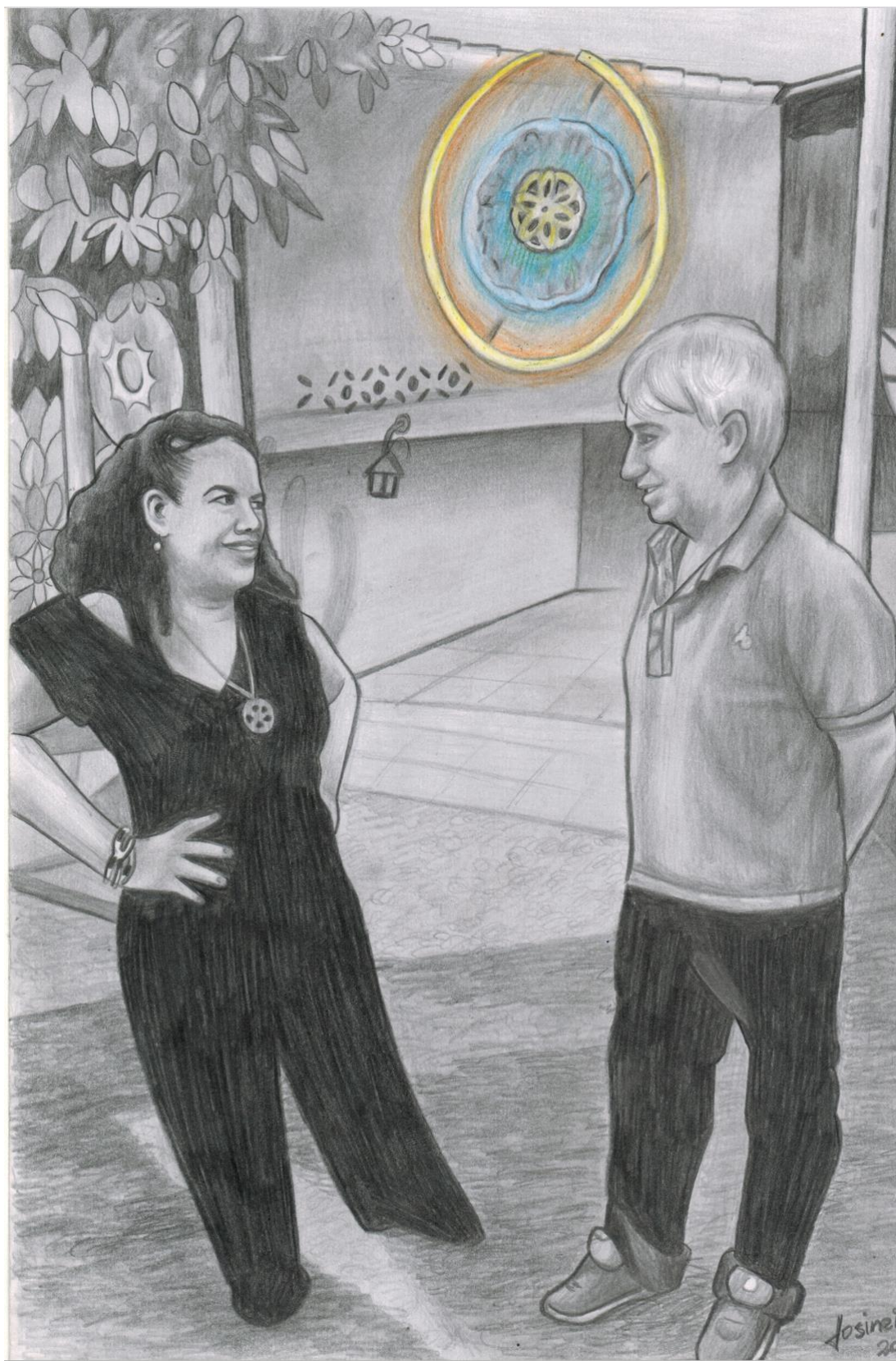
Na sexta seção, *O Grupo Dona Alzira: uma epistemologia geográfica literária*, é apresentado o coletivo que se constitui como espaço de partilha, criação e formação continuada. A subseção *O ‘ato leitoral’ do educador geógrafo* evidencia o papel do grupo como laboratório em que literatura e geografia se fertilizam mutuamente. Em *Grupo Dona Alzira: mediação literária*, detalha-se o funcionamento do coletivo a partir das narrativas de Eguimar. Por fim, *A literatura como ferramenta do geógrafo* analisa como o exercício literário amplia o olhar e as práticas do geógrafo-educador.

A sétima seção, intitulada *A arte do afeto: caminhando para Fadel*, enfatiza a dimensão afetiva e formativa presente no encontro com o outro. Em *Uma ponte ao mundo: escritas epistolares na travessia*, é abordada a relevância das cartas e outras escritas epistolares como pontes que atravessam tempos, espaços e afetos, potencializando o processo de formação

humana. Já em *A travessia epistolar de Eguimar e Fadel*, destaca-se a riqueza dos intercâmbios entre os sujeitos, demonstrando como a comunicação epistolar contribui para a construção de redes de afeto e conhecimento.

Encerrando o percurso, as considerações finais retomam os fios condutores do trabalho, explicitam as principais contribuições e sugerem possíveis desdobramentos futuros, abrindo espaço para novas rotas investigativas no âmbito da cartografia existencial apresentada. O trabalho se conclui com o conjunto de referências, que fundamenta teoricamente todo o trajeto percorrido.

Imagem 01: Adentrando no mundo “eguimariano”



Fonte: Artista plástico Josinei Sousa Feitosa

2 CARTOGRAFIA EXISTENCIAL E MOMENTOS FORMADORES

Há uma tensão implacável em todas as formas de narrativa. Essa tensão inicia com a primeira categoria da retórica aristotélica, a EURESIS. Por ela, a questão - O QUE DIZER AO OUTRO E O QUE NÃO DIZER - tensiona a dimensão ética e política no ato de falar. Aliás, assim posto, falar é uma mediação relacional sem a qual os sujeitos não se comunicam. Mas há outra tensão, no campo literário, evidenciada da seguinte forma: como exercer a intervenção estética inoculando a dimensão política. Além disso, digo aos meus orientados o que vem de Tezza: quando o papel em branco se coloca à nossa frente, podemos ir para um lado ou por outro. Os lados são incomensuráveis. A escolha por um registrará o nosso nome. (Chaveiro, Eguimar F. Mensagem recebida por Weigma Michely da Silva. 14/01/2024. Mensagem via WhatsApp.)

O trecho inicia destacando a “tensão implacável em todas as formas de narrativa”, uma formulação que imprime vigor argumentativo logo de início. O termo “implacável” salienta a força dessa tensão, enquanto a expressão “em todas as formas” generaliza o fenômeno, indicando um aspecto onipresente no domínio narrativo. Essa abertura nos convida a refletir sobre a inevitabilidade do conflito na arte de narrar. Em seguida, a menção à “EURESIS” - primeira categoria da retórica aristotélica - funciona como um pilar teórico que sustenta a discussão. Ao recorrer a um conceito clássico, o autor empresta legitimidade à análise, inscrevendo-a em uma tradição milenar que enfatiza tanto a força quanto a responsabilidade presentes em cada ato de fala.

A pergunta retórica “O QUE DIZER AO OUTRO E O QUE NÃO DIZER”, em letras maiúsculas, cria um diálogo direto com o leitor, reafirmando a carga moral e política envolvida em cada escolha discursiva, sobretudo na leitura que construo ao longo deste estudo sobre os momentos formadores daquele que me escreve os bilhetes. Nessa questão, ressalta-se a noção de que falar, silenciar ou selecionar informações constitui sempre um gesto atravessado por posicionamentos éticos e sociais.

Logo adiante, a expressão “Aliás, assim posto” sinaliza a transição para o plano prático, ao afirmar que “falar é uma mediação relacional sem a qual os sujeitos não se comunicam”. Dessa forma, o autor entrelaça a fundamentação teórica (a referência à retórica) com o cotidiano relacional, apresentando como a tensão entre dizer e não dizer é uma constante na vida em sociedade.

A reflexão se expande ao mencionar “Mas há outra tensão”, introduzindo o desafio de “exercer a intervenção estética inoculando a dimensão política”. Agora voltado ao universo literário, o debate enfatiza que a criação artística não se restringe ao estético, pois carrega também um compromisso crítico: há sempre “algo a dizer” que vai além da forma. Conectores

como “Além disso” e “mas” realçam novos ângulos de análise, ampliando a discussão sobre o papel do discurso.

Nesse contexto, a citação de Tezza e a metáfora do “papel em branco” reforçam tanto a liberdade quanto a responsabilidade do autor: “quando o papel em branco se coloca à nossa frente, podemos ir para um lado ou por outro”, implicando um posicionamento que “registrará o nosso nome”. Ao compartilhar essa reflexão com os orientandos - e comigo, que elaboro uma tese de doutorado sobre sua trajetória -, o autor aproxima a teoria de uma prática acadêmica engajada, na qual todo ato de narrar apresenta um componente formativo.

Deslocando o foco para o campo das histórias de vida, percebe-se que a memória atua como um lugar de ressignificação contínua, em que se reordenam vivências e se formulam novas compreensões de mundo. Ao agregar dimensões literárias, estéticas, políticas e pedagógicas, o texto sustenta que cada escolha discursiva - seja na vida acadêmica ou no cotidiano - acarreta implicações éticas e formativas, de modo que a “tensão implacável” do início reverbera por todas as camadas de responsabilidade envolvidas no ato de narrar.

Nesta seção, propomos estabelecer um diálogo teórico entre os conceitos de *cartografias existenciais*, formulado por Chaveiro e Vasconcellos (2018), e o de *momentos formadores*, desenvolvido por Josso (2004), com o objetivo de investigar como experiência, memória e subjetividade se entrelaçam na construção das identidades docentes.

A cartografia existencial nos convida a percorrer territórios simbólicos e afetivos como mapas vivos, impregnados de sentidos que transcendem uma lógica estritamente racional, apresentando formas de existência e resistência dos sujeitos. Conforme destacam Chaveiro e Vasconcelos (2018, p. 33), "cartografar existências, seja de indivíduos ou grupos, significa juntar-se a sujeitos. Juntarmo-nos todos. Seja lá para o que for. Brincar, pesquisar, fazer coisas, entrar na paisagem, deixar de olhá-la para incorporar-se a ela". Tal perspectiva compreende que cartografar pode ser mapear lugares ou acontecimentos, mas, sobretudo, mergulhar nas tramas afetivas e existenciais que configuram a complexidade e inacabamento do ser.

Em sintonia com essa abordagem, os momentos formadores, descritos por Josso (2004), permitem uma chave interpretativa para identificar episódios decisivos de inflexão, crise, descoberta ou deslocamento que marcam a trajetória dos sujeitos, impulsionando-os à reflexão sobre si mesmos e o mundo à sua volta. Esses momentos, longe de serem eventos isolados, configuram-se como experiências incorporadas que, ao serem narradas, tornam-se matéria formativa e expressão de reexistência.

Ao refletir sobre a narrativa, Josso (2004, p. 48) observa que algumas vivências, ao se imporem à consciência com intensidade particular, tornam-se fontes de informações úteis para

lidarmos conosco e com o ambiente que nos cerca. Para a autora, falar sobre as experiências formadoras é também um modo de contar a própria história, atribuindo valor ao vivido e reconhecendo que tais experiências se inscrevem na continuidade temporal de um sujeito que é, ao mesmo tempo, corpo e consciência. Ao mencionar a “continuidade temporal do nosso ser psicossomático”, a autora destaca a inseparabilidade entre o plano físico e o psicológico na constituição identitária, sugerindo que esses atravessamentos impactam inclusive nossa saúde e modos de estar no mundo. Josso (2004) reconhece o pano de fundo processual, mas dá ênfase nos pontos que se destacam e marcam a trajetória.

Os recortes realizados nas narrativas de Eguimar Felício Chaveiro, nomeados como momentos formadores, foram organizados com base em pressupostos metodológicos. Essa delimitação embora acabe por fragmentar a experiência, busca uma via de leitura que permita acompanhar os fios condutores da trajetória narrada. Compreendemos as vivências como expressões de um “contínuo psicossomático”, em que se entrelaçam dimensões afetivas, corporais e simbólicas, sustentando a complexidade e o inacabamento das identidades.

A articulação entre essa perspectiva e as cartografias existenciais permite um olhar sobre como Eguimar constrói narrativas sobre si, ativando lembranças atravessadas por afetos, pertencimentos e territorialidades. Em continuidade, dedicamos uma subseção à apresentação do corpus da pesquisa e, na sequência, as Caminhografias com Eguimar - espaço no qual descrevo o percurso metodológico da investigação e os modos de aproximação com o professor. Nesse campo narrativo, apresento fragmentos das imersões realizadas, os gestos que compartilhamos e a construção gradativa de uma escuta sensível, marcada por acolhimento e presença.

2.1 Fundamentos cartográficos e experiências formadoras: rastros de uma subjetividade em movimento

Articular a abordagem da cartografia existencial à perspectiva dos momentos formadores implica reconhecer que toda trajetória pessoal é atravessada por experiências múltiplas, vividas em diferentes dimensões (profissional, social, afetiva e identitária). Ao assumir essa integração no contexto de projetos de formação, abre-se um espaço para refletir sobre como as histórias de vida se constituem como eixos articuladores entre formação e prática. Nesse sentido, a cartografia existencial emerge como metodologia, pois possibilita

identificar, mapear e analisar os fluxos e as transformações que dão sentido às experiências pessoais e profissionais.

Nessa perspectiva, o diálogo interdisciplinar contribui significativamente para ampliar nosso entendimento da realidade, permitindo captar nuances frequentemente negligenciadas por abordagens tradicionais. Chaveiro e Vasconcelos (2018, p. 29) esclarecem que as cartografias existenciais “não são um novo ramo da ciência, tampouco obra de ficção”, mas configuram-se como “uma forma singela de visita aos museus humanos das marcas do mundo”. Assim, ao cartografar existências, as narrativas pessoais funcionam como espelhos reflexivos que incentivam o sujeito a rever e reelaborar suas próprias escolhas, produzindo uma cartografia dinâmica que envolve tanto quem narra quanto quem escuta. Trata-se, como afirmam os autores, de compreender que “cartografias existenciais são sempre trocas entre alguéns. [...] Pessoas são processos de trocas” (Chaveiro; Vasconcells, 2018, p. 30). A cada interação estabelecida surgem novas possibilidades interpretativas, que facilitam a compreensão e o pertencimento ao próprio processo existencial.

Essa compreensão cartográfica dialoga diretamente com o conceito de momentos formadores proposto por Josso (2004), para quem as aprendizagens podem ser agrupadas em três gêneros fundamentais: existenciais, instrumentais e compreensivas. Por meio da cartografia existencial, é possível traçar caminhos que dão visibilidade às relações entre essas aprendizagens, compreendendo como o sujeito constrói significados a partir das interações práticas com objetos e à elaboração de representações sobre o mundo. Assim, a metodologia cartográfica pode equilibrar e integrar tais dimensões, consolidando um processo formativo em que possamos acompanhar uma linha de raciocínio (uma leitura possível). A identidade docente, portanto, passa a ser compreendida como fruto de aprendizagens situadas, continuamente atualizadas tanto nas vivências íntimas quanto nas trocas estabelecidas em contextos coletivos e sociais.

Ao invés de enxergar as dimensões internas como separadas das externas, é fundamental compreender que a subjetividade é gerada pela relação dialógica entre sujeito e mundo. Essa relação é essencial para entender os momentos formadores, pois não se limita ao que está guardado dentro de nós nem ao que está externamente ao nosso alcance. A percepção da história de cada sujeito é moldada pela interação entre suas experiências e o ambiente social que o atravessa. Volóchinov (2013, p. 165) afirma que a constituição da enunciação é um processo dialógico, emergindo do entrelaçamento de múltiplas vozes, que, independentemente da nossa vontade ou consciência, estão imersas nas visões, opiniões e valorações da classe a que

pertencemos. Dessa maneira, a subjetividade é um processo de constante troca e negociação com o outro e com o contexto social.

Uma concepção que dialoga com Bakhtin (2003, p. 33), que destaca a “necessidade estética absoluta do homem pelo outro, pela sua visão e memória, memória que o une e o unifica, sendo a única capaz de proporcionar-lhe um acabamento externo. Nossa individualidade não teria existência se o outro não a criasse”. Isso significa que nossa individualidade, e conseqüentemente nossa existência, é sempre construída na interação com o outro. Nesse contexto, a memória estética, por meio dessa relação, gera o ser humano no plano exterior. Assim, a construção de si é uma resposta constante ao outro, uma interação contínua que se dá no espaço social. Ao afirmar que "cada corpo é um mapa" (Chaveiro; Vasconcelos, 2018, p. 32), entendemos que a cartografia existencial é um processo dinâmico que se compõe nas interações com o outro e com a sociedade.

Ao tratar da relação entre sujeito e mundo, Freire (2023, p. 51) destaca que subjetividade não pode ser confundida com subjetivismo, alertando para os riscos dessa separação artificial. Para ele, a subjetividade é forjada nas relações que estabelecemos com a realidade, emergindo do diálogo e da participação ativa no processo histórico. Como afirma o autor, “não há um sem os outros, mas ambos em permanente integração”, sinalizando que sujeitos e mundo se constituem mutuamente. Nessa perspectiva, compreender os momentos formadores significa reconhecer que nossas experiências e identidades se constroem nas interações, nos encontros e nas transformações coletivas. Assim, a realidade social, enquanto fruto da ação humana, está em constante mudança, sendo modelada pelos processos históricos e dialógicos que atravessam a vida de cada pessoa.

No campo da cartografia, Gonçalves e Soares (2021, p. 108) ampliam o debate ao mostrar que, de uma prática antes restrita à representação geográfica, a cartografia evoluiu para incorporar dimensões sociais, culturais e econômicas, assumindo um perfil interdisciplinar. Na atualidade, esse alargamento conceitual aproxima-se da perspectiva rizomática descrita por Deleuze e Guattari (1995, p. 20-21), que valoriza a fluidez, a multiplicidade de conexões e a abertura a novos arranjos. Dessa forma, emerge uma maneira mais aberta e dinâmica de mapear experiências, subjetividades e interações.

Essa postura rizomática, contrária a estruturas lineares ou hierárquicas, propõe uma multiplicidade de conexões em que qualquer ponto pode se ligar a qualquer outro, a exemplo do que destacam Deleuze e Guattari (1995, p. 20). Pensar a vida (e narrar trajetórias) de modo rizomático significa aceitar que não há um caminho único, nem uma hierarquia fixa entre

experiências. Cada sujeito constrói sua própria rede de vivências, afetos e memórias, formando mapas existenciais singulares, sempre abertos a novos arranjos e possibilidades

Nesse mesmo horizonte, Chaveiro e Vasconcelos (2018, p. 36) observam que cada existência desenha sua rede própria de afetos e memórias, afastando-se de centros fixos ou núcleos privilegiados: “Restam as histórias de vida. Elas desenharam o mapa da existência dos sujeitos nas relações materiais e imateriais que compõem as grafias do espaço”. No universo das cartografias existenciais, as conexões se multiplicam, e novas linhas de fuga emergem em resposta a rupturas ou transformações.

Tal cartografia aberta e relacional se refaz continuamente, a cada encontro de vozes e territórios, e encontra ressonância direta no princípio *bakhtiniano* da responsividade, segundo o qual toda subjetividade é fruto do entrelaçamento com o outro, sempre inacabada e atravessada pelo diálogo. Nas palavras de Bakhtin (2016, p. 121), a compreensão nunca é um ato puramente passivo: “Toda compreensão é, em maior ou menor grau, preche de reação responsiva”. Ou seja, cada narrativa, mapa ou experiência está sempre situada em um campo polifônico, constituída na troca viva de sentidos e respostas que sustentam o processo de formação social do sujeito.

O contraponto entre mapa e cópia decorativa é outro elemento que distingue o sentido criativo do cartografar (Deleuze; Guattari, 1995, p. 23). Enquanto a cópia tende a reproduzir formas preestabelecidas, o mapa se mantém aberto a transformações, de modo “desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente”. Essa maleabilidade respalda o processo de desenvolvimento humano, pois a experiência pode ser rompida e, em outro ponto, reorganizada, inaugurando novos trajetos.

A cartografia existencial fundamenta-se na multiplicidade, na ausência de hierarquias fixas e na fluidez intrínseca às vivências humanas. Configura-se como uma ferramenta teórico-metodológica essencial para a compreensão de identidades em constante transformação, ao considerar as interconexões que permeiam linguagem, política, cultura e história. Conforme destacado por Chaveiro (2017, pp. 15-16), ela abrange diversas vertentes, tais como “cartografia social, cartografia da subversão, cartografia de romances, cartografias esquizos”, entre outras, cada uma capaz de capturar a pluralidade das experiências humanas.

A expansão da cartografia propicia um diálogo com diversas disciplinas, tais como literatura, psicologia e sociologia. Essa abordagem permite a investigação dos territórios simbólicos em que o indivíduo constrói e habita seu próprio universo. Ao combinar a cartografia existencial com a pesquisa biográfica, aglutinamos as múltiplas camadas presentes

nas narrativas de vida, demonstrando como cada história se transforma à medida que a subjetividade interage com a dimensão coletiva.

Dessa maneira, mapear uma existência requer direcionar a atenção tanto para o presente quanto para as bases formadoras do passado, sublinhando as redes afetivas, sociais e políticas que ancoram a experiência individual. Essa dimensão relacional e coletiva torna-se coerente quando a representação das trajetórias de vida - abordada “a partir da existência do sujeito em um determinado espaço e tempo” (Chaveiro; Vasconcelos, 2018, p. 32) - demanda a integração de pesquisa, escuta e acolhimento, afastando-se de uma mera observação externa. Toda narrativa se desenvolve em coordenadas de tempo e espaço – e Bakhtin (2011) denominou cronotopo a correlação intrínseca entre temporalidade e espacialidade que forma a base de um enredo ou relato. No caso das memórias narrativas, podemos falar em cronotopos biográficos: configurações espaço-temporais específicas que estruturam as lembranças e conferem a elas uma ordem e um sentido.

Cada prática cultural, cada interação territorial, cada laço afetivo traduz a autopoiese em ação (Maturana; Varela, 1995). Em outras palavras, o sujeito se constitui ao incorporar e reinterpretar suas vivências, o que se relaciona diretamente com a postura de “pesquisar, fazer coisas, entrar na paisagem, deixar de olhá-la para incorporar-se a ela” (Chaveiro; Vasconcelos, 2018, p. 33). Nessa senda, cartografar é ampliar a percepção das conexões identitárias, conectando corpo, território e cultura.

É nesse cenário que se descortina o que Chaveiro e Vasconcelos (2018, p. 34) assinalam: “Pessoas são planos de ação que bradam por justiça social”. Cartografar trajetórias, pois, exige notar como a interação entre corpo, memória e comunidade se atualiza e se transforma, em contextos por vezes atravessados por desigualdades e disputas de sentido. Nessa linha, a abordagem biográfica, quando associada à cartografia existencial, marca pontos de inflexão em que o sujeito se redefine e reorienta suas ações.

A integração das dimensões subjetivas e históricas confirma a perspectiva de Josso (2004, p. 22), que afirma que as histórias de vida podem constituir "projetos teóricos de uma compreensão biográfica em construção" ou "abordagens biográficas postas a serviço de projetos". Em ambas as abordagens, as experiências individuais ganham relevância coletiva e cultural, posicionando o processo formativo no contexto das relações sociais e políticas.

Nesse ponto, a descrição de Josso (2004, p. 87) acerca do “saber viver a própria existencialidade” torna-se particularmente elucidativa. As histórias de vida revelam referenciais, estratégias e recursos mobilizados para essa busca de sabedoria, que se configura como uma “hipóstase” central na formação - um suporte invisível que conduz o indivíduo ao

longo de sua trajetória de aprendizagem, ao permitir a integração das experiências e a construção contínua de sua identidade (Josso, 2004, p. 88). As “Histórias de Vida” também convergem com a ideia de Ricoeur (1990) de que a narrativa é um meio de o indivíduo atribuir sentido às experiências vividas, criando uma ponte entre o que foi e o que se projeta para o futuro.

As análises de Histórias de vida e formação mostram que, ao longo da vida, há quatro buscas recorrentes (Josso, 2004, p. 88): felicidade, si/nós, conhecimento/real e sentido. Cada uma delas se entrelaça com as dimensões subjetivas e objetivas, demonstrando que as transformações pessoais também geram implicações coletivas. Assim, a busca de felicidade se relaciona ao bem-estar grupal, enquanto o autoconhecimento depende do vínculo com o outro, e o conhecimento ou real só ganha ressonância na articulação prática dos saberes.

No caso da “busca de sentido” emergem possibilidades filosóficas e cosmogônicas, associadas a dimensões transpessoais - aspectos da experiência humana que vão além do nível pessoal da identidade - que transcendem o ego. Desse modo, a subjetividade se abre a esferas coletivas e imateriais, propiciando a elaboração de novos referenciais. Em paralelo, a sabedoria decorre da confluência entre conhecimento e prática, conformando uma arte de viver que integra reflexividade e ação no mundo. Para Josso (2004, p. 103-104), a formação dessa sabedoria implica confiança e a identificação de ações concretas no aqui e agora, bem como a integração de múltiplas dimensões da experiência. Nesse sentido, diz a autora:

A busca de uma sabedoria de vida consiste, pois, em tentar a integração das quatro buscas, subordinando-as a uma presença empática consigo e com o mundo, e a uma presença consciente da complexidade das causas e das condições que fundamentam uma arte de viver, associada a um sentimento de integridade e de autenticidade que permitem sentir a vida como um desafio que tem valor, em outras palavras, uma vida que vale a pena ser vivida.

Em harmonia com a ideia de Josso (2004), segundo a qual a sabedoria se expressa em uma “vida que vale a pena ser vivida”, Calligaris (2023, p. 22) propõe deslocar a preocupação com a “felicidade e seu mistério” para a busca de “uma vida interessante”. Ao se perguntar se essa plenitude diz respeito a “um estado de espírito ou um estado de mundo”, ele investiga a possibilidade de que o sentido da vida se construa em diálogo constante com as circunstâncias cotidianas. A reflexão estimula a abertura para o que há de complexo e imprevisível na interação com o mundo.

Posteriormente, Calligaris (2023, p. 126) retoma o debate por meio do “juízo estético”, argumentando que a valorização moderna da imanência - desenvolvida a partir dos séculos

XVI, XVII e XVIII - desloca o eixo do que faz a vida valer a pena, retirando-o de um lugar transcendente e situando-o na experiência concreta. Embora possuam pontos de partida diferentes, Josso (2004) e Calligaris (2023) convergem ao enfatizar que o sentido de uma existência plena depende de uma atitude reflexiva, de ações presentes e significativas e de uma consciência que compreenda tanto a dimensão pessoal quanto a coletiva. Afinal, “Amar, sofrer, chorar e rir são atos que dependem de planos de ação. Pessoas são planos de ação” (Chaveiro; Vasconcelos, 2018, p. 33).

Ao articular felicidade, sentido, conhecimento, ética e valor estético (Calligaris, 2023), constrói-se um sistema de valores que orienta o sujeito na convivência consigo e com os outros. Essa configuração reforça a “cosmoética transpessoal” (Josso, 2004, p. 105), pois conjuga prazer, responsabilidade social e sustentabilidade ambiental em um mesmo horizonte formativo e existencial. A ênfase em tais dimensões integra a complexidade do viver contemporâneo, em que a identidade se manifesta como uma “obra aberta”, exigindo constante avaliação de riscos e exercício de escolhas que alimentam a permanente reelaboração do ser.

É nesse contexto que as reflexões de Chaveiro e Vasconcelos (2018) fornecem uma chave interpretativa sobre a natureza paradoxal do trabalho e da própria existência. Ao defenderem que “Cartografias existenciais são mapas de trabalho impregnado nas Pessoas” (p. 35) - capazes de produzir liberdade ou morte, dependendo de como se configuram -, os autores explicam tanto o poder emancipatório quanto o potencial opressor das atividades humanas. O que se cartografa para além de uma rota profissional ou uma trajetória pessoal, é toda uma simbologia que confere sentido a essas vivências. Como sublinham, “Assim como o trabalho é essência, substrato, substância do andar a vida, também é destruição, ignomínia, humilhação” (Chaveiro; Vasconcelos, 2018, p. 35). Em outras palavras, o trabalho - entendido aqui num sentido amplo, como esforço criativo e produtivo - representa ao mesmo tempo fonte de dignidade e possibilidade de realização, mas pode converter-se em imposição ou exploração, comprometendo a liberdade do indivíduo.

Ao complementar essa visão, os mesmos autores afirmam que “Pessoas somos todas paisagem: estudiosos/treinados; pesquisadores/pesquisados; professores/alunos; deficientes/deficitários; suficiente/insuficiente - paisagens vivas simplesmente” (Chaveiro; Vasconcelos, 2018, p. 33). Essa metáfora da “paisagem viva” reforça a natureza plural e dinâmica dos sujeitos - o sujeito orgânico -, rompendo com a ideia de identidades rígidas e estanques. Tais paisagens, compostas por diferentes papéis, experiências, contextos e referências, conferem que cada pessoa é o resultado de uma confluência complexa de

elementos, assumindo múltiplas posições e se desenvolvendo continuamente no encontro com o outro e com o mundo.

Nesse cenário de múltiplas extensões, a identidade se constitui por meio de negociações incessantes e contextuais. No que se refira à docência, as transformações históricas, sociais e econômicas engendram vulnerabilidades e desafios que demandam respostas criativas e reflexivas. A esse respeito, Nóvoa (2000, p. 16) sublinha que “a identidade não é um dado adquirido [...], mas um espaço na construção de modos de ser e de estar na profissão”, apontando para uma dinâmica constante em que o educador se vê imerso, transitando entre expectativas globais e realidades locais, entre prescrições institucionais e possibilidades cotidianas de inovação.

A configuração identitária, seja individual ou profissional, surge como fruto de processos formativos e de interações vivenciadas pelos sujeitos, que se veem desafiados a diferentes esferas articuladas de suas existências. A cartografia existencial, em diálogo com as abordagens biográficas, subsidia um arcabouço teórico-metodológico para decifrar tais dinâmicas, permitindo interpretar como cada pessoa constrói seu mapa de referências pessoais, afetivas e profissionais ao longo da vida. Em cada “momento formador” (Josso, 2004), a interconexão entre interioridade e alteridade ilustra a fluidez das fronteiras identitárias, mostrando que uma história individual se funda em redes de significados coletivos.

Sob a égide de uma concepção experiencial da formação, delinea-se um paradigma inovador nas ciências humanas, que valoriza uma abordagem holística dos processos identitários. Ao realçar a dimensão existencial, essa perspectiva rompe com modelos analíticos tradicionais, demonstrando como vivências de vida, trajetórias formativas e construções identitárias se entrelaçam. Reconhece-se, assim, o ser humano como sujeito que integra, de forma contínua, o ser, o saber e o viver, em processos reflexivos e existenciais de caráter transformador, distanciando-se da mera acumulação de informações e aproximando-se de uma postura crítica e criativa perante o conhecimento.

Nesta tese, a adoção do conceito de “momento formador” (Josso, 2004) para estudar as narrativas de vida realça o papel mediador da história pessoal na compreensão do sujeito que narra. Não se trata unicamente de reconstituir fatos em sequência cronológica, mas sobretudo de captar as dinâmicas que orientam o percurso formativo, identificando o que mobiliza o indivíduo a reinterpretar ou ressignificar suas experiências. A narrativa biográfica, nesse sentido, funciona como um espelho das transformações ao longo do tempo, ilustrando a reconfiguração contínua da identidade em interação com o meio e consigo mesmo.

A expressão “existência singular-plural” denota, portanto, uma interação entre individualidade e coletividade, realçando que uma formação identitária emerge de um tecido complexo de influências compartilhadas. Sob esse prisma, o indivíduo é compreendido como um ser vivo consciente, cujas atividades, contextos de vida, encontros e experiências - definidos como formativos ou fundadores - específicos de um vasto *iceberg* existencial, em que a parte visível representa apenas uma fração de múltiplas camadas subjacentes.

No campo biográfico, a experiência vivida se manifesta na interseção entre formação pessoal e produção de conhecimento, escapando à dicotomia entre o subjetivo e o objetivo. Ao narrar a própria trajetória, o sujeito revisita lembranças de eventos que, ao longo de sua existência, se consolidaram como experiências formadoras - acontecimentos que marcam e transformam a identidade em permanente diálogo com o contexto social. É sempre nas relações e nos ambientes em que está inserido que o sujeito tece suas experiências, reconhecendo nelas sentidos que ultrapassam o âmbito individual.

Nesse processo de rememoração, constrói-se uma cartografia existencial: um mapeamento simbólico dos momentos decisivos, capaz de evidenciar como práticas, valores e aprendizados vão sendo incorporados à constituição identitária. Assim, narrar a própria vida significa também explicitar como as vivências, atravessadas pelo mundo social, participam ativamente da formação do sujeito. Como destacam Chaveiro e Vasconcelos (2018, p. 32), "o corpo, ‘a caminhada existencial’, o ‘encontro com a terra’ e a cultura subsidiam o entendimento das cartografias identitárias", reforçando a natureza dinâmica e interconectada dessas trajetórias.

A cartografia existencial se distingue das experiências formadoras por sua amplitude, pois abrange o conjunto de vivências, conexões e fluxos que dão forma ao sujeito em sua trajetória, constituindo uma visão abrangente e processual do existir. Nesse panorama mais amplo, as experiências formadoras emergem como pontos de intensidade, verdadeiras viradas ou marcos destacados no percurso da vida, ocupando lugares centrais dentro desse mapa existencial.

Em termos operacionais, cartografar significa mapear, conectar, contextualizar e analisar as relações e os percursos que atravessam o sujeito, enquanto identificar os momentos formadores implica recortar e atribuir significado a eventos específicos que se destacam na escolha narrativa do sujeito. Assim, se a cartografia existencial pode ser compreendida como o pano de fundo dinâmico e vivo (um território processual em constante elaboração), as experiências formadoras representam os pontos de inflexão ou condensação, os marcos que cristalizam e conferem densidade à narrativa existencial.

2.2 Memória, tempo e intersubjetividade

“O que é afinal o tempo? Quem o explicaria fácil e brevemente?” (Agostinho, 2017, p. X). Essa pergunta compreende um paradoxo fundamental: o tempo se mostra familiar em nossa vivência cotidiana, mas resiste a definições evidentes quando tentamos apreendê-lo conceitualmente. Agostinho de Hipona (2017) marca o ponto de partida para uma reflexão que relaciona a fluidez do tempo à complexidade da memória, pois, ao mesmo tempo que o presente parece se esvaír, o passado “não é mais” e o futuro “ainda não é”. Sua perspectiva destaca a dimensão subjetiva do tempo, lançando-nos a uma busca por significados que vão além da mera sucessão de instantes.

Agostinho (2017) concebe o tempo em três faces: passado, presente e futuro. Cada qual marcada por uma condição de ausência: o passado deixou de ser, o futuro ainda não chegou e o presente se desfaz no exato instante em que é visado. Bakhtin (2018) amplia essa ideia ao destacar os indícios da marca do tempo que se inscrevem tanto na natureza quanto na história. Há sinais visíveis: o cair das folhas, o deslocamento do sol, o cantar do galo, a alternância das estações. Outros vestígios, menos imediatos, emergem da ação humana: técnicas de trabalho, formas de pensamento, culturas de uma época, posições ideológicas que orientam um dado momento histórico. Assim, o tempo acontece simultaneamente na experiência interior, ativada pela memória e pela expectativa, e nas marcas objetivas deixadas no mundo, compondo um horizonte em que subjetividade e história se entrecruzam.

Paul Ricoeur (1994, p. 23) retoma e amplia essa problemática ao perguntar: “Como o tempo pode ser, se o passado não é mais, se o futuro não é ainda e o presente nem sempre é?”. A reflexão se articula tanto à concepção agostiniana quanto às elaborações de Bakhtin (2018), ao reforçar que apreender o tempo em sua totalidade é uma tarefa que escapa às tentativas de objetivação plena. O tempo escapa à condição de entidade fixa e estável, manifestando-se pelas marcas que produz, sejam elas sensíveis, como os ciclos da natureza, ou históricas, como as expressões do trabalho humano, do pensamento e das culturas. Nesse sentido, a inteligibilidade exige uma consciência reflexiva capaz de articular as lembranças do que já foi, o instante fugidio do presente e as projeções que delineiam o porvir. O tempo, portanto, se configura como um tecido dinâmico, atravessado por vozes, experiências e transformações históricas.

Nesse horizonte de reflexão sobre o tempo, a memória emerge como uma dimensão fundamental da experiência, pois é nela que se elaboram os sentidos do vivido, atravessados tanto pelas marcas da história quanto pelos vestígios da subjetividade. Conforme aponta Silva

(2018, p. 141), é justamente nesse campo de tensão, entre o acontecimento e sua elaboração memorial, que o sujeito se movimenta na tentativa de atribuir sentido ao que viveu:

É do *acontecimento* e da *memória* que trata este texto e, por isso mesmo, dos movimentos do sujeito em busca do sentido para o vivido, prolongando seus efeitos pelas retomadas da reminiscência, enquanto acrescenta ressignificações. Nessa direção, tomamos como pressuposto de que a memória é sempre “imperfeita”, no sentido de sua incapacidade de comportar as “agudezas” da experiência, mas é nela que se constrói a “legibilidade” para o acontecimento, o que sobreveio, o momento fulgural para aquele que se inscreve *a posteriori* como sujeito da memória. Ao transformar em discurso, o que pode transparecer para o espectador é a desordem [...], ou ainda a luta daquele que narra para ordenar e precisar os dados que estão salvos na memória, que precisam ser enunciados para que se conste na história.

A memória surge, assim, como um processo contínuo de reconstrução. Ao revisitar seu passado, o sujeito tanto recorda o vivido, como preenche lacunas e reinterpreta o que, no momento vivido, parecia fixo. Nesse processo, a memória é “imperfeita” porque nunca reproduz fielmente as “agudezas” da experiência original; no entanto, é exatamente nessa imperfeição que reside sua potência criadora. Ao buscar dar “legibilidade” ao acontecimento, o sujeito organiza e transforma suas vivências, atribuindo-lhes novos significados.

Esse constante processo de (re)organização da memória só pode ser compreendido dentro de uma tessitura dialógica: a subjetividade não se origina em uma consciência autônoma, se constitui nas relações sociais que o sujeito trava ao longo da vida. Ao enfatizar o caráter responsivo da linguagem, Bakhtin (2011, p. 270-272) lembra que “toda compreensão é prenhe de resposta”, explicando que cada lembrança é sempre atravessada pela palavra do outro.

Nessa perspectiva, a memória ultrapassa a condição de “arquivo” estritamente individual para se converter em campo de interação, um espaço em que as recordações são permanentemente reelaboradas à medida que são narradas, recebendo novas interpretações. Desse modo, as narrativas biográficas deixam de ser relatos fixos de um “eu” completo e passam a ser entendidas como construções abertas, modeladas pelas trocas verbais e afetivas que se estabelecem entre narrador e interlocutor; é justamente nesses encontros que as lembranças ganham novos contornos e a identidade se reinventa.

Nessa luta para ordenar os fragmentos guardados, o narrador transita entre a desordem de uma lembrança difusa e a estrutura de um discurso que pretende imprimir sentido e coerência. A cada nova enunciação, reatualizam-se os efeitos do passado e, concomitantemente, emergem novas perspectivas de compreensão. Desse modo, a memória deixa de ser mero arquivo e converte-se em cenário fértil para a constituição de sujeitos que, ao narrarem suas histórias, reafirmam e reconfiguram o seu lugar no mundo.

No cerne dessa problemática, a memória aparece como o fio condutor que sustenta a experiência temporal. À luz de Agostinho (2017), compreendemos que o passado só subsiste quando o evocamos, pois nada dele permaneceria em nós se a memória não o retivesse. O futuro, por sua vez, delinea-se como projeção, uma expectativa que se sustenta na mente que o antecipa. Em sintonia com essa perspectiva, a etimologia grega do termo “memória” subdivide-se em *mnēmē* e *anamnēsis*: a primeira indica a lembrança que surge de modo passivo, como uma impressão involuntária; a segunda se refere ao ato ativo de buscar recordações (Ricoeur, 2007, p. 24). Essa distinção aponta para a memória como um processo simultaneamente passivo e ativo, no qual o sujeito para além de mero receptor de lembranças, também se constitui um agente que busca e reorganiza o passado.

Ricoeur (2007, p. 25-26) distingue memória e imaginação sem, contudo, negar a dimensão criativa que permeia qualquer ato de recordar. A imaginação abre-se ao fantástico e ao possível, a memória, ao contrário, ancora-se no “lembrado como tal”, isto é, em acontecimentos efetivamente vividos. Assim, mesmo que o passado seja sempre recriado no ato narrativo, a marca temporal que o situa na experiência real preserva o estatuto da memória como registro, ainda que móvel e reinterpretado, de algo que de fato ocorreu.

Ilustrando o poder da memória, Marcel Proust (2014 [1871-1922]) apresenta a ideia de “memória involuntária” como uma chave para acessar passagens recônditas de nossa história pessoal. Ao saborear um biscoito - *madeleine* - molhado no chá, o narrador é subitamente transportado à infância, revivendo emoções e lugares até então esquecidos. Nesse instante, a lembrança emerge de um simples estímulo sensorial que desperta afetos adormecidos, nada de esforço racional na cena descrita.

A memória involuntária, que parece surgir de maneira espontânea e sem controle, ressurgiu através de um processo natural e sensível, tal como observado por Walter Benjamin (1987, p. 37), que destaca o processo poético de Proust:

[...] Max Unold, que não foi o pior de seus leitores, referindo-se ao ‘tédio’ resultante desse procedimento, comparou as narrativas de Proust às ‘histórias de cocheiro’: ‘ele conseguiu tornar interessantes as histórias de cocheiro. Ele diz: imagine, caro leitor, ontem eu mergulhei um bolinho numa xícara de chá, e então me lembrei que tinha morado no campo, quando criança. Para dizer isso, Proust usa oitenta páginas, e o faz de modo tão fascinante que deixamos de ser ouvintes, e nos identificamos com o próprio narrador desse sonho acordado’.

A apreciação de Max Unold sobre as “histórias de cocheiro” de Proust ressalta justamente a singularidade do processo narrativo proustiano, em que uma cena aparentemente banal - como mergulhar um bolinho no chá - desdobra-se em múltiplas evocações do passado

e reencenações afetivas. A “lentidão” e o detalhamento minucioso, que poderiam ser entendidos como tédio à primeira vista, operam em outra temporalidade, pois transformam um instante fugaz em um extenso campo de reminiscências. Nesse movimento, o leitor deixa de ser um observador passivo para se tornar cúmplice do narrador, identificando-se com sua experiência subjetiva a ponto de vivê-la também. Ao expandir um único momento em diversas camadas de sentido, Proust desconstrói a linearidade do tempo, desenvolvendo como cada acontecimento trivial carrega um universo de memórias prontas para serem reavivadas, trazendo à tona a potencialidade do presente em reconfigurar o passado.

A capacidade de reconstituir o passado torna-se ainda mais significativa quando as memórias são compartilhadas. Byung-Chul Han (2023, p. 72) destaca que a narração “cria uma forte relação entre os acontecimentos” e transcende “a passagem vazia do tempo”. Cada relato confere significado aos fatos dispersos, permitindo que os interlocutores identifiquem aspectos de si mesmos nas experiências alheias. À medida que cada indivíduo narra e reconta sua trajetória, a memória transforma-se de um fenômeno estritamente individual para um recurso fundamental na construção coletiva da identidade.

Walter Benjamin (1987, p. 114) amplia a discussão ao evocar a parábola do velho vinhateiro, que confia aos filhos um “tesouro” supostamente oculto na terra:

[...] Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio de tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescemos: Ele é muito jovem, em breve poderá compreender”. Ou: “Um dia ainda compreenderá”. Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens.

Embora o ouro não seja encontrado, o trabalho na vinha revela seu legado: a prática cotidiana e persistente, transmitida por gerações, vale mais do que qualquer riqueza imediata.

Nessas histórias, a palavra narrada, repetida ao longo do tempo, constrói uma herança viva, superando o mero acúmulo de informações. Nesse processo, a memória conecta passado, presente e futuro, veiculando um saber que forma valores e atitudes, que não se restringe a fatos.

Embora o ouro não seja encontrado, o trabalho na vinha revela seu legado: a prática cotidiana e persistente, transmitida por gerações, vale mais do que qualquer riqueza imediata.

Nessas histórias, a palavra narrada, repetida ao longo do tempo, constrói uma herança viva, superando o mero acúmulo de informações. No processo narrativo, as experiências são relembradas e passadas adiante, reconfigurando e ressignificando o passado dentro do presente e projetando o futuro. A memória se constitui uma prática dinâmica que se reatualiza à medida

que é compartilhada, confirmando a intersubjetividade da constituição do sujeito. A memória, portanto, conecta passado, presente e futuro, veiculando um saber que forma valores e atitudes, que abrange a construção da subjetividade através da interatividade.

A memória, por si só, não se converte em experiência plena até ser atravessada por vivências que nos afetam e nos transformam. Larrosa (2014, p. 26) enfatiza a raiz etimológica da palavra “experiência”, derivada do vocábulo latino *experiri*, que significa “tentar” ou “provar”. Ele observa que:

A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum* (perigo). A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova.

A análise etimológica mostra que a experiência autêntica nasce de um encontro, um movimento que coloca sujeito, mundo e alteridade em fricção. No mesmo texto, Larrosa (2014) amplia esse entendimento: quando retomada pela memória, a experiência deixa de ser simples registro de fatos e torna-se força transformadora, instaurando um processo de autoformação. Atravessar o vivido, portanto, envolve um deslocamento no tempo; as lembranças recebem novos contornos à medida que outras vivências se insinuam. A memória atua como oficina de construção de si, pois, em vez de permanecer estática, refaz continuamente o elo entre o que foi e o presente que ainda se desenha.

Ao articular memória e experiência, as lembranças passam por permanente reconfiguração diante de situações novas. Esse processo de ressignificação sustenta narrativas de vida coerentes e plenas de sentido, pois recupera o vivido e manifesta de que modo tais vivências nos transformam. Contar a própria história, contudo, também transforma o narrador: a palavra devolve-lhe uma imagem atravessada pela escuta do interlocutor. Como as trajetórias de quem narra e de quem ouve se enraízam em histórias diferentes, cada um estabelece relação singular com o objeto narrado. Assim, a narrativa pessoal precisa de abertura dialógica, condição que torna possível partilhar o passado, renovar o presente e alargar as possibilidades do porvir.

Vivemos uma época em que a informação circula em grande volume e alta velocidade, muitas vezes sem tempo para sedimentar-se em formação. A formação, ao contrário, requer demora: um tempo próprio para que a experiência aconteça, seja absorvida e, de fato, provoque transformação. Contudo, como já foi observado, a articulação entre tempo, memória e intersubjetividade encontra obstáculos numa contemporaneidade pautada pela urgência e pela

fragmentação. O ambiente digital privilegia o instantâneo (opiniões rápidas, trocas fugazes, estímulos contínuos), reduzindo o espaço para a escuta atenta e para o exercício de narrar. Diante desse cenário, corre-se o risco de esvaziar o sentido das experiências, já que faltam oportunidades para a pausa, a contemplação e a reflexão capazes de dar densidade ao vivido.

Nesse contexto de aceleração informacional e esvaziamento da experiência formativa, as narrativas de vida se apresentam como um espaço de resistência e elaboração. Diferentemente da simples transmissão de dados, elas permitem que o vivido se organize em sentido, tornando-se elemento estruturante tanto da subjetividade quanto da memória coletiva. Como observa Han (2023, p. 72), “A narração, que cria uma forte relação entre os acontecimentos, supera a passagem vazia do tempo. O tempo da narrativa não passa. [...] A perda da capacidade narrativa exacerba a experiência da contingência.” Ao costurar relações entre eventos, as narrativas desafiam a linearidade e a fugacidade que caracterizam a contemporaneidade, instaurando um “tempo narrativo” que abriga a demora necessária para a formação e a transformação.

Essas histórias, ao organizar acontecimentos dispersos em tramas de significado, rompem com a fragmentação temporal típica dos dias de hoje e confrontam a lógica do instantâneo e da desconexão. O movimento narrativo, portanto, evidencia as fissuras de uma sociedade que, ao privilegiar a velocidade, acaba por comprometer a continuidade das histórias que sustentam o sentido de si e do outro. Nesse movimento, a narrativa devolve ao sujeito a possibilidade de criar vínculos e de atribuir espessura às experiências, em oposição ao fluxo superficial das interações digitais.

Os relatos de vida, ao serem partilhados e reconstituídos, funcionam como dispositivos de elaboração e de mediação — não apenas acumulando dados, mas tecendo laços e produzindo memórias. O sujeito, nesse processo, emerge como agente ativo na construção e transmissão das experiências, deslocando o foco da impessoalidade para a criação de identidades e pertencimentos. A narrativa de vida, então, transforma-se em prática reflexiva e coletiva, capaz de tensionar a volatilidade e a superficialidade dominantes, abrindo espaço para a escuta, a demora e a contemplação.

A evocação da parábola do velho vinhedo, trazida por Benjamin (1987, p. 114) - “Sabia exatamente o significado de experiência [...]. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?” - sinaliza a importância de uma tradição narrativa que conecta gerações e mantém viva a circulação do saber experiencial. Junto à crítica de Han, essas palavras reiteram: a perda da capacidade de narrar

aponta para um empobrecimento da experiência humana. Organizar acontecimentos em narrativa preserva o vivido e reinventa o sentido do tempo, conferindo-lhe presença, acessibilidade e potência formadora, ao favorecer um ritmo mais contínuo e reflexivo diante da velocidade e da dispersão contemporâneas.

A centralidade da informação veloz, sustentada por opiniões instantâneas, reforça a urgência de uma pedagogia que valorize a experiência elaborada e reflexiva. Larrosa, em *O saber da experiência*, distingue dois regimes de contato com o real: o da informação, que trata o acontecimento como dado pronto para consumo, e o da experiência, que exige demora, afeta o sujeito e pode convertê-lo. Nesse segundo regime, o saber não emerge da acumulação, e sim da passagem do vivido pelo crivo da memória e da linguagem.

Essa distinção converge com a ideia de Gentil (2012, p. 11), para quem “é a narrativa que torna acessível a experiência humana do tempo; o tempo só se torna humano através da narrativa [...]”. Uma história ancorada apenas em dados perde a densidade formativa que a narrativa oferece. Informação atravessa o sujeito com rapidez e tende a dissipar-se; experiência, ao contrário, solicita elaboração, sedimenta-se na memória e devolve significado ao vivido. Ao introduzir esse horizonte nas práticas educativas, abre-se espaço para uma formação que reconhece o valor do silêncio, da escuta e da escrita como instâncias onde o tempo pode, enfim, tornar-se humano.

A experiência, por ser transitória, situada e marcada pela visão singular de quem a vive, contrasta com o conhecimento científico, orientado à regularidade e à objetividade. Nas narrativas de vida, esse saber experiencial surge como contrapeso ao saber impessoal da ciência, realçando o valor das histórias individuais na composição de uma compreensão mais humana do mundo. Larrosa (2014), em *O saber da experiência*, ressalta que o verdadeiro aporte da narrativa repousa no modo como ela acolhe o vivido, conferindo-lhe densidade que nenhuma soma de dados alcança.

Essas narrativas captam e transmitem experiências, reiterando a memória como fundamento para uma percepção abrangente e empática da condição humana. Han (2023, p. 56-57) observa com acuidade:

A recordação não é uma repetição mecânica do que foi vivenciado, mas uma narração que deve ser novamente narrada várias vezes. As recordações são necessariamente falhas. Elas pressupõem proximidade e distância. Se tudo que foi vivenciado estiver presente sem distância, ou seja, estiver disponível, a recordação desaparece. Uma reprodução sem falhas da vivência não é uma narrativa, mas um relatório ou registro. Quem quiser narrar ou recordar, precisa ser capaz de esquecer ou deixar escapar muita coisa. A sociedade da transparência representa o fim da narração e da recordação. Nenhuma narração é transparente.

A lembrança opera, portanto, como reconstrução inventiva: reorganiza lacunas, aceita esquecimentos, rearranja sentidos. Em um ambiente cultural que exige transparência absoluta, a narração fica ameaçada, pois tudo já se ofereceria pronto, sem distância, convertendo a memória em mera listagem de fatos e esvaziando as sutilezas que fazem do recordar um ato criativo. Esse debate ecoa em Benjamin (1987, p. 46), ao refletir sobre a consciência que Proust inaugura:

[...] O procedimento de Proust não é a reflexão, e sim a consciência. Ele está convencido da verdade de que não temos tempo de viver os verdadeiros dramas da existência que nos é destinada. É isso que nos faz envelhecer, e nada mais. As rugas e dobras do rosto são as inscrições deixadas pelas grandes paixões, pelos vícios, pelas intuições que nos falaram, sem que nada percebêssemos, porque nós, os proprietários, não estávamos em casa.

Benjamin (1987) convida-nos a rever a diferença entre reflexão e consciência, indicando que viver plenamente exige uma consciência ativa, capaz de acolher mesmo aqueles impulsos e afetos que, à primeira vista, escapam à percepção imediata. Essas marcas, inscritas no rosto pelo tempo, testemunham emoções forjadas no entrelaçamento com as vozes e circunstâncias que nos atravessam.

As narrativas de vida, nesse cenário, preservam e sustentam a contemplação em meio à volatilidade contemporânea. Ponzio (2018, p. 11) nomeia de “excedente” o ganho que a busca proustiana de lembranças agrega ao ato de narrar, pois cada partilha inscreve o indivíduo numa rede de significados coletivos. Noutra passagem, Benjamin (1987, p. 118) recorre ao camundongo Mickey para mostrar que a fantasia, às vezes caricatural, denuncia a incapacidade técnica de converter experiência em sabedoria. A fragmentação informativa impede essa transfiguração, ao passo que os relatos de vida retomam a tradição de contar histórias, valorizando as interações intersubjetivas. Desse encontro entre voz que narra e escuta que acolhe, emerge um espaço de troca simbólica e afetiva capaz de restituir densidade às experiências humanas.

Tempo, memória e intersubjetividade entrelaçam-se num mesmo feixe. O tempo deixa de figurar como simples linha sucessiva; a memória recusa o papel de arquivo inerte; a intersubjetividade ultrapassa a troca pontual de mensagens e constitui uma trama de narrativas, percepções e afetos em perpétuo rearranjo. Nas histórias de vida, esses fios aparecem com nitidez: cada pessoa, ao narrar-se, reabre o diálogo entre passado, presente e futuro e delinea a própria identidade na interlocução consigo e com o outro.

Walter Benjamin (1987, p. 37) distingue o vivido do lembrado: o primeiro se fecha na esfera do acontecimento; o segundo, ilimitado, funciona como chave para tudo que veio antes e virá depois, pois a unidade se acha no ato puro da rememoração, e não no autor nem na ação. A memória, então, torna-se campo de múltiplos sentidos; ao recontar um fato, iluminamos o presente e esboçamos o amanhã.

A cultura contemporânea, porém, dispersa esse labor de lembrar. A informação “é quase o contrário da experiência, quase uma anti-experiência”, adverte Larrosa (2014, p. 13). Bondía (2002, p. 23) aponta o sujeito moderno, voraz por novidades, incapaz de silêncio: tudo o excita, nada lhe acontece. A pressa erode a pausa que permitiria sedimentar o vivido e convertê-lo em história.

Benjamin (1987, p. 37) evoca o “trabalho de Penélope da reminiscência”: tecer de dia, desfazer à noite. Do mesmo modo, Proust (2014) retira, no quarto escuro, os arabescos da lembrança involuntária. Ao revisitar cada fragmento, a narrativa redefine a existência.

Narrar — e escutar — ergue-se, portanto, como ato de resistência diante da enxurrada de dados. Proust expõe a força do recolhimento; Benjamin denuncia a “pobreza de experiência”; Han (2023) vê na narração a superação do “tempo vazio”. Devolver às histórias seu lugar central significa recuperar o trabalho criador da memória e recusar a superficialidade reinante.

Agostinho (2017) lembrava que o passado “já não é” e o futuro “ainda não é” até que memória ou expectativa os convoque. Nessa malha sensível, lembrar não equivale a arquivar: implica habitar um espaço sempre inacabado, onde o esquecido pode reaparecer. Cada relato de vida, ao entrecruzar o que foi com o que pode vir, manifesta a poética da experiência humana — refaz o vivido, redesenha o possível e reinscreve o sujeito no fluxo da história, tal qual Penélope que, a cada noite, recomeça a dar novas cores ao tecido.

3 MEANDROS DA NARRATIVA NA MEMÓRIA: ESPAÇOS DE ENUNCIÇÃO E PRÁTICAS DIALÓGICAS

Abaixa a cabeça e tem uma enorme vontade de mantê-la por quatro décadas no subsolo. Quando erguê-la terá a certeza: não estamos num mundo agradável. O entendimento aflora simples: as guerras deceparam cabeças de gente desesperada e imune. Os alimentos e as águas são intoxicados de venenos; o câncer se espalha pandemicamente. O tempo das crianças foi defenestrado pelas *big techs*. Brincar, por isso, é herético. Mas os donos do mundo, dentro de suas mansões, ou mergulhados em piscinas azuis nos *resorts* de sete estrelas, com *whisky* nas mãos, dão risadas que abalam paredes e tapetes. Deixa de lado o caminho do raciocínio e os donos do mundo, rapidamente levanta a cabeça, agora com altivez humilde de quem não aceita ser indiferente. E se alegra com isso como se compreendesse que o senso de justiça é a principal insígnia da arte. (Chaveiro, Eguimar F. Mensagem recebida por Weigma Michely da Silva. 28/03/2024. Mensagem via WhatsApp.)

A seleção das vozes a serem ouvidas é um aspecto central e delicado na técnica da história oral, que envolve diretamente a responsabilidade ética e política do pesquisador. Thompson (2002, p. 9-10) levanta questões fundamentais: “Como escolhemos a quem ouvir? A história sobrevive como atividade social apenas por ter hoje um sentido para as pessoas? A voz do passado tem importância para o presente? Mas de quem é a voz - ou de quem são as vozes - que se deve ouvir?”.

Nesse sentido, adotamos a história oral como técnica para captar as entrevistas do nosso sujeito interlocutor pela sua capacidade de atribuir significado ao passado por meio das relações e demandas do presente. A subjetividade das narrativas emerge nas relações que o narrador estabelece com o meio social, conferindo sentido coletivo e relacional à memória narrada. Portanto, refletir sobre os critérios e intenções que orientam a seleção das narrativas é fundamental para garantir uma análise problematizadora, crítica e aberta ao inesperado da experiência vivida.

Nessa direção, Meihy (2010, p. 191) destaca que a prática da história oral deve orientar-se por perguntas centrais como: "história oral: de quem; como e por quê?", pois é necessário se perguntar quem está falando, como essa fala é construída e com qual finalidade ela está sendo registrada e utilizada. A pergunta “de quem” se refere à voz e ao lugar social do narrador; “como” se refere aos métodos e aos filtros envolvidos na produção do relato; “por quê” aponta para os objetivos e sentidos que essa história constituirá. Perguntas que conduzem à necessidade de dar espaço para sujeitos historicamente marginalizados: indígenas, mulheres, trabalhadores, negros, pessoas com deficiência, entre outros grupos, que, na maioria das vezes, não têm suas memórias representadas nas narrativas “oficiais” da história.

Meihsy (2010, p. 191) propõe que toda investigação em história oral se organize a partir de três perguntas fundamentais: “de quem, como e por quê?”. Essas questões orientam o trabalho metodológico e nos conduzem à própria tessitura política da memória, expondo seus vínculos com disputas de sentido, reconhecimento e pertencimento. Perguntar “de quem” é indagar sobre a voz e o lugar social do narrador: quem, afinal, tem o direito de narrar sua experiência e ocupar o espaço da memória pública? O “como” interroga os modos de produção e mediação desse relato, considerando tanto os métodos de registro quanto os filtros linguísticos e culturais que atravessam o trânsito entre a fala e a escrita. O “por quê” aponta para os sentidos e finalidades atribuídos ao testemunho: por que registrar? Para quem? Com quais implicações para o presente e o futuro?

Essas indagações, entretanto, remetem a uma história muito mais longa e complexa: a antiga tensão entre oralidade e escrita. Ángel Rama (1985) demonstra que, desde os processos de colonização, a escrita se firmou como instrumento privilegiado de dominação simbólica, meio pelo qual as elites políticas e culturais consolidaram controle sobre o direito de nomear, legislar e conservar a memória coletiva. O domínio da escrita, nesse contexto, conferia autoridade discursiva e o poder de decidir o que seria registrado e legitimado como história oficial.

Questionar o “*de quem*” implica desestabilizar as estruturas de controle sobre a produção da memória, historicamente associadas aos dispositivos da escrita e às práticas de poder que ela sustenta. Trata-se de promover a entrada de sujeitos sistematicamente marginalizados (indígenas, mulheres, trabalhadores, pessoas negras, pessoas com deficiência, entre outros) nos circuitos legítimos de construção e circulação de narrativas. Esse movimento, no entanto, não se realiza sem desafios. O “*como*” convoca uma vigilância metodológica rigorosa, pois a transposição da oralidade para o texto carrega o risco de assimilação, silenciamento ou distorção, sobretudo quando submetida às normas e padrões do discurso letrado.

O “*por quê*”, por sua vez, conduz a uma reflexão sobre os sentidos políticos, pedagógicos e afetivos que mobilizam o ato de narrar. Registrar a fala é um gesto carregado de intenção, uma operação que transforma a oralidade em contra-arquivo, com potência para tensionar hierarquias, deslocar epistemologias e reconfigurar os modos de produção, partilha e reconhecimento das histórias. Portanto, oralidade e escrita não se opõem simplesmente como formas técnicas de registro. Elas se constituem como territórios de disputa simbólica, ideológica e afetiva, em que se define quem tem o direito de existir na memória social. Retomar essas perguntas (de quem, como e por que) significa abrir caminhos para uma prática narrativa mais

democrática, plural e comprometida com a dignidade dos sujeitos e com a ampliação dos espaços de escuta e reconhecimento.

A escolha das narrativas que compõem o estudo é, antes de tudo, um ato político, pois delimita tanto o escopo quanto os objetivos da pesquisa. Optar pelas técnicas da história oral representa um movimento de aproximação com realidades frequentemente invisibilizadas pelos métodos convencionais, contribuindo para humanizar a análise e ampliar horizontes interpretativos que dialogam com os desafios contemporâneos. Como enfatiza Moita Lopes (2006, p. 22), politizar a pesquisa implica, necessariamente, pensar alternativas para a vida social.

Ao dar voz a perspectivas diversas, a história oral expande o olhar sobre os dilemas atuais, potencializando o entendimento de questões que atravessam o tempo presente. Um exemplo disso aparece na epígrafe de Chaveiro (2024), que traz à tona temas como a devastação provocada pelas guerras, a contaminação ambiental e a perda da infância diante do avanço desenfreado da tecnologia. A postura do autor, ao afirmar que o senso de justiça é uma insígnia da arte, reflete o compromisso ético e político da história oral: denunciar desigualdades e tensionar valores estabelecidos. Eguimar Felício Chaveiro, como educador e escritor, materializa esse engajamento crítico em sua produção, tanto acadêmica quanto literária, legitimando sua voz no enfrentamento das complexas realidades sociais.

É nesse contexto que emergem as vozes historicamente silenciadas, subalternizadas ou marginalizadas, especialmente nos projetos de pesquisa coordenados por Eguimar Felício Chaveiro. Sua atuação recusa o apagamento simbólico e aposta na escuta como gesto político e epistêmico, reconhecendo que ouvir o outro é também afirmar sua existência. Apresentamos, a seguir, alguns dos projetos por ele desenvolvidos, todos marcados por esse compromisso com a pluralidade e com a produção de sentido a partir das margens:

a) Sementes crioulas, quintais agroecológicos e cooperação popular: projeto que articula saberes e práticas entre o Cerrado brasileiro e as savanas de Inhambane (Moçambique), priorizando a sustentabilidade, a economia criativa e a valorização dos conhecimentos tradicionais sobre manejo de sementes e quintais agroecológicos.

b) A biodiversidade dos territórios indígenas do Cerrado Goiano: investigação sobre cultura ecológica, territorialidade e formas de uso da biodiversidade entre povos indígenas, como os Karajá e Avá-Canoeiro, com análise das implicações das políticas públicas para esses grupos.

c) Morbidade espacial e saúde pública: o caso do Hospital de Urgências de Goiânia (HUGO): análise dos fluxos de pacientes vindos do interior para a capital, evidenciando

desigualdades de acesso à saúde e valorizando relatos e vivências de usuários, frequentemente ausentes nas estatísticas oficiais.

d) Desenvolvimento territorial e sociobiodiversidade: perspectivas para o mundo do Cerrado: crítica ao modelo de desenvolvimento que esvazia simbolicamente o Cerrado e devasta seus recursos naturais, valorizando modos de vida tradicionais e saberes locais como formas de resistência territorial.

e) Ponte ao mundo: trabalho e inserções espaciais das pessoas com deficiência em Goiânia: reflexão sobre a participação das pessoas com deficiência no espaço urbano a partir do trabalho, questionando a centralidade da visão biomédica e defendendo concepções ampliadas de autonomia e criação de mundos.

f) Fazenda-roça goiana: matriz espacial do território e do mundo sertanejo goiano: investigação sobre a formação territorial de Goiás a partir da estrutura da Fazenda-roça, compreendida como base identitária e cultural do sertanejo, até sua desestabilização com o avanço da modernização do campo.

Esse compromisso com a escuta plural das vozes historicamente ignoradas encontra ressonância na perspectiva dialógica bakhtiniana, segundo a qual a vida se organiza “na possível consciência alheia”: é no olhar e na escuta do outro que nossa existência adquire sentido e reconhecimento. Isso se intensifica diante de histórias silenciadas: se não há escuta, se o outro não legitima minha palavra, a narrativa corre o risco de se apagar (Bakhtin, 2011, p. 140). Assim, afirmar vozes marginalizadas é também afirmar existências, por meio de uma escuta ética que reconhece o outro como fonte de sentido.

A escuta, nesse contexto, torna-se um gesto de abertura e de responsabilidade ética e responsiva: ao escutar, acolhemos a alteridade e participamos de sua constituição simbólica. Por isso, não completamos o outro, nós o compreendemos a partir do nosso “excedente de visão”, ou seja, daquilo que ele nos enuncia e que nós, a partir do nosso campo de escuta, ajudamos a ressignificar. A incompletude da narrativa de si não é falha, mas condição do diálogo: o sujeito se constitui no entrelaçamento com o olhar e a resposta do outro.

Assim, deduzimos que os relatos de vida podem, também, ser um instrumento privilegiado para a compreensão de uma época, ao interconectar a vida pessoal e o contexto histórico. Walter Benjamin (1987) via no biógrafo alguém capaz de demonstrar como a existência de uma pessoa encapsula os sonhos e angústias de seu tempo. Ao longo dos anos, os trabalhos biográficos evoluíram de um discurso moral de aprendizagem das virtudes para uma narrativa que envolve a tensão entre a necessidade de fidelidade e a ficção envolvida a qualquer tentativa de contar uma vida.

Ao refletir sobre os gêneros discursivos biografia e autobiografia, Bakhtin (2011, p. 139) enfatiza que esses gêneros são formas privilegiadas de auto-objetivação artística, nos quais o sujeito se percebe pela mediação do olhar do outro. Tal percepção é essencialmente dialógica, porque a completude do sujeito somente se realiza no campo avaliativo externo, o olhar do outro, responsável por fornecer um "excedente de visão" que é constitutivo das identidades. Nesse sentido, o processo de identificação jamais permite uma coincidência total entre o narrado a partir do meu próprio campo de visão e aquilo que o outro narra, destacando, portanto, a incompletude e a inacessibilidade tanto do biógrafo quanto do biografado.

Para François Dosse (2009, p. 247), as narrativas biográficas são sempre marcadas por escolhas, silenciamentos e condicionamentos da memória e contexto presente. Para ele, o valor dessas narrativas reside precisamente na interação dinâmica entre sujeito e mundo, em que a diferença se configura como princípio essencial da identificação.

Dosse (2009, p. 12) define a biografia como uma “ficção verdadeira”, situada no limiar entre a fidelidade aos acontecimentos históricos e a liberdade interpretativa. Em sintonia com essa reflexão Bakhtin (2011, p. 138) afirma que “não existe um limite acentuado e de princípio entre autobiografia e biografia”. Para os dois autores, a narrativa emerge do entrelaçamento dialógico entre vozes avaliativas diversas, pois não se organiza em torno de um “eu-para-si” isolado. Em ambas as concepções, a potência do gênero reside justamente na tensão entre fato e interpretação, que prioriza a constituição da identidade pela mediação do olhar alheio, em lugar da busca por uma verdade absoluta.

Sob essa mesma perspectiva, Bakhtin (2003, p. 410) afirma: “Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico [...]”. Para o autor, os sentidos do passado, mesmo que aparentemente esquecidos, podem ser reatualizados e revividos em novos contextos, indicando que todo enunciado está sempre em movimento. O diálogo é, assim, um processo aberto, que se renova e se reconstrói continuamente. Essa concepção de linguagem e sentido articula-se diretamente com a incompletude constitutiva do sujeito: nenhuma narrativa - seja biográfica ou autobiográfica - pode reivindicar a totalidade do ser narrado.

Sobral (2005, p. 58) complementa essa leitura ao afirmar que compreender um discurso exige uma postura responsiva e eticamente situada. Para o autor, todo ato discursivo carrega a marca de quem o realiza, o que implica uma condição de "ausência de alibi" - ou seja, a impossibilidade de se eximir da responsabilidade pelo próprio ato. Esse princípio ético, que atravessa o conceito de dialogismo, indica que os sujeitos estão sempre implicados em redes de interlocução, sendo suas ações marcadas por valorações contextuais. O valor de um ato, nesse

sentido, não é absoluto, mas relacional: resulta da interação entre o agente e o conjunto de suas relações sociais (Sobral, 2005, p. 59).

Nesse horizonte, dar voz a educadores intelectuais comprometidos com questões sociais é um gesto ético, mas também uma estratégia epistemológica que recoloca em cena a articulação entre pensamento e prática. Como observa Dosse (2009, p. 363), mesmo que a vida de muitos intelectuais “suscite menos interesse”, ela é atravessada por experiências traumáticas e por lutas que refletem a realidade social que esses sujeitos buscam transformar.

A escolha por Eguimar Felício Chaveiro como sujeito interlocutor nesta tese está ancorada em sua trajetória como educador Doutor em Geografia Humana, assim como pela sua atuação ética, estética e política, que articula literatura, geografia e formação docente. Embora suas contribuições na área da Geografia estejam associadas à análise do cerrado e aos debates ecocríticos, o aspecto central para esta investigação é sua apropriação da literatura como instrumento para compreender a existência dos sujeitos nos espaços no campo em que atua. Tal abordagem se expressa no grupo de pesquisa que coordena: "Dona Alzira: espaços, sujeitos e existências", em que a interface entre subjetividade e territorialidade é mobilizada para pensar práticas sociais, políticas públicas e narrativas de pertencimento.

O que nos interessa, sobretudo, é sua constituição como docente, intelectual e escritor, marcada pelo rigor acadêmico, pela disciplina ética com que conduz sua agenda de pesquisa e pelo engajamento em múltiplas esferas¹¹. Eguimar é um ouvinte atento, alguém que mobiliza a escrita sensível como instrumento para o apaziguamento da alma, para o debate político e científico, além de contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas e a defesa dos direitos humanos. Seu uso da alteridade se destaca ao incentivar o outro a cultivar essa mesma habilidade. Suas reflexões, que excedem fronteiras disciplinares, voltadas a questões importantes, como a soberania alimentar dos povos Karajá, saúde do trabalhador e pessoas portadoras de deficiências, exercem influência na maneira como interpretamos o mundo e as relações dos sujeitos sociais com seus contextos espaciais e culturais.

Desenvolver pesquisas que desafiam as estruturas sociais é imperativo, por isso, estamos com Thompson (2002, p. 20-21) quando ele afirma que "precisamos desenvolver pesquisas que estimulem qualquer tipo de contestação ao sistema social [...]. Quando não existe alguma história disponível, ela é criada". Defendemos a inclusão que valoriza identidades diversas,

¹¹ AGB (Associação dos Geógrafos do Brasil); IHGG (Instituto de História e Geografia do Goiás); Projeto Sementes de Proteção; Projetos de Capacitação de Vigilância em Saúde do Trabalhador (VISAT MULTIPLICADORES); Grupo Dona Alzira: espaços, sujeitos e existência; SIGEOLITERART (Simpósio Internacional de Geografia, Literatura, Arte e Turismo).

fortalece o senso de coesão social e inspira práticas mais equitativas como as práticas defendidas por Eguimar tanto no escopo das pesquisas, quanto nos textos literários e discursos legitimados nos grupos em que transita. Escutar a voz de grupos historicamente subalternizados amplia nossa compreensão da sociedade ao incluir perspectivas antes de qualquer tentativa de restauração, resultando em um panorama mais completo e realista da história.

Nesta pesquisa, apresentamos Eguimar Felício Chaveiro em uma trajetória de vida lida pelas suas narrativas, que exemplificam o princípio agregador: oriundo de uma família de agricultores e feirantes, migrou para centros urbanos maiores e tornou-se um pesquisador dedicado a estudos concernentes a questões existenciais, ambientais, com ênfase em grupos fragilizados/minoritarizados¹².

A trajetória de Chaveiro, especialmente sua atuação na Universidade Federal de Goiás (UFG), ilustra como a educação e a pesquisa podem questionar o *status quo* e catalisar mudanças sociais significativas. Como observa Thompson (2002, p. 10), “o mérito da história oral não é o trazer em si, necessariamente, esta ou aquela postura política, mas sim o de levar os [pesquisadores] a tomarem consciência de que sua atividade exerce, inevitavelmente, dentro de um contexto social e que têm implicações”. A escolha de Chaveiro como interlocutor desta pesquisa tem implicações políticas relevantes, pois seu trabalho está ligado a um projeto de formação crítica e emancipadora, que busca questionar as macroestruturas de poder e apresentar alternativas.

Em relação à geração dos dados, as entrevistas com Eguimar Chaveiro foram conduzidas com o intuito de captar suas narrativas de vida, submetendo esses diálogos a uma análise fundamentada no dialogismo do Círculo de Bakhtin e no conceito de "momento formador", conforme proposto por Josso (2004, p. 113-196) e Cartografias existenciais por Chaveiro e Vasconcelos (2018, p. 25-42). Esses conceitos, centrais para os fundamentos adotados, possibilitam a identificação de episódios e experiências que tiveram influência nas escolhas e no processo formativo do entrevistado, marcando momentos de inflexão e transformação em nossas trajetórias. A partir dessa análise, buscamos compreender as sutilezas e as dimensões da memória narrada ao escolher no percurso dos recortes os momentos que compreendemos constituir Chaveiro (2023;2024; 2025) como educador e intelectual.

¹² Escuta das narrativas; publicação de livro pra dar visibilidade e oficinas de artes com os moradores da comunidade Santa Marta com Hanseníase, atualmente Hospital de Dermatologia Santa Marta; Cartografia existencial de pessoas com Deficiência, sensibilizando e mobilizando diálogos em outros percursos sobre a importância e urgência de um tratamento humanizado e inclusivo; As cartas das mães da Maré com filhos PcD (Pessoas com deficiência); machambas em Moçambique; trocas culturais com evento CUBRA (Cuba e Brasil); Soberania alimentar dos povos Karajá, para citar outros.

Ao tomar o "momento formador" como eixo central da interpretação, compreendemos as narrativas como eventos *co*-construído na interação constante entre o eu e o outro. As memórias narradas, essenciais à constituição de Chaveiro, encontram-se em permanente negociação com outras vozes e com o contexto. Nesse enfoque, a identidade do sujeito mostra-se sempre inacabada, constituída na relação com o outro e aberta a reinterpretções: cada lembrança compartilhada emerge como um ato dialógico em que a subjetividade se forma na alteridade.

Essa perspectiva enfatiza também o “excedente de visão” que o olhar do outro traz sobre a vida narrada. Existe sempre um excedente perceptivo fornecido pela presença do outro, um ângulo adicional que escapa à auto-percepção do narrador. Desse modo, o narrado nunca coincide plenamente com o vivido, nem com aquilo que enxergo acerca do sujeito que narra. As memórias não reproduzem fielmente a experiência original porque são filtradas pela posição singular de quem as conta, ao mesmo tempo em que são continuamente enriquecidas (e alteradas) pela interpretação alheia.

Tanto o biografado quanto eu estamos submetidos a essa incompletude do olhar: nenhum detém uma visão totalizante da trajetória. O sujeito que viveu os acontecimentos os rememora de um ponto de vista único, ao passo que apporto outra perspectiva, igualmente limitada, porém complementar. Importa ressaltar que a diferença entre essas visões não configura uma desigualdade hierárquica de saber ou de autoridade sobre a história, pelo contrário, constitui a própria base da construção identitária. É no entrelaçamento dessas múltiplas vozes e olhares que os padrões formativos ganham significado.

Assim, os momentos de transformação emergem como marcos *dialógicos*: suas implicações estendem-se além da vivência pessoal imediata, justamente porque refletem as interações contínuas entre o sujeito e seu contexto histórico, social e cultural. Cada “momento formador” torna-se parte de um processo inacabado, em permanente (re)configuração das identidades e de orientações da trajetória de vida e carreira do sujeito.

3.1 Dos subsídios da história oral

As entrevistas realizadas com Eguimar Felício Chaveiro são amparadas teoricamente e metodologicamente pelas técnicas da história oral, cuja principal característica reside na capacidade de captar narrativas pessoais e subjetivas, proporcionando uma compreensão mais ampla dos sujeitos e de seus contextos sociais e históricos. É por meio desse método que se

possibilita a emergência de vozes frequentemente silenciadas ou ignoradas pelos registros oficiais, tornando compreensível a diversidade das experiências humanas que escapam à rigidez dos documentos escritos.

Ainda que esta investigação tenha a escrita como objeto central, ela ganha densidade quando incorpora um trabalho de campo sustentado em fontes orais. Existem dimensões do vivido (timbre, hesitação, riso, silêncio) que não se deixam capturar por documentos escritos ou imagens; somente a palavra falada as traz à superfície. Como observa Thompson (2002, p. 29), a força da história oral reside em sua “natureza essencialmente criativa e cooperativa”, pois nela o narrador se torna coautor do conhecimento ao rememorar a própria trajetória.

Foi sob essa premissa que me afastei da formalidade acadêmica e realizei uma imersão no universo de Eguimar Felício Chaveiro, ouvindo-o, e ouvindo quem com ele partilha caminhos, para que cada recorte de memória emergisse conforme o narrador o concebe. Esse diálogo exige sensibilidade ética: editar, transcrever e organizar o material implica decidir o que mantém o sentido atribuído por quem fala e o que poderia deformá-lo.

Surge, então, uma tensão constitutiva: de um lado, a conversa viva, carregada de afetos e subjetividade; de outro, a etapa morosa de transcrever áudios, decifrar pausas, escolher trechos e, por fim, compor a cartografia existencial do docente. Essa travessia, do encontro oral ao texto, corresponde ao argumento maior da história oral: tomar a vida narrada na voz dos próprios sujeitos, descortinando aspectos que nenhuma outra fonte alcançaria e, assim, ampliando a compreensão da escrita enquanto experiência encarnada em biografias, afetos e contextos sociais.

A cada nova audição, os sentidos se rearranjam e as escolhas analíticas pedem atenção renovada. O processo é técnico, mas sobretudo ético e interpretativo. A transcrição se alonga no tempo: revisitar uma fala densa, atravessada por memórias, requer paciência e disponibilidade emocional. Selecionar trechos, por sua vez, demanda responsabilidade, pois é nessa escolha que se define o que ganhará luz e o que permanecerá nas entrelinhas.

Trabalhar com história oral implica sustentar um delicado equilíbrio entre o envolvimento afetivo do campo, onde a vida se manifesta em sua concretude, e o distanciamento crítico necessário para conferir inteligibilidade às narrativas. Cada decisão caminha nessa corda bamba entre escuta sensível e escrita refletida, carregando tanto a potência de representar quanto o risco de suprimir. Esse risco, porém, não surge como falha ou descuido do pesquisador, faz parte da própria natureza da memória, sempre parcial, seletiva e situada. Assim, a escrita que dela advém carrega inevitavelmente a mesma marca de inacabamento.

Ao invés de opor relatos orais e documentos escritos, convém reconhecê-los como suportes complementares, cada qual dotado de qualidades específicas para iluminar o tempo presente. A história oral parte do princípio, já consensual entre seus teóricos, de que o testemunho falado possui a mesma legitimidade epistemológica de um texto escrito: ambos se inscrevem em práticas discursivas e, portanto, carecem de crítica de fonte, cotejo e interpretação. O ponto não é atribuir maior “riqueza” a um suporte ou exigir do outro um distanciamento supostamente superior, mas perceber que certos indícios da experiência humana (entonação, hesitação, humor, silêncio, gesto) só emergem na conversa, enquanto a escrita oferece persistência material e possibilidade de sucessivas leituras analíticas.

Neste estudo, combino esses regimes de expressão. De um lado, recolho os testemunhos de Eguimar Felício Chaveiro e de pessoas que partilham sua trajetória; de outro, trabalho com seus artigos, crônicas, projetos e bilhetes, além dos textos produzidos no Grupo Dona Alzira. A articulação dessas fontes, prática que Meihy (2007) denomina “história oral híbrida”, amplia a cartografia existencial do narrador: cruza vozes, gestos de escrita e documentos públicos ou íntimos, permitindo tensionar a memória viva com a materialidade do arquivo.

A confiança mútua estabelecida no campo garante que as palavras gravadas não sejam meros dados, mas cooperação reflexiva. Cada recorte analítico é negociado de modo ético, sem reduzir a complexidade da fala à forma letrada nem descuidar do rigor interpretativo que todo texto demanda. Assim, a subjetividade deixa de ser resíduo ou ruído e se torna fonte legítima: esclarece como identidades se constroem em diálogo com histórias coletivas, como o cotidiano se inscreve em processos sociais mais amplos.

Dessa perspectiva, a pesquisa não procura uma hierarquia entre falar e escrever; busca, antes, complementaridade metodológica para captar dimensões da experiência que escapariam ao olhar restrito a um único suporte. A história converte-se, então, em prática interpretativa situada, atenta às vozes e às páginas que, juntas, compõem sentidos para o presente.

3.2 A constituição do corpus

Desde o início, esta pesquisa se apresenta como um gênero híbrido, articulando relatos de vida que transitam entre o biográfico e o autobiográfico. É oportuno lembrar, como adverte Dosse (2009, p. 14), que “o biógrafo sabe que jamais concluirá sua obra; por mais fontes que exume, novas pistas se abrem e podem enredá-lo a cada passo”. Ao longo de dezessete meses de imersão, reuni um acervo de aproximadamente 1.200 arquivos (entre artigos, crônicas,

cartas, bilhetes, projetos e entrevistas) que abrangem diferentes facetas do percurso docente, crítico e subversivo (?) de Eguimar Felício Chaveiro.

Ainda que grande parte desse material não componha o recorte final, o acesso a essa diversidade de fontes foi crucial para apreender as nuances de uma trajetória intrinsecamente complexa. Cada documento, a seu modo, acrescentou um novo ângulo à compreensão dos múltiplos aspectos que estruturam esta pesquisa. Atenta às exigências da legitimação acadêmica, procurei seguir o conselho de Dosse (2009, p. 25): “a erudição, a qualidade e a quantidade dos subsídios contam mais que o estilo” - ainda que a preocupação com a forma da escrita tenha permanecido presente ao longo de todo o processo.

3.2.1 ‘Caminhografias’ com Eguimar

Meus primeiros contatos com Eguimar ocorreram virtualmente, por meio de conversas no *WhatsApp* durante o mês de novembro de 2023, intermediadas pelo professor Márcio Araújo de Melo, meu orientador nesta tese. Nesse período, estabelecemos - eu e Eguimar - uma conexão baseada em nossas leituras e áreas de atuação, o que facilitou a aproximação e o entendimento mútuo sobre o que se pretendia com o trabalho sobre seus momentos formadores, de lá para cá muito mudou.

Nesta tese, a triangulação de fontes incorpora uma vasta rede de registros e memórias - cartas, crônicas, bilhetes, documentos acadêmicos e depoimentos - reunidos ao longo de encontros em contextos que se expandiram por Goiânia-GO, Cidade de Goiás-GO, Aruanã-GO, Rio de Janeiro-RJ, Porto Nacional-TO e contatos virtuais. Cada encontro abre uma nova janela para a experiência de Chaveiro que encapsulam o modo como ele se entrelaça com espaços, comunidades e práticas que delineiam, ao menos em parte, o perfil de sua formação. Assim, ainda que a totalidade escape, essa multiplicidade de vozes e olhares, vindos das aldeias, das comunidades, dos espaços acadêmicos e dos encontros de formação, configura uma tapeçaria complexa, em que os fios da trajetória são tecidos com nuances que permitem captar fragmentos e gestos que apresentam o percurso, sem necessariamente englobar todas as leituras, numa perspectiva da complexidade, dado o aspecto da fugacidade da existência. Conforme Thompson sugere (2002, p. 255-256):

Muito embora parte desse material - como os próprios textos do sujeito - seja acessível antes do início da entrevista, pode-se conseguir mais resultados com as primeiras entrevistas, que leem à correspondência, à descoberta de novos documentos e,

finalmente, a mais entrevistas em outro nível de indagações. Claro que nem todo informante proeminente se dispõe a submeter-se a um processo de pesquisa passo a passo.

Ao entrevistar Eguimar, percebi que, embora tivesse uma quantidade significativa de dados antes desse primeiro momento, ainda sem um repertório constituído que pudesse captar os sentidos mais complexos das narrativas emergentes, só depois da primeira imersão reelaborei o traçado preliminar da pesquisa. O acesso a documentos públicos serviu como uma base importante, mas são nas conversas sucessivas que o foco se refina e o entendimento ganha força.

Mesmo após a leitura das crônicas de Eguimar na Coluna Opinião, do blog *Multiplicadores de Visat*¹³ e a revisão de livros com suas contribuições acadêmicas, as entrevistas iniciais revelaram camadas ainda inéditas, abriram caminhos para correspondências e manuscritos que surgem à medida que o entrevistado revisita suas memórias. As cinco imersões realizadas, somadas a trocas constantes por *e-mail* e *WhatsApp*, expandiram o escopo da análise ao articular o acesso aos dados gerados e adensar a visão sobre as transformações pessoais e profissionais em Chaveiro.

Não basta acumular informações, é preciso interpretar as camadas subjacentes das fontes, abstrair os sentidos e compor uma abordagem que faz jus ao propósito da tese: analisar narrativas relativas à trajetória de vida, formação e atuação profissional de Eguimar Felício Chaveiro. Para esse propósito, conforme apresentamos na introdução, estabelecemos quatro objetivos específicos: (a) compreender nas narrativas a história de vida de Chaveiro como referência para compreensão de suas experiências formativas; (b) analisar como Chaveiro utiliza a literatura para desenvolver pesquisa e ensino na área da geografia humana; (c) investigar no discurso os movimentos do sujeito em sua trajetória docente, intelectual e política; e (d) identificar regularidades temáticas e de estilo nas produções literárias de Chaveiro.

As entrevistas livres despontam como uma ferramenta para compreender a complexidade do campo e conduzir a um leque de possíveis leituras dos detalhes que, muitas vezes, os registros formais não alcançam. Uma abordagem que Thompson (2002, p. 254-255) sugere como “A melhor maneira de dar início ao trabalho pode ser mediante entrevistas exploratórias, mapeando o campo e colhendo ideias e informações. [...] nossa própria ignorância pode tornar-se útil”. Os momentos em que minha réplica se fazia silenciosa ou de forma desajustada em interação com Eguimar no percurso das entrevistas, ele fazia um movimento de adensar o que já estava posto, ao final o resultado foi satisfatório. “Em muitas

¹³ <https://www.multiplicadoresdevisat.com/>

ocasiões, os trabalhadores mais velhos recebiam minhas perguntas ingênuas com divertida tolerância e me diziam ‘Não, não, garoto, não foi desse jeito’, ao que se seguia uma descrição clara e detalhada do que verdadeiramente acontecera”.

A inexperiência do pesquisador, por vezes, pode evocar respostas mais diretas, a perguntas menos elaboradas na presença de interlocutores mais experientes, trocas que se transformam em momentos de aprendizado. De fato, a inexperiência pode catalisar respostas mais lógicas conforme o exemplo de Thompson (2002), que conta sobre o divertimento e paciência com que os trabalhadores mais velhos respondiam suas perguntas ingênuas. Ao entrevistar Eguimar, vi-me, em alguns momentos, desorientada diante de suas interlocuções eruditas, estávamos ali, frente a frente, olho no olho, em um ambiente isolado, e tudo o que me restava era anotar e tentar decifrar, mesmo que posteriormente, os sentidos entranhados dos enunciados ali elaborados.

A escrita desta pesquisa apresenta sobretudo os caminhos tateados, a escuta atenta e a abertura genuína ao que não estava dado de antemão. A humildade, longe de significar fragilidade, tornou-se uma chave metodológica fundamental: ao suspender pressupostos e expectativas rígidas, permiti que o próprio processo, com suas perguntas, silêncios e desvios, orientasse o percurso investigativo. Nesse movimento, a condução da entrevista se equilibrou entre responsabilidade e entrega, permitindo que o narrador, com sua experiência e singularidade, traçasse os caminhos e ritmos que dariam forma ao desenrolar do encontro.

Eguimar, interlocutor central desta narrativa, demonstrou uma escuta sensível, aliada a uma consciência aguda de sua própria trajetória, resultado de décadas dedicadas à prática psicanalítica e ao exercício do pensamento crítico. Sua postura, ao mesmo tempo acolhedora e densa, instigava-me a revisitar perguntas, ajustar o foco e reconhecer que, em muitos momentos, era a presença dele que guiava a densidade da escuta e o aprofundamento da análise. A entrevista, nesse contexto, tornou-se construção partilhada, espaço em que o pesquisador deixa de lado o controle absoluto e se deixa afetar pela alteridade do outro.

Na história oral, a produção do conhecimento se dá justamente nesse território de encontros e negociações: a voz do narrador ganha centralidade, e cabe ao pesquisador transformar a escuta em narrativa sensível, reconhecendo as camadas subjetivas das experiências evocadas. Essa tarefa demanda um olhar humanizado e ético, especialmente diante de memórias intensas. Em situações assim, pausar a gravação, desviar a conversa para temas cotidianos, como o café partilhado durante as entrevistas com Chaveiro (2023; 2024), constrói uma atmosfera de confiança e acolhimento, em que o passado pode emergir com menor peso, e a partilha se torna um gesto de cuidado mútuo.

Thompson (2002, p. 272) ressalta a importância desse ambiente afetivo, afirmando que uma entrevista encerrada em tom de relaxamento tende a ser lembrada com prazer e a abrir portas para futuros encontros. A ética, nesse processo, é o fio condutor: busquei sempre equilibrar o desejo de escrever uma narrativa rica e densa com o respeito irrestrito aos limites do narrador, garantindo que apenas o que ele consentiu em compartilhar se tornasse público. Ao fim do trabalho, anexe as autorizações necessárias para a publicação dos dados gerados, reafirmando o compromisso com a integridade da pesquisa e com a preservação do âmbito íntimo das memórias partilhadas.

Em uma das nossas primeiras trocas via *WhatsApp*, Chaveiro (2023; 2024) me convidou para uma participação virtual no Grupo de Estudos das Transformações Econômicas e Territoriais (GTED), organizado pelo Instituto de Educação da Unicamp, no dia 04 de dezembro de 2023. Nesse encontro, ele ministrou uma palestra sobre “Dimensões Políticas da Narrativa Contemporânea”. Foi nossa primeira conversa face a face, e pude observar de perto como Eguimar conduz momentos de exposição e troca de conhecimento.

Desde o início, ele carrega consigo um livro que o inquieta e que ele afirma ser a leitura do ano para ele, *A Superindústria do Imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível*, de Eugênio Bucci, obra citada em artigos¹⁴, crônicas¹⁵ e ocupa lugar agendado para leitura do Grupo Dona Alzira. Bucci (2021) discute sobre as consequências das grandes empresas de tecnologia (as chamadas "big techs") no capitalismo contemporâneo, especialmente na forma como essas corporações comandam a economia e a cultura por meio do "extrativismo" digital; o modelo de negócios dessas empresas se baseia na captura, análise e comercialização de dados pessoais e atenção, tornando esses elementos o “novo petróleo” da era digital.

No dia 05 de dezembro de 2023, viajei do estado do Tocantins, onde resido, para Goiânia no estado de Goiás, fossem anos atrás teria apenas atravessado o mesmo estado de ponta a ponta. No primeiro dia de imersão, coincidentemente, Eguimar tinha uma entrevista agendada com um pesquisador da Universidade de Brasília (UnB). A entrevista foi conduzida por Pedro (sobrenome) - orientando do Doutor Everaldo Costa (UNB) -, que trabalha na área de geografia urbana e que gentilmente me permitiu acompanhar. Pedro utilizou um questionário semiestruturado para gerar dados de vários professores de geografia nas diversas regiões do

¹⁴ *A leitura e a devassa do tempo: situações, desafios e perspectivas*, em parceria com Rodrigo Emídio e Ricardo Assis, na Revista Okara: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/okara>

¹⁵ *A boca Armada, Varandródomo e A morte do rascunho*. É importante ressaltar que todas as crônicas do Eguimar se encontram publicadas no Blog Multiplicadores de Visat: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/coluna-opinioao>.

Brasil, com foco nas transformações políticas e acadêmicas da década de 1980. Durante a entrevista, tomei notas no meu caderno de campo e observei como Chaveiro articula suas ideias.

Enquanto a abordagem de Pedro era pontual, externa para uma coleta de dados comparativa e específica, minha primeira experiência se propunha a um acompanhamento contínuo, estendendo-se por quinze dias em que eu teria a oportunidade de observar as atividades e interações de Chaveiro. Cada método incorpora contribuições específicas: o formato de entrevista pontual permite uma leitura focada e direcionada sobre temas específicos, enquanto a convivência diária permite captar aspectos dinâmicos, subjetivos e contextuais da trajetória docente do sujeito. Juntos, esses olhares subsidiam interpretações complementares para um entendimento amplo da prática, do pensamento e da constituição identitária de Chaveiro.

A partir desse dia, mergulhei na rotina de Eguimar Chaveiro, integrando-me a um circuito de agenda política, intelectual e social que sinaliza um engajamento com a ciência, políticas públicas e a defesa dos direitos humanos. Sua atuação, aliada ao espaço acadêmico que ocupa, se desdobra na participação em grupos e movimentos que ressignificam estratégias e ampliam as fronteiras de pautas urgentes. No mesmo dia à noite, acompanhamos uma reunião do Projeto Sementes de Proteção de Defensores e Defensores de Direitos Humanos em Goiás.

Figura 02: Bandeiras convocadas no chão da reunião: Movimento Nacional de Direitos Humanos e LGBTQUIA+



Fonte: acervo próprio (2023)

O Projeto Sementes de Proteção é um espaço para apoiar defensores e defensoras dos direitos humanos, especialmente aqueles vinculados aos movimentos sociais e organizações civis. Em Goiás, como em outros estados, o projeto se dedica a criar redes de autoproteção e colaboração, contribuem para que esses defensores troquem experiências e discutam práticas de proteção eficazes às suas realidades. Com uma programação que inclui oficinas, reuniões e diálogos com programas públicos de proteção, o projeto propõe fortalecer ações de defesa que integrem a esfera individual e coletiva que monitoram estratégias de segurança que vão além da dependência exclusiva do Estado. De acordo com o Conselho Nacional de Direitos Humanos (Brasil, 2023, p. 31):

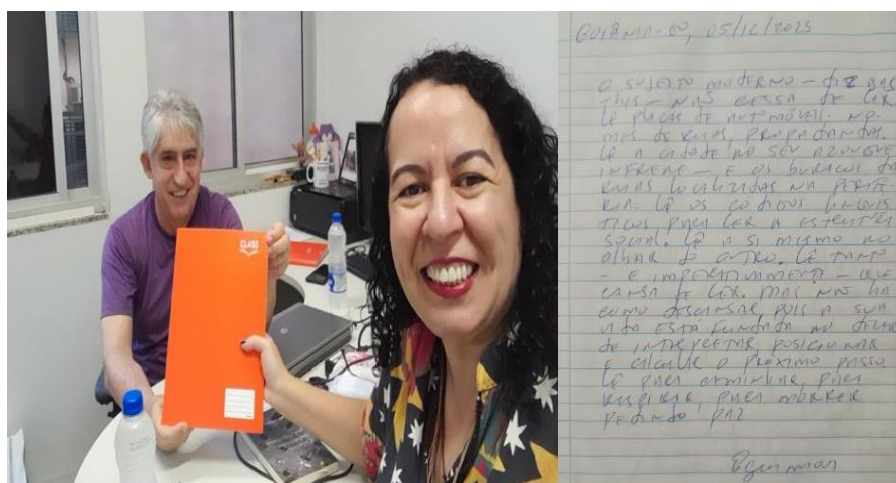
Outra importante frente de atuação relacionada pelos/as defensores/as foi a construção de mecanismos de proteção popular e autoproteção, pela qual as organizações buscam formular orientações e recomendações de segurança aos/às seus/suas ativistas, parceiros/as e à população, especialmente com relação às campanhas políticas e atuação nos territórios com grande presença de bolsonaristas. O resultado das urnas em 2022 sinalizando um grande avanço em relação à democracia e ao respeito aos direitos humanos, às defensoras e aos defensores, mas ainda existe um longo caminho a ser trilhado, pois o contexto é de fragilização profunda da democracia brasileira.

Além de promover formação e oferecer apoio direto, o projeto *Sementes de Proteção* destaca a importância do autocuidado e da solidariedade entre os defensores e defensoras dos direitos humanos. Reconhecemos que a segurança deles vai além de medidas individuais e se fortalece por meio da ação coletiva e do desenvolvimento de redes comunitárias de proteção. A compreensão de que, diante de um cenário marcado pela fragilização democrática e pela violência política, como destacado no contexto das campanhas eleitorais e da polarização nos territórios, é fundamental criar estratégias que vão além da dependência exclusiva do Estado. A iniciativa, portanto, mantém-se dinâmica e adaptável, respondendo às demandas de um contexto social e político cada vez mais complexo, pois a luta pelos direitos humanos exige práticas inovadoras e colaborativas para enfrentar os desafios emergentes.

No dia 6 de dezembro de 2023, iniciei a primeira série de entrevistas com Eguimar Chaveiro. Durante o dia, realizamos várias sessões, alternando entre sua sala no campus Samambaia da UFG e na sede da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB). Embora a entrevista tivesse um caráter aberto, preparei um roteiro como ponto de referência, trazendo temas que serviriam como estímulo para a conversa. A abordagem buscou ser espontânea, proporcionando a ele a liberdade de resgatar as memórias e experiências da formação inicial.

Ainda nesse dia, Eguimar me presenteou um caderno vermelho, símbolo do diário de campo utilizado pelos participantes do grupo que orienta, o "Dona Alzira - Espaço, Sujeitos e Existência".

Figura 03 e 04: Weigma adentrando no círculo do Caderninho Vermelho do Chaveiro/dedicatória



Fonte: Acervo próprio (2023)

O caderninho vermelho, parafraseando Eguimar, em uma de suas crônicas *O caderninho vermelho*¹⁶ é um local para registro constante do(a) pesquisador(a), para anotar as observações e reflexões sobre o mundo. O caderno serve para reforçar a importância de observar a realidade com um olhar atento e crítico, sem ignorar os detalhes que muitas vezes passam despercebidos. O caderninho tornou-se a ferramenta do grupo, um objeto que nos inquieta a se conectar com o mundo de forma sensível e a refletir sobre questões humanas com um senso de responsabilidade e empatia. Além de servir como um exercício de autoconhecimento, de conscientização sobre o papel a desempenhar no mundo e a manter viva a atenção para a beleza e as contradições da vida.

Nessa primeira imersão, encontrei-me com Eguimar Chaveiro em várias ocasiões no Instituto de Estudos Socioambientais (IESA/UFG). Sempre que possível, começávamos o dia com um café na conveniência ao final do corredor em que se encontra sua sala, encontros importantes para este trabalho, pois nos permitimos conversas sobre amenidades que nos tornam mais humanos e, assim, mais fácil tratar sobre a existência e as memórias do meu/nosso interlocutor. Após o almoço no restaurante universitário do campus Samambaia - nos primeiros

¹⁶ [Coluna Opinião | multiplicadoresvisat](#)

dias na companhia da professora Doutora Ana Cristina, que muito me instigou - seguíamos para caminhadas no “trajeto do Eguimar”, um percurso que passa pelo Instituto de Artes e Letras (IAL/UFG) e inclui paradas para observar os macacos, moradores antigos do campus. Durante o caminho, Chaveiro interagia com os transeuntes (alunos, professores e funcionários), atento às histórias de cada um.

No dia 6 de dezembro, após concluir as atividades de sondagem perceptual e coleta de entrevistas, fui informada de que no dia seguinte partiríamos para uma missão de campo em Aruanã-GO, com o objetivo de acompanhar a pesquisa do doutorando Benjamim Pereira Vilela¹⁷, intitulada *Mudanças nas práticas alimentares dos povos Karajá de Aruanã-GO: uma abordagem territorial*, que integra um projeto maior coordenado por Chaveiro, *A produção de alimentos saudáveis no Cerrado goiano: propostas para a soberania alimentar dos povos Karajá-Aruanã-GO*, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Em 7 de dezembro de 2023, seguimos viagem para Aruanã-GO, com uma parada na cidade de Goiás, lugar em que conheci alguns membros do grupo Dona Alzira, entre eles, os doutores Ricardo Assis Gonçalves¹⁸ e João Henrique Santana Stacciarini¹⁹. É importante ressaltar que o doutor Ricardo é um dos desenvolvedores mais influentes de conteúdo sobre a literogeografia do grupo, tendo inclusive um livro publicado *Crônicas literogeográficas*²⁰. No mesmo dia, almoçamos no mercado municipal, e o grupo foi acolhedor e cordial.

Após o almoço, eu e Vitor, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) de Eguimar, aproveitamos para conhecer a feira local, um espaço já familiar para os demais membros do grupo. Nesse passeio, deparei-me com um bilboquê, brinquedo que Eguimar coleciona e pelo qual nutre um carinho especial. Ciente da sua ligação especial com o brinquedo, decidi presenteá-lo com ‘aquele’ bilboquê. Durante nossa última conversa na cidade de Goiás, Chaveiro, com o bilboquê em mãos, envolveu-se na brincadeira, antes de nos despedirmos do grupo e seguirmos viagem rumo a Aruanã.

Eu já havia lido sobre essa ligação pelo bilboquê em uma de suas crônicas, intitulada *O bilboquê*²¹, na qual ele expõe de forma lúdica a variação do vocábulo e dialoga sobre a importância das memórias da infância. Na figura 05, a foto que acompanha a crônica com a

¹⁷ <http://lattes.cnpq.br/0327090183681398>

¹⁸ <http://lattes.cnpq.br/9537143258969339>

¹⁹ <http://lattes.cnpq.br/2344701779114053>

²⁰ https://cdn.ueg.edu.br/source/editora_da_ueg_72/conteudo_extensao/12942/2024_CRONICAS_LITERO GEO_GRAFICAS_ebook.pdf

²¹ <https://www.multiplicadoresdevisat.com/coluna-opinioao>

legenda transcrita a seguir: "Nota dos Editores: Eguimar Chaveiro no Mercado de Nampula em ação de transferência tecnológica para implantação do bilboquê como técnica de transplante de afeto ao povo moçambicano." Uma observação que revela a sensibilidade de Eguimar em conectar o lúdico e o afetivo às experiências culturais ao utilizar objetos como o bilboquê para construir significados que perpassam fronteiras geográficas e existenciais.

Figura 05: Eguimar e o bilboquê



Nota dos Editores: Eguimar Chaveiro no Mercado de Nampula em ação de transferência tecnológica para a implantação do bilboquê como técnica de transplante de afeto ao povo moçambicano.

Fonte: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/coluna-opiniao> Acesso em 03 jul. 2020

Ao passar pela cidade de Goiás, a casa de Cora Coralina e o Museu de Leodegária me despertaram reflexões sobre os marcos culturais, entrelaçando memória e história, espaços carregados de significados que evocam uma relação entre literatura, geografia e subjetividades em movimento. Ao acompanhar os geógrafos nessa viagem, surge a oportunidade de reelaborar as interseções entre história, política e literatura, e como nossa percepção e interpretação dos lugares que habitamos e atravessamos são influenciadas. O olhar crítico adensa a compreensão dos signos que estruturam os territórios e suas narrativas.

Leodegária de Jesus, nascida em Pirenópolis-GO, destacou-se como educadora e escritora pioneira no cenário brasileiro. Sua atuação, centrada na valorização da educação feminina, rompeu com as barreiras impostas às mulheres em uma sociedade marcada por rígidas convenções de gênero. Ao dedicar-se tanto ao ensino quanto à produção literária, construiu uma trajetória que inscreve seu nome entre as figuras intelectuais de vanguarda do país. Suas

contribuições permanecem relevantes para os campos da educação, da cultura e, em especial, da formação de mulheres no Brasil contemporâneo.

Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, é uma das vozes mais potentes da poesia brasileira. Natural da cidade de Goiás, sua obra reflete as vivências cotidianas e as tradições culturais do povo goiano. Ao publicar seu primeiro livro aos 75 anos, Cora Coralina declarou que a literatura transcende as barreiras da idade, reafirmando que a criatividade e a expressão artística não conhecem limites temporais. Seus versos, impregnados de simplicidade e sabedoria popular, celebram as paisagens e os valores de sua terra natal, constituem um tributo à resiliência e à riqueza cultural das mulheres do interior do Brasil.

Chegamos a Aruanã no mesmo dia (07/12/2023), e durante a trajetória debatemos sobre a constituição e a devastação do Cerrado, tema que se tornou ainda mais evidente à medida que cruzamos os latifúndios que dominam a paisagem. A monocultura e a expansão agrícola desenfreadas antecipavam a complexidade dos desafios ambientais e sociais que encontraríamos. Ao chegarmos ao hotel, organizamos nossas bagagens e fomos convocados por Eguimar para uma reunião sobre a sondagem perceptual que realizaríamos como parte da pesquisa de campo, adotamos uma abordagem de observação não participante para compreender o cotidiano local, atendendo à necessidade de um olhar atento e respeitoso. Antes de nos dirigirmos à aldeia Buridina, Eguimar nos orientou detalhadamente sobre os métodos e princípios da pesquisa, destacando a importância de respeitar as dinâmicas culturais e os contextos específicos da comunidade Karajá. As informações repassadas para garantir a interpretação das nuances da realidade local, sem importar uma visão externa e colaborarmos de maneira sensível, foram essenciais para a geração de dados, pois estávamos preparados a propiciar um ambiente em que a comunidade pudesse expressar as demandas e desafios de forma natural e fluída.

Durante nossa permanência em Aruanã-GO, em missão com os povos Karajá, Eguimar coordenou reuniões diárias para orientar e ajustar as metodologias de campo. As reuniões ocorriam três vezes ao dia: às sete horas da manhã, após o almoço e ao final da tarde, nas quais, discutíamos as abordagens a serem aplicadas durante as visitas, compartilhando e refletindo sobre as observações, anotações e percepções feitas no período anterior. A prática fomentou um ambiente de aprendizagem coletiva e crítica a cada integrante que contribuía com sua percepção e colaborava para um diálogo.

Dependendo do contexto, todos os membros puderam interagir diretamente com os indígenas, em outras situações, a orientação era apenas apoiar aqueles que conduziam as

entrevistas, sem intervir diretamente. Uma alternância que permitiu respeitar os momentos de maior sensibilidade cultural, evitando intrusões indesejadas. Independentemente do método adotado, a tarefa principal de cada participante era registrar suas percepções no caderninho vermelho, símbolo de nossa jornada investigativa, além de fotografar e auxiliar os demais membros da equipe quando necessário.

Durante nossa estada em Aruanã-GO, Chaveiro especificou uma série de reuniões para discutir questões sensíveis a se observar nas aldeias Buridina e Ariká, como conflitos interétnicos e religiosos, além das limitações de recursos agravados pelas mudanças climáticas. Consequências da modernização sobre os padrões alimentares e territórios tradicionais, reflexo do modelo agrícola hegemônico. Além desses problemas, foram abordados temas como o nutricídio - a destruição dos hábitos alimentares tradicionais -, a diferença entre comida e alimentação, e os geossabores, que conectam o alimento ao território. A geopolítica local também foi discutida, expondo a tensão entre o desenvolvimento econômico e a preservação das culturas indígenas. Surgiram inúmeros assuntos durante nossa imersão na cidade que invadiu a aldeia, mas que não cabem a esta pesquisa destrinchá-los. Registramos aqui os passos acompanhados como forma de ilustrar que uma imersão pode ser guarda-chuva de outras tantas pesquisas, sem necessariamente estarem diretamente relacionadas; mas, intrinsecamente dialogam e atravessam, já que os sujeitos estiveram em pontos convergentes de várias pesquisas. Durante o processo de escrita desta tese o cacique, que nos recebeu, teve a morte noticiada:

Figura 06: A despedida do Cacique Raul Hawakati



Fonte: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2024/10/04/lider-karaja-cacique-morre-em-goias.ghtml> Acesso em: 17 mar. 2025.

A imersão em uma pesquisa de história oral permite uma perspectiva que congrega coletar depoimentos ao mesmo tempo em que observa as dinâmicas no espaço pesquisado. No meu caso, além de participar da coleta das narrativas de Eguimar Chaveiro para esta tese, acompanhei-o em sua própria imersão em outro contexto de pesquisa. Chaveiro, sendo o sujeito central deste estudo, conduzia paralelamente uma pesquisa guarda-chuva sobre a soberania alimentar do povo Karajá, Aruanã-GO.

A convivência com Chaveiro no campo permitiu-me acompanhar de perto alguns métodos e abordagens empregados nas missões por ele coordenadas, que integram diversos projetos interconectados em uma rede ampla de reflexões e ações já citadas anteriormente. Sua capacidade de delegar funções ao grupo que coordena nas diversas pesquisas - sempre atento às questões dos povos indígenas, das machambas em Moçambique, da educação em Cuba e dos desafios da apropriação dos algoritmos no Brasil e na Europa, bem como ao uso da literatura na formação crítica dos geógrafos - é a representação do sujeito que mergulha em abordagens metodológicas imersivas e sensíveis às transformações sociais. A interação entre diferentes áreas e contextos revela uma compreensão interdisciplinar dos desafios contemporâneos, permitindo que as categorias de cada investigação se complementem e ampliem a análise dos processos culturais e sociais envolvidos nas abordagens metodológicas.

Retornamos para Goiânia na manhã do dia 9, e aproveitei o final de semana, nos dias 9 e 10, para conhecer a cidade, rever amigos e dedicar-me a algumas leituras. Uma delas foi o livro *O Sentido da Vida (2023)*, de Contardo Calligaris, que iniciei a ler por conta do convite para participar do grupo de compartilhamento da leitura com o grupo Dona Alzira. Durante os dois dias, mergulhei na obra, refleti sobre as questões existenciais que o autor levanta, conectando-as com as vivências do campo. No dia 11, continuei as leituras e me preparei para novas reuniões com Chaveiro, organizando do meu diário de campo.

No dia 12, participei de um grupo de leitura na Faculdade de Educação (UFG), debatemos sobre a obra *Salvar o fogo*, de Itamar Vieira. As reuniões, acontecem com frequência, promovem o debate de diversas obras literárias. Um dos participantes, Rodrigo Emídio²², é orientado por Eguimar, que desenvolve uma tese sobre a escrita de Itamar Vieira Júnior. Essa experiência foi relevante para nossa pesquisa, que aborda o uso da literatura como ferramenta analítica no grupo orientado por Eguimar. A presença de um geógrafo que utiliza a obra de Vieira Júnior (ano tal) em sua investigação ressalta a importância da interseção entre

²² <http://lattes.cnpq.br/0226597741228719>

literatura e geografia, contribuindo para uma análise do espaço geográfico, ao integrar aspectos simbólicos e subjetivos às dinâmicas espaciais.

No dia 13, acompanhei Eguimar em uma reunião sobre o projeto em Aruanã, realizada pela manhã, em que ele reforçou ao grupo a importância de manter o foco na pesquisa para não perder o cerne da questão. Durante o encontro, fui convidada a integrar a pesquisa guarda-chuva em Aruanã, com a proposta de investigar a sobreposição da Língua Portuguesa à língua nativa dos povos Karajá, abordando como a perda da língua representa, de fato, a perda de identidade. Embora inicialmente tenha ficado extasiada com o convite, à medida que me distanciei de Goiânia e retomei o foco da minha própria pesquisa, a empolgação se dissipou. Eguimar percebeu essa mudança e, em um diálogo aberto, concordamos que a ideia, embora interessante, havia se esvaziado naturalmente. E que voltamos a negociar.

No dia 13, ainda, participei pela primeira vez do Grupo de Estudos (GE) do *Multiplicadores de Visat*, em um encontro *online* que ocorre semanalmente às quartas-feiras. Na ocasião, assistimos ao documentário *Linhas de Corte*, dirigido por Belo Novaes, que aborda a precarização dos cortadores de cana a partir das experiências dos próprios trabalhadores e de pesquisadores envolvidos com o tema. As reuniões são conduzidas de forma participativa, com a coordenação geralmente a cargo da Doutora Rosângela Gaze²³ ou do Doutor Fadel Vasconcelos. Após o documentário, cada participante dispôs de três minutos para compartilhar suas impressões. Além das discussões, o grupo costuma integrar momentos de apreciação artística, proporcionando um ambiente que busca atenuar as tensões e promover reflexões. Os membros do grupo Dona Alzira, coordenado por Eguimar em Goiânia, frequentemente participam desses encontros, reforçando a conexão com o *Multiplicadores de Visat*, coordenado por Fadel no Rio de Janeiro.

A proximidade entre os dois grupos reflete tanto a amizade quanto o alinhamento intelectual entre seus mentores, resultando em uma rede de colaboração eficaz. Essa relação promove o diálogo entre temas centralizados como saúde, trabalho e direitos humanos, que são abordados de maneira interdisciplinar. O caráter democrático das reuniões, ao priorizar a escuta ativa e a troca de reflexões, está em sintonia com os princípios da metodologia da história oral, que valoriza as vozes e experiências dos sujeitos como componentes essenciais na construção do conhecimento, reforçando uma abordagem colaborativa e participativa na pesquisa.

No dia 14, Eguimar e eu visitamos a Academia Feminina de Letras e Artes do Goiás (AFLAG) para participar de uma homenagem a Lena Castelo Branco. O ambiente era

²³ <http://lattes.cnpq.br/1014417748145632>

sofisticado, marcado por discursos eloquentes e apresentações de piano e flauta. Enquanto apreciava a experiência, refletia sobre como eventos culturais desse tipo poderiam alcançar um público maior, independentemente da classe social. A presença de Eguimar nesse espaço, considerando que suas pesquisas se voltam para grupos subalternizados, me moveu a refletir sobre a importância de transitar por diferentes circuitos culturais, sejam eles elitizados ou populares, para construir a compreensão das dinâmicas sociais.

Nesse mesmo dia, tivemos mais uma sessão de entrevista, Eguimar, pela primeira vez, falou abertamente sobre sua própria família, o que tornou aquele um dia particularmente especial. Durante a conversa, li e debati com ele a crônica *A estética da feira*²⁴. Esse foi apenas um dos muitos momentos em que nossas entrevistas fluíram para a leitura de um texto. Em outras ocasiões, lemos um trecho do livro *A vida é uma passagem de engenhos*²⁵ e a *Carta aberta aos geógrafos*²⁶. Ele sempre me pede para ler algo, seja um texto acadêmico ou uma crônica, o que me leva a questionar se essa prática faz parte de sua dinâmica habitual ou se ele tenta me transmitir uma mensagem mais sutil, algo que talvez eu ainda não tenha compreendido completamente. A leitura compartilhada parece sinalizar, nesse caso, um método de conexão com o outro, como se ele estivesse buscando expandir meu entendimento, utilizando a literatura e o pensamento como pontes para uma conexão mais elevada. Ao dividir esses textos, há a sensação de que ele aponta para algo que transcende as palavras - talvez um convite à introspecção, à empatia ou a uma reflexão.

Na noite do dia 14, participei de uma reunião *online* coordenada pela doutora Daisy Luzia do Nascimento Silva Caetano²⁷, integrante do grupo Dona Alzira, dentro da agenda da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). A Daisy é uma dessas pessoas que você não esquece, ela consegue manter uma coerência aglutinada a uma diplomacia entre posicionamentos no movimento feminista que é extremamente necessário para avançarmos nesse campo. O encontro abordou o tema "Mulheres, Diversidade e Inclusão: Questões Contemporâneas", destacando o alcance das pesquisas sob a coordenação de Eguimar Chaveiro, que tocam temáticas além da geografia tradicional.

No dia 15, acompanhei Eguimar à reunião do Conselho Universitário (CONSUR) da UFG, onde ele recebeu uma comenda literária entregue pela reitora, doutora Angelita, ex-orientanda do Eguimar e integrante do grupo Dona Alzira. Embora tenhamos tirado fotos, nem

²⁴ [Coluna Opinião | multiplicadoresvisat](#)

²⁵ Chaveiro, Eguimar Felício. *A vida é um engenho de passagens*, Goiânia: Deescubra, 2005.

²⁶ Anexo 1: Carta aberta aos geógrafos

²⁷ <http://lattes.cnpq.br/9892063608404003>

todas podem ser divulgadas por questões éticas. Curiosamente, Eguimar não convidou seus muitos orientandos para a cerimônia e escolheu se vestir de forma simples, em contraste com a formalidade do evento. Após a entrega da comenda, almoçamos para comemorar, e ele compartilhou uma experiência anterior: certa vez, foi palestrante em um evento e, de forma proposital, se apresentou com roupas simples e uma sacola plástica comum, enquanto outro palestrante usava um terno. Outro detalhe interessante foi que, no dia anterior, ele me pediu que vestisse roupas casuais para uma caminhada, revelando a ocasião da comenda apenas pouco antes do evento.

Esse comportamento de Eguimar parece refletir uma subversão deliberada dos códigos tradicionais de vestimenta, que vai além de uma simples escolha estética. Ao adotar uma postura menos formal em contextos de prestígio acadêmico, ele parece questionar as convenções e expectativas impostas por esses espaços, alinhando suas ações com as reflexões críticas que permeiam suas pesquisas. Uma crítica às hierarquias e formalidades que frequentemente distanciam a academia da realidade social e cultural dos sujeitos que ele estuda e defende. Ao se apresentar de maneira simples, Eguimar parece reivindicar uma autenticidade que desafia as normas estabelecidas, conectando sua postura pessoal com a filosofia subjacente a seus trabalhos, em que o foco recai sobre a valorização de experiências vívidas e a resistência às imposições formais e culturais que muitas vezes reforçam desigualdades e exclusões.

No dia 16, último dia dessa imersão, participei da minha primeira reunião do grupo Dona Alzira - Espaços, Sujeitos e Existência, no IESA, da UFG, em Goiânia-GO, Campus Samambaia. Cheguei cedo para ajudar na organização e, antes do início, fui apresentada a alguns membros do grupo, enquanto outros eu já conhecia. A reunião começou com Eguimar, que manteve a práxis de iniciar os encontros com um texto motivador de sua autoria, prática que exploraremos mais adiante neste estudo com os textos utilizados a partir do início desta pesquisa. Logo após, houve uma apresentação musical ao vivo com o doutor Rosivaldo²⁸, músico oficial do grupo, que cantou "Tocando em Frente", de Fagner e Renato Teixeira, uma canção que reflete sobre a trajetória e a essência da vida que faz um *link* direto com o livro do Calligaris (2023) e sobre a minha pesquisa sobre o Eguimar, estou lidando com um grupo orgânico. Conforme Dosse (2009, p. 245), “Os indivíduos se valem de uma palavra singular, mas constituem entre si redes de sociabilidade que devem ser levadas em conta pelo pesquisador”.

²⁸ <http://lattes.cnpq.br/2151533043843510>

Em seguida, o professor Doutor Weder David de Freitas²⁹ mencionou o aniversário do professor doutor Horiestes Gomes no Partido Comunista Brasileiro (PCdoB), figura central de sua tese. O doutorando Benjamin Vilela trouxe atualizações relevantes, e o professor Doutor Ricardo compartilhou detalhes de uma missão realizada em João Pessoa. O Doutor Luís Henrique informou que Eguimar assumirá a direção da Revista Terceiro Incluído, destacando a necessidade de elevar o Qualis da publicação, que num prazo de doze meses de pesquisa se extinguiu. Ele também apresentou planos para viagens a destinos como México, Moçambique, Bogotá, Cuba e Espanha e falou sobre a distribuição das atividades dos projetos do grupo. Posteriormente, uma mesa-redonda discutiu o livro "O Sentido da Vida", de Calligaris (2023), coordenada pelas (os) doutores (as) Daisy³⁰, Alan³¹, Eduardo³² e Ana Cristina³³. A reunião foi concluída com uma homenagem a Eguimar, um momento de sensibilidade e reconhecimento. A atuação de Eguimar se alimenta das interações com diversos intelectuais, todos com vozes distintas que se interpenetram. O grupo Dona Alzira se consolida em torno de um propósito comum, tendo Eguimar como seu pilar, e se caracteriza como um coletivo complexo, sustentado por estruturas ideológicas conscientes e coerentes.

Figura 06: Eguimar no aniversário de 92 anos do professor doutor Horiestes Gomes na sede do Partido Comunista Brasileiro, em Goiânia-GO



Fonte: Acervo próprio (2023)

²⁹ <http://lattes.cnpq.br/2668844019246293>

³⁰ <http://lattes.cnpq.br/9892063608404003>

³¹ <http://lattes.cnpq.br/5530497279268988>

³² <http://lattes.cnpq.br/8662603733437817>

³³ <http://lattes.cnpq.br/6202698545747351>

A participação nas dinâmicas do grupo Dona Alzira, para esta tese, permite observar as interações e as diferentes perspectivas, que emergem no contexto do grupo. As imersões realizadas são fundamentais para compreender as subjetividades, que se desenvolvem nos espaços em que os integrantes se posicionam e atuam. Ao vivenciar os encontros e trocas de experiências, é possível captar as nuances da atuação desses sujeitos, tanto na academia quanto em outros espaços sociais, contribuindo para uma análise da formação de suas identidades.

Ficou agendada minha participação no evento “Toda Nudez Não Será Castigada”, que ocorrerá entre os dias 23 e 25 de fevereiro de 2024, no Rio de Janeiro. O título do encontro é inspirado na peça homônima de Nelson Rodrigues (2012), cujo enredo original expõe as hipocrisias sociais, morais e sexuais presentes na sociedade brasileira. A obra de Nelson aborda, ainda, a tensão entre desejo e repressão, moralismo e transgressão, bem como os conflitos internos e externos dos personagens em um ambiente permeado por tabus e violências simbólicas.

Esse evento no Rio de Janeiro marca um ponto central no desenvolvimento da minha pesquisa, pois reúne os grupos “Dona Alzira” e “Multiplicadores de Visat” e representa a possibilidade de compreender suas dinâmicas e modos de constituição. Além disso, tive a oportunidade de conhecer o Doutor Luiz Carlos Fadel de Vasconcelos, amigo e companheiro/irmão intelectual de Eguimar.

Durante o encontro, a palestra de Fadel, intitulada “Onde a saúde está nua?”, serviu como disparador de importantes reflexões. Ao recorrer à metáfora da nudez, ele discutiu questões ligadas à transgressão moral, à soberba, à mentira e à desumanização, explicando como esses aspectos afetam tanto a prática médica quanto a saúde pública. Nesse sentido, a “contaminação” foi apresentada como metáfora para denunciar o impacto da exploração capitalista (a mais-valia) na área médica, contrapondo-se ao ideal de uma profissionalização verdadeiramente comprometida com a vida e o bem-estar coletivo.

No âmbito, quatro eixos emergem como estruturantes das reflexões e debates provocados pelo encontro “Toda nudez não será castigada”, a partir da leitura do grupo: a) Interseção entre Saúde do Trabalhador e Território como realização discursiva crítica: a necessidade de compreender a saúde em conexão com os espaços sociais, econômicos e ambientais em que os sujeitos encontram-se inseridos. Trata-se de incorporar uma leitura crítica que evidencia como os territórios são marcados por desigualdades estruturais que moldam as condições de saúde e trabalho; b) Abertura e democratização do saber científico e acadêmico: um desejo de romper com os muros da academia e deselitizar o conhecimento, no qual o saber científico precisa dialogar com os movimentos sociais, ouvir sindicatos e valorizar as

experiências e vozes de quem vive a realidade cotidiana - considerar que o conhecimento é construído coletivamente; c) A incorporação da estética e da arte como oxigênio para o discurso científico: a arte e a estética funcionam como instrumentos de revitalização, capazes de tornar o discurso científico mais acessível, sensível e humano; d) Produção de um saber engajado no afeto e no acolhimento: destaca a importância de um conhecimento que transcenda a objetividade e se comprometa com valores humanos. A ciência, para ser transformadora, precisa envolver as pessoas a partir do afeto, do cuidado e do acolhimento, promovendo uma ética voltada para a vida e para a empatia.

As interlocuções entre Fadel e Eguimar revelam uma convergência de percepções sobre a saúde enraizada no território e na vida social, interseções que ampliam as possibilidades de ação, tornando o evento um marco significativo para integrar ciência, crítica e afeto em uma perspectiva engajada. Compreendemos com Thompson (2002, p. 255-256) que:

Um controle [...] de detalhe pode ser estabelecido para uma entrevista de história de vida, no caso de o sujeito ser uma personalidade pública, ou um escritor, ou possuir documentos pessoais em quantidade suficiente. Muito embora parte desse material - como os próprios textos do sujeito - seja acessível antes do início da entrevista, pode-se conseguir mais resultados com as primeiras entrevistas, que levem à correspondência, à descoberta de novos documentos e, finalmente, a mais entrevistas em outro nível de indagações.

Durante minha imersão no Rio de Janeiro, participei de rodas de leitura e debates, o que me permitiu conhecer melhor os integrantes do grupo *Multiplicadores de Visat*; participar dos encontros e entender a sua dinâmica. Ao encontrar com Fadel durante essa imersão, ele ressaltou a relevância das cartas trocadas ao longo dos anos com o Eguimar, concordando em compartilhar trechos que pudessem contribuir para minha pesquisa. Recebi os lotes de cartas em etapas, o que possibilitou uma análise cuidadosa e refletida de cada conjunto antes de seguir para o próximo.

Nesta fase do estudo, vivenciamos uma dinâmica transformadora por meio dessas imersões, participar dos encontros *online*, assim como nos presenciais, em Goiânia-GO, Aruanã-GO, Goiás Velho, Porto Nacional e Rio de Janeiro, participando também de eventos com o grupo *Multiplicadores de Visat* e *Dona Alzira*, proporcionaram uma troca de conhecimentos entre as áreas de geografia e literatura que seria impossível alcançar apenas por meio de documentos escritos ou entrevistas isoladas.

Essas imersões possibilitam conexões com sujeitos como o Doutor Fadel, que trocam cartas a mais de 20 anos, documentando uma sólida amizade e um intercâmbio contínuo de ideias sobre temas diversos: cotidiano, futebol, relacionamentos, literatura, métodos

alternativos de cura, como a “piorocura”. Essa correspondência é um exemplo de como a história pessoal, da ordem do privado, pode se tornar uma fonte de compreensão das relações que se constroem pela troca interpessoal, além de humanizar ainda mais a trajetória acadêmica de Chaveiro. A relevância dessas imersões supera a tradicional coleta de dados, ao estabelecer uma relação de confiança que viabiliza o acesso a informações e documentos antes inacessíveis.

Embora os registros escritos forneçam uma base ‘factual’ indispensável, são das entrevistas em campo que emergem as emoções, motivações e perspectivas que trazem vitalidade às narrativas. As interações realizadas em contextos variados - como nas imersões com o grupo Dona Alzira - permitem observar diretamente as dinâmicas sociais e culturais em ação. Essa metodologia híbrida, ao articular a coleta de dados em campo com uma análise de fontes documentais, amplia e abrange a pesquisa, compreendendo a complexidade e subjetividade dos processos narrativos.

A interação direta com o sujeito interlocutor da pesquisa e outros sujeitos e sujeitas em seu entorno permite a adaptação das perguntas e a construção de novos caminhos investigativos à medida que novas informações surgem. Essa flexibilidade, uma das principais virtudes da história oral, possibilita interlocuções mais dinâmicas e sensíveis às histórias pessoais. A inclusão de ferramentas contemporâneas, como redes sociais, *email* e aplicativos como o *WhatsApp*, reforça essa agilidade, facilitando o fluxo contínuo de comunicação e a aproximação das relações entre pesquisador e entrevistado.

No caso de Chaveiro, suas narrativas sobre a infância, a perda do pai e suas experiências profissionais apresentam camadas significativas que poderiam facilmente ser mal interpretadas ou ignoradas se nos restringíssemos apenas aos relatos presentes em suas crônicas, por exemplo. Esses textos, literários, mesclam fatos cotidianos com uma percepção ficcional da realidade e das pessoas ao seu redor. Através das entrevistas detalhadas e das observações em campo, torna-se possível captar as sutilezas e nuances dessas experiências, o que se mostra fundamental para uma compreensão contextualizada dos momentos formadores de Chaveiro.

A sua colaboração permanece intensa, marcada por frequentes trocas de áudios, conversas telefônicas e *emails*, em um contínuo fluxo de ideias e reflexões. À medida que as etapas avançam, a tese começa a ser constituída com mais clareza. As entrevistas, as cartas e as experiências vivenciadas ao lado de Chaveiro e dos integrantes do grupo Dona Alzira forneceram uma base para investigar os momentos cruciais que influenciaram sua trajetória.

Uma reflexão especialmente marcante de Chaveiro, anotada em um de seus inúmeros bilhetes, demonstra sua abordagem teórica inquietante e dialógica:

Weigma, falar do outro é sempre falar do outro a partir de nós, a partir do nosso equipamento mental. A narrativa, como a leitura, é sempre um gesto associativo, o dispositivo de um cérebro se abrindo para um objeto, para um evento, para uma situação, e sofrendo a mediação do mundo. Por isso, ela carrega uma responsabilidade política, né? Esse é o sentido mais profundo da memória, que vem de Benjamin. [...] Isso também é o fundamento da dialogia e, mais adiante, da intertextualidade. Em nossa voz... há outras vozes, e na nossa voz que fala do outro, há o que nos é indispensável e essencial, né? (Chaveiro, Eguimar F. Mensagem recebida por Weigma Michely da Silva. 27/12 /2023. Mensagem via *WhatsApp*)

Esse fragmento traz as inquietações teóricas constantes de Chaveiro e suas concepções de linguagem, permeando suas reflexões sobre memória, dialogia e intertextualidade. A narrativa torna-se um "gesto associativo", no qual o cérebro se abre para novas situações e eventos, processando-os através da mediação histórica, política e cultural. Esse processo, como ressaltado, carrega uma "responsabilidade política", pois a memória é sempre mediada por circunstâncias históricas e culturais, ecoando a perspectiva de Walter Benjamin (1987). Assim, Chaveiro nos lembra, que ao narrar o outro, trazemos inevitavelmente nossas próprias vozes, carregadas de influências e significados indispensáveis e essenciais.

Esse bilhete de Chaveiro (2023) se relaciona diretamente com o conceito de dialogismo, nossa base analítica, ao sinalizar sua habilidade em circular entre diferentes grupos acadêmicos e sociais, refletindo as diversas vozes com as quais interage.

Esta pesquisa aborda um sujeito real em sua prática docente, buscando compreender seu percurso formativo ao longo de diferentes gerações. Inspirada pela proposta de "explorar outra possibilidade, mais existencial [...] e mais estética," que envolve "pensar a educação a partir do par experiência/sentido" (Larrosa, 2020, p. 11). Tal abordagem valoriza tanto os aspectos técnicos e cognitivos do ensino quanto as dimensões emocionais, éticas e relacionais. Elementos essenciais para desenvolver o autoconhecimento, a empatia e a autenticidade nas relações educativas, permitindo, assim, uma concepção holística das práticas pedagógicas.

Apropriando-se dos comentários de Dosse (2009, p. 363) sobre Heidegger, que nos alerta: "jamais uma biografia nos permitirá conhecer o que realmente caracteriza uma existência filosófica", apoiando a limitação intrínseca de qualquer tentativa biográfica de capturar a essência de uma vida. Ao biógrafo, cabe mais do que narrar eventos: ele deve se aproximar do território subjetivo e das múltiplas camadas que envolvem o biografado, sem, no entanto, poder habitá-lo plenamente.

Esta pesquisa analisa uma narrativa plural que permite identificar como as experiências passadas influenciam as relações presentes e reverberam elementos basilares da constituição identitária. De acordo com Dosse (2009, p. 67), "o compromisso em dar mais eficácia ao relato pode levar ao rompimento da linearidade cronológica e à adoção de múltiplas vozes narrativas

que participam dos vários registros da temporalidade”. Nessa esteira, apresentamos as narrativas do sujeito interlocutor em blocos temáticos, compondo uma cartografia que reúne experiências singulares ou marcantes enquanto pontos de inflexão de sua trajetória. Ao ir além de um relato puramente cronológico, essa estratégia marca as sutilezas culturais, emocionais e psicológicas que caracterizaram cada momento fundador do nosso sujeito interlocutor.

Figura 07: O narrador de si mesmo



Fonte: Artista plástico Josinei de Sousa Feitosa (2025)

4 O NARRADOR DE SI MESMO

Antigamente eu era feliz. Tinha um cavalo, duas cadelas e galinhas para criar. O céu era azul como azul era a minha égua de estimação. Quando saía ao terreiro para ver a lua, voltava e escrevia poemas de amor. Havia no meu terreiro verbal palavras boas, siderais, fluorescentes. Algumas, lógico, negavam a entrar em meus poemas. Um dia uma moça muito bonita quis me ver, me ter, me levar. Fugimos para a Toscana. Lá fiz vinhos, me tornei um enólogo artesanal. Todos os dias saía descalço às ruelas em direção à capela *Madonna di Vitaleta*. O padre da capela, de chapéu tombado, pediu-me que lesse o capítulo do Gênesis inteiro para aprender o começo da criação. Eu estava mais interessado em seu fim. Numa investida culta, recitou-me Santo Agostinho: “Deus ama cada um de nós como se fosse apenas um de nós. Descubra quanto Deus lhe deu e com isso tire o que você precisa; o restante é necessário para outros. Cristo não tem valor algum, a menos que seja valorizado acima de tudo”. Não entendi Santo Agostinho, aliás, não entendi o começo da criação e desisti de entender o fim. Peguei a garrafa de vinho, abri-a num vagar cauteloso e defini: viver é estar no meio. Que entendemos Zenão: o meio se reparte em outros meios. Infinitamente. A moral do meio é a travessia, onde eu estou, onde você está. (Chaveiro, Eguimar F. Mensagem recebida por Weigma Michely da Silva. 08/02/2024. Mensagem via WhatsApp.)

Assim como nas seções anteriores, este percurso se inicia com um de seus *bilhetes poéticos*, recurso que ativa a memória, convoca afetos e impulsiona a rememoração autobiográfica. O bilhete introduz o tom reflexivo da análise. Ao convocar imagens singelas do cotidiano, o texto projeta um horizonte axiológico (as imagens contêm valores positivos: harmonia, beleza, plenitude) que funda o percurso interpretativo: antes mesmo de surgir a voz analítica, há a voz poética que nos convida a compartilhar a tessitura da experiência.

O bilhete começa evocando um “antigamente” que ancora o enunciador num passado tecido pela simplicidade e pelo encantamento das pequenas coisas, o vivido cotidiano: a posse de animais, a cor do céu, o ritual de contemplar a lua. Nesse cronotopo do campo, o tempo se alonga e o espaço se desdobra em harmonia, produzindo uma sensação de plenitude em que vida, natureza e existência parecem indissociáveis. Bakhtin (2018, p. 241) explica que é “necessário distinguir o tempo arquitetônico (o cronotopo) e o tempo composicional da narração”.

No bilhete, o tempo arquitetônico corresponde ao ritmo lento da vida rural, enquanto o tempo composicional emerge na voz do narrador que revê, seleciona e ordena as lembranças. Essa justaposição sublinha a dialética entre memória individual e formação discursiva: ao mesmo tempo que restitui o passado em imagens intensas, o bilhete reorganiza essa matéria vivida em um presente narrativo que já aponta para as travessias, rupturas e reelaborações a serem exploradas nos momentos formativos subsequentes.

O deslocamento para a Toscana ativa outro horizonte de sentidos, estruturado por elementos como o vinho, as ruelas e a capela, que reconfiguram o campo de experiências do narrador. Nesse novo cenário, emerge o vivido institucional, representado pela figura do padre e pelo apelo à autoridade religiosa, mediado pela leitura do *Gênesis* e pelas lições de Santo Agostinho. Trata-se de uma tentativa de enquadrar a experiência em um discurso normativo, ancorado na tradição teológica. Contudo, o narrador tensiona esse enquadre: manifesta mais interesse pelo fim da criação que pelo seu princípio, desestabiliza o valor absoluto dessas verdades institucionais e opta por outra ética, aquela que se realiza no gesto de abrir o vinho e habitar, no próprio corpo, o tempo da travessia.

A voz da instituição (religiosa, nesse caso) se entrelaça a outras vozes: da experiência, da sensibilidade, da memória, do desejo, da arte, da poética da existência. Essa tessitura enunciativa constitui um sujeito atravessado por tensões e deslocamentos, constituído na confluência de múltiplas vozes sociais, culturais, afetivas e históricas. Se trata de um sujeito regido de uma subjetividade em constante negociação, que se reinventa na interlocução entre diferentes regimes de sentido.

É entre esses dois polos que se instaura a travessia. A sentença “viver é estar no meio” projeta-se como núcleo axiológico, que organiza e orienta os sentidos mobilizados na narrativa. Nesse horizonte, o “meio” rompe com a rigidez das bordas e instaura um espaço de movimento contínuo, em permanente abertura, como sugere o paradoxo de Zenão. A travessia dilata esse *entre* (entre campo e cidade, posse e despojamento, dogma e incerteza) e converte o próprio percurso em destino. Assim, a identidade se desenha como um processo dialógico, tecido na relação responsiva com as alteridades que se insinuem e se atualizam a cada passo do caminho.

O “*terreiro verbal*” que o narrador convoca sintetiza essa dinâmica de permanente reorganização. As “*palavras boas, siderais, fluorescentes*” operam como marcas de um léxico em constante movimento, que carrega rastros do passado, mas se mantém sempre disponível ao encontro com o inesperado. Nesse jogo, a gramática de vida assume caráter autopoietico: se refaz a cada embate com o novo, sem, contudo, romper com a pulsação que lhe dá origem. É essa lógica que permite que o “*feirante vire doutor*” sem que o feirante se apague, porque o núcleo poético-reflexivo que sustenta o sujeito se encontra em reescrita permanente.

Nesta seção, destacamos os momentos formativos que emergem das narrativas de Eguimar Felício Chaveiro. São passagens em que ele detém o olhar sobre a própria trajetória (como sujeito, professor e pesquisador) e traduz em palavras a tessitura de vivências que transformaram seu pensamento.

A palavra falada, carregada de afetos e marcas do cotidiano, encerra matizes que raramente transparecem em textos acadêmicos. Esses registros de experiência fazem aflorar dimensões sensíveis (dúvidas, escolhas, pequenas epifanias) que ampliam o horizonte interpretativo e aproximam o leitor da gênese de ideias que, depois, ganham estatura conceitual.

Nos trechos que seguem, destacamos como a memória opera simultaneamente como prática discursiva e dispositivo de produção de saberes: ao revisitar o passado, Chaveiro (2023; 2024; 2025) reorganiza acontecimentos, (re)atribui sentidos e, nesse mesmo gesto, reelabora saberes sobre si e sobre o mundo. Cada “*momento formativo*” abre uma janela para a rede de influências sociais, políticas e culturais que atravessa sua biografia, o privado reverbera no coletivo e vice-versa. Assim, compreender o percurso de Eguimar exige articular os planos pessoal, profissional e intelectual: identidade e pensamento se constituem de forma indissociável, no entrelaçamento de experiências cotidianas, angústias, referências literárias e desse impulso inominável que sustenta a busca contínua por sentido.

Esse enfoque biográfico fortalece o percurso teórico-metodológico que sustenta esta tese, ao fazer emergir, nas memórias narradas, os vínculos que articulam subjetividade, trajetória docente e produção de sentidos no campo da Literatura. Ao reconhecer que o pensamento emerge de vidas concretas, situadas e atravessadas por experiências, reafirmamos o valor do relato de si como prática legítima de construção e circulação de saberes.

Ao ouvir Eguimar narrar uma história, seja sua ou de outra pessoa, percebe-se um narrador habilidoso, capaz de envolver o ouvinte por meio de relatos que se gravam na memória, qualidade próxima àquela valorizada por Benjamin (1987), para quem a boa narrativa se distingue pela sobriedade e pela abertura à apropriação do ouvinte.

No entanto, para além da ideia de uma “universalidade” narrativa, o que se destaca, na perspectiva *bakhtiniana*, é a potência de diálogo: as histórias contadas por Eguimar permanecem vivas justamente porque circulam, encontram outros sentidos em cada escuta e se transformam conforme o contexto e as experiências de quem as ouve ou reconta. Não há pureza, mas uma rede viva de vozes em constante tensão e renovação.

Ao longo da vida, estabelecemos diferentes tipos de vínculos que influenciam a constituição de quem somos e de quem podemos nos tornar. Tais relações (sejam de sustentação, de desafio ou de transformação) se reorganizam à medida que transitamos por diferentes experiências, encontros e desencontros, não são fixas.

As conexões primordiais funcionam como base que nos dão suporte e permitem o crescimento, sempre em diálogo com novas vozes e horizontes. Da mesma forma, há relações que nos limitam, tensionam ou convidam a novas travessias. Essas ligações são os lugares de

passagem, ruptura e reinvenção, nos quais o sujeito se refaz na interlocução permanente com o outro e com o mundo.

4.1 Raízes rurais, a vida na escola e fora dela

A trajetória intelectual de Eguimar Felício Chaveiro é marcada por uma interação constante entre experiências pessoais, compromisso político-social e busca intelectual. Em entrevista concedida para esta pesquisa, Chaveiro (2023; 2024; 2025) destaca que, além da cultura escolar tradicional, momentos decisivos na sua formação ocorreram ainda na infância:

Eu era muito tímido e muito disciplinado e agora esses dias um amigo foi na casa da minha mãe e minha mãe falou uma coisa que eu me lembro no primeiro dia que eu fui para a escola eu voltei chorando porque eu não sabia ler. No primeiro dia. Então, bom, essa... Sete anos. Essa era uma primeira lembrança. Eu tinha... eu sinto o cheiro das cartilhas, comprava-se as cartilhas, eu não me lembro o nome, mas como todas as crianças tinham uma... As cartilhas eram magnéticas. Eu me lembro das cartilhas. E minha mãe e meu pai tinham uma venda. E eu já ajudava na venda. E eu acho que eu desenvolvi uma cognição matemática ali. Na venda, o ato de vender, de viver a vida das pessoas, desenvolveu um pouco uma cognição, então eu tive uma certa facilidade, tanto é que quando eu fazia o terceiro ano eu pulei para o quarto, porque consideraram que meu nível era o quarto ano e no quarto ano tinha um prêmio no terceiro ano eu fui o primeiro, quarto ano eu fiquei dos primeiros, primeiro, segundo da turma do quarto ano, mas muito ajudado pela minha mãe, a minha mãe pegava nas mãos para fazer a tarefa. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 07 dez. 2023. Acervo da autora).

Se a convivência entre vida e saber parece óbvia, é porque esquecemos o quanto a escola, historicamente, desautorizou os aprendizados que não cabem em seus quadros e avaliações. Esses relatos devolvem espessura àquilo que se tenta esvaziar: o saber como experiência vivida.

A experiência formativa do narrador (2023) delinea-se no ponto de intersecção entre trabalho, escola e afetos. Desde muito cedo, a venda da família funciona como espaço de aprendizagem situada: vender, conversar com fregueses, fazer troco e observar o fluxo de mercadorias convertem-se em práticas cotidianas de cálculo, negociação e escuta. Nessa arena de interações e responsabilidades, o narrador cultivava aquilo que chama de “cognição matemática”, um saber nascido do diálogo vivo entre sujeitos e circunstâncias, verdadeira “leitura do mundo” (Freire, 2003, p. 11) que antecede e amplia a leitura das palavras, sempre enraizada na concretude do cotidiano.

Ao rememorar o percurso escolar, Chaveiro (2023) reconstitui a representação de uma escola como espaço simultâneo de pertencimento e distinção. Episódios como o avanço por mérito de desempenho e os prêmios aos melhores colocados demonstra uma dinâmica que, embora alimente o orgulho e o desejo de aprender, também escancara os mecanismos meritocráticos que regem a lógica escolar. Tal estrutura, ao mesmo tempo em que reconhece os avanços de alguns, silencia os trajetos mais lentos e complexos, rompendo com a ética freiriana de valorização do sujeito em sua totalidade e em seu contexto.

Nesse trajeto, a voz materna atua como mediação decisiva. “A minha mãe pegava nas mãos para fazer a tarefa”: o gesto condensa cuidado, paciência e transmissão de valores, operando como ponte entre mundo doméstico e universo escolar. Essa pedagogia do afeto sustenta e potencializa o desenvolvimento cognitivo e emocional do filho, servindo de base axiológica invisível (porém indispensável) na tessitura de sua formação. Enquanto o trabalho na venda lhe proporciona saberes práticos e a escola lhe confere reconhecimento institucional, é na palavra e no toque da mãe que se consolida a segurança simbólica necessária para aprender.

Num segundo momento, a narrativa ganha contornos sensoriais: timidez, disciplina e, sobretudo, o cheiro “magnético” das cartilhas recém-adquiridas. Esses objetos carregam vozes, valores e expectativas que entrelaçam curiosidade infantil, temor inicial e fascínio pelas letras, não podem ser lidos como meros detalhes. O toque áspero do papel, o folhear das páginas, o perfume da tinta tipográfica: tudo converge para o cronotopo da sala de aula, onde memória, corpo e linguagem se fundem.

Tal como assinala Freire (2003, p. 11), o “encantadoramente misterioso” da infância torna-se estímulo permanente à construção de sentidos que extrapolam a esfera estritamente acadêmica. A dualidade entre timidez e curiosidade, disciplina e encantamento, compõem o retrato singular de uma criança que, dialogando com múltiplas vozes, viria a tornar-se educador, sujeito em constante formação, situado na confluência de experiências, valores e afetos.

Em outro fragmento, Chaveiro (2023) atravessa as paisagens da própria memória e retorna simbolicamente à espaço rural de Goiás. No reencontro com esse território afetivo, emerge uma cena que indica o quanto suas raízes seguem pulsando como presença viva que ancora e ressignifica sua trajetória:

Aconteceu uma coisa agora, recente, iluminada. Eu nasci na zona rural e morei em duas casas de pau a pique, embora na fazenda do meu avô, pai da minha mãe, e minha avó, mãe da minha mãe. Fui pela primeira vez à escola com 7 anos, o que era comum na zona rural naquele período. Um moço, um agregado do meu avô, saía da casa dele, a cerca de 1 km ou 800 metros da minha, e me levava para a escola. E esse moço, o que é interessante, mudou-se para Goiânia, como muitos migraram para lá. Não todos,

claro, mas a maioria das pessoas de Goiás. Aliás, Goiás é hoje muito urbanizado; tem uma identidade rural, mas é altamente urbanizada, com apenas 12% da população na zona rural. E esse moço, há mais ou menos um mês, eu o reencontrei. Foi um reencontro muito bonito. Então, para dizer que esse rito, de gente da roça, que conta com a cooperação de um camponês para ir à escola, essa escola rural... ela devia estar a uma distância na fazenda de outro, de um fazendeiro vizinho. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 07 dez. 2023. Acervo da autora).

A imagem das casas de pau-a-pique (construção corriqueira no interior brasileiro, erguida com barro amassado e estrutura de madeira) evoca um cotidiano frugal sustentado por soluções coletivas. Percorrer um quilômetro até a escola por estradinhas de terra integrava o rito diário da roça, gesto que selava laços de cooperação entre vizinhos. Quando Chaveiro (2023) menciona o fluxo migratório rumo a Goiânia, contrapõe-se a esse cenário uma paisagem hoje altamente urbanizada: as distâncias físicas encurtaram, entretanto, as memórias daquele tempo continuam a operar como horizontes de sentido que organizam o presente.

O reencontro com “o moço” que o acompanhava à escola ativa uma memória afetiva que ressignifica o presente, mostra como as redes de solidariedade se mantêm vivas mesmo em outros contextos, agora o espaço urbano. Esse momento exemplifica o que Sobral (2009, p. 59) define como *ato valorativo ético*: um gesto situado que adquire valor pelo modo como emerge na interação entre sujeitos, sustentado pela totalidade das suas relações sociais. A partilha, o companheirismo e a ajuda mútua reaparecem como valores atualizados, reativados na relação com o outro e ressignificados no novo espaço social. Percebemos uma ética vivida e responsiva, em que o sujeito age em consonância com vínculos que, embora inscritos na experiência rural, seguem produzindo sentido e orientando os modos de estar no mundo.

No trecho, “esse rito, de gente da roça, que conta com a cooperação de um camponês para ir à escola”, reconhecemos aquilo que podemos denominar de enunciado concreto dotado de realização sógnica: uma unidade discursiva situada, marcada por entonação valorativa e endereçamento preciso (Bakhtin, 2011). A solidariedade rural se expressa ali como dizer encarnado na experiência, nascido do encontro entre sujeito, lugar e memória. Ao evocar o camponês vizinho que acompanha a criança pela fazenda até a escola, o narrador atualiza um cronotopo específico, o da travessia diária no espaço rural, e, nesse mesmo ato, inscreve valores de coletividade e reciprocidade que atravessam sua formação.

A força do enunciado reside justamente em sua materialidade: os termos “rito”, “gente da roça”, “cooperação” e “escola rural” condensam vozes sociais e horizontes axiológicos que dialogam com o ouvinte/leitor. O grande intervalo (“...”) sinaliza o esforço de reconstruir distâncias e relações de vizinhança, marcando que o sentido se realiza na entonação que articula

afetos e experiências compartilhadas. Assim, o fragmento informa sobre a distância entre fazendas e, ao mesmo tempo, performativiza o gesto solidário que funda a própria narrativa, situando o sujeito enunciativo como parte de uma comunidade que se reconhece na prática de “levar o outro” à escola.

Desse modo, o excerto exemplifica como, em Bakhtin (2011), todo enunciado concreto é inseparável de sua cena de produção: corpo, voz, espaço e tempo rurais convergem numa realização sónica única, que torna audível o valor social da cooperação e projeta esse valor para o presente da enunciação.

Nessa chave, a lembrança (re)atualiza fragmentos decisivos, sempre filtrados pelo presente interlocutivo. Cada lembrança abre uma fresta por onde outras vozes, afetos e temporalidades se articulam, fazendo da memória um processo responsivo. É o caráter lacunar da recordação que sustenta sua potência reflexiva: ao destacar o essencial, o narrador traça pontes entre o vivido e o vivido de novo, entre ontem e hoje.

A migração do campo para a cidade, como expressa no trecho, configura um deslocamento de sentidos em que o sujeito reinscreve, no espaço urbano, os valores forjados na convivência rural, as práticas de vizinhança, a partilha de alimentos, os modos de narrar e de perceber o mundo.

Esse movimento ecoa a reflexão de Bakhtin (2011, p. 141), ao afirmar que os valores que organizam a vida e a lembrança são compartilhados entre o eu e o outro, sendo o “outro” uma força axiológica incorporada que guia o sujeito a partir de sua autoridade afetiva. Assim, ao habitar a cidade, o migrante ao invés de abandonar seus referenciais, os atualiza em novos contextos, tecendo uma só vida axiológica com aqueles com quem partilha o mundo.

Como aponta Volóchinov (2019 [1929]), o espaço é atravessado por ideologias e, nesse sentido, a presença do sujeito oriundo do campo reconfigura a urbe, redistribuindo vozes, memórias e valores que desafiam a homogeneização cultural. O espaço, afinal, como afirma Milton Santos (2014, p. 79), é sempre resultado do casamento entre sociedade e paisagem, e, nesse enlace, o sujeito das narrativas transforma e é transformado, produzindo sentidos que atravessam a materialidade e alcançam o território ético da convivência.

Nesse âmbito, o que persiste é uma tessitura de vozes em trânsito: a memória do campo dialoga com as exigências da metrópole, produzindo identidades sempre inacabadas. O encontro de Chaveiro (2023) com seu antigo guia escolar mostra que as tramas solidárias da infância se reconfiguram em novas geografias, confirmando a noção *bakhtiniana* de que o sujeito se constrói na encruzilhada entre tempos, espaços e os outros.

A seguir, a descrição de Chaveiro (2023) sobre a escola instalada na fazenda de um vizinho ilustra um pedaço importante da realidade educacional de muitas regiões brasileiras:

A escola estava localizada na fazenda de um vizinho, e essa turma conjugada, na carteira enorme que se sentava três a quatro pessoas, incluía ao mesmo tempo o pré, primeira, segunda, terceira e quarta série. Os professores... era um professor, sempre foram homens, vinham de Araçu, que fica a 70 quilômetros daqui de Goiânia. Iam de Araçu à escola e lecionavam... um professor, de quem ainda tenho contato, do primário, com quem tirei uma belíssima fotografia, estou prometendo fazer um *post* dessa fotografia com ele. E ali, eu lembro da caminhada, dos passarinhos, de seguir um caminhozinho, uma trilha, um aceiro bem-organizado entre duas matas. Houve muitas matas naquele período, pois a modernização ainda não havia chegado. Eu me lembro das primeiras notícias dos tratores chegando em Goiás. Lembro da caminhada, de levar o que chamávamos de merenda, de trocar merenda, e de um clima muito afável na escola. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 07 dez. 2023. Acervo da autora).

A lembrança de Chaveiro sobre a escola multisseriada, instalada na fazenda de um vizinho, com carteiras largas que reuniam estudantes do pré até a quarta série, configura o modo como a cultura camponesa constrói laços de solidariedade a partir das práticas cotidianas de vida no campo. Sentar lado a lado, dividir a merenda, percorrer juntos a trilha até a escola e interagir com o mesmo professor constituem um modo de aprender que se ancora na convivência. Nessa dinâmica, o ensino emerge como prática coletiva: os saberes circulam entre as crianças, que trocam lanches, percorrem os mesmos caminhos e usam cadernos comuns, produzindo um ambiente em que cooperação e aprendizagem se alimentam mutuamente.

O caminho sinuoso entre as matas, acompanhado pelo canto dos passarinhos, projeta um cronotopo rural que se vê tensionado pelas primeiras máquinas anunciadas: os tratores que começam a redesenhar a paisagem. O tempo histórico se inscreve nos relatos pessoais: cada menção à chegada da “modernização” justapõe o antes e o depois, incorporando um modo de vida que resiste mesmo enquanto se transforma. Esses detalhes mostram que a solidariedade do campo se produz nas redes de vizinhança, no compartilhamento de recursos e no esforço coletivo de manter a escola em funcionamento.

Assim, a narrativa marca a convivência de dois ritmos: o passo lento das trilhas e o avanço acelerado das máquinas, e mostra que a cultura camponesa não desaparece com o progresso. Ao contrário, ela se reinventa no entrelaçamento de temporalidades, deslocando-se, adaptando-se e continuando a transformar práticas educativas e relações comunitárias, mesmo em cenários em transformação.

Em outro fragmento, a narrativa mergulha em camadas mais áridas da memória, expondo um período em que a vida familiar foi marcada por severas dificuldades financeiras:

Em um período, tínhamos uma chácara que estava virando um mato. Se fosse hoje, ela valeria uma boa grana, e nós quase passamos fome - mas não passamos fome. Não havia muita carteira assinada. Era a década de 70, uma eternidade. Na década de 80, houve um período em que 80% das pessoas não tinham carteira assinada. Eu e meu pai trabalhávamos: um dia como ajudante aqui, outro dia como ajudante ali. Minha mãe vendia doces, nós vendíamos picolé, pequi e banana na rua. E esse quadro também trazia a pobreza, a magreza, a feiura; morávamos em um barracão externo. E isso, tendo uma chácara e uma avó fazendeira... aliás, minha avó cega, que enviava sacos de arroz e feijão para nos sustentar. Era uma contradição muito interessante, porque meu pai era de origem negra e minha mãe, de origem italiana, branca. Minha mãe era fazendeira e meu pai, o peão dela. Então, eu surjo ali num conflito de classe, num conflito interétnico, e vivi nessa contradição. A minha madrinha, a minha avó, era uma pessoa que tinha uma fazenda não muito grande, mas uma fazenda valorosa e quase uniforme da cidade. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 09 dez. 2023. Acervo da autora).

A memória de um tempo de escassez inscreve o narrador em uma cartografia existencial marcada por desigualdades estruturais. A sobreposição entre a propriedade improdutiva e a possibilidade da fome explicita o paradoxo entre posse simbólica e ausência de acesso real aos bens. Nesse fragmento, os cenários da infância, o barracão alugado, as ruas onde se vendem frutas, a chácara que “valeria uma boa grana”, formam um relevo social em que clivagens raciais e de classe se entrelaçam. A mãe branca, fazendeira, e o pai negro, peão, encarnam posições axiológicas que coexistem em tensão dentro da própria história do sujeito, sem conciliação.

Aqui, o espaço é disputado: é o lugar em que as vozes do latifúndio, do trabalho informal e da sobrevivência se confrontam e moldam a consciência. Como observam Chaveiro e Vasconcelos (2018), essa malha contraditória de experiências constitui uma cartografia existencial em que cada lembrança delimita um ponto de força, de atrito e de sentido. Longe de qualquer síntese reconciliadora, o sujeito emerge do embate entre mundos distintos, reconhecendo-se como produto de uma memória social onde os marcadores de raça, território e trabalho desenham um mapa de pertencimento em constante fricção.

Os anos 1970-80, inscritos na narrativa como tempo da informalidade, constituem um cronotopo marcado pela instabilidade econômica e pela ausência de garantias sociais. O dado de que “80% das pessoas não tinham carteira assinada” aparece como enunciado social que alinha a experiência do narrador ao drama coletivo de uma classe historicamente excluída da proteção trabalhista. O espaço urbano, nesse contexto, representa um espaço de sobrevivência: ruas, feiras e calçadas compõem a geografia da luta cotidiana por sustento.

O casamento entre uma mulher branca, herdeira de terras, e um homem negro, peão de sua família, tensiona a narrativa com um conflito que atravessa o íntimo e o histórico. Trata-se

de uma inscrição densa nas estruturas de dominação racial e de classe. A figura paterna, nesse caso, organiza a narrativa como voz subalterna que resiste à lógica herdada do latifúndio. Seu lugar é o da precariedade, e é dessa precariedade que emana uma ética da presença, do trabalho incessante, do cuidado silencioso.

A avó cega, que envia sacos de arroz e feijão, atua como uma figura ambivalente: ao mesmo tempo sustentáculo e denúncia. Seu gesto de envio, mais que solidário, denuncia a disfunção da estrutura: ter terras e não conseguir delas o sustento. A solidariedade familiar aparece, assim, como paliativo que apresenta a fratura entre capital simbólico e capital real. O poder de nomear, possuir ou herdar não garante o usufruto, e é nesse abismo entre posse e vida que se inscreve a experiência do narrador.

Essas memórias configuram aquilo que Volóchinov (2013, p. 146) compreende como discurso ideológico: cada escolha lexical, cada metáfora usada, “matagal”, “picolé”, “chácara”, “peão”, remete a valores, disputas, formas de existir socialmente. A linguagem aqui comunica, posiciona, denuncia e historiciza. O discurso de Chaveiro (2023) é habitado por registros que se interpelam: o da cultura camponesa, o da economia de subsistência, o da tradição colonial e o da luta por reconhecimento.

Ao assumir esse entrecruzamento como parte constitutiva de sua identidade, o narrador busca manter os conflitos vivos como chaves de leitura de si e do mundo. Ele é neto de fazendeira e morador de barracão, herdeiro e marginal, branco e negro, simultaneamente. Em vez de apagar essa tensão, ele a articula como princípio de constituição subjetiva. Como observa Bakhtin (2011, p. 141), o sujeito é atravessado pelo outro, pelas vozes que o antecedem e o constituem. Nesse sentido, o “outro” aqui é o pai ou a mãe, mas também: o latifúndio, a chácara vazia, a rua onde se vende comida, todos com autoridade afetiva e simbólica sobre a constituição de si.

Assim, esse excerto cartografa o Brasil que vive à margem da formalidade, sem nunca estar fora da história. Ao reunir elementos da oralidade, da exclusão e da memória, a narrativa aponta para a formação de uma consciência marcada pelo conflito e pela convivência crítica entre diferenças, reafirmando que a subjetividade é uma zona de disputas, e não de harmonia.

No trecho que se segue, a figura do pai, apresentado como poeta, acrescenta uma nova camada a essa tessitura de memórias, alguém cuja criação brota da folia, do encontro e do reconhecimento coletivo. Seus versos e quadras ganham forma no calor das festas, nas rodas de conversa e na vibração das interações comunitárias:

Meu pai era um poeta. E às vezes eu fico perguntando se ele fazia os versos, as quadras, se necessitava da folia e da admiração do público por ele. E o filho, olhando essa admiração, às vezes eu pergunto se isso não é um toque de influência. Eu recebi uma homenagem uma vez no aniversário do Sérgio López de Goiás e eu falei sobre isso. Às vezes eu fico perguntando se isso não tem um... Eu não posso dimensionar o tamanho. Eu não sei qual o tamanho, mas deve ter um tamanho. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 11 dez. 2023. Acervo da autora).

A presença paterna como poeta-performer introduz, na constituição subjetiva de quem narra, uma matriz eminentemente dialógica: o “eu” que se forma diante do “outro” que cria versos em público e se expõe ao olhar coletivo. O pai ocupa o lugar de alteridade constituinte, pois é no contraste e na admiração partilhada nas folias que o filho reconhece as possibilidades expressivas da palavra. A cena do poeta que necessita da recepção para existir literariamente converte-se num chamamento precoce à percepção de que a linguagem ganha sentido no entre, isto é, no espaço intersubjetivo em que vozes se cruzam e se legitimam.

Ao observar a vibração comunitária em torno dos versos paternos, o sujeito da narrativa é exposto a uma pedagogia afetiva da criação, em que o valor da palavra nasce do diálogo com o público. Tal experiência inaugura um processo de internalização pelo qual os gestos poéticos do pai são progressivamente re-significados dentro do repertório íntimo do filho. Desse modo, a autoria futura de Eguimar, testemunhada em sua própria incursão literária e acadêmica, carrega o traço de uma performatividade aprendida no convívio com o outro, reforçando a tese de que a subjetividade se faz em movimento heterogêneo de vozes e olhares reciprocamente implicados.

A dimensão mimética destacada pelo narrador, “eu fico perguntando se isso não é um toque de influência”, compartilha a consciência refletida sobre o quanto o reconhecimento público do pai reverberou na autopercepção filial. A interrogação acerca do “tamanho” dessa influência aponta para uma herança simbólica incalculável, sugerindo que a constituição identitária raramente pode ser mensurada em termos quantitativos. Ela se manifesta, antes, como intensidade afetiva que orienta escolhas futuras. Nesse sentido, a admiração testemunhada funciona como dispositivo de legitimação que sedimenta, em Eguimar (2023), a convicção de que a palavra ao narrar o mundo, pode também congregá-lo, reinventá-lo.

Além de modelar(?) a relação daquele que narra com a linguagem, o gesto paterno instaura uma ética da presença, na qual a criatividade é inseparável da partilha comunitária. A poética do pai escapa ao texto escrito, ela se consoma nos corpos reunidos, nos risos, nos aplausos, elementos que projetam sobre o filho a ideia de que o conhecimento verdadeiro exige circulação social e reconhecimento mútuo. Essa concepção atravessa a trajetória de Eguimar

como professor-pesquisador: seu compromisso com projetos identitários, leituras coletivas e intervenções políticas, bebe dessa fonte originária em que arte, convivialidade e engajamento se entrelaçam.

A rememoração da figura paterna como poeta coloca em evidência o caráter narrativo da própria memória: ao contar a história do pai, Eguimar (2023) reinscreve-se como sujeito que herdou e recriou um legado. Ricoeur (2007) lembra que narrar é atribuir coerência temporal à experiência; aqui, a narrativa do pai-poeta opera como matriz de auto interpretação que encaminha o percurso do filho. A constituição intersubjetiva de quem narra, portanto, resulta de uma dinâmica dialogal permanente na qual o eco das quadras paternas continua a pulsar, configurando um horizonte de criação partilhada que sustenta sua identidade literária, acadêmica e política.

No último trecho analisado desse período da infância, Chaveiro (2023) retoma lembranças de um espaço que, à primeira vista, parece de singela rotina, contudo, essa “venda” emerge como um ponto de convergência da vida social e familiar, reunindo festa e conflito, progresso e crise, encontros festivos e disparos de revólver:

Pois é, tinha um balcão muito simples... aquela... tinha um vasilhame de balinha que rodava, tinha uma gaveta, e a venda era interessante porque ela fazia com que meu pai e minha mãe eram muito conhecidos. Então, meu pai e minha mãe eram campeões de serem padrinhos de batizado e de casamento. Campeões. Então, era um lugar de juntar, mas tinha muitos medos, houve violência. Só na terapia, agora, recentemente, sei lá, 15 anos, eu fui tirar o revólver da minha memória, aquele revólver de briga. [...] A vida me colocou numa sociedade um pouco maior que a roça, com vários roceiros, pescadores, vendedores, fazendeiros, camponeses etc. Mas o meu pai ficou um pouco enlouquecido, também, com o dinheiro que ganhou. A venda cresceu, venda... venda até rádio... compra o carro. E isso gerou uma desagregação familiar muito grande, muito forte. E esse capítulo é tão forte que houve... o meu pai... a família da minha mãe... onde nós morávamos distantes do meu pai, especialmente do meu pai. E minha mãe não separou em nome dos filhos. E isso é uma das causas de termos migrado. Uma das causas de termos migrado. Porque num certo momento houve uma falência. Houve uma falência da família. E nós mudamos para a cidade. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 11 dez. 2023. Acervo da autora).

O balcão, o pote giratório de balas, a gaveta do dinheiro: cada detalhe convoca vozes distintas: fregueses, compadres, afilhados, fofoqueiros, pistoleiros ocasionais. A venda alia trabalho (comércio), parentesco (padrinhos e afilhados), cultura campesina (trocas, trotes e folguedos) e violência (o “revólver de briga” que só a terapia exorciza). Essa cena é um enunciado carregado de valor: um ponto de convergência em que prosperidade, medo e status se atiram, e onde o narrador registra, sem nostalgia, a ambiguidade desse “lugar de juntar”.

A venda amplia o capital econômico, mas o revólver e a falência decretam a migração. Esse percurso instaura um cronotopo de passagem: campo→cidade, prosperidade→quebra, união→desagregação. A subjetividade que emerge se constitui a partir da trama de vozes que se sobrepõem: filho de mãe branca fazendeira e de pai negro peão, garoto popular na comunidade, adolescente que perde o “lugar central” ao chegar ao espaço urbano.

O narrador não fala de fora, ele avalia. Ao explicar que a “desagregação familiar” decorre do dinheiro, faz julgamento moral (o pai “enlouquecido”). Ao lembrar que a mãe manteve o casamento “em nome dos filhos”, expõe outro valor: sacrifício materno *versus* falência do modelo patriarcal. O enunciado, portanto, traz um tom avaliativo que denuncia tanto o fascínio quanto os limites da ascensão econômica sustentada pelo trabalho informal.

Família, trabalho, tradição rural, pequenas conquistas de modernidade (o carro, o rádio), disparos de arma, psicoterapia: a narração é polifônica porque insere essas vozes sem reduzi-las a um único sentido. O resultado é um mosaico de tensões onde cada elemento só faz sentido em diálogo com o outro. Há um sujeito que se (re)constrói na colisão entre prosperidade e falência, entre autoridade paterna vacilante e agência materna silenciosa, entre pertencimento comunitário e anonimato urbano.

Ao narrar, Chaveiro cartografa as contradições que o transformam. A venda é berço de prestígio e gatilho de ruína, o pai é provedor poético, a mãe é eixo de estabilidade, a migração é promessa e perda. É nesse conflito de vozes que a identidade do narrador se mantém viva, aberta e inacabada.

4.2 Entre fronteiras: migrações formadoras

Ao relatar a mudança da roça solidária para a cidade, Eguimar Chaveiro (2023) descreve esse momento como uma verdadeira “explosão de estranhamento”, um choque que desencadeia o rearranjo contínuo de sua identidade. No trecho a seguir, ele revive a chegada a Trindade:

Quando eu mudo para Trindade também, novo, eu enfrentei um ambiente violento, urbano, e essa diferença, ela não foi fácil. Eu tinha, ou na Roça, pelo menos, né?! no meu ambiente ali, era muito solidário, era muito fraterno. [...] Quando eu mudei pra Trindade, foi uma explosão de estranhamento. Tudo foi estranho: a quantidade de professores, as brincadeiras. Eu sofri o que se chama de bullying; sofri muito os apelidos. Foi um período de muito sofrimento. E esse sofrimento teve um paliativo que foi jogar bola. Eu gostava de jogar bola. E o jogo de bola tem outra lei: as pessoas que jogam razoavelmente bem são aceitas, são reverenciadas, não sofrem preconceito.[...] Muito magro, esquelético. Eu fui a um colégio que tinha, acho que

1.600 pessoas, eu era um dos poucos que eram dispensados de exercício físico, porque era alto e magro. Muito magro, tinha dificuldade para comer as coisas, meu estômago não aceitava, fiz tratamento. [tinha] Uns 9, 10 [anos de idade] por aí. E ali os outros meninos, que continuam mais fortes, faziam gozação e da orelha que ficava muito grande, dava cocoruto, batia na orelha e fazia esse bullying nesse sentido. E eu não tinha reação, porque eu não tinha força para reagir. E é muito interessante, eu me lembro, que quando uma pessoa do grupo tinha dó, era pior. Eu me lembro disso, que me afetava mais emocionalmente, me colocar numa zona de coitado. E é isso. E depois da adolescência também continuou. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 11 dez. 2023. Acervo da autora).

As agressões verbais, os tapas na orelha e os apelidos que sublinhavam sua magreza colocavam o narrador num enquadre que os colegas chamavam de “coitado”. Nesse contexto, o narrador assume duplo posicionamento: recebe o olhar do outro, que o vê frágil e digno de pena, e, ao mesmo tempo, volta esse olhar para si, recusando coincidir com a imagem que lhe é imposta. Há, pois, um descompasso produtivo: o juízo externalizante dos pares não encontra correspondência na autoavaliação do sujeito, gerando uma relação que o impele a redefinir-se.

É nesse hiato que o futebol se torna estratégia de deslocamento. No campo, a habilidade técnica suspende provisoriamente o estigma de “fraco”: quem joga bem é celebrado, independentemente da compleição física. O espaço esportivo, então, funciona como ponto de fuga em que o sujeito na narrativa reinscreve sua identidade fora da “zona de coitado” que lhe endereçavam. Ali, a solidariedade herdada da roça, o gosto pelo jogo coletivo, o senso de cooperação, se articula às regras urbanas de prestígio e performance, mostrando que a subjetividade se reinscreve na tensão entre os olhares que a atravessam.

Nesse cenário, a experiência urbana reconduz a bagagem herdada do meio rural; recoloca-a sob nova perspectiva. A solidariedade e o senso de coletividade que trazia das roças de Goiás convivem, agora, com as exigências da cidade, fazendo com que ele se reinvente incessantemente.

Nas lembranças de Eguimar Chaveiro (2023), emergem também as marcas de uma reforma educacional que, sob a promessa de modernização, entregava um ensino técnico precário. Ao ingressar no curso, se depara com professores despreparados, aulas improvisadas e laboratórios que pouco ou nada funcionavam:

Certamente, todas as pessoas se vinculam na escola a partir de seus vínculos sociais no mundo da família e da sociedade. E subjaz isso, o que o país passa. Eu, quando vou fazer o segundo grau, tinha... logo... aconteceu a reforma do ensino e as escolas encheram de ensino técnico, sem nenhum preparo. E aí, eu me inscrevo sem ter a mínima noção; no segundo grau eu fiz contabilidade. E aí, tinha disciplinas como mecanografia, orçamento, que não tinha professores preparados, nem tinham noção. Ou seja, uma reforma chega pela via do Estado, e aí eu entro nisso. Sim, eu perdi muito; por exemplo, eu não estudei química no segundo grau. Eu fui estudar depois,

só. Eu estudei biologia, acho que fiz um ano, no segundo grau, acho que biologia fiz uns dois anos, matemática fiz bem, até duas matemáticas, a matemática comum e a matemática aplicada. E tinha... tomava um tempo no laboratório, mas o laboratório era uma máquina: Olivetti, a gente ficava lá, brincando, porque não tinha, não tinha nenhum preparo. [...] Crescendo em Trindade, vivenciei a reforma do ensino e a implementação do ensino técnico sem preparo adequado. No segundo grau, cursei contabilidade, mas faltavam professores preparados. Durante esse período, li crônicas e desenvolvi um interesse inicial pela comunicação. No entanto, devido à necessidade de trabalhar, optei por estudar na Universidade Católica, pois a Universidade Federal oferecia cursos apenas diurnos. Na fila do vestibular, decidi entre História e Geografia, escolhendo esta última devido à influência de dois professores inspiradores. Ao entrar na universidade, segui uma moral rígida, sentindo vergonha de não cumprir as exigências dos professores. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 13 dez. 2023. Acervo da autora).

“Particular, ela é particular...”, a sentença de Martinho da Vila (1974) ecoa no relato de Chaveiro (2023) como comentário sobre o acesso ao ensino superior no Brasil: a universidade pública, gratuita e diurna, continua fora do alcance de quem precisa trabalhar, aos trabalhadores resta a “particular”, paga e noturna.

Recém-egresso de um ensino técnico improvisado, resultado da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, e do acordo firmado entre o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), o sujeito narrado se depara com uma barreira decisiva ao tentar ingressar no ensino superior: a Universidade Federal oferecia turmas apenas no período matutino, incompatível com a rotina de quem precisava trabalhar. Já a Pontifícia Universidade Católica (PUC), privada, admitia estudantes com jornada laboral.

A escolha realizada “na fila do vestibular” explicita uma lógica excludente que estrutura o acesso ao ensino superior: estudar e trabalhar simultaneamente exige investimento próprio, enquanto a gratuidade pública permanece restrita a poucos. Esse impasse resulta de um percurso atravessado por deslocamentos e rupturas: da escola multisseriada da roça ao colégio urbano superlotado; das vivências solidárias às experiências de bullying; das expectativas de laboratórios ao contato com apostilas pouco estimulantes.

Ao alcançar a transição para a vida adulta, o sujeito se depara com um novo filtro social, onde a universidade pública se mostra limitada a quem pode frequentá-la em tempo integral, enquanto a opção privada se apresenta como alternativa para os que financiam a própria formação. Assim, o acesso ao saber na narrativa é marcado por distinções persistentes, que atualizam mecanismos seletivos e reiteram desigualdades no direito à educação.

Nessa tessitura, a subjetividade de quem narra se faz dialogicamente: filho de camponeses, aluno técnico frustrado, trabalhador que paga mensalidade, futuro professor

crítico. Cada passagem expõe o axioma de Martinho: a educação superior particulariza e hierarquiza, empurrando quem trabalha para o turno noturno e cobrando a conta que o Estado não paga. Ainda assim, ao escolher Geografia, guiado pela voz de dois docentes inspiradores, o narrador transforma a falta em impulso criativo e reorganiza seu lugar no mundo.

No fragmento a seguir, Chaveiro (2023), narra como o ingresso na universidade traz à tona heranças morais e familiares que influenciam sua conduta acadêmica:

Quando eu entro na universidade, eu cumpro as regras da família, ou seja, eu me lembro de... Se eu não lesse um texto que o professor pedia pra ler, eu não ia na aula de vergonha. Mas essa é uma moral, uma moral da família, uma moral de um tempo. É uma moral mais dura... de se envergonhar por não cumprir aquilo que o outro pedia, esse outro tendo uma autoridade como é o caso, legitimado como é o caso do professor. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 13 dez. 2023. Acervo da autora).

No plano enunciativo, Eguimar (2023) ao narrar adota um “eu” confessional que costura passado e presente, convertendo a experiência universitária em arena de ressonâncias familiares. O uso de verbos performativos (“eu entro”, “eu cumpro”, “eu me lembro”) concretiza o trânsito do sujeito por diferentes regimes de autoridade (familiar e acadêmico), como uma negociação contínua de valores em circulação. Cada ato enunciativo nasce do diálogo entre horizontes axiológicos herdados e novos sentidos que se impõem no ambiente universitário, compondo um campo de tensões e ressignificações constantes.

Destaca-se, ainda, a ênfase no termo “moral”, reiterado e adjetivado (“da família”, “de um tempo”, “mais dura”), o que intensifica a densidade histórica e coletiva da norma. A moral se apresenta como valor polifônico: é reverenciada, questionada, relativizada, submetida ao embate de vozes divergentes. Tal balanço entre deferência e crítica expressa a consciência de um sujeito que reconhece a autoridade dos valores recebidos, sem deixar de problematizá-los à luz dos desafios e das novas vozes que encontra na vida universitária.

O sentimento de vergonha emerge, nesse contexto, como valor socialmente compartilhado, transbordando o mero constrangimento individual. O narrador Eguimar (2023) a aciona como princípio regulador de conduta, marcando gestos de autoexclusão (“eu não ia na aula de vergonha”) que se articulam ao olhar do outro e à autoridade docente, interpretada a partir dos valores internalizados. Aqui, a vergonha assume o papel de valor social que orienta decisões e se inscreve no corpo e nos modos de agir, tornando visível a forma como as normas sociais se materializam no discurso e atravessam as práticas cotidianas.

Nesse outro trecho, Chaveiro (2023) retoma a efervescência dos anos 1980, quando a juventude carregava o desafio de ajudar a derrubar a ditadura militar e pavimentar o caminho para uma nova forma de vida política:

Quem era jovem na década de 1980 recebia, como desafio existencial, vencer a ditadura militar. Se fosse desse campo, se estivesse inserido num contexto que acolhia as aventuras do rock brasileiro, que estava explodindo, ou do renascimento da esquerda no Brasil, lastreado no PT, na Comissão Pastoral da Terra (CPT), na Central Única dos Trabalhadores (CUT), nos partidos de esquerda, nos jornais, como a *Tribuna Operária*. Quem estava jogando naquele cenário de 1980 tinha a missão de construir a democracia, de vencer a ditadura, daí surgem movimentos como as Diretas Já, a anistia. Eu entrei nesse cenário em 1981. Saímos, digamos assim, de um sufoco, de uma asfixia histórica, e fomos impulsionados pelos ventos da criação.[...] Hoje, Weigma, vejo que tudo isso era um reflexo da pigmentação histórica de onde minha formação se fez, na década de 80. O que eu chamo de fermentação política dos anos 1980 – a vitória sobre a ditadura, o gozo de poder criar e se expressar livremente – foi uma vitória. A *Letraquinagem* era isso, era a vadiagem do espírito, como diz Drummond. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 13 dez. 2023. Acervo da autora).

A década de 1980 inaugura, no Brasil, um leque de experiências políticas, sociais e culturais que se entrecruzam de modo conflitual. Entre mobilizações de massa e arranjos institucionais recém-formatados, múltiplos coletivos (sindicatos, associações de bairro, grupos artísticos, pastorais rurais, jovens periféricos ou universitários) passaram a disputar o sentido de superar o regime instaurado em 1964. A campanha pelas Diretas Já (1983-1984) e a Lei de Anistia (1979) converteram-se em marcos partilhados, embora não tenham selado o processo: para uns, simbolizavam a restauração de direitos, para outros, anunciavam somente o primeiro passo de uma transição ainda incerta. Nesse caldo heterogêneo, a antiga “asfixia histórica” cedeu terreno a uma expectativa igualmente plural, recheada de esperanças e de receios quanto ao modelo de democracia que se esboçava.

No plano cultural, a cena musical, especialmente o rock brasileiro então em ascensão, articulou um repertório contraditório de vozes. Bandas como Legião Urbana, Paralamas do Sucesso, Titãs e Barão Vermelho canalizaram a insatisfação de parte da juventude urbana, mas não foram o único diapasão geracional: no mesmo período despontavam a cena hip-hop na periferia paulistana, o reggae no Maranhão, a MPB engajada de artistas já consagrados e as canções de protesto ligadas à teologia da libertação. Como lembra Lima (2019), essas expressões musicais dialogavam, ora em harmonia, ora em atrito, com a abertura política, convertendo a experiência da liberdade em letras que tanto exaltavam quanto problematizavam a transformação social.

A reorganização da esquerda no Brasil intensificou a pluralidade de vozes no cenário político: o surgimento do Partido dos Trabalhadores (PT), a consolidação da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a atuação de organismos como a Comissão Pastoral da Terra (CPT) projetaram as pautas trabalhistas e camponesas para o centro do debate público. No entanto, essa ascensão veio acompanhada de disputas internas quanto às estratégias de ação, às alianças possíveis e às prioridades regionais.

Como observa Singer (2012), o PT se constituiu a partir da convergência de setores diversos (metalúrgicos do ABC, intelectuais universitários, militantes católicos e núcleos culturais), cujas visões nem sempre se alinhavam em torno de um projeto unificado. Paralelamente, a imprensa alternativa, por meio de veículos como a *Tribuna Operária* e o jornal *Movimento*, tensionava o domínio dos grandes conglomerados midiáticos, ampliando o campo de narrativas em circulação num ambiente ainda marcado por resquícios de censura.

Os impasses se tornaram visíveis na própria campanha das Diretas Já: Ferreira (2014) mostra que a capacidade de mobilização popular conviveu com setores reticentes a uma ruptura abrupta e com integrantes do próprio governo militar empenhados em dirigir o ritmo da transição. A anistia ampliou o espectro de vozes ao repatriar exilados e libertar presos políticos, como também suscitou críticas por beneficiar agentes de Estado envolvidos em violações de direitos humanos. Ao mesmo tempo, a circulação de estéticas experimentais, das vanguardas teatrais aos fanzines independentes, alimentou o “gozo de poder criar”, expressão que diferentes atores adotavam para nomear uma liberdade ainda situada entre conquistas e frustrações.

É nesse terreno movediço que ganha sentido a metáfora da “pigmentação histórica”: como tela de cores sobrepostas, onde militância, música, imprensa contra-hegemônica e sindicatos disputavam visibilidade. Carvalho (2013) aponta que o período costurou feridas da repressão enquanto expunha novas fissuras sociais. Assim, emergir do “sufoco” significava, para muitos, negociar permanentemente limites e possibilidades. A “Letraquinagem”, definida como “vadiagem do espírito” em chave drummondiana, inscreve-se nesse horizonte de invenção ambígua: ao mesmo tempo que celebrava a criação informal de versos, esbarrava em barreiras de mercado, censura residual e desigualdades de acesso aos meios de produção cultural.

Ao ser reativada no presente, essa memória aponta para a instabilidade das conquistas democráticas, ecoando a análise de Nobre (2019), segundo a qual ideologias autoritárias tendem a ressurgir em contextos marcados pela desinformação e pelo enfraquecimento do debate público. Longe de configurar um épico encerrado, o “desafio de vencer a ditadura” persiste como processo aberto, que exige atenção constante e multiplicidade de vozes. Reconhecer a

diversidade das experiências juvenis na década de 1980 permite compreender por que valores como liberdade de expressão, pluralismo e participação cidadã demandam reinvenção contínua de uma prática histórica que confronta o autoritarismo, seja ele passado ou presente, a partir dos discursos que o questionaram e ainda o reelaboram.

Encerrado o bloco de lembranças ligadas às mobilizações juvenis e à atmosfera política do pós-ditadura, a narrativa de Chaveiro (2023; 2024; 2025) toma um rumo mais íntimo e comovente, sem deixar de carregar espessura histórica. O autor evoca, então, uma memória densa e fundadora: a morte repentina do pai, descrita como um “grande evento”.

A cena, marcada por uma poética discreta, inaugura um vazio que, ao mesmo tempo que interrompe, convoca o narrador à reconstrução de sentidos. Na tessitura desse relato, a dor se converte em gesto de linguagem: é pela poesia que a ausência encontra forma, é na palavra que o luto se transforma em travessia. Nas palavras do próprio Chaveiro:

Com 18 para 19 anos, meu pai morreu. Talvez este seja um grande evento, um evento que eu fui me dar conta disso que você pergunta, do repertório dele, bem mais tarde. Meu pai morreu de repente, com 48 para 49 anos, um infarto fulminante, um ataque no coração e então, não tem aviso prévio. Um dia eu trabalhava no escritório, num dia eu tenho pai, no outro dia, pro resto da vida, não. [...] Ao mesmo tempo trágico, mas ao mesmo tempo tinha uma coisa poética de dizer assim: olha! Olha que bacana você ter um evento desse, ter uma tragédia dessa, que bacana! E tanto é que, quando as primeiras narrativas de morte do meu pai, é uma narrativa muito poética. Dois terapeutas que ouviram essa narrativa viram como poesia. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 14 dez. 2023. Acervo da autora).

A morte súbita do pai, ocorrida quando o narrador tinha dezoito anos, ergue-se como eixo de uma experiência formadora atravessada por múltiplos sentimentos. A lembrança emerge como mosaico em que dor, surpresa e poesia se entrelaçam. A escolha: “um dia eu tenho pai, no outro, não” - expõe a irreversibilidade da perda, enquanto o comentário paradoxal: “que bacana ter uma tragédia dessa”, expõe o esforço de converter a ruptura em matéria de criação.

O caráter “poético” legitimado pela escuta terapêutica amplia a polifonia do relato: vozes do sujeito enlutado, de profissionais da saúde e de repertórios culturais diversos se cruzam, instaurando uma heteroglossia que articula termos como “infarto fulminante”, “trágico” e “poesia”. Cada troca desloca o significado da perda, demonstrando que a memória se refaz continuamente na interlocução e nos afetos partilhados.

Ao chamar a morte de “bacana”, adjetivo paradoxal, o narrador desloca a tragédia para um campo estético que transfigura a dor em potência criativa, porém não a anula. Nesse processo, a catarse ao invés de extinguir o sofrimento, reorganiza-o em campo simbólico onde o caos interior se converte em linguagem.

Esse trabalho de linguagem confere à perplexidade e ao luto um arranjo simbólico capaz de reorganizar o vivido. Ao qualificar a morte como evento “bacana”, o narrador introduz uma estética do paradoxo: a beleza incapaz de suavizar a dor, pode dar forma para que ela circule sem consumir o sujeito. Cria-se, assim, uma catarse que, que reconfigura o sistema narrativo e permite à biografia incorporar a ruptura sem perder coerência. O acontecimento opera simultaneamente como cisão e impulso: interrompe expectativas, por outro lado, inaugura uma reflexão sobre legado, o tempo e a responsabilidade.

Recontar reiteradamente o episódio, ora enfatizando o “choque” do futuro interrompido, ora destacando o legado paterno, ajusta o entendimento do acontecimento e inscreve a experiência no tecido identitário. A cada releitura, novos sentidos emergem, mostrando que o passado adquire colorações conforme as demandas do presente e os interlocutores que o interpelam.

Essa perda se converte, assim, em “grande evento” tanto pelo sofrimento que provoca, quanto pelo potencial transformador que desencadeia. Ao verbalizar a tragédia, o narrador honra a memória do pai ao passo que encontra na palavra poética um recurso de reconstrução subjetiva. A narrativa, portanto, recria o próprio narrador e preserva o legado paterno.

Daí estender o olhar a outras ausências, a morte da avó Ana, do avô-padrinho, a dor materna diante da perda de quatro filhos, compondo um pano de fundo em que a fragilidade e a responsabilidade se interpenetram, reforçando a consciência precoce da finitude e da necessidade de reinventar-se frente a ela:

É sempre difícil hierarquizar, mas eu diria que minha vida foi marcada por muitas mortes. Com 7 anos, minha avó Ana morreu. O vínculo não era tão forte por conta da idade. Depois, com uns 10 anos, perdi meu avô, que era também meu padrinho, e esse vínculo era muito maior. Aos 18 ou 19 anos, meu pai morreu. Talvez esse tenha sido o grande evento. Foi uma perda repentina, ele tinha 48 ou 49 anos e morreu de um infarto fulminante. Num dia eu tinha um pai, no outro, ele se foi para sempre. Minha mãe já tinha perdido quatro filhos, e eu, como o mais velho, tive que me colocar numa posição de força, o que foi muito difícil para mim. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 11 dez. 2023. Acervo da autora).

Cada perda: a avó Ana, o avô-padrinho, o pai, os quatro irmãos que não sobreviveram, converte-se em um marco existencial que rasga o *continuum* do tempo vivido e inaugura um “antes” e um “depois”. Ao articular essas despedidas, o narrador deixa entrever o modo como o autobiográfico se reconstrói a partir de zonas de ruptura, aproximando-se da noção de “ponto

de viragem” proposta por Ricoeur (2003) para designar eventos que reconfiguram a narrativa de si.

As escolhas composicionais do narrador atestam como cada morte repercute em sua subjetividade e reorganiza os papéis no interior da família. Quando Eguimar admite ter precisado “ser forte” para sustentar a mãe, dimensiona-se a dimensão performativa do luto: Sentir a dor torna-se inseparável de assumir, no lugar de primogênito, a postura de amparo que as normas de gênero impõem. Cada vez que o sujeito relembra, ele reorganiza sua percepção de si e do que viveu. As experiências ganham novos sentidos com o tempo, de acordo com os vínculos sociais e afetivos que atravessam o presente, já que o passado não guarda fatos prontos.

A ênfase conferida à morte do pai, tratada como “evento-chave”, ilustra o caráter hierárquico da memória: certos episódios adquirem centralidade simbólica porque condensam afeto, desamparo e reorientação de projetos. Esse luto central reorganiza os demais como satélites que gravitam em torno do trauma principal, conferindo nova hierarquia às perdas vividas. Tal hierarquização reafirma que narrar implica escolher, selecionar, silenciar, procedimento que indica a presença de múltiplas vozes internas debatendo quais recordações merecem primazia no enredo de vida.

Embora o foco enunciativo permaneça no filho, o texto cede espaço a vozes adjacentes, sobretudo a da mãe, cuja dor atua como um subtexto afetivo que atravessa silenciosamente a narrativa. A mãe enlutada, que já perdera quatro filhos, figura como espelho e contraponto: nela, Eguimar (2023) ao narrar, ler os limites da própria resistência, experimentando uma intersubjetividade fundada em afetos compartilhados e na obrigação moral de “segurar” a família. Esse entrelaçamento mostra que o sujeito se forma no interior das relações que o atravessam, marcado pelas experiências de cuidado, afeto e responsabilidade partilhada.

A concisão de certas passagens, como “Num dia eu tinha pai, no outro, ele se foi para sempre”, produz um efeito de choque que traduz a subitaneidade do real traumático. O recurso ao paralelismo antitético (presença/ausência) dramatiza a ruptura da continuidade, convertendo a finitude em matéria de elaboração estética. Essa condensação linguística dá forma ao inominável, permitindo que o luto se transforme em gesto criativo: a escrita emerge como ritual simbólico de elaboração, em que a ferida, ao ser nomeada, se transfigura em possibilidade de (re)invenção do sujeito. Nesse processo, a narrativa confirma que cada escolha de linguagem opera como ato de sobrevivência, uma verdadeira artesanaria da perda, que inscreve a vulnerabilidade humana no corpo do texto e, a partir dela, desenha nova cartografia existencial.

Com o passar dos anos, fui relembando e revisitando essa dor. O modo como lidamos com a morte é um enigma, e, no meu caso, esse evento coincidiu com um momento de ascensão pessoal e acadêmica. Eu estava começando minha vida universitária e minha participação nas comunidades eclesiais de base. Apesar de toda a dor, havia algo poético em perder um pai na adolescência, e isso se refletiu nas primeiras narrativas que eu criei sobre a morte dele. Dois terapeutas que ouviram essas narrativas perceberam essa poeticidade, assim como uma amiga minha, Ana Cristina, que me disse que eu “poetizo a morte do meu pai”. Foi uma forma de ressignificar a dor e o desamparo que senti. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 13 dez. 2023. Acervo da autora).

A coincidência entre a morte do pai e o início de uma etapa promissora da vida, marcada pela entrada na universidade e pela atuação nas comunidades eclesiais de base, introduz uma tensão narrativa que estrutura a narrativa. O luto e o crescimento pessoal coexistem como forças simultâneas que reorganizam afetos, responsabilidades e modos de estar no mundo. No plano discursivo, o narrador sinaliza essa convivência paradoxal entre pesar e entusiasmo, expondo a complexidade de experiências que desobedecem a uma linearidade emocional, e que se sobrepõem, se contaminam e se transformam mutuamente.

A frase “havia algo poético em perder um pai na adolescência” traduz sua reformulação simbólica, sem relativizar a dor. Ao nomear o trauma com uma linguagem que conjuga beleza e perda, o narrador desenha um caminho de elaboração sensível, em que o sofrimento deixa de ser apenas ruptura para se tornar matéria de linguagem. Nesse gesto, a dor é acolhida e recriada sob a forma de sentido, ainda que provisório. A dor, portanto, é transfigurada, um modo de reorganizar o vivido por meio de uma poética da perda.

O reconhecimento externo, vindo dos terapeutas e da amiga Ana Cristina, reforça o caráter intersubjetivo da memória. A escuta do outro válida a narrativa e participa de sua constituição. As vozes que ecoam na narrativa funcionam como espelhos interpretativos, reafirmando que a construção do eu é inseparável das relações que o atravessam. Contar-se passa, nesse caso, pela capacidade de o outro escutar e devolver sentido.

“Poetizar a morte” emerge, então, como estratégia de enfrentamento e reelaboração. O gesto reinscreve a perda em uma categoria simbólica que reúne sensibilidade, memória e criação. Ao atribuir forma ao que parecia irrepresentável, o narrador produz uma narrativa em que a ferida se converte em ponto de passagem, traço que projeta um modo singular de estar no tempo e de elaborar as ausências.

Essa experiência funda um modo de ser que se prolonga: ao morar sozinho em Catalão e assumir precocemente a própria autonomia, Chaveiro (2023) identifica a ausência paterna como impulso para uma independência precoce. A proteção da mãe, ainda que acolhedora,

talvez não propiciasse a mesma ousadia. A perda, longe de ser encerrada em si, se atualiza em momentos distintos da trajetória, como a entrada na universidade em 1981, período marcado pelo fervor da geografia crítica em Goiânia-GO, pela militância política e pela formação intelectual. Em vez de uma hierarquia linear, o narrador reconhece uma trama de experiências que, mesmo distintas, participam de sua constituição.

Entre ausências, desafios e momentos históricos importantes, cada vivência inscreve o sujeito em um percurso de transformação pessoal e intelectual. É nesse entrelaçamento que se constrói o relato a seguir:

Depois disso, fui morar sozinho muito cedo, em Catalão, e vi o quanto a ausência de meu pai impactou minha autonomia e independência. Se eu estivesse sob a proteção da minha mãe, talvez eu não tivesse tido a coragem e ousadia que tive. Mas esse evento não se esgota em si; ele se atualiza em outros momentos da vida, e essa complexidade é difícil de hierarquizar. O fato de eu ter entrado na universidade em 1981, num momento tão fervoroso da geografia crítica em Goiânia, também foi um evento marcante, assim como a militância política e a minha formação intelectual. Cada uma dessas experiências contribuiu para quem eu sou hoje, de maneiras diversas e profundas. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 11 dez. 2023. Acervo da autora).

O trecho: “Depois disso, fui morar sozinho muito cedo, em Catalão”, instaura um divisor de águas biográfico que ultrapassa o mero relato factual. A locução adverbial “muito cedo” enfatiza a precocidade da ruptura e infiltra, no *continuum* da narrativa, um ponto de inflexão responsável por reestruturar o cronotopo familiar. Trata-se de um ponto de virada: um evento cuja intensidade reorganiza a sequência temporal e confere nova inteligibilidade ao percurso de vida. Aqui, a autonomia emergente responde à lacuna deixada pela morte paterna, convertendo a ausência em propulsor de coragem e ousadia.

Quando o narrador contrapõe essa saída precoce à “proteção da minha mãe”, ele reinscreve o passado numa base afetiva e relacional. A figura materna atua como território de amparo que, paradoxalmente, delimita a esfera de arriscar-se. Afastar-se da mãe equivale a lançar-se num espaço de experimentação identitária. O “eu” do narrador emerge no entre-lugar do diálogo com essas presenças e ausências: o pai que falta, a mãe que acolhe. O tempo, portanto, se dobra em espirais de atualização, nas quais acontecimentos pretéritos são interrogados por necessidades presentes e, assim, ganham novos contornos de sentido.

A consciência de que “esse evento não se esgota em si, ele se atualiza em outros momentos da vida” explicita uma concepção dinâmica de memória. Podemos dizer que as recordações se reagrupam conforme os quadros sociais nos quais o sujeito se posiciona a cada nova etapa. Longe de figurar como depósito de dados, a lembrança torna-se dispositivo

hermenêutico que relê o passado à luz de perguntas contemporâneas. Narrar, aqui, equivale a reinscrever a experiência no fluxo dialógico do presente, transformando o vivido em material de interpretação contínua.

A referência à entrada na Universidade Federal de Goiás, em 1981, durante o auge da geografia crítica em Goiânia, desloca o relato do plano estritamente familiar para o campo das lutas intelectuais e políticas da década de 1980. A convivência com debates sobre economia agrária, reforma urbana e movimentos sociais amplia o repertório do jovem estudante, fazendo-o transitar da “coragem doméstica” para a ação pública. Militância, pesquisa acadêmica e vínculos familiares formam um diagrama de forças, aqui cada polo reconfigura os demais.

Essa ramificação de vivências confirma que a identidade persente nas narrativas de Chaveiro (2023) se constrói por camadas: ausência paterna, proteção materna, desafio da solidão, descoberta política e inserção intelectual. Tais camadas dialogam, entram em atrito, revezam o lugar de predominância conforme a conjuntura afetiva e histórica. Nessa perspectiva, a memória aparece como tessitura heterogênea, resistente a simplificações ou ranqueamentos definitivos.

Identificar os “momentos formadores” (o choro inaugural por não saber ler, a morte do pai, a mudança solitária para Catalão) requer atenção às marcas discursivas que moldam cada cena. A cada retorno narrativo, o enunciador reposiciona o horizonte de sentido, transfigurando acontecimentos em experiência partilhável e reflexiva. Sob a lente *bakhtiniana*, a escrita autobiográfica aparece como ato dialógico por excelência: o “eu” emerge na relação com o outro, entrelaçando tempo, afeto e linguagem num gesto de endereçamento contínuo. Percorrer uma trajetória, portanto, é adentrar um espaço onde a memória conversa com vozes plurais e cronotopos variados, redesenhando o sujeito narrador numa tessitura de valores que se renova a cada recontar de si.

4.3 Experiências vívidas na megacidade: a reinvenção do ser

Ao revisitar suas memórias, o sujeito organiza, ressignifica e tece conexões que transcendem a linearidade do tempo. Cada lembrança ativada carrega camadas de sentido que se entrelaçam ao presente, tornando a narrativa um campo vivo de reconstrução. É nesse fluxo de recordações que Chaveiro (2023) compartilha sua experiência na Universidade de São Paulo (USP):

Aí eu vou pra USP... faço na USP quase, fico lá também. As pessoas convidaram, mas em nome da família também, eu acho que não ia gostar de morar em São Paulo, embora gostasse muito do ambiente, USPiano. E eu fui pra USP e fiquei morando lá, em todos os lugares, é uma intensidade total. Eu ficava 12, 14 horas na USP diariamente. [...] Tomei muitas decisões erradas, mas algumas foram acertadas. Uma delas foi a de morar em São Paulo, e essa foi uma decisão inalienável. Eu queria muito viver em São Paulo. Naquela época, São Paulo era a terceira maior cidade do mundo, e eu queria vivenciar essa realidade ao máximo. Acabei gastando mais do que a bolsa me permitia. Eu tinha uma bolsa, e algumas pessoas diziam: “Eguimar, guarda o dinheiro da bolsa, compra um apartamento”. Mas eu não segui esse conselho, porque queria aproveitar tudo que a cidade tinha para oferecer. Essa decisão trouxe seus prós e contras, pois eu saí de lá muito estressado, cansado... era uma rotina de 12, 14 horas por dia”. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 13 dez. 2023. Acervo da autora).

A descrição da vivência na USP e a decisão de morar em São Paulo são construídas sobre uma lembrança marcada por intensidade e conflitos internos. Já na primeira frase (“Aí eu vou pra USP... faço na USP quase, fico lá também”), percebem-se as pausas, hesitações e complementos que indicam um esforço de organizar as ideias e de reconstituir emocionalmente o período em questão.

A menção à família como um motivo para não se mudar para São Paulo, seguida pela confissão de que “embora gostasse muito do ambiente USPiano”, elucida o conflito entre desejo individual e expectativas externas. O contraste narrado reafirma como a memória é atravessada pelas distintas vozes: a própria, a da família, a de colegas e outras pessoas que influenciam as escolhas do sujeito. A narração, portanto, se articula em torno das tensões entre o vivido e as opiniões recebidas, interpreta uma postura reflexiva diante da pluralidade de vozes que o atravessam.

Outro aspecto notável é a ênfase no tempo vivido de forma prolongada e exaustiva na universidade: “Eu ficava 12, 14 horas na USP diariamente”, reflete uma temporalidade quase obsessiva que se impõe sobre as demais esferas de sua vida. A repetição desse dado reforça a intensidade da experiência, o narrador sublinha reiteradamente a carga horária e o envolvimento no ambiente acadêmico. A recorrência numérica desse dado (12, 14 horas) corrobora a intensidade e o nível de dedicação, ao mesmo tempo em que sinaliza uma rotina exaustiva. Disso decorre uma temporalidade acelerada, quase frenética, que permeia as lembranças e influencia o modo como ele interpreta esse período: a USP surge como um espaço de dedicação total, um território de total imersão, que impacta tanto na rotina, quanto na forma de perceber a própria vida e as relações.

Em seguida, uma narrativa aborda a “decisão inalienável” de morar em São Paulo, cuja justificativa está vinculada à grandiosidade da metrópole (“terceira maior cidade do mundo”) e à ansia de desfrutar tudo o que a cidade pode oferecer. Esse enquadramento acentua como as

escolhas do sujeito se cruzam com uma percepção de São Paulo como grande centro cultural, acadêmico e de oportunidades. A memória, nesse ponto, carrega o fascínio pela cidade, associando-a a uma experiência única, ainda que financeiramente e emocionalmente custosa. Aqui, memória e tempo se entrelaçam ao evidenciar um momento histórico específico em que São Paulo é apresentada como grande centro cultural e econômico, abrindo possibilidades de experiências que extrapolavam o escopo da universidade.

O fato de “gastar mais do que a bolsa permitia” apresenta outra dimensão do conflito entre prazer e responsabilidade financeira. O narrador expõe conselhos que foram dados (“guarda o dinheiro da bolsa, compra um apartamento”), mas ressalta o desprezo momentâneo por essas previsões em favor de uma vivência intensa. Nesse aspecto, a memória resgata as diferenças de valores: de um lado, a preocupação pragmática de pessoas próximas; de outro, a urgência de experimentar a cidade ao máximo. Uma oposição que ilustra como a percepção do tempo, futuro *versus* presente, também se reflete nas decisões pessoais.

A opção de gastar para “aproveitar tudo o que a cidade tinha para oferecer” denota um olhar voltado para o presente, de valorizar o imediato em detrimento de preocupações pragmáticas. Essa escolha, por sua vez, se torna elemento constitutivo da memória, pois passa a fazer parte do balanço de “decisões erradas e acertadas” que ele carrega. Se há admiração, há também um aspecto de crítica ou consciência do preço cobrado por esse estilo de vida intenso. Ao reconhecer que poderia ter poupado a bolsa ou adotado uma estratégia financeira mais cautelosa, o narrador indica uma tensão entre o presente e o futuro, entre a experiência imediata e os planos de longo prazo.

O emprego de falas indiretas (“algumas pessoas diziam...”) introduz uma polifonia ao relato, compõe um campo discursivo heterogêneo no qual o narrador descreve as próprias ações e incorpora julgamentos, conselhos e projeções que o cercaram, que se tornaram latentes em sua memória. Ao oscilar entre a primeira pessoa e a forma indireta de reportar falas alheias, o texto constrói uma narrativa dialógica, em que as decisões do sujeito são contrapostas às vozes de terceiros. Tal estratégia discursiva relaciona que a formação do “eu” ocorre em confronto e negociação com olhares externos, confirmando que uma memória emerge atravessada por discursos distintos. Em vez de se limitar ao monólogo, a narrativa instaura um diálogo constante: o sujeito se apresenta como alguém que, ao revisitar suas escolhas, interage com outras vozes que o interpelam, reforçando a dimensão coletiva e negociada da construção identitária. A parti daí, Chaveiro (2023) nos contextualiza:

A USP também me impressionou muito. Eu não tinha a mínima condição de aproveitar nem 5% do que a universidade oferecia. Eram exposições de filmes, teatros, eventos. Lembro de um evento sobre futebol, onde estavam o Vladimir, Sócrates, e outros jogadores. No meu instituto de pós-graduação, tínhamos cerca de 700 alunos, e a cada semestre recebíamos estrangeiros, da França, da Alemanha. Era assustador pela sua grandiosidade. Para você ter uma ideia, na geografia tinham três bandas de música! (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 13 dez. 2023. Acervo da autora).

O narrador reforça os efeitos que a USP exerceu sobre ele ao expressar deslumbramento diante da variedade de atividades oferecidas pela instituição. Ao dizer que não tinha a “mínima condição de aproveitar nem 5%” do que a universidade dispunha, dimensiona a grandiosidade do espaço acadêmico, reimprime um ambiente cultural e científico quase infinito. Nesse sentido, o dado quantitativo (“nem 5%”) ganha relevância discursiva ao manifestar a disparidade entre as possibilidades e as limitações pessoais naquele momento de sua trajetória.

A menção a exposição de filmes, teatros, eventos e, de forma bem pontual, a um encontro relacionado ao futebol com nomes como Wladimir³⁴ e Sócrates³⁵, acrescenta um toque de realidade palpável à narrativa. Ao vincular um ídolo nacional à rotina universitária, aponta como a USP congregava diferentes campos de interesse, unindo esportistas, intelectuais e estudantes em eventos que estão além do escopo acadêmico tradicional. Aspecto heterogêneo que corrobora o clima de “grandiosidade assustadora”, expressão pela qual o narrador transmite tanto fascínio quanto certo desamparo diante de um universo com o qual não estava plenamente familiarizado.

O segundo detalhe diz respeito à presença de estudantes estrangeiros, vindos da França e da Alemanha, o que anuncia a amplitude global do ambiente universitário. Ao especificar as nacionalidades, consolida a imagem de uma instituição em constante diálogo com o mundo externo, contribuindo para a ideia de que a USP atua como espaço de intercâmbio cultural e intelectual. A progressão discursiva é completa com a menção às “três bandas de música” no departamento de geografia, um detalhe aparentemente banal, mas que reforça a percepção da diversidade de atividades disponíveis.

Em paralelo, a expressão “Para você ter uma ideia” funciona como recurso de aproximação com o interlocutor, chamando a compartilhar a admiração do narrador. Uma

³⁴ Wladimir Rodrigues dos Santos (nascido em 29 de agosto de 1954, São Paulo – SP) foi lateral-esquerdo do Corinthians entre 1972 e 1987, onde disputou 803 partidas e se destacou por sua regularidade e consciência social.

³⁵ Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira (nascido em 19 de fevereiro de 1954, Belém do Pará – PA, falecido em 4 de dezembro de 2011) foi meio-campista do Botafogo-SP, Corinthians, Flamengo e Seleção Brasileira, com destaque nas Copas de 1982 e 1986. Foi um dos líderes intelectuais e políticos da Democracia Corintiana, unindo futebol e militância pela redemocratização do país.

formulação, ao mesmo tempo simples e incisiva, que traduz o desejo de legitimar a própria experiência, como se fosse necessário fornecer exemplos concretos para transmitir a intensidade da vivência universitária. A inclusão desses detalhes, jogadores de futebol em eventos, música em departamentos, compõe uma narrativa que demonstra a vitalidade do cotidiano acadêmico, em que a cultura e o lazer convivem com a produção científica.

Então, a ideia de me infundir na vida cultural do doutoramento, envolvendo a cidade, a USP, mudou muito minha concepção, especialmente como orientador. Fazer um doutorado não é cursar disciplinas e escrever uma tese, isso é moleza. Existem mil formas de fazer isso. O verdadeiro desafio é colocar a alma no baile, viver o mundo simbólico, mergulhar no mar de conhecimento. E isso mudou minha forma de ver tudo. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 13 dez. 2023. Acervo da autora).

Nesse exato momento, o narrador estabelece uma distinção entre o “fazer doutorado” formal, cursar disciplinas e redigir a tese, e os momentos vívidos que envolve mergulhar na cultura e no ambiente simbólico em que o doutorado acontece. Ao enfatizar que “isso é moleza” e que “existem mil formas de fazer isso”, ele relativiza o peso da estrutura tradicional do curso de pós-graduação e desloca a atenção para uma experiência que transcende a aplicação de requisitos burocráticos.

Ao afirmar que se “funde na vida cultural”, o narrador destaca que a formação acadêmica se concretiza nas práticas cotidianas: na cidade, na universidade, nos congressos e nos encontros que alimentam a circulação de ideias. Nesse itinerário, a expressão “colocar a alma no baile” sublinha a dimensão afetiva e simbólica que ele considera indispensável ao percurso doutoral: é preciso comprometer-se plenamente com esse “mar de conhecimento”, vivenciando o processo como imersão integral e não apenas como sequência de leituras, artigos e defesas de banca.

Essa inflexão do discurso permite articular o tempo da formação acadêmica ao presente do professor-pesquisador-autor. Ao revisitar a experiência do doutorado, Eguimar projeta sobre sua atuação na Universidade Federal de Goiás a mesma disposição de mergulho intelectual e engajamento cultural que orientou seu trajeto formativo. Desse modo, a narrativa reconecta passado e presente, mostrando como o fazer científico, o ensino e a produção autoral se alimentam de uma mesma ética: viver intensamente a cultura universitária para transformá-la em prática pedagógica e em pesquisa socialmente significativa.

A metáfora do mergulho indica um comprometimento afetivo com a pesquisa e com o contexto que a sustenta, traduzindo-se numa postura ativa diante das oportunidades culturais e intelectuais oportunizadas pela cidade e pela universidade. Ao reconhecer que se tornou um “orientador especial”, o narrador sugere que essa experiência alterou seu modo de conduzir estudantes: orientar deixou de significar apenas acompanhar projetos e tornou-se estímulo à circulação por espaços acadêmicos e artísticos, à construção de redes e ao exercício continuado da curiosidade.

Nessa perspectiva, o processo formativo se amplia: participar de congressos, dialogar com colegas e explorar a vida cultural paulistana passam a integrar o repertório pedagógico, expandindo horizontes teóricos e práticos dos discentes. A vivência na USP e na metrópole reconfigurou a percepção do próprio narrador sobre o que significa formar pesquisadores, ancorando sua prática em territórios simbólicos que ultrapassam os limites da sala de aula.

Ao problematizar o “caminho padrão” do doutorado, o texto desloca o foco da tese concluída para a experiência que a antecede e a excede. Esse deslocamento questiona modelos formativos centrados apenas em produtos, indicando que a interação cotidiana com a cidade, com a comunidade acadêmica e com seus eventos culturais é decisiva para a construção de valores, visões de mundo e identidades profissionais.

A seguir, Eguimar (2023) apresenta uma análise reflexiva sobre a própria trajetória:

Dois pontos me marcaram: o primeiro é que morar em São Paulo não é para qualquer um. Alguém como eu, que nasceu na roça, no interior de Goiás, morou em Trindade, depois teve uma relação com Goiânia, morar em São Paulo era muito importante. Foi uma experiência para derrubar muitos mitos, como o de que as pessoas lá são inatingíveis ou mais inteligentes. E também foi uma oportunidade para entender a dureza da vida, os perigos e o que é o mundo moderno e urbano. Viver a experiência de um engarrafamento de duas horas, entender o que é a classe média intelectualizada de São Paulo, que vai ao teatro, museus e shows, algo que em Goiânia é diferente, foi revelador para mim. Eu descobri isso aos poucos.

(Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 13 dez. 2023. Acervo da autora).

O enunciado “morar em São Paulo não é para qualquer um” faz eco a vozes sociais que, há décadas, constroem a imagem da metrópole como um território seletivo, exigente e, em certa medida, hostil ao “forasteiro”. Quando Eguimar (2023) reafirma essa fórmula, ele opera um movimento dialógico típico do discurso respondente: reconhece a representação cristalizada, toma-a como ponto de partida e anuncia que sua experiência empírica tensionará essa visão. Desse modo, a frase inicial abre a cena para que o narrador confronte o imaginário dominante produzido sobre a capital paulista.

A vivência concreta na cidade reorienta o olhar do pesquisador goiano. Ao declarar que a estadia “derrubou muitos mitos, como o de que as pessoas lá são inatingíveis ou mais inteligentes”, o narrador contrapõe o estereótipo de superioridade paulistana a descobertas cotidianas que humanizam o espaço: trânsito caótico, diversidade de públicos nos museus, vida cultural pulsante, como também precariedades compartilhadas. O contraste entre o repertório prévio, sustentado por vozes que julgavam a metrópole inacessível, e a percepção construída *in loco* defende que os significados de São Paulo se refazem na experiência vivida, rearranjando valores atribuídos à cidade, ao saber acadêmico e à própria noção de competência intelectual.

A passagem indica que o enunciador que narra regressa dessa imersão urbana com um inventário ampliado de sentidos sobre modernidade e trabalho. Experimentar engarrafamentos de duas horas ou observar a rotina de uma classe média “intelectualizada” permite-lhe compreender a dureza que molda a vida do trabalhador na megacidade, relativizando idealizações e hierarquias regionais.

A distância entre a roça goiana e o asfalto paulistano transformou-se em lente crítica: os discursos naturalizados sobre quem “pode” ou “não pode” viver em São Paulo ganham nuance, pois o narrador incorpora novas coordenadas afetivas e sociais à cartografia da metrópole. Nesse processo, a cidade deixa de ser palco de mitos para converter-se em espaço onde o sujeito reavalia suas referências e reinscreve seu próprio percurso formativo.

Quando afirma ter “descoberto isso aos poucos”, o narrador ressalta o caráter processual da compreensão: cada deslocamento, cada diálogo e cada intervalo entre sala de aula e rua reorientam sua interpretação da cidade e de si. O tempo, aqui, funciona como operador dialógico que agrega camadas sucessivas de sentido, transformando mitos em experiência interrogada. Assim, longe de dicotomizar academia e vida, o relato deixa ver que a formação do pesquisador se faz no vaivém entre saber sistematizado e vivência heterogênea, ampliando a consciência de que todo conhecimento é marcado pela alteridade dos lugares, das vozes e dos ritmos que o atravessam.

Figura: Na travessia entre Ariká e Buridina



Fonte: Artista plástico Josinei Sousa Feitosa (2025)

5 CRÔNICAS DA EXISTÊNCIA E DA MILITÂNCIA

O Outro, com sua cor, jeito e enigma; com seus traços genéticos, com a sua birra e com o seu volume. Ele, apaziguado, intrusivo ou aberto. Provocador, circense ou indiferente... O Outro nos é impossível. Aliás, fazer a palavra acessar o núcleo central do trauma é impossível – e isso, abordar o esconderijo do trauma – é urgente e necessário como o pão, o sol e o feijão. Conter a morte, seu sussurro no peito, sua mensagem calada, deixar de suspeitar de seu riso sádico incrustado no silêncio das células, nos é impossível. Isso é para os deuses e, para quem, igual aos deuses, faz calar a razão fechando os olhos para o que vibra e tensiona. Nem mesmo controlar o pensamento, o desejo e o destino da emoção, é possível. Nos cabem, isso é duro, é osso, apenas reconhecer a lição: ser humano é habitar o mar inquieto da imperfeição; é mergulhar no enigma de estar vivo com risco e com um fardo que nem sabe decifrar; é andar no mato dos símbolos sem cachorro. Mas latir musicalmente, isso é possível, afinal, se o mundo é o teatro de Deus, não há limite à nossa condição de personagem. (Chaveiro, Eguimar F. Mensagem recebida por Weigma Michely da Silva. 10/22/2024. Mensagem via *WhatsApp*.)

Esta seção inicia uma conversa com as crônicas de Eguimar Felício Chaveiro sob o signo do desamparo. O “bilhete” que serve de ponto de partida formula a experiência do humano fragilizado: o encontro com o *Outro*, a irredutibilidade do trauma, a impotência da palavra, a onipresença da morte. Cada imagem escolhida (a cor, a birra, o volume, o sussurro) sublinha a falta de abrigo diante dos infortúnios que atravessam o cotidiano. Ao invés de buscar alívio, o texto exhibe fendas, ressalta limites e convoca o leitor a reconhecer o lugar incerto onde a condição humana se instala.

A enumeração inicial (“cor, jeito, enigma, birra e volume”) desenha um *Outro* multifacetado, impossível de capturar em fórmula estável. Na mesma medida em que seduz, essa alteridade ameaça: “apaziguado, intrusivo ou aberto”. O gesto de nomear perde vigor porque a própria realidade escapa, sobram sinais do estranho, que ressalta a vulnerabilidade de quem observa. Nesse cenário, a pluralidade do *Outro* denuncia a instabilidade do existir em um mundo no qual as identidades estão em constante transformação.

A palavra “impossível”, retomada como refrão, marca o cerco que o trauma impõe. A urgência de “acessar o núcleo central” convive com a certeza de fracasso. Tal tensão cria um espaço paradoxal: precisamos falar, mesmo sabendo que toda fala falha. O bilhete, então, converte a própria impotência em força poética, aquilo que falta à linguagem expõe o que excede a experiência e revela o abismo que liga sujeitos e feridas.

Viver é, por definição, arriscado. A narrativa tensiona essa condição ao contrastar o sujeito com os deuses: enquanto à divindade cabe a prerrogativa de “conter a morte”, ao humano resta a consciência dilacerante de seus limites. Desejo, razão e emoção irrompem como forças

incontroláveis, tão indomáveis quanto a própria morte. Não somos autores soberanos de nossos atos, somos testemunhas das forças que nos atravessam. Nesse processo, a impotência deixa de ser sinal de falha moral para se afirmar como marca ontológica da existência.

As imagens que surgem (“mar inquieto da imperfeição”, “mato dos símbolos sem cachorro”) remetem a um percurso sem bússola. A metáfora troca a arrogância da certeza pela coragem da deriva. Criar sentido vira exercício provisório, gesto que admite que toda nomeação é tentativa, nunca posse.

No epílogo, a cena do “latir musicalmente” orienta um caminho de decompressão. O teatro do divino acolhe personagens que, apesar do *script* incontrolável, improvisam cantos, ruídos, poemas. Diante de um destino humano tecido por fardos indecifráveis, a arte se apresenta como trégua momentânea: transforma o golpe em ritmo, a dor em riso, o abismo em fôlego. É precisamente aí, quando o controle cessa, que se abre o intervalo criativo: a arte irrompe como respiração possível quando a razão tropeça.

Essa abertura, entretanto, não se sustenta em monólogo. Todo bilhete carrega a marca do “dialogismo”: um dizer breve, atravessado pela premência de alcançar um destinatário imediato, lançado ao mundo em busca de múltiplas escutas. A precariedade do humano, exposta na impossibilidade de decifrar o Outro ou segurar a morte, encontra contraponto nesse ato de endereçamento que supõe o retorno de vozes alheias. Entre impossíveis (acessar o trauma, conter o fim) e possíveis (encenar, latir, compor), forma-se um entre-lugar fértil onde a escrita metaboliza o indizível, trocando o domínio pela partilha de signos.

Assim, o bilhete anuncia sua própria condição: ele existe porque há sempre alguém a quem se fala, e, sobretudo, alguém que pode responder. O texto termina, portanto, reivindicando a dimensão performativa da linguagem: se nada garante a salvação, ainda resta a cena em que a palavra, mesmo titubeante, convida a co-presença de outros sujeitos e transforma a angústia em matéria de criação.

Concluimos, assim, que o bilhete revela um sujeito que, diante do limite e do trauma, aposta na palavra como gesto inventivo e relacional. Mais que uma nota breve, esse enunciado condensa uma ética da escrita que atravessa e sustenta o projeto literário-militante de Eguimar Felício Chaveiro. Para acompanhar esse desdobramento, propomos, a seguir, duas subseções: a primeira dedicada ao gênero crônica e a segunda ao estilo autoral que singulariza sua escrita.

Até a data de nossa pesquisa, Eguimar Felício Chaveiro havia publicado 67 crônicas na coluna *Opinião* do Blog Visat Multiplicadores. Para esta análise, selecionamos cinco textos de temáticas diversas, com o objetivo de cartografar os temas que se destacam em seu percurso literário-militante. Essas crônicas emergem de uma dinâmica que entrelaça o singular e o

coletivo: muitas delas se originam do diálogo constante entre os grupos Dona Alzira e Multiplicadores de Visat. Nos encontros semanais, o debate se intensifica, a militância se reinventa, e as ideias transbordam da oralidade partilhada para a escrita, mantendo a pulsação dialogal que já se anunciava no bilhete.

5.1 O “rés-do-chão”

Nesta subseção, interessa-nos problematizar a crônica sem repetir, de forma exaustiva, o que já se sabe sobre suas feições. Pretendemos, antes, traçar um percurso teórico conciso e sólido que situe o gênero a partir de autores seminais, como Bakhtin (2016 [1897-1975]) e Antônio Candido (1981), além de vozes que lhe conferiram contornos próprios.

De início, vale ressaltar que, para Bakhtin (2016 [1897-1975]), o uso da língua efetiva-se por meio de enunciados concretos, circunscritos a domínios discursivos específicos da atividade humana. Conforme explica o autor, “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Sob essa ótica, a crônica emerge como um gênero discursivo que mescla referências jornalísticas, literárias e cotidianas - uma forma híbrida de enunciação que tem no “rés-do-chão” da vida diária sua matéria-prima.

A noção de “rés-do-chão”, formulada por Candido (1981), destaca justamente essa ancoragem no cotidiano: acontecimentos mínimos, convertidos em texto, ganham densidade poética e poder reflexivo. Esse patamar básico amplia o horizonte temático do cronista, que mobiliza a memória para transformar lembranças, episódios e personagens em cenas de partilha afetiva. O resultado combina singeleza composicional e sofisticação simbólica, qualificando a crônica como arte simultaneamente acessível e complexa.

Paulo Freire (2003, p. 16) traduz com clareza essa poética do chão comum ao recordar a visita à casa onde nasceu:

Há pouco tempo, com profunda emoção, visitei a casa onde nasci. Pisei o mesmo chão em que me pus de pé, andei, corri, falei e aprendi a ler. O mesmo do primeiro mundo que se deu à minha compreensão pela ‘leitura’ que ele fui fazendo. Lá, reencontrei algumas das árvores da minha infância. Reconheci-as sem dificuldade. Quase abracei os grossos troncos - os jovens troncos de minha infância. Então, uma saudade que eu costumo chamar de mansa ou me envolveu cuidadosamente. Deixei a casa contente, com a alegria de quem reencontra gente querida.

O fragmento lembra como revisitar espaços e objetos do passado pode despertar um misto de nostalgia e renovação. A “saudade mansa” mencionada por Freire (2003) constitui uma manifestação afetiva que espelha a “poética do rés-do-chão”: o que há de íntimo e, ao mesmo tempo, comum na experiência humana. Esse “chão concreto” - apontado pelo autor como seu “primeiro mundo” - representa a força simbólica do retorno às origens, reacendendo a interpretação que fazemos de nós mesmos e do contexto à nossa volta.

O termo crônica chega ao Brasil como herdeiro direto do *feuilleton* (folhetim) francês oitocentista, contudo, logo se “abrasileira”, convertendo-se, nas palavras de Afrânio Coutinho (2008, p. 121), numa “prosa curta, híbrida, situada entre jornalismo e literatura, na qual menos importa o assunto - em geral efêmero - do que as qualidades de estilo, a variedade e a graça na análise de fatos miúdos”. Essa definição já anuncia a tensão constitutiva do gênero: de um lado, a urgência do noticiário; de outro, a liberdade formal que permite digressões líricas, humorísticas ou memorialísticas.

O salto decisivo ocorre quando o jornal se torna diário, barato e de grande circulação. “Ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano”, recorda Antônio Candido (1992, p. 14). Nas folhas ainda cheirando a tinta, o rodapé converte-se em tribuna coloquial: ali, José de Alencar, na série “Ao correr da pena” (1854-1855), comenta política, teatro, modas e “causos” cariocas, firmando o pacto de cumplicidade entre cronista e leitor urbano, que desejava reconhecer-se, divertir-se e instruir-se nesse texto breve. O espaço estreita-se, o tom suaviza-se, e a crônica, para usar imagem de Candido, “penetra poesia adentro”, desatando as amarras do artigo sério.

Nos últimos anos do Império, o rodapé vira laboratório narrativo. Machado de Assis observa manias da Corte, Lima Barreto flagra a desigualdade da Primeira República nascente, Olavo Bilac tempera patriotismo cívico com fina ironia. Críticos identificam nesse período a “autonomização” da crônica: o gênero passa de veículo informativo para tornar-se forma artística reconhecível, capaz de discutir escravidão tardia, reformas urbanas e novas sensibilidades modernas (Soares, 2014).

Ao fincar-se no “rés-do-chão” da vida social, a crônica transmuda o detalhe fugaz em matéria estética, antecipando o lugar singular que ocupará na literatura brasileira do século XX: meia memória histórica, meio exercício de imaginação, sempre impregnada do instante vivido.

Conforme afirma Antônio Cândido, “foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil” (Cândido, 1992, p. 17). Sob o impacto da modernização urbana e da imprensa diária, nomes como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade lapidaram uma escrita sucinta, coloquial e atenta ao detalhe mínimo. Na mesma

época, Rubem Braga — celebrizado pelas imagens de pássaros, telhados e fins de tarde — viria a ser reconhecido como “mestre do gênero”, elevando o cotidiano à condição de matéria poética.

Do pós-guerra aos anos 1960, a crônica diversificou timbres: Clarice Lispector levou um olhar existencial às páginas de jornal; Paulo Mendes Campos oscilou entre humor e melancolia; Fernando Sabino fixou narrativas de juventude e amizade. A leveza aparente desses textos disfarçava debates sobre identidade nacional, urbanização acelerada e mudanças nos papéis sociais, indicando que a crônica continuava a funcionar como sismógrafo do presente.

Durante a ditadura civil-militar (1964-1985), o gênero assumiu feições de resistência velada. Sérgio Porto, por meio do heterônimo Stanislaw Ponte Preta, ridicularizou as autoridades no Festival de Besteiras que Assola o País (1966-1968), provando que a ironia breve podia contornar a censura e alcançar um público de massa.

Com a redemocratização, multiplicaram-se mercados e suportes: colunas semanais em grandes jornais, suplementos culturais e livros-coletânea ampliaram a circulação. Luis Fernando Verissimo, Marina Colasanti e Moacyr Scliar atualizaram o humor e dialogaram com políticas neoliberais, novas tecnologias e questões de gênero. Pesquisadores apontam essa fase como ponto de virada na percepção da crônica como produto cultural e mercadoria (MELO, 2019).

No século XXI, o gênero migra para blogs, newsletters e redes sociais. Plataformas como Substack recebem cronistas independentes, enquanto “microcrônicas” em carrosséis de texto e imagem no Instagram alcançam leitores que consomem conteúdo pelo celular (WE ARE SOCIAL; MELTWATER, 2024). Em sala de aula, projetos de letramento multimodal utilizam aplicativos como *Book Creator* para editar crônicas digitais, confirmando a vitalidade do gênero no ecossistema virtual.

Apesar dos novos formatos, a crônica conserva o “ar de coisa sem necessidade” que, segundo Cândido (1992, p. 13-14), humaniza a experiência e restitui profundidade de significado ao cotidiano. Do rodapé do jornal ao feed do smartphone, persiste como literatura do rés-do-chão: próxima do leitor, instigante, capaz de registrar o instante fugaz e transformá-lo em reflexão sobre a vida comum na contemporaneidade.

Ao conceituar os gêneros do discurso, Bakhtin (2016, p. 12) afirma que “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados”. Esses tipos, entretanto, variam em complexidade: os gêneros primários (ou simples) nascem da comunicação imediata (a réplica de diálogo, o bilhete, o relato cotidiano), enquanto os gêneros secundários (ou complexos) surgem em condições culturais mais sofisticadas, “incorporam e

reelaboram diversos gêneros primários” e “perdem o vínculo imediato com a realidade concreta” (Bakhtin, 2016, p. 15).

A crônica brasileira, sobretudo a partir de sua consolidação na década de 1930, exemplifica plenamente essa categoria secundária: ao mesmo tempo em que retém ecos de conversas, cartas e relatos jornalísticos, converte-os em enunciados literários carregados de intenções estéticas e críticas.

A história do gênero confirma essa plasticidade. Quando Antônio Candido observa que “foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil” (1992, p. 17), ele descreve o momento em que escritores como Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade passaram a recrutar formas primárias (o comentário, o flagrante do cotidiano, a conversa de botequim) e a constitui-las em textos breves, coloquiais e reflexivos.

O “enunciado concreto” de cada crônica, localizado nas páginas de um jornal corresponde a um campo de comunicação específico: a imprensa diária, que, de um lado, exige concisão temática, de outro, permite liberdade estilística. Assim, realiza-se a tríplice unidade apontada por Bakhtin (2016, p. 12), “conteúdo temático, estilo e construção composicional”, como resultado das condições históricas da produção

Nos anos do pós-guerra, a entrada de Clarice Lispector, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino ampliou o repertório dialógico da crônica. Temas existenciais, humor melancólico ou narrativas de juventude evidenciam, de acordo com os estudos bakhtinianos, a capacidade do gênero secundário de “refletir a individualidade do falante” (Bakhtin, 2016, p. 17), ao mesmo tempo em que preserva a forma relativamente estável do enunciado.

Durante a ditadura civil-militar (1964-1985) esses traços dialógicos se politizaram: o sarcasmo de Stanislaw Ponte Preta e as ironias cifradas de cronistas mulheres transformaram o texto breve em espaço de resistência, provando a tese de Bakhtin (2016, p. 20) de que as mudanças sociais “transmitem-se à língua por meio dos gêneros”.

Com a redemocratização e, depois, com o ambiente digital, a crônica continua a exemplificar o dinamismo dos gêneros secundários. Suportes como blogs, newsletters ou carrosséis no Instagram reconfiguram a conclusibilidade do enunciado: o texto já não depende da página impressa, mas do “scroll” do leitor. Mesmo assim, mantém o “ar de coisa sem necessidade” que humaniza o cotidiano (Cândido, 1992, p. 13-14), sinal de que o gênero retém sua identidade ao adaptar-se a novos campos de comunicação.

Essa trajetória reforça a pertinência das concepções dos estudos do Círculo de Bakhtin para compreender a crônica: ela se constitui pela incorporação de vozes alheias (primárias), converte-se em forma complexa (secundária) e faz do rés-do-chão da vida um laboratório

estético-ideológico. Como gênero discursivo permeado pela dialogicidade, a crônica forma leitores capazes de reconhecer a heterogeneidade social da linguagem, exercitando a escuta de múltiplas vozes e a leitura crítica do mundo, uma função que confirma a íntima relação entre linguagem, ideologia e experiência histórica.

Se, como lembra Antônio Cândido (1992), a crônica se alimenta do “rés-do-chão” do cotidiano, Machado de Assis (1877) complementa a metáfora ao descrever o ato de abrir a janela e enquadrar a cena comum. Em vez de definições rigorosas, o autor do *Cosme Velho* concebe o gênero a partir do diálogo entre vizinhos, dos pequenos ruídos domésticos e do olhar que transforma o episódio trivial em matéria literária.

Esse gesto machadiano capta o instante em que o ordinário se converte em comentário e, por meio de discreta ironia, se fixa no papel. Recordar o “abrir da janela” reforça que a crônica se compreende menos nos tratados e mais na movimentação da rua, ponto de encontro entre o olhar atento do cronista e o passo apressado do leitor. Nesse limiar entre o prosaico e o poético, o gênero acomoda, em poucas linhas, leveza e densidade reflexiva. Nas palavras de Machado (1877, p. 12):

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

A cena descrita por Machado (1877), duas vizinhas à porta, entre uma refeição e outra, trocando impressões sobre o calor, as hortas e a vida alheia, aponta mais dados que uma anedota pitoresca, institui a arquitetura íntima da crônica. O gênero se firma na escuta do ordinário, nas repetições mínimas que, sob o olhar atento do cronista, ganham inflexões de sentido.

Ao narrar o gesto de conversar enquanto se varre a calçada ou se contempla o quintal, o escritor delimita um território discursivo em que o cotidiano se desdobra em camadas, pausas e desvios significativos. No universo da crônica, prevalece uma ética da atenção às dobras mais acessíveis, e, por isso mesmo, mais sugestivas: da experiência comum, distante da solenidade do épico e do rigor explicativo da tese.

Dessa narrativa aparentemente leve emana uma exigência formativa: cultivar um leitor capaz de notar o detalhe que escapa à pressa. A crônica depura o banal e, ao fazê-lo, convida o

leitor a exercitar um olhar que reconhece subentendidos, percebe o subtexto e lê, nos gestos rotineiros, os traços de uma coletividade em movimento.

Cronista e leitor partilham, assim, a mesma disciplina da atenção: um escreve para não desperdiçar a experiência e o outro lê para ampliar sua percepção do presente. Nesse pacto silencioso, a crônica confirma sua dupla vocação, literária e pedagógica, transformando o trivial em matéria de pensamento e formando, a cada página, um olhar mais sensível às pequenas contradições do mundo.

5.2 O cronista em Eguimar

Nas crônicas de Eguimar Felício Chaveiro, há um convite permanente para mergulharmos na essência do cotidiano, percebendo que, por trás da aparente simplicidade do dia a dia, vibra uma realidade intensa e repleta de significados. É a partir de gestos mínimos, conversas domésticas ou encontros informais que seus textos emergem, transformando o que se julga banal em matéria de esperança e possibilidade. A confiança de que “o mundo só pode melhorar”, sussurrada pelo autor, delimita, assim, o tom “eguimariano”: uma escrita que aciona a alteridade, que sublinha a potência insuspeitada em cada ato e que nos convida - com alegria e sensibilidade - a dançar no grande baile da vida.

A força transformadora do cotidiano, tal como é descrita em sua escrita, também ressoa no espaço literário, domínio no qual ele transita com naturalidade entre o trivial e o insólito. As crônicas abordam temas diversos (direitos humanos, saúde do trabalhador, preservação do cerrado, soberania alimentar, inclusão de pessoas com deficiência, farofa, pamonha, entre tantos outros), todos atravessados por um olhar sensível ao valor das pequenas realidades e dos vínculos que sustentam a vida em comum.

Iniciativas como o *Grupo Dona Alzira* e o coletivo *Visat Multiplicadores* expressam, na prática, essa perspectiva sobre o cotidiano: partilhas que ultrapassam a dimensão utilitária e se desdobram em processos de leitura, escrita e reflexão, reconfigurando os modos de estar no mundo e inspirando novas formas de agir.

Embora a crônica costume ser associada à leveza passageira do instante, em sua abordagem o gênero ganha espessura temporal, entrelaçando passado e futuro, e fazendo do presente uma ponte viva entre memórias e expectativas. Nesse campo de atravessamentos, o texto assume um papel formativo: cada registro literário carrega experiências que tocam tanto quem escreve quanto quem lê. Ao revisitar continuamente os sentidos do vivido, ele formula

que a densidade da vida se esconde, muitas vezes, sob a superfície do aparentemente simples, e é essa vitalidade que convida o leitor a repensar caminhos já trilhados e os que ainda se anunciam.

A escrita de Eguimar Felício Chaveiro opera como um laboratório de autoinvenção. A cada crônica, o autor retorna às próprias vivências, reorganiza sentidos, ressignifica afetos e nos convida a acompanhar esse movimento de revisitação criadora. Ao partilhar o vivido, ele o narra transpondo-o para um plano em que valores cotidianos, já carregados de significados sociais, recebem um tratamento estético que os amplia e reorienta. A realidade experienciada é, assim, reelaborada literariamente, o texto acrescenta novas camadas axiológicas e devolve à experiência uma densidade maior.

Ler essas crônicas, portanto, exige uma escuta sensível, atenta ao que se insinua entre palavras e silêncios, capaz de perceber detalhes que escapam ao olhar apressado e de reconhecer, nos fragmentos da vida alheia, o contorno das próprias inquietações. A crônica se firma, desse modo, como espaço de criação partilhada: lugar onde o vivido encontra forma e o leitor se descobre em espelho.

A dimensão social das vivências comparece nas crônicas de Chaveiro como mediação entre a subjetividade e o mundo. Quando o autor registra o que se passa ao seu redor (seja uma cena doméstica, uma conversa no quintal, uma lembrança de infância ou um projeto com a comunidade) ele, ao mesmo tempo, reflete sobre si e reafirma laços coletivos. Esse movimento estabelece a face dialógica de sua escrita, composta por discursos que se formam na interação contínua entre autor, leitor e contexto histórico.

Em cada página, transparece a celebração de uma vida múltipla, com seus matizes e desafios. Em vez de rotular as crônicas, escolhemos vivenciá-las: delas brotam reflexões sobre os compromissos que nos unem, sobre as cores e aromas das refeições cotidianas, sobre as formas singulares de resistir e construir esperanças em conjunto. Assim, Eguimar Felício Chaveiro nos lega uma prosa que simultaneamente acolhe leveza, densidade e experiência, um texto que, ao se voltar para o ordinário, semeia a possibilidade de transformações íntimas e coletivas. Afinal, como ele mesmo sugere, o mundo, de fato, “só pode melhorar” - desde que acreditemos no potencial que reside nos pequenos gestos, e o cultivemos.

5.3 As crônicas eguimarianas

Para orientar a leitura e a compreensão dos textos em análise, adotamos quatro categorias que norteiam a análise dos enunciados/recortes discursivos para cada uma das crônicas apresentadas no Quadro 01: *Categorias de análise e expansão*.

Desse modo, o conjunto de categorias constitui um arcabouço analítico abrangente, capaz de apreender tanto a subjetividade que permeia a construção do discurso quanto suas implicações epistemológicas e políticas. Considerando que lidamos com o gênero discursivo crônica, caracterizado por uma autoria ao mesmo tempo subversiva e complexa, optamos por elaborar um quadro sintético que agrupa essas categorias de modo organizado e didático.

Quadro 01: Categorias de análise e expansão

CATEGORIA	EXPANSÃO
Memória	Refere-se ao modo como o sujeito constrói e reconstrói suas referências de vida, rearticulando vivências pessoais, familiares e sociais. A memória atua como fio condutor para a compreensão da identidade, pois, ao revisitar experiências passadas, o autor/sujeito elabora sua história, perfazendo um percurso formativo contínuo. É nesse processo que valores, crenças e aprendizados se entrelaçam, constituindo o cerne de sua subjetividade.
Diálogo intertextual e influências	A escrita se constitui como espaço de encontro entre múltiplas vozes que atravessam o discurso do sujeito. Referências culturais, literárias e teóricas atuam como perspectivas que dialogam ativamente com a construção do sentido. Essas vozes, oriundas de autores consagrados, pensadores contemporâneos ou expressões populares, manifestam modos de ver, sentir e interpretar o mundo, compondo a tessitura ideológica do texto. A intertextualidade, nesse contexto, se torna uma forma de pluralizar a linguagem e ampliar os horizontes de significação da escrita, tornando-a atravessada por posicionamentos diversos que tensionam e enriquecem a visão de mundo do autor.
Concepção de ensino, pesquisa e epistemologia	Trata da maneira como o sujeito entende a construção do conhecimento, bem como sua prática de ensino e pesquisa. Aqui, são relevantes as reflexões sobre o papel do educador, a metodologia adotada, o processo de investigação científica e os fundamentos epistemológicos que sustentam a produção de saberes. A perspectiva adotada reflete valores formativos, críticos e transformadores, apontando para uma educação dialógica e socialmente engajada.
Elementos entre a geografia e literatura	Diz respeito à interação entre espaços físicos, territoriais ou simbólicos e a produção literária. Aborda como cenários, paisagens e lugares são narrados ou mesmo ressignificados pela sensibilidade literária. Nesse contato entre geografia e literatura, compreende-se a importância de territórios concretos ou imaginários na formação de identidades, no fortalecimento de laços culturais e na consolidação de vínculos afetivos que atravessam a obra.

Fonte: a própria autora

Com base nas categorias delineadas, adotamos uma organização que favorece a leitura crítica e o reconhecimento dos elementos discursivos presentes nas crônicas selecionadas. A estratégia adotada busca ampliar a acessibilidade ao conteúdo, dialogando com diferentes interesses e campos de atuação, como a formação de leitores, o exercício docente e a formação continuada de professores. Para isso, optamos por apresentar cada crônica em um quadro

específico, a fim de tornar visíveis os aspectos centrais de cada análise, respeitando a singularidade de cada enunciado e sua articulação com o contexto formativo e epistemológico do autor.

Vale destacar que a organização apresentada neste trabalho não reproduz a disposição original dos textos no suporte em que foram publicados. A reestruturação visa justamente facilitar uma leitura mais fluida e sistematizada, permitindo ao leitor localizar, com clareza, os elementos essenciais que compõem o discurso literário e as camadas de sentido mobilizadas em cada texto.

A seguir, apresentamos a primeira crônica selecionada para análise: *O Breu Grávido de Estrelas*, de Eguimar Felício Chaveiro (2022), texto que integra, de maneira sensível e contundente, as articulações entre memória, imaginação, experiência formadora e práticas pedagógicas insurgentes.

Crônica 01: *O Breu Grávido de Estrelas*, Chaveiro (2022)

Em conversa com uma amiga concluímos que o período pandêmico acionou muitos vetores da alma humana, especialmente da alma brasileira. Na fase inicial da propagação da covid-19, sem que deliberasse, reconstituí os arquivos clandestinos da infância. A memória funda da infância talvez solicitasse a vida diante do perigo coletivo de morte. Tinha 5 ou 6 anos. No começo das noites quentes, ainda quando morávamos na roça, meu pai pegava em meus braços e me conduzia ao terreiro noturno. Ajeitando-se num lugar seguro, erguia-me aos ombros para me aproximar do breu dilatado do céu. O baile das estrelas, algo misterioso e encantador, suscitava uma invenção dos dedos paternos. Até hoje a minha posição - para a justiça das galáxias - é simples: o meu pai inventou as estrelas. Com simplicidade, o pai nomeava uma constelação, dizia o nome de uma estrela, contava a história de outra. Certamente inventava uma história desprovida de amparo astrológico, astronômico ou dos códigos da astrofísica. Não sabia, mas o breu grávido de estrelas era o rudimento de uma aula de imaginação, de sonhos e de amor pelo infinito. Tudo se enchia de significado. A operação se justificava por uma condição simples: o professor de imaginação era meu pai, um negro indígena, filho de camponeses e de gente da roça. Embora, ele mesmo tivesse índole urbana, a sua pouca escolarização o fazia inventivo ao modo dos contadores de causo do sertão goiano. Ao definir o breu grávido de estrelas como território de encantamento pelo céu, o que o pai almejava era me fazer encantado pela vida. Depois de tantos anos, aquele episódio simples, e certamente involuntário do pai, parece evocar o irresistível palpitar da minha imaginação. Estou sempre querendo ver nas coisas mais do que elas mesmas; querendo mais do mundo, das pessoas e da minha própria conduta. Há sempre “um mais” saliente que me provoca - e me move -, embora um tanto assustado, perplexo e encantado. Lembro de o psicanalista, filósofo, educador e poeta Rubem Alves, observando a sua própria experiência, dizer de pequenos lances que, no momento que ocorrem parecem ser ínfimos, sutis e quase inúteis. Muitos desses lances são espontâneos, furtivos, distraídos até. São apenas a ervilha jogada no mar. Posteriormente, contudo, podem se cristalizar em arrebatamentos fundamentais para que, olhando-os, o sujeito dê vazão à peleja do sentido, da significação da vida e, inclusive, da coragem para dizer que, com sensibilidade, com determinação e com intensidade, tudo na vida se abre e se refaz como a cauda de um pavão tropical. A escolha de pontos fulminantes da memória da infância, ou a infância que se escolhe para nos acompanhar nas dobras duras da condição de adulto, é provável que tenha portas secretas no delicado labirinto da vida social concreta e de sua relação com a mente. Mas todos podem escolher e dedicarem-se a refazer, inclusive, o passado. Incrível é que as aulas de imaginação involuntárias de meu pai no terreiro de nossa casa simples acendem, hoje, a luz de minhas aulas na universidade. Depois de percorrer, por décadas, os corredores das universidades, que, quase sempre, possuem uma temperatura fria e dissimulada, juntamente com colegas e parceiros, defendo o casamento pedagógico e científico entre conceito, experiência e imaginação. Esse casamento decorre de uma núpcia epistêmica: a ciência não pode se arrogar como a dona do saber se a experiência concreta das pessoas não é o seu centro; e a arte não pode furtar o que é seu fundamento: permitir que o sujeito da experiência seja capaz de sonhar e transgredir. Portanto, ciência e imaginação, e imaginação e experiência, podem ser o cordão amoroso que liga realidade e sonho Outro dia, num papo descontraído com o meu amigo Márcio Melo (Universidade Federal do Tocantins - Araguaia), professor de literatura africana, falei-lhe de

minhas traquinagens estéticas nas aulas. Falamos posteriormente da necessidade da transgressão aos ritos burocráticos, muitas vezes, impiedosos com quem tem o rosto simples e a origem semelhante. Não podemos, concluímos, eu e ele, fingir o nosso mundo. Temer o próprio desenho da face é uma rendição ao estatuto do poder equivocado dos diplomados. Mas sempre se encontra parceiros imaginativos e de coragem criadora. Jamais, mesmo com a força aniquiladora dos processos criadores – e criativos, a burocracia universitária, ou qualquer outra, vai conseguir apagar a centelha de estrelas perambulando no céu. É só ir para o terreiro, lá está o breu grávido de estrelas.

Fonte: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/> Acesso em: 07 jul. 2024

A seguir, apresentamos o quadro sintético com as quatro categorias de análise e expandimos as subcategorias para cada uma das cinco crônicas, os recortes enunciativos ou discursivos e, ainda, os elementos da geografia e da literatura. A intenção é observar como cada categoria/subcategoria contribui para compreender, de forma integrada, a construção da subjetividade, as influências culturais e teóricas, a visão de ensino-pesquisa e a representação do espaço físico e simbólico no texto. Dessa maneira, o leitor poderá pré-visualizar, em um único panorama, os aspectos centrais que permeiam a análise das crônicas, compreendendo tanto o enfoque teórico que embasa a investigação quanto a forma como o autor elabora suas experiências e reflexões.

Quadro 02: Categorias/subcategorias da crônica *O Breu grávido das estrelas*

CATEGORIA/SUBCATEGORIAS	RECORTES ENUNCIATIVOS OU DISCURSIVOS	ELEMENTOS DA GEOGRAFIA E DA LITERATURA
1) Memória: identidade e formação do sujeito	<ul style="list-style-type: none"> - Reminiscências do pai (negro-indígena, filho de camponeses), a roça e o terreiro. - “Breu grávido de estrelas” como cena originária que evoca a imaginação. - Influência direta do ambiente rural no despertar da sensibilidade e criatividade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Origem rural; - Espaços e culturas populares; - Autobiografia.
2) Diálogo intertextual e influências: Vozes que o atravessam	<ul style="list-style-type: none"> - Citação direta a Rubem Alves (psicanalista, filósofo, educador e poeta). - Uso de linguagem poética, metáforas (“breu grávido de estrelas”). - Referência a “contadores de causos” do sertão goiano e à oralidade popular. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fontes formadoras do pensamento do autor; - Vozes da oralidade e das tradições sertanejas.
3) Concepção de ensino, pesquisa e epistemologia	<ul style="list-style-type: none"> - “Casamento pedagógico e científico” entre conceito, experiência e imaginação. - Valorização das aulas estéticas e criativas na universidade. - Crítica aos ritos burocráticos e defesa da “transgressão” e sensibilidade no âmbito acadêmico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Metodologia e prática docente; - Interdisciplinaridade.
4) Elementos entre a geografia e literatura	<ul style="list-style-type: none"> - Descrição do “terreiro” e do “breu grávido de estrelas” como “território de encantamento”. - Relação entre espaço vivido, memória e simbolismo (céu estrelado como formador da subjetividade). - Integração da dimensão afetiva à espacial. 	<ul style="list-style-type: none"> - Para a geografia: interpretação do espaço. - Para a literatura: o valor do espaço (território, paisagens) como elemento narrativo e simbólico de construção subjetiva.

Fonte: a própria autora

Sob a perspectiva bakhtiniana, todo ato de enunciação se constitui como um ponto de convergência de múltiplas vozes, ideias e afetos. No texto *O breu grávido das estrelas*, de Chaveiro (2022), isso fica translúcido. As lembranças de infância, os ecos da cultura popular e o diálogo com pensadores como Rubem Alves emergem, ao mesmo tempo, em forma de prosa poética e reflexão crítica. Nesse sentido, o enunciador não está só: vozes se misturam numa escrita poética e reflexiva, representando que o enunciador é atravessado por diversas instâncias de significado, não fala sozinho.

A memória, aqui, não se limita a uma simples recuperação de episódios passados. Ao descrever o “terreiro noturno” e a figura paterna, o autor mobiliza aquilo que chama de “arquivos clandestinos da infância”, acionados especialmente no contexto pandêmico. Nessa lembrança, o pai, “negro-indígena, filho de camponeses”, eleva o menino a seus ombros para contemplar o “breu grávido de estrelas”. De um lado, a imagem sugere a inocência da criança, fascinada pelo brilho dos astros; de outro, reafirma a força de uma ancestralidade que incorpora os valores da roça, da terra e da oralidade.

Mas o que torna essas memórias verdadeiramente formadoras? A reacordada discursiva que emerge no presente: o episódio infantil se reconfigura como semente de uma pedagogia imaginativa, em que o pai “inventa as estrelas” na tentativa de despertar o encantamento diante da vida. Sob esse prisma, recorda para narrar fatos antigos, mas principalmente para reformulá-los à luz das experiências atuais, fazendo com que a identidade do autor seja lapidada a partir da convergência entre o vivido e o reimaginado. Trata-se de uma atitude dialógica, pois cada reminiscência convoca o passado para conversar com as demandas do presente, construindo pontes entre a pessoa que se foi e a pessoa que se é.

O texto se faz plural, povoado por vozes que vão além da experiência familiar. Há uma menção direta a Rubem Alves, notabilizando a sintonia com o pensamento que valoriza o sonho, o sensível e a experiência subjetiva como pilares do conhecimento. Ao mesmo tempo, surgem os “contadores de causos” do sertão goiano, cujo modo de narrar - quase cantado, cheio de imagens e metáforas - marca a poética popular do autor.

O entrelaçamento de vozes reafirma a ideia de que nenhum discurso é monológico. As palavras que Chaveiro emprega carregam ressonâncias de outras falas, tradições e leituras, resultando em um texto no qual o autor, a oralidade sertaneja e pensadores como Rubem Alves se encontram. Cada frase, desse modo, traz em si a herança do passado e a abertura para o novo. O “breu grávido de estrelas” sintetiza essa fusão: metáfora que tanto ecoa o lirismo rural quanto a amplitude filosófica de quem reflete sobre o infinito, sobre a metafísica.

É nessa encruzilhada de heranças culturais que Rubem Alves surge como uma voz amiga, complementando a cadência sertaneja do “breu grávido de estrelas” com sua própria visão de mundo, recheada de sensibilidade e convicção no poder da imaginação. O pensador, reconhecido por sua abordagem poética da educação, corrobora a crença de que o conhecimento não se limita ao domínio das certezas científicas ou dos protocolos acadêmicos. Ao contrário, Alves ensina que a capacidade de sonhar e de surpreender-se frente ao cotidiano é fundamental na formação de subjetividades mais abertas e criativas. Tal como o pai de Chaveiro, que “inventa as estrelas”, Rubem Alves também nos convida a enxergar além do visível, a ressignificar cada fragmento da existência para encontrar nele a centelha do encantamento.

Paralelamente, os “contadores de causos” do sertão goiano dão ao texto um colorido particular, mesclando a tradição oral com um *ethos* regional marcante. Se Rubem Alves traz ao debate a dimensão filosófica e a exaltação do sonho, esses narradores populares aportam a vivência e a sabedoria simples da roça, fazendo florescer imagens que transitam entre a terra e o firmamento. A força coletiva dessas vozes recria o passado como uma fonte viva de inspiração, em contínuo diálogo com o presente. Assim, o lirismo rural, a reflexão fundada em Rubem Alves e o engenho narrativo de Eguimar Chaveiro se trançam numa tessitura única, convidando o leitor a uma experiência em que a memória se torna matéria poética e o olhar sobre o cotidiano se amplia para abarcar o infinito.

Essa tessitura se enraíza em uma cultura de tradição oral, na qual valores, crenças, modos de vida e formas de narrar compõem uma cosmovisão entranhada no cotidiano. A oralidade atua como eixo formador de vínculos, saberes e modos de existência, funcionando como prática que articula memória, sensibilidade e experiência coletiva. As vozes dos “contadores de causos” evocadas por Eguimar Chaveiro integram ao texto uma pedagogia do vivido, marcada pela escuta atenta, pelo tempo da fala compartilhada e pela força simbólica do gesto narrativo. Ao acolher essa tradição no espaço literário, o autor reafirma um pertencimento cultural e valoriza uma ética da palavra que forma, encanta e transmite sentidos geracionais.

No texto, a universidade aparece como lugar de embate: seus corredores “de temperatura fria e dissimulada” contrastam com a necessidade de transgressão, sensibilidade e criatividade defendidas pelo autor. Ao falar em “casamento pedagógico e científico entre conceito, experiência e imaginação”, Chaveiro (2022) reivindica uma abordagem formativa descontente com o formalismo burocrático, busca encontrar na arte e na subjetividade caminhos legítimos de produção de saber.

Essa “núpcia epistêmica” se fundamenta na noção de que a ciência não pode se fechar em si mesma, sob o risco de negar o sujeito e suas vivências. Da mesma forma, a arte, se

divorciada do real, se torna meramente ornamental. Portanto, a proposta do autor é criar um diálogo que una o rigor acadêmico à potência criadora da experiência concreta. É nesse aspecto que percebemos ecos do pensamento *bakhtiniano* sobre a polifonia: no ensino superior, vozes divergentes (o discurso “oficial” e a voz insurgente, por exemplo) podem se encontrar em um ambiente de troca, e não de mera imposição.

Eguimar Chaveiro, ao mesmo tempo geógrafo e escritor de prosa poética, estabelece uma ponte fluida entre o espaço físico e o imaginário literário. Ao descrever o terreiro, o breu e as estrelas, ele não o faz como um mero documento de sua origem rural, o faz, antes, como uma cartografia afetiva que dialoga com símbolos e emoções profundas. Aqui, a geografia se torna poética: o território se apresenta como campo de experiências, lugar de memória e fonte de inspiração.

Nessa confluência, a roça deixa de ser apenas um cenário para se converter em dimensão essencial da identidade. O ato de “olhar o céu estrelado” como um simples hábito noturno, se torna um rito de formação, carregado de sentidos sociais e afetivos. Por isso, em *O breu grávido de estrelas*, o que se vê é um autor que, a partir de seu lugar de fala - atravessado pela herança rural e pelos estudos científicos -, compõe uma narrativa em que o território e a palavra se interpenetram, gerando uma visão complexa sobre a vida e as relações humanas.

Na confluência dessas quatro categorias: memória, vozes que atravessam, epistemologia e a tessitura entre geografia e literatura, emerge um sujeito autor que escapa à linearidade da descrição. Sua escrita, de natureza poética e reflexiva, configura um testemunho individual que, ao mesmo tempo, se inscreve no tecido coletivo da experiência. Isso porque, como propõe Bakhtin (2022), todo estilo é inevitavelmente atravessado pelo social: a singularidade do enunciado é constituída por vozes múltiplas que nele ressoam (a tradição familiar, os repertórios científicos, a escuta das ruas, os gestos da infância, os livros lidos, as ausências sentidas).

O que se apresenta como traço pessoal é, na verdade, resultado de um entrelaçamento de discursos, valores e olhares que estruturam a fala do sujeito e lhe conferem densidade. Assim, na escrita de Chaveiro, o “eu” do escritor se constitui como ponto de passagem, nessa dimensão discursiva, o vivido individual ganha forma ao ser atravessado por forças históricas, culturais e afetivas que sustentam a palavra e ampliam sua potência formativa.

O breu grávido de estrelas se apresenta, pois, como metáfora e realidade, síntese de um universo em que o olhar infantil descobre a infinitude do céu, enquanto o adulto acadêmico descobre a infinitude do saber. Em meio a tais descobertas, a narrativa de Chaveiro extrapola o campo pessoal e insere o leitor em um caminho dialógico, instigando-nos a refletir sobre a força que a memória possui de religar pontos dispersos, sobre o valor do outro em nosso discurso,

sobre a importância de uma educação que acolha a imaginação, e sobre como o espaço - seja ele rural ou universitário - pode ser palco de encontros poéticos que expandem a nossa compreensão da vida.

A seguir, adotamos o mesmo procedimento empregado na análise da primeira crônica: iniciamos com a leitura integral do texto, em seguida organizamos as categorias identificadas em um quadro, para então desenvolver a reflexão sobre os sentidos presentes. Apresentamos, portanto, a segunda crônica selecionada para análise, *A Arte da Saúde do Trabalhador*, de Chaveiro (2019):

Crônica 2: *A Arte da Saúde do Trabalhador*, Chaveiro (2019)

A ARTE DA SAÚDE DO TRABALHADOR

Não foram poucos - artistas, filósofos, intelectuais, militantes - que defenderam a total núpria entre vida e arte - artevida -. Esse casamento, tão sonhado por amantes da liberdade e da vida intensa, em ocasiões diversas, sublinhou outra fusão: estética e crítica - esteticrítica -. Mas o que significa isso? Um pouco de sal do rosto do trabalhador na imagem romântica do filme; sonhos harmônicos da valsa vienense na panela de feijão de dona Maria; suor espesso do gari na apoteose do poema: “o gari é limpeza, é franqueza, é beleza”. E a lição: poesia mastiga ferro com dentes de lua. Os calos do pedreiro como açoites eróticos do Tango; o olho do professor na mira de Sierra Maestra; mil rodopios do vendedor de picolé como um jongo da Serrinha. O trabalhador precisa sambar; o bisturi do médico aveludado com o canto de Neruda em Isla Negra... O trabalho no frenesi das cores trepidantes de Van Gogh. A vida é cromática. Gritos de esfomeados; operários em greve; colisão de veículos com sangue exposto no asfalto; mãos decepadas de cortadores de cana; rosto carcomido de pescadores de São Bento; pés descalços batendo a uva; prego nos dedos no último andaime... vida total, sentida, interpretada, aberta ao exercício amoroso da liberdade: eis a arte do trabalhador. A arte não pode mentir. - Arte? - A arte é uma forma de transgredir as forças normativas e de romper o casulo de uma vida de Estado; é frequentemente o que se tem para gerar fôlego nos interstícios da sociedade de controle, outro movimento do corpo inclinado ao gozo e ao sentimento, ação criadora do espírito, esse espírito que vai à lua para lambar a terra. O trabalhador precisa de arte - e faz arte a sua arte, quando não aceita ser sufocado pela exploração -; quando pega nas mãos do Outro e adquire coragem para defender os seus desígnios. Isso pode se chamar sensibilidade insurgente. Como quis Mário Quintana, quando não entende um olhar não adianta pedir explicação. A saúde do trabalhador é arte quando ética, estética e crítica se juntam. Quando sensibilidade e interpretação tornam-se uma coisa só; quando a história do trabalhador, em sua própria voz, é outorgada como patrimônio estético e cultural; quando a luta é significada como a realza estética. O que há de mais bonito do mundo. Quando a vida coletiva dissipa o medo. A saúde do trabalhador é arte quando os pés estão fincados no real e a imaginação, louca amante da liberdade, traça o desenho da utopia, traça-o com punhos erguidos. E língua salivando. Saliva e desafia. Pode-se parafrasear o escritor baiano Alan Oliveira: “Saúde do trabalhador é um porre de liberdade”.

Fonte: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/> Acesso em 24 jul. 2024

Segue um quadro em formato de tabela com as quatro categorias de análise, seus objetivos e exemplos de elementos a observar no texto:

Quadro 03: Categorias/subcategorias da crônica *A Arte da Saúde do Trabalhador*

CATEGORIA/SUBCATEGORIAS	RECORTES ENUNCIATIVOS OU DISCURSIVOS	ELEMENTOS DA GEOGRAFIA E DA LITERATURA
-------------------------	--------------------------------------	--

1) Posicionamento do sujeito e trajetória intelectual	<ul style="list-style-type: none"> - Referências acadêmicas e políticas (doutor em Geografia Humana, professor universitário). - Tons críticos e engajados (defesa do trabalhador, denúncia da exploração). - Experiências pessoais/profissionais ligadas ao tema. 	<ul style="list-style-type: none"> - Geográfica crítica; - Engajamento intelectual.
2) Vozes intertextuais e influências filosófico-literárias	<ul style="list-style-type: none"> - Citações diretas (Mário Quintana, Neruda, referências a Van Gogh). - Menção a ritmos musicais (tango, valsa, samba, jongo). - Ideias que unem estética, arte e crítica social. 	<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo com a tradição literária e artística; - Construção simbólica do espaço.
3) Concepção de arte, trabalho e saúde	<ul style="list-style-type: none"> - Termos como “artevida”, “esteticrítica” e “sensibilidade insurgente”. - A saúde do trabalhador entendida como ato de criação e liberdade. - A arte como forma de superação da exploração. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ética, estética e crítica; - Dimensão simbólica e cultural.
4) Elementos entre a geografia e literatura	<ul style="list-style-type: none"> - Descrição de ambientes, profissões e situações (greve, trabalho no carnaval, ruas, andaimes) sob um viés poético. - Uso de imagens que ressaltam o território vivido (suor, sangue, calos, paisagens). 	<ul style="list-style-type: none"> - Dimensão estética e afetiva do espaço vivido. - A arte para o campo da luta social.

Fonte: a própria autora

No cerne desse enunciado, encontramos um autor que não se limita à postura de pesquisador neutro. O texto transborda um tom incisivo, que denuncia a exploração do trabalhador e clama por uma vivência mais livre e impregnada de arte. Não há como desassociar esse posicionamento crítico da formação em Geografia Humana e do compromisso ético de Chaveiro (2019) com os direitos e a dignidade de quem trabalha. Ao escrever sobre “sensibilidade insurgente”, o autor faz ecoar sua própria voz, ao mesmo tempo acadêmica e comprometida, registrando que a saúde do trabalhador é inseparável de sua liberdade de expressão e de criação. Como ele mesmo enfatiza, “a arte não pode mentir”, apontando para o caráter crítico e transformador que ela deve assumir na vida de cada indivíduo.

Conforme Bakhtin (2017), a linguagem literária se ancora na realidade histórica e social, encarnando imagens que apontam conflitos, valores e tensões coletivos. Na crônica analisada, essa compreensão aparece na seleção lexical incisiva, no ritmo performático das frases e na entonação que combina dimensões estética, ética e política. A cadência precisa, o vocabulário incisivo e a ironia voltada às instituições compõem uma reação firme aos discursos hegemônicos e excludentes. A crítica dirigida à frieza institucional e ao distanciamento burocrático que rondam as questões laborais assume corpo e voz a partir do chão das experiências vividas.

Nesse cenário, as referências espaciais e os traços da geografia sensível ganham densidade crítica. Falar do território, do corpo cansado e dos vínculos entre trabalho, saúde e dignidade traduz socialmente a dor, a resistência e a reinvenção do trabalhador. A voz que se

eleva nasce de condições de existência concretas e se forja como linguagem socialmente encarnada. O sujeito-autor desponta como “geógrafo-poeta”, unindo sensibilidade ao concreto e projetando afetos, inquietações e utopias. Ao percorrer corredores institucionais, preserva as marcas da origem e da luta, reafirmando que a literatura constrói espaços de liberdade crítica e de escuta política - sinais dessa “vida total, sentida, interpretada, aberta ao exercício amoroso da liberdade” que sustenta sua escrita.

A atmosfera polifônica que recobre o texto ganha corpo por meio das inúmeras referências a poetas, pintores, filósofos e manifestações artísticas diversas: de Mário Quintana a Van Gogh, do tango ao samba, de Neruda aos ritmos brasileiros. Em um dos trechos, o autor brinca com imagens que fundem o cotidiano do trabalho a linguagens artísticas: “o suor espesso do gari na apoteose do poema: ‘o gari é limpeza, é franqueza, é beleza’”. Cada citação realça um fragmento de mundo que se costura à experiência do trabalho e da saúde, defendendo a convicção de que a arte pode funcionar como instrumento de libertação e denúncia.

Se, de um lado, Van Gogh é evocado para ilustrar “o frenesi das cores trepidantes”, o samba e o jongo - uma dança de roda, de origem africana, que é uma expressão da cultura afro-brasileira - convidam ao movimento do corpo, ao passo que os versos de Quintana reforçam a dimensão afetiva e intuitiva do entendimento humano. Em meio a essas vozes, emerge uma geografia humana que valoriza a poética do espaço e acolhe a beleza e a dor dos cenários laborais: ruas, canaviais, andaimes, cozinhas populares. Percebe-se um rico diálogo intertextual em que o autor se nutre de cada influência para criar um discurso híbrido, capaz de conferir protagonismo estético àquele que, historicamente, teve sua arte silenciada – o trabalhador.

De modo pungente, o texto propõe uma fusão entre arte, vida e liberdade: “artevida” ou “esteticrítica”. Essa concepção estabelece uma ruptura com a ideia de que a saúde do trabalhador é apenas a ausência de doenças, ampliando-a para abarcar a potência criadora do sujeito. Assim, a análise da saúde se expande para além dos indicadores biológicos e protocolos institucionais, resgatando a possibilidade de o trabalhador expressar-se, sonhar, experimentar a beleza em meio ao suor e aos calos. “O trabalhador precisa de arte - e faz arte a sua arte, quando não aceita ser sufocado pela exploração”, pontua Chaveiro (2019), deixando claro o papel insurgente dessa vivência artística.

Essa noção de “saúde-arte” se fundamenta numa clara aposta na “sensibilidade insurgente”, expressão que denota a capacidade de cada trabalhador de perceber sua condição social e transformá-la, tanto por meio da luta sindical ou jurídica, como pela via poética. É um chamado a ouvir a voz interior, a recusar a automatização da vida, a (se) reencantar com/o cotidiano. Cada imagem de cansaço ou labuta se converte em semente de resistência, realçando

a dignidade de quem constrói (literalmente) o mundo, mesmo quando o mundo pouco se importa em reconhecê-lo.

Chaveiro (2019), como geógrafo defensor dos direitos humanos, nos lembra que o território se constitui como um campo simbólico, onde corpos, narrativas e afetos se cruzam. Quando descreve “calos do pedreiro como açoites eróticos do Tango” ou “sangue exposto no asfalto” após colisões, ele subverte a mera descrição geográfica para enfatizar a dramaticidade do real. O texto, então, opera numa fronteira: por um lado, a leitura socioespacial do trabalho; por outro, a sensibilidade literária que amplifica o significado de cada cena, transformando dados concretos em imagens comoventes e provocativas.

É nessa alquimia que emerge uma poética dos lugares: o canavial se faz palco de suor e canção, o andaime vira símbolo de risco e coragem, a panela de feijão de dona Maria traz o sabor e a textura de uma vida compartilhada. Em vez de dissociar razão e emoção, estatística e poesia, o autor abraça o paradoxo de uma geografia que relata e, ao mesmo tempo, inspira. O território, nesse sentido, deixa de ser apenas o “onde” das coisas para se tornar parte de um “como” mais abrangente e humano, no qual o trabalhador é personagem principal e a arte é linguagem emancipatória.

Talvez a maior contribuição deste texto seja a convocação que ele estende ao leitor: uma chamada a repensar o valor do trabalho e do trabalhador. Ao compor uma escrita que hibridiza militância e lirismo, Chaveiro (2019) sugere que não há dicotomia entre engajamento social e expressão estética. Em suas palavras, “A saúde do trabalhador é arte quando ética, estética e crítica se juntam”, sublinhando que o esforço cotidiano pode – e deve – se misturar à dança, à poesia, às cores e aos sonhos.

Por isso, *A Arte da Saúde do Trabalhador* não se encerra em si mesma: ela ressoa em cada um que ousa imaginar a vida como algo mais que protocolos e decretos. O convite é claro: que os ritmos musicais, as pinceladas de Van Gogh, os rodopios do ‘picoleiro’ e a poesia de Quintana se alinhem às lutas diárias de quem ergue paredes, limpa ruas ou cozinha para tanta gente. Afinal, como diz o próprio autor ao parafrasear Alan Oliveira, “Saúde do trabalhador é um porre de liberdade”. Porque, como sugere Chaveiro (2019), a verdadeira saúde só floresce quando o corpo e a alma dançam juntos - e, ao dançarem, desfiam as amarras que tentam silenciar o sonho.

A seguir, apresentamos a terceira crônica selecionada para análise: *Shakespeare com cachaça*, de Chaveiro (2019):

Crônica 3: *Shakespeare com cachaça*, Chaveiro (2019)

Já faz tempo que artistas de vários gêneros, literatos, viajantes e intelectuais perguntam e se perguntam: qual é ou deve ser a melhor forma de produzir ideias autônomas, criativas, inteligentes ou obras artísticas de valor estético capazes de mobilizar espectadores, apreciadores, fruidores? Nós, professores universitários, além dessa pergunta, empunhamos outra: como sair das redomas dos slogans, do comércio discursivo, das performatizações ritualizadas e repetidas, à exaustão, no campo acadêmico contemporâneo? Durante mais de 30 anos de boa e feliz peregrinação na casa do Senhor Descartes (a universidade), ouvi e também proferi ideias em torno dessas perguntas. No começo do trabalho de docência universitária, ainda nos 1980, me encantava com colegas leitores. E anteriormente, na condição de aluno da graduação, ouvia uma palestra e, de repente, observava que as minhas orelhas estavam vermelhas e quentes; em muitos casos, no traslado da universidade para a minha casa conversava sozinho inspirado, na palestra. Em outros casos, anotava, em meu caderninho (vermelho), traços desajeitados, inspirações fragmentadas e insights insignificantes decorrentes do que ouvia. Um dia - bradava o meu solilóquio - isso vai servir para alguma coisa. Um dia, quem sabe! Fui entender depois que aquela paixão dizia respeito às minhas trajetórias, mas especialmente a um contexto histórico e político. A efervescência política e o dever de proclamar a democracia, estendidas do final dos 1970 até meados dos 1980 e, assim, nos vemos livres da maldade do Estado militarizado, simbolizado no exílio, na tortura e no assassinato de lideranças trabalhadoras, trazia para a arena da praça universitária de Goiânia, onde estudei e lecionei por um período, Paulo Freire, Gramsci, Marilena Chauí, Marx, Hannah Arendt, Pablo Neruda, Cecília Meireles, Pedro Tierra, Tolstói, Carlos Drummond de Andrade, Shakespeare, Chico Buarque - e tantos outros. Entretanto, o contexto histórico e político não trazia apenas livros e autores para uma companhia implacável na minha vida, mas a fermentação de uma nova consciência coletiva do país, no qual se juntavam a luta para que a UNE (União Nacional do Estudantes) e os partidos comunistas voltassem à cena política legal e legítima. Dava-se o surgimento do PT - Partido dos Trabalhadores; da Teologia da Libertação, da história crítica, da CUT [Central Única dos Trabalhadores], da CPT [Comissão Pastoral da Terra] e, lógico, do Movimento de Renovação crítico da geografia, chamado de Geografia Crítica. Bebia naquelas fontes encharcado de paixão. Ainda sem dar conta de ler o que estava acontecendo com o Brasil e comigo mesmo, ainda estudante em torno de 20 anos, já havia me tornado militante. O susto encantador de conviver com ateus, gente pornográfica, artistas vândalos, marxistas, anarquistas, teólogos da libertação, me levou ao bar e, no bar, cachaça e Shakespeare animavam leituras, emoções e interpretações. E também poesia. Quando o teatrólogo e escritor Nelson Rodrigues invocou que “está na hora dos intelectuais brasileiros saberem, pelo menos, bater um escanteio”, a sua invocação é um chamado político: o professor, o intelectual, o artista e também o militante não podem se ausentar dos gostos populares; ou fecharem-se em gabinetes assépticos. Livros não salvam o mundo sem o suor dos que fazem o mundo: os trabalhadores; e os trabalhadores não salvam o mundo, sem a luz que vem dos livros. Pessoalmente possuo uma descrença. Descreio no intelectual que não lê e no que não enxerta a sua vida no espaço/tempo no qual vive. Ou seja, que não vai às feiras, passeia nos becos, observa os discursos de prostitutas, mendigos, do papa ou do vendedor de pequi. Podemos dizer que os livros não contêm toda a sabedoria, mas a experiência não basta. Quando se vai à rua e, com seta firme, protesta-se contra tiranos, mercadores de esperança, vendilhões, sonegadores e opressores e, no combate, convoca-se o irmão de classe para o exercício da solidariedade, da luta pela justiça, a alegria também ganha um tônus político, pois a alegria unta e enverniza a vida daqueles que não se rendem. Aliás, o intelectual preso na palavra, como dizia o meu amigo Brasigóis Felício, frequentemente é um chato de galocha. Há muito tempo - e agora, com insistência -, ao falar comigo mesmo e expandir o solilóquio para os amigos e amigas, cunhado também por qualquer menção de Habermas ou de outro intruso na minha vida, tenho dito que não dá para fechar a vida conforme os preceitos do Estado. A polícia, a lei, a conta da luz, do IPTU, um certo modo de comportar, de abster, de julgar, não podem tomar conta de nosso tempo, de nossas vidas. Por isso, devemos insurgir, talvez insurgir com arte, ou insurgir com arte e cachaça. A distância da prudência, da submissão ou da insurgência com a loucura, cada um vai medir e interrogar. Amor, humor e luta. Shakespeare com cachaça. Geralmente nos bares, desde que estejamos com gente nossa, surgem reminiscências sutis, sabores da infância, memórias de paixões, ideias transformadoras. Pode ocorrer até uma nostalgia, uma frase de Clarice para salvar a dor da nostalgia ou para intensificá-la; um insight e a firmeza de propósitos. Se um bêbado chegar (e sempre chega) e nos pedir uma talagada de cachaça, ganhará, além da cachaça, um abraço, lógico se tivermos no seu grau. E talvez uma nota de Shakespeare: “é mais fácil obter o que se deseja com um sorriso do que com a ponta da espada”.

Fonte: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/> Acesso em 24 jul. 2024

Disponibilizo abaixo uma tabela que organiza as quatro categorias de análise, os objetivos de cada uma e exemplos dos elementos a serem identificados no texto.

Quadro 04: Categorias/subcategorias da crônica *Shakespeare com cachaça*

CATEGORIA /SUBCATEGORIAS	RECORTE ENUNCIATIVOS OU DISCURSIVOS	ELEMENTOS DA GEOGRAFIA E DA LITERATURA
1) Memória: identidade e formação do sujeito	- “No começo do trabalho de docência universitária... me encantava com colegas leitores.” - “Bebia naquelas fontes encharcado de paixão.” - “... me levou ao bar e, no bar, cachaça e Shakespeare animavam leituras...”	- Cenários de formação intelectual. - Aproximação de experiências cotidianas e reflexões literárias
2) Diálogo intertextual e influências: Vozes que o atravessam	- “Paulo Freire, Gramsci, Marilena Chauí, Marx, Hannah Arendt, Pablo Neruda, Cecília Meireles...” - “Livros não salvam o mundo sem o suor dos que fazem o mundo... e os trabalhadores não salvam o mundo, sem a luz que vem dos livros.”	- Integração de teorias críticas (Geografia Crítica) com autores literários (Neruda, Drummond, Shakespeare). - Compreensão do espaço como lugar de resistência e criação.
3) Concepção de ensino, pesquisa e epistemologia	- “Descreio no intelectual que não lê e no que não enxerta a sua vida no espaço/tempo no qual vive.” - “Amor, humor e luta. Shakespeare com cachaça.” - “Insurgir com arte, ou insurgir com arte e cachaça.”	- Espaços vívidos (bares, feiras) como lugar de trocas criativas e afetivas. - Dimensão cultural/estética. - Arte (e o próprio ato de pesquisar) como forma de resistência e libertação no cotidiano laboral.
4) Elementos entre a geografia e literatura	- “... a praça universitária de Goiânia, onde estudei e lecionei...” - “Quando se vai à rua e, com seta firme, protesta-se contra tiranos...” - “A distância da prudência, da submissão ou da insurgência com a loucura, cada um vai medir e interrogar.”	- A linguagem literária como veículo de reflexão crítica. - O sentido político e cultural do território.

Fonte: a própria autora

O texto *Shakespeare com cachaça*, de Chaveiro (2019) apresenta-se como uma crônica em que a voz do autor emerge de forma autobiográfica e reflexiva, costurando memórias pessoais e referências histórico-políticas. Nele, o discurso é marcado pela confluência de experiências pessoais, leituras acadêmicas, militância política e vivências cotidianas, tudo permeado por um tom crítico e, ao mesmo tempo, afetivo. Logo no início, o autor provoca o leitor com a pergunta sobre como produzir ideias autônomas e criativas, conduzindo à proposição de sair das “redomas” do pensamento acadêmico tradicional.

Uma das primeiras estratégias discursivas empregadas pelo autor da crônica é justamente a criação de um ambiente de intimidade com o leitor. Ele ilustra cenas de sua própria trajetória: as palestras universitárias que o deixavam “com as orelhas vermelhas” e a descoberta de um universo intelectual múltiplo e fascinante. Ao compartilhar essas lembranças, o autor aproxima o leitor de sua jornada, gerando empatia e situando seu enunciado em um contexto de efervescência política na década de 1980.

No excerto "Bebia naquelas fontes encharcado de paixão. Ainda sem dar conta de ler o que estava acontecendo com o Brasil e comigo mesmo, ainda estudante em torno de 20 anos, já havia me tornado militante", o narrador recorda-se "encharcado de paixão", consumindo leituras e experiências sem ainda decifrar, com nitidez, "o que estava acontecendo com o Brasil" nem consigo mesmo. O retrato conjuga duas instâncias temporais: o jovem de vinte anos, recém-convertido à militância, e o cronista atual, que revisita essa fase com olhar mais crítico, maduro e informado pelos trânsitos político, acadêmico e cultural que percorreu desde então.

O gesto confessional, "bebia naquelas fontes", serve como chave de leitura dupla: instaura o impulso afetivo de quem se lança à vida intelectual e, simultaneamente, submete aquele entusiasmo inicial ao crivo reflexivo de hoje. Ao explicitar esse descompasso entre a consciência de ontem e a leitura de agora, Chaveiro (2019) estabelece a natureza processual da formação subjetiva: militância e leitura, antes intuídas como experiência de paixão, reaparecem sob a lente de um sujeito que aprendeu a interpretar os signos sociais e a situar-se historicamente.

Na reconstrução de sua trajetória, o autor organiza seu projeto responsivo em quatro eixos interligados: engajamento político, vínculos familiares, formação acadêmica e concepção crítica do conhecimento. Evocando a efervescência universitária do cronotopo narrado (momento de redemocratização e militância estudantil), ele observa que "no começo do trabalho de docência universitária, ainda nos 1980, me encantava com colegas leitores", sinalizando a centralidade dos debates críticos que perpassavam o campus. Esse ambiente se adensa no "susto encantador de conviver com ateus, gente pornográfica, artistas vândalos, marxistas, anarquistas, teólogos da libertação", experiência que expande sua identidade para além dos limites formais da sala de aula e afirma a pluralidade como eixo de sua prática pedagógica.

O relato também ressalta a presença da família como primeiro espaço formativo e a adesão a uma perspectiva epistemológica comprometida com a transformação social. Desse modo, a narrativa compõe, para o outro, a imagem de um sujeito que responde aos desafios de seu tempo com escuta, crítica e ação. A presença do "eu" é constante e funciona como ponto de ancoragem para a narrativa.

Esse recurso autobiográfico constitui uma escolha estilística, todavia, pode ser um modo de legitimar a consistência discursiva do autor. Ao divulgar sua vivência pessoal, ele indica que seu olhar crítico sobre o meio acadêmico, sobre a arte e sobre a política surge de um envolvimento com os temas e com as lutas sociais de seu tempo, se desenvolve na ação e entrelaçada com todas as outras dimensões.

A presença de múltiplas referências na crônica delineia uma imagem de autor intelectualmente situado e afetivamente engajado. Ao evocar nomes como Paulo Freire, Gramsci, Marilena Chauí, Marx, Hannah Arendt, Pablo Neruda, Cecília Meireles, Pedro Terra, Tolstói, Carlos Drummond de Andrade, Shakespeare e Chico Buarque, o enunciador projeta um “eu” atravessado por uma tessitura cultural diversa, que articula pensamento crítico, sensibilidade poética e compromisso ético.

Essa rede de vozes reforça a coerência de uma identidade autoral moldada no diálogo com projetos emancipatórios. Ao inscrever-se em movimentos sociais como a UNE, o PT, a Teologia da Libertação e a Geografia Crítica, o cronista reafirma esse pertencimento coletivo e político, construindo uma escrita atravessada por práticas e ideais que tensionam estética e militância. A crônica para além de comunicar ideias, ela encena uma forma de estar no mundo: entre a palavra e a ação, entre a leitura e o engajamento.

O tom confessional converte-se em estratégia retórica: ao assumir publicamente suas afiliações, dúvidas e entusiasmos, o autor constrói uma relação de proximidade com o leitor e reitera a abertura do texto à pluralidade de vozes. Essa escolha reforça o caráter polifônico da crônica, que se articula com diferentes tradições e dialoga, de modo sensível e autêntico, com múltiplos repertórios.

Um dos aspectos centrais é a crítica à “redoma acadêmica” e o convite a reunir teoria e prática. O autor destaca que “livros não salvam o mundo sem o suor dos que fazem o mundo: os trabalhadores; e os trabalhadores não salvam o mundo, sem a luz que vem dos livros”, entrelaçando a relação dialética entre conhecimento e ação política. A cachaça surge como metáfora de liberdade criativa, defendendo a ideia de que “não dá para fechar a vida conforme os preceitos do Estado” e de que é preciso “insurgir com arte e cachaça”. Nessa perspectiva, o ensino e a pesquisa se nutrem do contato direto com a realidade, com as ruas, bares e feiras, lugares em que a criatividade e a experiência concreta se fundem.

O discurso se vale da memória coletiva ao mencionar a luta contra a ditadura militar e o surgimento de novas forças políticas (PT, CUT, Teologia da Libertação). Dessa forma, o autor constrói um pano de fundo que reforça a relevância histórica de seu relato pessoal, conectando-o a um contexto amplo de mudanças sociais. A experiência individual da juventude, então, torna-se a exemplar de toda uma geração sedenta por democracia e justiça.

O humor de *Shakespeare com cachaça* irrompe como potência carnavalesca: mistura, degrada, subverte, “faz triagem e mistura”, para usar a imagem da semiótica, num verdadeiro samba de vozes que se atravessam sem pedir licença. Ao circular pelos bares, Chaveiro (2019) dissolve as fronteiras entre erudição e cultura de rua: tempera o coloquial com Shakespeare,

ergue um brinde ambivalente que transforma a cachaça em metáfora de espontaneidade e insubordinação. “Insurgir com arte e cachaça” deixa de ser mera provocação, converte-se em rito de profanação que, ao rebaixar o sublime ao nível do corpo e do riso, reafirma o direito de falar irreverentemente sobre temas graves.

É aí que a crônica encena, no sentido bakhtiniano, a carnavalização: o riso que destrona hierarquias, a paródia que corrói dicotomias fixas, o trânsito livre entre a taberna imaginária e o palco clássico. Justapor *Shakespeare* à bebida popular encarna o próprio “mundo às avessas” - princípio carnavalesco que vitaliza o pensamento precisamente quando ele se move, sem cerimônia, entre discursos canônicos e vozes marginais. Rir, aqui, amplia a reflexão, pois retira do discurso solene a blindagem que o isola e devolve-o à praça pública onde múltiplos sentidos se confrontam. Como lembra Bakhtin (2018, p. 151), toda descoberta dialógica supõe a “familiarização carnavalesca” que abole distâncias e convida ao debate em pé de igualdade.

A citação de Nelson Rodrigues cumpre papel estratégico nesse cortejo: convoca-nos a “bater escanteio” junto ao povo, reiterando que intelectuais precisam mergulhar nos gostos populares se quiserem produzir conhecimento vivo. Ao evocar o dramaturgo que desvela hipocrisias sociais, o cronista inscreve sua recusa ao academicismo numa linhagem literária nacional marcada pelo sarcasmo e pela exposição do grotesco.

No plano argumentativo, a crônica arma paralelismos que espelham o jogo carnavalesco de inversões: teoria↔prática, leitura↔experiência, recolhimento↔coletividade. Tais pares sustentam a tese de que o saber verdadeiro nasce do entrelaçamento dessas polaridades, nunca do isolamento da “palavra presa”. Os espaços citados, como a praça universitária de Goiânia ou o bar, convertem-se em territórios vividos, ali, geografia e literatura se alimentam mutuamente. Protestar nas ruas, beber e debater nos botecos, recolher memórias de feira: cada cena devolve ao espaço público seu sentido político, compondo uma cartografia afetiva em que subjetividade, insurgência e lugar se fundem.

Ao celebrar “amor, humor e luta”, o texto extrapola o plano da saúde física e reinventa um ideal de bem-estar coletivo: partilha, fruição artística e crítica social “envernizam a vida”, preservando-a da rigidez normativa. A alegria, tão corporal quanto intelectual, torna-se ato político, a cachaça simboliza convivialidade, *Shakespeare* representa a universalidade poética. Fundidos, ambos escancaram que a cultura pulsa em seus contrastes, e que o carnaval literário é, sobretudo, convite permanente à inquietação criadora.

Shakespeare com cachaça constitui-se como um enunciado que mistura autobiografia, militância, crítica social e celebração da arte. A análise discursiva forja um texto ancorado em memórias pessoais e de referências culturais, inserido num contexto histórico-político de

formação coletiva. Seu principal gesto é propor a ruptura de fronteiras: entre academia e rua, entre erudição e popular, entre “teoria” e “cachaça”, sinalizando a convicção de que o conhecimento e a criatividade se nutrem no convívio humano e na inquietação permanente diante do mundo.

A seguir, adotamos o mesmo procedimento empregado na análise das outras crônicas: realizamos a leitura integral do texto e, em sequência, organizamos as categorias de análise em um quadro sintético, buscando apreender os aspectos centrais e singulares da narrativa. Na continuidade, desenvolvemos a reflexão acerca dos sentidos mobilizados no discurso, com atenção especial ao uso de personagens metafóricos e à dimensão coletiva presente na experiência narrada.

Apresentamos, assim, a crônica **O Bar do Quinhozim**, de Eguimar Felício Chaveiro (2021), texto no qual a tessitura do cotidiano periférico, a construção de personagens e a interação entre memória, espaço e convivialidade se articulam de modo a aperfeiçoar a leitura das práticas sociais e afetivas do universo retratado.

Crônica 4: O bar do Quinhozim, Chaveiro (2021)

- O bar é o divã dos pobres. Isso é o que se ouve na madrugada no bar do Quinhozim, quando já bêbados, entusiasmados, entregues às paixões perdidas, e sem saber o que fazerem na vida, dizem os amigos ébrios com babas expostas, cuspes esculachados, palavras soltas sem autopolicamento.

É quase uma seita de depravados, o Bar do Quinhozim, não fosse um coletivo de amor. Quinhozim é um pai de família. Magro, esguio, vive de chinelo havaianas e só veste calça de tergal grená. Quando o bar está vazio, ele coça as frieiras, limpa o nariz e solta o ar preso do intestino com uma alegria de maracanã. O torresmo é frito na hora com borra de manteiga velha. Os frequentadores mais íntimos ultrapassam o balcão de madeira, pegam a cerveja no freezer.

Não há comanda, nem anotações. A conta vem de cabeça na contagem dos cascos depositados no chão, no canto inferior das mesas. O bar é do freguês - eis o tom e a melodia.

Até tem a placa “NÃO VENDEMOS FIADO!”, mas ninguém a respeita, nem o próprio Quinhozim. O balcão de madeira empenada é o palco glorioso da mentira e das gargalhadas com cheiro de fumo velho - e também das verdades de declaração de amor e de ódio, onde certa vez, numa noite apaixonada, o delegado Jeromão rendeu juras de amor à Formosinha. Esse delegado, um coitado! Luiz Poeta, um amigo boêmio, frequentador assíduo e pertinente, certa vez, em tom acadêmico e marginal, apresentou a sua tese brilhante: “toda pessoa precisa ter um bar que pendure a sua conta e de um amigo que empreste os ombros e os ouvidos...”. Recebeu palmas de Garrincha. Nesse dia, Quinhozim o livrou da conta. Ademais, o bar do Quinhozim é onde se efetivam eternas amizades efêmeras entre sujeitos do resto da noite; é onde a poesia domina e se faz necessária mais que leis e armas num palácio de pedras e imbecis. Ali as lágrimas são costumeiras: chora-se pelos filhos, pelos pais que se foram, pelos primos, pelo primeiro amor, pela última paixão, pela triste precariedade do país. No bar do Quinhozim o espetáculo da poesia tem o hálito do bafo e a assinatura da palavra liberdade feita de lágrimas. Freqüento, há anos, o bar do Quinhozim. Embebedo-me de ver o passado transcorrer na memória depois de 7 talagadas; embebedo-me de presenças e de ouvir as situações reais e imaginárias que percorrem a veia profunda do Brasil. É o filho do pastor Clemente bêbado com uma puta sorridente; é o poeta calado que sorri com os olhos; o bolsonarista indefeso que ostenta um revólver velho, mas padece de uma derrota antecipada; o trabalhador aposentado que luta contra o câncer na próstata. Ele diz e repete: “não adianta. Não adianta, vou beber uma”. É o mais alegre. - Quinhozim - diz ele - traga mais uma!

O bar do Quinhozim é um teatro popular onde as ideologias se combatem. O velho comuna vai na garganta do bolsonarista ressentido e lhe aplica cianeto nas coronárias: “o capitalismo não será eterno. A fome é um fracasso, a desigualdade social é uma vergonha, os deuses hipócritas vão cair...” - Mais uma, Quinhozim!

Fico ali no canto, me arrisco a falar de futebol, defendo que Jairzinho foi o melhor da copa de 1970. Jair era doutor em paleontologia, geologia e magnetismo, tinha um vulcão no peito eletricamente transmitido aos pés.

Tinha o peito de vulcão, a sede de um vulcão, a fome de um vulcão. Defendo também que, com pose de galã, Gerson se tornou um governador dos jogos, uma liderança estética com lançamentos precisos, um cientista acrobático demonstrando, em pleno jogo, a vitória humana sobre a atmosfera e sobre a gravidade, um Deus sagrado com a batuta na canhota. Sob o comando de Gerson, a canhota é o bastão de uma orquestra afinadíssima, algo compreensível pelo idioma de Tostão. Ouço uma tese contrária à minha do velho amigo bêbado: “Pelé unia força, senso espacial e oportunismo, um gigante inigualável, e a cor ajuda”

- Quinhozim, traga mais uma, por favor!

A madrugada no bar do Quinhozim torna-se um território de comando dos trabalhadores.

Nessas alturas os bolsonaristas, com cara de cu, foram prestar contas ao horário. Um militar ressabiado não aguentou a verdadeira parada. Sobram abraços demorados entre trabalhadores de salários-mínimos; sobram declarações de amor aos filhos e às namoradas e às esposas, inclusive aos cães da infância e até às sogras. É o reino do amor e da baba. É quando o poeta calado vem com o guardanapo rabiscado, lê o poema:

QUANDO A BATATA TIVER FRITA / E A NAÇÃO FOR COMANDADA POR UMA CABRITA / VERÁ O QUE SE PODE / A DERROTA INESCAPÁVEL DO CARA DE BODE...

O CARA DE BODE É O PRESIDENTE!

- Traga mais uma, Quinhozim!

- O bar é o divã dos pobres. É por isso que a perifa é barítima. Cachaceiros mentirosos, tagarelas com charme de malandro, moças amorosas que deixam marca de batom vermelho no dorso dos copos, peladeiros, trabalhadores de todas as ordens, levantam o punho da alegria numa surpreendente festa de amor.

A bagaça tem seus luxos.

É momento de pedir a saideira e a pós-saideira, e a amiga e a prima e a comadre da saideira. Pedese para trocar a música. É unânime a solicitação da trilha. Todos querem *Metamorfose Ambulante* de Raulzito.

A primeira luz do sol chega dançando como uma arquiteta louca... ..

Fonte: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/>

Apresento, a seguir, uma tabela com as quatro categorias de análise, os objetivos correspondentes e exemplos de elementos a serem observados no texto.

Quadro 03: Categorias/subcategorias da crônica *O bar do Quinhozim*

CATEGORIA/ SUBCATEGORIAS	RECORTES ENUNCIATIVOS OU DISCURSIVOS	ELEMENTOS DA GEOGRAFIA E DA LITERATURA
1) Memória e sociabilidade cotidiana	– Reminiscência da boemia e da “seita de depravados” que, na verdade, é “um coletivo de amor”.– Narrador relata anos de frequência ao bar; reconstrói afetos, perdas familiares, precariedade do país, laços de classe (“abraços demorados entre trabalhadores de salários-mínimos”).	– Bar como espaço-marco da memória social periférica.– Território afetivo onde passado e presente se sobrepõem; paisagem noturna urbana.
2) Diálogo intertextual e influências	– Referências múltiplas: Garrincha, Jairzinho, Gérson, Pelé, Raul Seixas (“ <i>Metamorfose Ambulante</i> ”) e Manoel de Barros.– Citação da “tese” de Luiz Poeta: “toda pessoa precisa ter um bar que pendure a sua conta...”.	– Conexão entre cultura popular (futebol, música, poesia marginal) e narrativa literária.– Intertextualidade pluraliza vozes e tensiona o espaço simbólico do bar.
3) Concepção de ensino, pesquisa e epistemologia	– O bar como “divã dos pobres”: espaço de escuta, elaboração de teses (“Luiz Poeta”, “tese sobre bar e amigo”) e disputa ideológica.– Debate político: “velho comuna” × “bolsonarista ressentido”.	– Epistemologia do cotidiano: o bar funciona como laboratório social de investigação de realidades complexas e como dispositivo pedagógico informal.

4) Elementos entre a geografia e a literatura	– “Madrugada... território de comando dos trabalhadores”; bar descrito como “teatro popular”.– Paisagem periférica (“a perifa é barítima”), heterotopia onde normas se suspendem (fiado, ausência de comanda, liberdade de circulação).	– Geografia da periferia urbana; heterotopia foucaultiana.– Literatura dramatiza o espaço barrial, convertendo-o em cenário simbólico de resistência e convivialidade.
5) Personagem metafórico – Quinhozim	– Figura desenhada em detalhes: “magro, esguio, chinelo havaianas, calça de tergal grená...”, dono que “coça as frieiras” e “solta o ar preso do intestino”.– Sua prática (fiado, torresmo na borra velha, contas de cabeça) condensa laços de confiança, economia de subsistência, ética da partilha.– Quinhozim opera como catalisador narrativo: suas ações revelam regras sociais do bar, disputas ideológicas e solidariedades de classe.	– Personagem-síntese: microcosmo do trabalho informal e da economia popular.– Metáfora espacial: o bar como corpo-extensão de Quinhozim, mapeando práticas socioeconômicas invisibilizadas.

Fonte: a própria autora

A crônica “O Bar do Quinhozim” mobiliza como a tessitura do cotidiano periférico se converte em matéria literária capaz de mapear afetos, memórias e relações de classe. Ao transformar um botequim suburbano em espaço narrativo, o cronista reposiciona o olhar do leitor para fora dos circuitos centrais da cidade, deslocando-o para um território em que as fronteiras entre intimidade e esfera pública se embaralham e onde o riso, a miséria e a poesia repartem a mesma mesa de boteco.

A primeira camada analítica faz sobressair a memória e a sociabilidade cotidiana: o narrador, frequentador confesso “há anos”, reconstrói cenas de embriaguez, confissões amorosas e disputas políticas que, reiteradas, sedimentam uma história coletiva do bar. Nesse espaço, o passado ressurgem em lampejos, “depois de sete talagadas”, e entrelaça perdas familiares, precariedade nacional e abraços de trabalhadores de salário mínimo, compondo uma memória compartilhada e remendada a muitas vozes.

Esse pacto memorial inscreve o bar como um arquivo da experiência periférica, um espaço cotidiano que se organiza a partir de códigos que desafiam a racionalidade. A contagem de cascos “no canto inferior das mesas” substitui as comandas, o fiado atua como moeda de confiança, e a placa “NÃO VENDEMOS FIADO!”, em vez de impor uma norma, converte-se em ornamento irônico. Essas práticas afirmam um ethos de resistência, em que corpo, afeto e amizade se sobrepõem ao lucro. Trata-se de uma microeconomia do laço, movida por gestos de reciprocidade que, silenciosamente, insurgem contra o cálculo frio do capital.

A sociabilidade boêmia também se exprime em uma economia de gestos: a coceira de frieira, o torresmo frito “na borra de manteiga velha”, o arrote triunfante de Quinhozim. Esses pormenores corporais reafirmam a materialidade da periferia, desautorizam filtros de decoro

burguês e criam intimidade com o leitor, um efeito estético que aproxima narrativa e oralidade, fazendo do texto quase uma roda de bar transcrita.

No plano do diálogo intertextual, a crônica injeta referências populares (Garrincha, Jairzinho, Gérson, Pelé, Raul Seixas) que ampliam o campo semântico do botequim. Cada citação funciona como senha geracional: a discussão sobre a Copa de 1970 ou o coro de “Metamorfose Ambulante” instauram uma polifonia que adensa o bar como heterotopia cultural onde futebol e rock dividem o mesmo repertório emocional.

Essa intertextualidade tensiona as hierarquias entre alta e baixa cultura. Quando “Luiz Poeta” profere sua “tese” sobre a necessidade de um bar que pendure contas, a crônica parodia o discurso acadêmico, devolvendo-o à boca da boemia. Assim, o texto opera uma mestiçagem de registros (erudito, popular, policialesco, lírico) que confere densidade dialógica à narrativa e legitima vozes à margem da oficialidade.

Do ponto de vista da concepção de ensino, pesquisa e epistemologia, o bar adquire estatuto de “divã dos pobres”: laboratório de escuta, debate e invenção de teses existenciais. Entre torresmos e saideiras, surgem diagnósticos sobre a desigualdade, críticas ao governo e reflexões sobre o amor, indicando que o conhecimento, aqui, é gerado pela partilha de vivências e não pela autoridade de diplomas. O botequim converte-se, portanto, em dispositivo pedagógico informal que legitima saberes insurgentes.

A disputa ideológica entre “velho comuna” e “bolsonarista ressentido” confirma o bar como ágora plebeia. Ali se ensaiam confrontos simbólicos, “a fome é um fracasso, a desigualdade é uma vergonha”, que antecipam conflitos macrossociais. O confronto, no entanto, não extermina a convivência: depois das farpas, todos brindam juntos, sugerindo uma ética da divergência que contrasta com o clima de polarização nas esferas institucionais.

Esse embate dialógico reforça o potencial formativo do lugar. Ao ouvir teorias sobre futebol ou poemas escritos em guardanapos, o narrador aprende e ensina simultaneamente, encarnando a figura do pesquisador-participante *bakhtiniano* que jamais se coloca fora do campo discursivo. A crônica, assim, exemplifica uma “epistemologia do cotidiano”, na qual a pesquisa se confunde com presença e em que a narrativa torna-se método de investigação das sensibilidades populares.

Na interface geografia–literatura, o bar emerge como marco topográfico da periferia: é “teatro popular” e “território de comando dos trabalhadores” quando descem as cortinas da noite. Tal espacialização dramatiza uma cartografia afetiva, tornando visíveis linhas de força que atravessam o bairro (trabalho precarizado, machismo, solidariedade, ódio de classe) e que raramente cabem nos mapas oficiais.

A paisagem noturna é desenhada por odores (fumo velho, borra de óleo), ruídos (gargalhadas, garrafas tilintando) e cores (tergal grená, batom vermelho), compondo uma sensorialidade que inscreve o leitor no espaço. A crônica, desse modo, converte-se em prática de “geoliteratura”: mapeia as camadas simbólicas que fazem da periferia um território de pertença e resistência.

O próprio Quinhozim encarna um personagem metafórico que sintetiza a economia popular. Seu corpo magro, as frieiras crônicas e a calça grená tornam-se índice de precariedade, mas também de autonomia: é ele quem decide quem paga e quem “pendura” conta. Nesse sentido, Quinhozim representa a lógica da partilha, contrária à impessoalidade capitalista, e atua como guardião da memória coletiva do bar.

A figura do dono e o bar se confundem: quando Quinhozim “solta o ar preso do intestino com alegria de Maracanã”, o texto sugere que o espaço é extensão do seu corpo. Esse paralelismo corporal-espacial constitui metáfora de uma economia sensível que desafia os códigos de higiene e administração, porém, sustenta laços comunitários invisíveis às estatísticas oficiais.

Ao final da madrugada, quando “sobram abraços demorados” e o poeta recita versos satíricos contra o presidente, a crônica culmina numa celebração da vulnerabilidade compartilhada. O reino da “baba” e da “cachaça mentirosa” transforma-se em arena catártica a partir da qual as frustrações individuais ganham tradução coletiva, confirmando a potência política dos micro-ajustamentos cotidianos.

“O Bar do Quinhozim” opera como cartografia existencial da periferia: combina memória, intertextualidade, pedagogia informal, geografia literária e personagem-síntese para revelar um Brasil subterrâneo que resiste pelas frestas da convivialidade alcoólica. A crônica demonstra que, no local em que se fritam torresmos em manteiga velha, também se cozinha crítica social, onde se pendura fiado, suspende-se a lógica do lucro; e onde se brinda à última saideira, faz-se a insurgência relacional que renova a esperança num país exausto.

Nesse contexto, o narrador-personagem inscreve-se como sujeito implicado, participante do campo discursivo e atento à densidade simbólica dos signos ordinários. O botequim torna-se esfera discursiva periférica, lugar de enunciação legítima e de produção de saber situado. É no encontro entre vozes que o sentido se atualiza; e, nesse bar, a palavra não está presa, mas posta em circulação: embriagada, política, amorosa, conflituosa, viva.

Ao reunir crítica social, lirismo cotidiano e insurgência popular, *O Bar do Quinhozim* oferece ao leitor uma cartografia existencial da periferia que performativiza pela linguagem, pelo riso, pela memória. Ao fim de cada saideira, quando “sobram abraços demorados” e versos

contra o presidente, para além da embriaguez alcoólica: resta o gesto ético e estético de estar junto, mesmo entre discordâncias, de afirmar que o pensamento também nasce no corpo, no chão e na mesa partilhada. A crônica, nesse sentido, opera como exercício de insurgência narrativa, reafirmando que é no coletivo que pulsa a força criadora do popular.

Figura 10: Curadoria em homenagem ao Eguimar no IHGG



Fonte: Canal da Associação de Egressos e Egressas da UFG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ziX9fEi4TcA> Acesso em 04 jun 2025

6 O GRUPO DONA ALZIRA: UMA EPISTEMOLOGIA GEOGRÁFICA LITERÁRIA

Amigos e amigas...

Ouvi dizer uma ou duas vezes o mesmo recado: não existe um cartório para que um sujeito, com uma pasta cheia de documentos e dentes ansiosos, faça o seu registro como leitor. Depois de assinar a ata do cartório de registro de leitura, com uma carteirinha no bolso e com rosto esfuziante, devidamente legitimado na estrutura de poder concernente à matéria, diz-se ingresso no clube dos abnegados da leitura. Isso não existe. O acordo desce laudas entre estudiosos da leitura e entre literatos: não basta amontoar estatísticas e cifrar no dataísmo que se leu demais, dezenas, milhares de livros para, num júbilo matemático, se dizer leitor. Nem se deve desprezar o critério quantitativo. Nisso lembro o meu amigo José Eustáquio: quem lê 10 romances por ano é - e será uma pessoa diferente. O famoso Tatá (José Eustáquio) não está dizendo que quem lê 10 romances por ano é melhor ou pior que outros sujeitos. Diz que é - e será diferente. Tenho comigo que o leitor precisa de ritmo de leitura; precisa de atenção como o céu necessita de nuvens. Deve se alimentar da fome incansável - e insaciável - de ler para interpretar, inclusive a sua própria condição de leitor. É essa fome que o alimenta. O leitor quer mais, sabe que o que lê é pouco, muito pouco. Mas pode, numa tarde de amigos, toma uma. Ele merece. Os amigos também. (Chaveiro, Eguimar F. Mensagem recebida por Weigma Michely da Silva. 31/10/2024. Mensagem via WhatsApp.)

A tessitura do bilhete inicia-se com o chamamento “Amigos e amigas...”, fórmula que já posiciona o eu-enunciador numa rede responsiva de vozes e expectativas. Desde a primeira linha, o autor abdica de uma fala verticalizada para, à maneira de um círculo, instaurar uma cena genuinamente dialógica: cada palavra nasce como réplica de outras e, simultaneamente, convoca futuras respostas, compondo um “contexto dialógico sem limites” num espaço em que o locutor e o interlocutor partilham o mesmo peso axiológico. A subjetividade forjada nessa arena é relacional, projetada para fora de si, tensionada entre o que se diz e o que se deseja ouvir.

Ao se autodefinir como “leitor faminto”, o sujeito desloca o foco da validação formal para o campo da experiência compartilhada, produzindo uma identidade leitora em permanente construção. Em vez de buscar reconhecimento por meio de certificados ou marcas oficiais, ele transforma a própria trajetória em matéria viva de sentido, aberta ao olhar do outro e às múltiplas vozes que atravessam o ato de ler. Ao afirmar que não existe um “cartório do leitor”, desestabiliza a lógica da legitimação burocrática e convida à valorização da leitura como prática relacional, um processo que ganha densidade na partilha, na conversa e no convívio, mais do que em acúmulos estatísticos ou rankings de performance. Nesse gesto, o leitor se reconhece em movimento, aberto ao encontro, tornando a leitura uma construção coletiva e sempre inacabada.

Essa fome de leitura ressoa na concepção freireana de curiosidade epistemológica, impulso vital que conduz o sujeito a interrogar o mundo e a si mesmo em movimento contínuo

de conscientização. A cada nova leitura, dilata-se a percepção do “não saber”, o que transforma o ato de decifrar em gesto criador. Conhecer, nesse horizonte, deixa de ser um acúmulo mecânico de informações para se tornar uma experiência existencial, um modo de “ser mais”. A leitura, então, deixa de ser instrumento de distinção social e se afirma como prática libertadora, que desorganiza hierarquias e engendra sujeitos mais críticos e conscientes de sua incompletude e potencial de transformação. Como aponta Paulo Freire (2023, p. 41), “o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, à luta contra quem os fez menos”, e essa luta só ganha sentido se for capaz de restaurar a humanidade comum: de quem lê, de quem escreve, de quem resiste.

No campo da formação leitora, tal postura recusa modelos de “leitor ideal” e assume a identidade leitora como processo em devir, atualizado em cada encontro concreto com a obra e com os modos plurais de interagir com o objeto-livro. O sujeito do bilhete é, simultaneamente, viajante, traça e companheiro de bar: lê por desejo, interpreta pela escuta do outro, confirma sua alteridade na convivência festiva.

Quando o autor legitima o direito de “tomar uma” com amigos, faz eco à carnavalização explicada por Bakhtin (2018): suspende hierarquias, mistura erudição e convivialidade, afirmando que o sentido brota tanto da palavra quanto do brinde partilhado. Nesse espaço liminar entre texto e vida, escritor e leitor tornam-se coautores de uma subjetividade em fluxo, politicamente situada, comunitária, inacabada e, sobretudo, aberta às próximas histórias.

Estudos sobre a leitura reforçam essa visão experiencial. Roland Barthes (2015, p. 8) lembra que a obra só cria significados quando o leitor a atravessa com seus afetos: “o sentido será precário, revogável, reversível”, a fruição nasce da indecisão. Ler, portanto, implica desafiar sentidos prontos e imprimir ao texto o ritmo do próprio desejo, gesto que questiona as estruturas sociais que transformam nossa compreensão do mundo.

Nesse âmbito, momentos de descontração entre amigos ilustram a leveza inerente ao ato leitor: comentam-se enredos, personagens, ideias, e o vínculo afetivo se adensa mesmo nas divergências. A leitura deixa de ser ato solitário: o conhecimento se amplia nos espaços de troca, num plano discursivo que cada experiência individual alimenta a inteligência coletiva. A subjetividade do leitor se reconfigura continuamente, na justa medida em que descoberta pessoal e partilha comunitária se entrelaçam.

Há, enfim, uma hermenêutica de atualização permanente: cada leitura interpela a precedente e prepara a seguinte, num circuito dialógico que adensa repertórios intelectuais e afetivos sem exigir certificado oficial, “não há carteira que ateste o crescimento do leitor”. A

transformação emerge do confronto vivo entre vozes, na experiência responsiva que se renova a cada encontro com as palavras.

O nosso sujeito interlocutor desta tese destaca-se como um intelectual de notável habilidade e agilidade de pensamento, cuja compreensão das sutilezas da escrita e da comunicação atravessam a complexidade. O domínio das nuances retóricas e da intervenção estética, aliado a uma consciência política, faz dele um interlocutor criativo e instigante, detém uma rara capacidade de tensionar o que se diz e o que se oculta, transitando pelas escolhas discursivas de modo a contribuir com a análise dos dados aqui interpretados.

6.1 O ‘ato leitoral’ do educador geógrafo

Nos relatos biográficos de Eguimar Felício Chaveiro (2023; 2024; 2025), a descoberta precoce da leitura engajada está indissociavelmente ligada à militância nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Entre círculos de debates começou a se formar um imaginário em que fé e política deixavam de ser dimensões paralelas para se tornarem vias de mão única. É nesse contexto, nos finais da década de 1970 e nas primeiras mobilizações pelo fim da ditadura, que seu repertório se adensa de títulos ligados à Teologia da Libertação, fonte de um compromisso ético que, décadas depois, ainda ecoa em suas escolhas acadêmicas e literárias.

Agora, quando lá no começo de 1980, eu entrei na UNIVERSIDADE 1981, o livro mais impactante, a leitura desse livro era mais impactante porque eu era da CEBs, da comunidade eclesial de base, que em 30 anos já era grande. A CEBs me levou a ler *Arqueologia e Libertação*, Frei Betto, Leonardo Boff, são autores importantíssimos. Até hoje eu leio com a memória amorosa. Eu li um livro do Boff [...] E eu quase senti culpa de ter uma crítica ao Boff, ao Leonardo Boff. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 13 dez. 2023. Acervo da autora).

A evocação “leio com a memória amorosa” condensa a dialética entre recordação afetiva e postura crítica que atravessa a formação de Chaveiro. Ler Gutiérrez³⁶, Boff³⁷ ou Betto³⁸ era um exercício que ultrapassava o campo intelectual: envolvia partilhar, nos grupos de jovens, a esperança de que o texto bíblico pudesse restaurar reformas, da reforma agrária à

³⁶ Gustavo Gutiérrez (1928-), teólogo peruano considerado um dos fundadores da Teologia da Libertação, tornou célebre a defesa da “opção preferencial pelos pobres” em obras como *Teología de la liberación* (1971).

³⁷ Leonardo Boff (1938-), teólogo e escritor brasileiro, ex-frade franciscano, articulou a Teologia da Libertação com a ecologia integral em títulos como *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres* (1995).

³⁸ Frei Betto (Carlos Alberto Libânio Christo, 1944-), frade dominicano, escritor e ativista dos direitos humanos, uniu militância política e espiritualidade em livros como *Batismo de Sangue* (1982).

redemocratização do país. Ao relatar, anos depois do acontecimento, experimenta “quase culpa” por criticar Boff, sinaliza-se o conflito típico de quem amadurece politicamente: a reverência ao mestre dá espaço a uma autocrítica vigilante, que prefere o exercício do pensamento livre à fixação de certezas, mesmo quando se trata de ícones da esquerda. Essa experiência compreende o desafio de manter o respeito pelas referências sem renunciar à autonomia intelectual e do questionamento constante, recusando a cristalização de dogmas em qualquer campo do pensamento.

Outro momento voltado para leitura é a adesão ao Círculo do Livro, aos 16 anos, Chaveiro (2023) narra um segundo ponto de inflexão em sua trajetória leitora. A narrativa, na sequência, sintetiza esse rito de passagem, do trabalho braçal à descoberta de um acervo acessível, do silêncio tímido ao diálogo íntimo com autores de crônica que, dali em diante, transformariam sua voz:

Porque o tímido e a timidez, às vezes, é medo de sofrer repulsa, ele precisa de falar. O mundo interior do tímido, o mundo latente do tímido é fervoroso. Só que o tímido não exalta esse mundo interior para o outro. [...] Isso gerou um interesse pela literatura. Muito novo, de maneira muito precária, eu li, por exemplo, crônicas. E precisa de uma certa faculdade concreta para que isso fosse possível. [...] foi a minha entrada no Círculo do Livro. Eu trabalhava no escritório de contabilidade... Eu trabalhei no escritório com 16 anos, de lavar o carro da patroa, de fazer o arquivo, de cuidar das plantas do escritório... Havia um moço chamado Juracy [...] Ele me convidou a entrar no Ciclo do Livro [...]. Na medida em que eu comprava os livros, eu os lia. Eu me lembro de ler mais crônicas, foi um momento de leituras de crônicas. [...] O tímido tem que conversar com alguém e é melhor conversar com alguém silenciosamente, que é o autor e seus textos. E tem uma coisa muito interessante, porque muito rapidamente, também de uma maneira precária, o fato de eu ler com grau de disciplina, não com tanta intensidade, mas talvez diferenciado da maioria daquele período, me deu uma voz também diferenciada. E isso passou a ser reconhecido. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 14 dez. 2023. Acervo da autora).

O fragmento da narrativa manifesta como a timidez pode impulsionar um sujeito à busca pela leitura como espaço privilegiado de expressão, diálogo e interação. Para o tímido, a leitura funciona como uma interlocução segura e íntima, a abstração do texto o protege e, simultaneamente, o liberta a imaginação e o pensamento. Ler, nesse sentido, é uma maneira de falar sem exposição imediata, de experimentar uma interlocução que não traz o risco direto de repulsa ou de censura. A leitura torna-se, assim, uma espécie de mediadora entre o mundo interno fervilhante e o mundo externo ameaçador, garantindo uma via confortável e fértil para o desenvolvimento da voz e da identidade.

Nesse contexto formativo específico, três elementos decisivos aparecem entrelaçados: a mediação social (representada pelo colega seminarista que o introduz ao Círculo do Livro), a

economia favorável ao acesso à leitura (com preços subsidiados e descontos), e a subjetividade do leitor (marcada pela timidez e pelo desejo profundo de expressão). A interação desses fatores transforma a leitura em um gesto de pertencimento simbólico: adquirir livros regularmente deixa de ser apenas um hábito e converte-se numa conquista afetiva e intelectual, um indicador concreto de inserção em um universo cultural mais amplo e significativo do que aquele oferecido pela rotina árdua do trabalho cotidiano.

Do ponto de vista formativo, a escolha pelas crônicas de autores como Stanislaw Ponte Preta³⁹ e Luís Fernando Verissimo⁴⁰, indica uma preferência natural de leitores iniciantes por textos breves, marcados pelo humor, pela ironia e pelo comentário cotidiano. A crônica acolhe facilmente o olhar mais introspectivo porque estabelece uma relação direta e informal com o leitor, permitindo uma interlocução suave e amigável. Ao internalizar esse ritmo narrativo e aprender a valorizar as pequenas experiências cotidianas, Eguimar adquire um repertório linguístico e uma sensibilidade aguçada para o detalhe, qualidades que irão permear e caracterizar posteriormente sua produção acadêmica e intelectual. “Ninguém nasce leitor de literatura, mas vai se formando leitor ao longo de sua vida. Esse formar leitor é sempre processual [...] pode-se dizer que, em qualquer momento que se encontre nesse processo de formação leitora, se está conduzindo e em desenvolvimento como leitor” (Silva; Melo, 2018, p. 67)

O relato, ainda, válida uma pedagogia da autoconfiança construída pelo hábito de leitura regular: cada livro assimilado gera, além de conhecimento intelectual, um reconhecimento social importante. A voz diferenciada que começa a se destacar na interação com colegas reflete o poder simbólico que a leitura confere ao sujeito leitor, antes relegado a tarefas subalternas. Nesse processo, a timidez deixa de ser um impedimento e converte-se em impulso potente para uma gramática interior rica e autêntica, que encontra na palavra escrita uma via privilegiada para sua expressão pública e afirmação social.

Posteriormente, Chaveiro (2023) narra sobre coletivos que participa nos primeiros anos de universidade:

³⁹ Pseudônimo do jornalista Sérgio Porto, Stanislaw Ponte Preta foi um cronista satírico brasileiro que se destacou na década de 1960 por suas críticas bem-humoradas à sociedade e à política, especialmente através da série “FEBEAPÁ – Festival de Besteira que Assola o País”.

⁴⁰ Escritor, cronista e cartunista brasileiro, Luís Fernando Verissimo é conhecido por seu estilo irônico e pela habilidade de capturar o cotidiano com humor refinado e crítica social, tendo se tornado um dos autores mais populares do país desde os anos 1980.

Vai ter um momento em que eu participava de uma comunidade de jovens, a CACRE — Caminhando com Cristo — maravilhosa, da qual mantenho amizades até hoje. Era uma comunidade muito politizada: todo mundo era ligado a sindicatos, havia fundadores do PT. E teve um momento ali em que percebi que eu tinha uma sede maior do que aquilo que era possível realizar dentro do coletivo religioso. Então, essa minha universalidade pessoal... eu vou me universalizando. A consciência vai me deslocando para outros lugares dentro de mim mesmo. Vou reconhecendo minha classe, vou entendendo que o sofrimento que eu sentia era o sofrimento de uma classe, de um grupo. E, com isso, começam a despontar sonhos e perspectivas, inclusive dentro da própria universidade. Tem uma coisa muito interessante: em um determinado período, aprovamos um projeto no Ministério da Cultura para estudar a Praça Universitária. A Praça Universitária é o pulmão político de Goiânia — e talvez do Centro-Oeste. Ali tinha o movimento estudantil, os vários eventos da UNE, manifestações de apoio à Nicarágua, encontros de solidariedade à revolução cubana. Então, o fato de eu estudar na Praça Universitária... a dimensão espacial ali foi fundamental para mim. E estou falando do início da década de 1980. Eu entro na universidade em 1981. É quando nasce o rock brasileiro, a geografia crítica, a CUT, a CPT; Paulo Freire está presente nos movimentos, as CEBs ainda são muito vivas. Esse contexto foi determinante. Tão determinante que, quando passei no concurso para Catalão, minha autoestima intelectual estava elevadíssima. Quando fiz a prova, eu tinha a convicção de que ia passar — e passei. E quando cheguei lá, senti que estava muito atualizado. E de fato estava. Ou seja, esse período foi um momento de engajamento pessoal e coletivo, de um engajamento que o próprio contexto do país permitia. E isso foi fundamental na minha trajetória — inclusive na dimensão subjetiva, da autoestima. A Associação dos Geógrafos do Brasil era muito ativa. Então é isso: o contexto foi fundamental. E não sou só eu — é uma geração. Uma geração inteira que se formou ali". (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 14 dez. 2023. Acervo da autora).

Nesse percurso, a comunidade Caminhando com Cristo (CACRE) atua como ponte entre espiritualidade de base e militância socialista. Ali, jovens ligados a sindicatos e ao PT partilham a liturgia com a análise de conjuntura, confirmando que a mesma pessoa pode rezar um texto bíblico e redigir um panfleto de greve. A certa altura, porém, a “sede maior” a que Eguimar alude emerge das bordas do possível naquele coletivo religioso: universalizar-se exigia cruzar fronteiras internas e reconhecer que o sofrimento vivido era expressão de classe. A travessia rumo à universidade como arena ampliada de disputas passa, portanto, por um desacato amoroso à moldura eclesial.

A reverberação espacial desse engajamento se materializa quando ele inscreve, junto ao Ministério da Cultura, um projeto para estudar a própria Praça Universitária. Ao cartografar murais, palanques improvisados e ocupações de calçadas, devolve ao poder público a imagem de um “pulmão político” que não cabe na neutralidade do planejamento urbano. A pesquisa, ao mesmo tempo etnográfica e autobiográfica, reforça o princípio de que lugar é produção social de sentidos, e, no seu caso, cenário de formação identitária e profissional.

Quando passa no concurso para a UFG-Catalão, leva consigo esse capital simbólico. A autoestima elevada nasce menos da aprovação em primeiro lugar do que da certeza de ter vivido, e compreendido um período em que saber e ação estavam indissociavelmente colados.

Na nova cidade, sente-se atualizado por trazer consigo a experiência de ter contribuído para a construção de um léxico político em constante expansão: direitos, democracia, reforma agrária e organização de base. A geografia crítica assume, nesse contexto, o lugar de uma prática vivida, que articula docência, extensão e pesquisa como formas de intervenção no mundo.

O “terceiro momento” de Chaveiro traduz-se numa trilha em espiral: parte de uma militância espacializada, adensa-se em chave marxista, rompe-se pela via da esquizoanálise e retorna à praxis, agora enriquecida por múltiplas camadas de leitura. Esse percurso exemplifica uma geração para quem universidade, rua e igreja se mesclaram numa mesma topografia de lutas. Mostra, sobretudo, que o saber geográfico pode (e deve) reatualizar-se continuamente, abrindo-se a choques conceituais sem abdicar do compromisso de mapear e transformar o mundo vivido.

No excerto a seguir, Chaveiro (2023) relembra o impacto visceral da leitura de *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, durante sua formação no movimento estudantil. E, anos depois, ao reler Freire coletivamente com o grupo Dona Alzira:

Foi no movimento estudantil. foi nesse contexto que me chegou o *Pedagogia do Oprimido*. Acho que nunca mais vou ler um livro com tanta paixão quanto li esse, do Paulo Freire. Porque era o livro e era também a alma do país agindo dentro da minha alma. O livro chegava como uma entidade histórica naquele tempo. Talvez eu nunca mais leia nada com aquela mesma paixão, com aquele mesmo impacto, com aqueles dizeres tão vivos sobre o opressor e o oprimido, sobre a educação libertadora. Logo depois, li também *Educação como prática da liberdade*, por conta própria. Esses livros foram fundamentais. Passados — não sei quantos — trinta anos, fizemos um projeto no nosso grupo chamado *Leitura Caminhante de Paulo Freire*, e retomamos justamente o *Pedagogia do Oprimido*. Era como ir ao teatro para reencontrar aquele texto. Fiquei me perguntando: como vou reler esse livro que li com tanta paixão? Como será revisitar um fundamento tão forte? E antes mesmo de o livro chegar às mãos, eu já havia chegado a ele — em mim. Reaproximar-se da obra foi, então, revitalizar a memória de um tempo. Lemos o livro coletivamente, em grupo, e acho que produzimos dois movimentos: o da memória e o da crítica. Foi uma leitura crítica, sim, mas também uma leitura partilhada, como se fosse um texto comum, mas que jamais será qualquer outro. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 13 dez. 2023. Acervo da autora).

A memória que Chaveiro (2023) guarda de *Pedagogia do Oprimido* é literária, histórica e sensorial ao mesmo tempo, entrelaçando texto, contexto e experiência vivida. Ele descreve o livro como “entidade”, sinal de que, no calor das lutas do começo dos anos 1980, a obra de Paulo Freire (2023) circulava como símbolo palpável de uma utopia nacional: a redemocratização. A leitura se confunde com a vivência no movimento estudantil, de onde vinham as grandes palavras de ordem contra a ditadura, e com o sopro da Teologia da Libertação, que aproximava fé e justiça social.

Chaveiro reconhece que a “paixão” dessa primeira leitura talvez seja irrecuperável: todo livro lido no auge de uma transformação pessoal e coletiva carrega um grau de intensidade que depende do contexto. Aquilo que ele chama de “alma do país” já não é o mesmo país de hoje, e justamente por isso o gesto de revisitar o texto, décadas depois, se torna um trabalho de arqueologia afetiva. Ao retomar o livro em grupo, no projeto *Leitura Caminhante de Paulo Freire*, o autor faz emergir duas camadas simultâneas: uma memória intensamente emotiva e uma análise distanciada que testa a vigência dos conceitos de opressor, oprimido e diálogo libertador.

Esse retorno coletivo também apreende a dimensão dialógica da pedagogia freiriana: ler sozinho já não basta, é preciso reconstruir sentidos em debate. Quando Chaveiro (2023) fala em “ir ao teatro” para reencontrar o livro, reitera a teatralidade do ato pedagógico, concebido como uma cena que exige plateia crítica e atores dispostos a recriar o texto no presente. Ao mesmo tempo, o grupo adota a perspectiva defendida nos cadernos de cultura do autor pernambucano: a leitura como prática cultural que não dissocia emoção e crítica, nem experiência e teoria.

O trecho mostra ainda como a Teologia da Libertação operou como porta de entrada para Freire nas universidades e movimentos populares. Naquela conjuntura, figuras como Gustavo Gutiérrez, Leonardo Boff e Frei Betto apontavam o caminho para uma educação comprometida com os pobres. A “crítica” de que Chaveiro (2023) fala, mito da década de 1980, carregava um duplo sentido: contestava estruturas injustas e, ao mesmo tempo, tecia uma crítica amorosa às instituições religiosas que permaneciam distantes da luta social. Assim, ler *Pedagogia do Oprimido* era uma espécie de sacramento crítico: tornar-se responsável por traduzir o evangelho da libertação em práticas concretas de sala de aula, sindicato ou comunidade.

Há também, na fala de Chaveiro (2023), o reconhecimento de que o livro ganhou novas camadas ao longo do tempo. Em vez de cristalizar *Pedagogia do Oprimido* como “clássico intocável”, o grupo se permitiu duvidar, atualizar, tensionar, gesto que mantém vivo o legado freiriano de perguntar sempre. Se na primeira leitura o impacto foi visceral, na releitura ele se converte em indagação: como enfrentar hoje “novos opressores” em formatos digitais, ou “novas práticas de dominação” que colonizam desejos e algoritmos? Esse deslocamento do texto no tempo revigora a ideia de que a pedagogia crítica não pode ser reduzida a citações congeladas: ela precisa ser acionada como ferramenta de análise do presente.

O fragmento analisado nos leva a compreender que a verdadeira universalidade de Paulo Freire se encontra na capacidade de reencantar sucessivas gerações. Ao afirmar que a obra

“jamais será qualquer outro”, mesmo lida como “texto comum”, Chaveiro (2023) reconhece a singularidade de um livro que, há mais de meio século, consegue articular esperança e método. Entre a paixão juvenil e a crítica madura, *Pedagogia do Oprimido* continua a funcionar como bússola ética: um convite permanente à reinvenção da prática educativa e à recusa de qualquer conformismo diante das novas faces da opressão.

Até então, a leitura literária de Eguimar corria num trilho paralelo a suas incursões políticas e geográficas, quase sempre motivada pelo prazer estético e pelo encanto das narrativas. Foi em Catalão, porém, ao lado do professor Brás Zé Coelho, que essa vertente ganhou outro estatuto: a literatura deixou de ser mero deleite e foi reconhecida como forma de conhecimento, dotada de métodos próprios de investigação da linguagem. Esse encontro redefiniu sua relação com o texto ficcional, deslocando-o do território do entretenimento para o campo da pesquisa acadêmica e dos estudos de discurso. Assim, a temporada em catalão marcou uma inflexão decisiva: a literatura passou a servir de lente para interrogar o mundo e, ao mesmo tempo, de laboratório para refinar a sensibilidade crítica que atravessa toda a obra de Chaveiro.

O doutorado marcou o momento em que nosso interlocutor agregou definitivamente a temática da subjetividade ao repertório geográfico. Convidado por Tânia Maia, ingressou na USP em regime de imersão, chegava a permanecer “12, 14 horas” por dia no campus, cursando bem mais disciplinas do que o exigido. Foi também a ocasião em que, apresentado a Deleuze e Guattari, passou a frequentar as aulas do Laboratório de Subjetividade Contemporânea, na PUC-SP, coordenado por Suely Rolnik e Peter Pelbart. Ali, a esquizoanálise lhe subsidia com um léxico novo para pensar desejo, afeto e produção de realidade, balizando o diálogo entre geografia, psicanálise e teoria política.

Adiante, Chaveiro (2023) rememora um período decisivo de sua juventude, em que a vivência comunitária, a efervescência política dos anos 1980 e os primeiros passos na universidade se entrelaçam na constituição de uma consciência crítica e coletiva, marca geracional que atravessa sua trajetória pessoal, intelectual e docente:

[...] E ali surgiu, estava surgindo o PT, mais tarde surgiu a CPT, os movimentos estudantis que agiam na clandestinidade passaram a agir, e o movimento de renovação crítica tinha uma forte ligação ao marxismo. Então, esse foi um terceiro momento. Quando eu fui trabalhar em Catalão, fizemos um grupo de estudos sobre o capital, esse foi o momento. Ainda na Católica, eu entrei no CEFEG, Centro Econômico Filosófico de Goiás, concurso de marxismo, que eu fiquei um ano e mês, um ano e meio, lendo as obras de Marx com um grupo de professores que eram petista, que era ligada a Luís Carlos Prestes. Quando eu fui para o Catalão, já no final da década de 1980, ali muito filiado ao marxismo enquanto leitura, e já tinha ministrado a aula na católica, e ali eu pude conhecer a autor como Foucault, porque tinha uma colega, a

Carla, que era estudante de Foucault, e conheci mais a esquizanálise, porque eu tinha uma grande amiga que foi orientada no mestrado, doutorado de Sueli e Rolnik, e eu passei a ler Guattari e Deleuze. Inclusive, para virar de 90, eu tive uma certa crise, porque a esquizanálise dizia coisas, Guattari e Deleuze diziam coisas que me faziam o sentido diferente do marxismo. Estava muito na ideia da revolução molecular, da dinâmica de grupo. Então, foi um momento importante. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 30 mai. 2025. Acervo da autora).

Esse movimento interno, da adesão entusiasta à revisão rigorosa, ajuda a explicar a heterodoxia que marca toda a produção posterior do autor. O diálogo inicial com a Teologia da Libertação abriu-lhe as portas para um pensamento situado, atento às injustiças do território. Entretanto, foi a coragem de visitar esses textos, interrogar sua suficiência e confrontá-los com novas matrizes (marxismo, esquizoanálise, psicanálise) que lhe permitiu manter vivo o impulso transformador. Em outras palavras, foi justamente ao “sentir culpa” que Chaveiro reafirmou o legado freireano de não separar reflexão de ação, convertendo a memória amorosa em motor permanente de reinvenção intelectual.

O ingresso de Chaveiro na Universidade Católica, em 1981, coincide com o auge da renovação crítica na geografia brasileira e com a ebulição política da Praça Universitária, epicentro das lutas pela anistia, da reorganização estudantil e da fundação do PT. Trabalhando oito horas por dia, ele opta pelo curso noturno, conforme expomos na seção anterior, mas o contato cotidiano com aquele espaço simbólico transforma a vivência acadêmica num laboratório de práxis: ali se assentam, lado a lado, o rock que inaugura uma nova contracultura, as CEBs ainda pulsantes e as primeiras reuniões da CUT e da CPT.

Esse ambiente o conduz rapidamente ao marxismo. Primeiro, pelos círculos de estudo da própria Católica, depois, pelo CEFEG (Centro Econômico Filosófico de Goiás), onde mergulha em *O Capital* guiado por docentes ligados a Luís Carlos Prestes. A leitura sistemática de Marx⁴¹ estrutura uma gramática de análise que lhe oferece claves para compreender trabalho, classe e Estado, uma trilha que desemboca, já em Catalão, na formação de um grupo de estudos dedicado a decifrar as mediações entre território goiano e economia política global. A dialética torna-se, então, método para apreender o espaço como síntese de processos históricos e lutas materiais.

⁴¹ Karl Marx (1818-1883): filósofo e economista alemão, conhecido por elaborar a teoria crítica do capitalismo e por propor uma leitura dialética da história, tendo como obra fundamental *O Capital*, além do *Manifesto Comunista*, em parceria com Friedrich Engels.

Mas a fidelidade à ortodoxia logo é tensionada quando novas vozes atravessam seu percurso. Colegas introduzem Foucault⁴², guias da microfísica do poder, e, sobretudo, Guattari/Deleuze⁴³, cuja esquizoanálise propõe a revolução molecular em lugar do assalto ao Palácio de Inverno. A crise que se instala no limiar dos anos 1990 desestabiliza o dispositivo identitário que o marxismo lhe oferecia, abrindo fendas por onde entram desejo, subjetividade e rizoma. Ao mesmo tempo, obriga-o a reinventar categorias geográficas, agora sensíveis à produção de si e à multiplicidade dos afetos que atravessam o território.

Quando os colegas apresentam Michel Foucault (2014), recorrem ao que ele chamou de microfísica do poder. A ideia é: em vez de imaginar o poder como algo concentrado apenas no Estado ou em figuras de autoridade, Foucault (2014) mostra que ele circula em redes miúdas, escolas, hospitais, prisões, famílias, linguagens e rotinas de trabalho. Nesses espaços, o poder se exerce por meio de regras disciplinares (controlar horários, corpos, gestos), técnicas de vigilância (exames, prontuários, câmeras) e processos de normalização (estabelecer o que é “correto” ou “desviante”). O resultado é a produção de subjetividades que se regulam a si mesmas, pois incorporam esses dispositivos quase sem perceber.

Félix Guattari e Gilles Deleuze (1996) partem de uma crítica contundente tanto à psicanálise clássica, sobretudo freudiana, quanto às formas centralizadas de fazer política. Eles se insurgem contra a visão do sujeito como um “eu” coeso e estruturado a partir do complexo de Édipo, como propunha Freud, e contra a ideia de que a transformação social se dá exclusivamente por meio da tomada do poder estatal, modelo herdado da Revolução Russa, o chamado “assalto ao Palácio de Inverno⁴⁴”. Em resposta, os autores reivindicam novas formas

⁴² Michel Foucault (1926-1984) propôs a “microfísica do poder”, enfoque que examina os mecanismos capilares, disciplinares, normativos e discursivos, pelos quais o poder se infiltra na vida cotidiana, moldando subjetividades muito além das instituições de Estado tradicionais.

⁴³ Félix Guattari (1930-1992) e Gilles Deleuze (1925-1995) desenvolveram a esquizoanálise, perspectiva que combina psicanálise, política e filosofia para mapear fluxos de desejo e processos de subjetivação, enfatizando a criação de linhas de fuga frente às máquinas sociais de controle.

⁴⁴ Metáfora crítica para os modelos tradicionais de revolução que colocam a tomada do poder do Estado como objetivo central da transformação social.

de compreender o desejo, a subjetividade e a política, articulando contribuições da clínica institucional⁴⁵, da filosofia nietzschiana⁴⁶ e da crítica marxista heterodoxa⁴⁷.

É a partir dessa base que propõem a esquizoanálise, um dispositivo teórico e político que combina psicanálise, teoria social e análise institucional. Ao invés de considerar o desejo como carência ou produto do drama familiar, Deleuze e Guattari (1996) o compreendem como força produtiva, fluxo que atravessa corpos e sistemas, conectando-se a “máquinas sociais”, como a família, a escola, a mídia ou o mercado. Conexões que formam os agenciamentos, os arranjos mutáveis de sujeitos, os objetos, os afetos e os discursos que moldam o campo social e a experiência vivida.

De volta a Goiânia, Chaveiro integra o coletivo Arte do Afeto, cuja proposta reunia terapia de grupo, estudo sistemático e ação cultural. A ONG Jacarandá da Pedra, nascida desse núcleo, combinava oficinas clínicas com festas e leitura de psicanálise e psicologia transpessoal. O resultado foi a consolidação de uma perspectiva “heterodoxa”, na qual militância social, criação artística e cuidado de si convergiam, ampliando a geografia para além da análise de estruturas visíveis e incorporando a dimensão micropolítica dos afetos.

No início dos anos 2000, essa sensibilidade transbordou para um novo Grupo de Trabalho que passou a articular literatura e geografia. Há mais de duas décadas, o GT mantém intercâmbio nacional e internacional, orienta pesquisas e verticaliza o estudo do texto literário como instrumento hermenêutico do espaço. Trata-se da “terceira fase” literária de Chaveiro: menos voltada ao deleite individual e mais comprometida com projetos de investigação colaborativa, nos quais narrativa, território e subjetividade se aglutinam.

Ao entrelaçar marxismo, esquizoanálise e psicanálise, Eguimar (2025) redefiniu o lugar do sujeito na geografia crítica: o espaço deixa de ser apenas resultado de processos econômicos para tornar-se também palco de desejos, medos e potências singulares. Essa virada amplia a análise estrutural ao incorporar a leitura do invisível, elementos impalpáveis que influenciam

⁴⁵ Corrente teórico-prática derivada da psiquiatria e da psicologia institucional francesa, que propõe uma escuta e uma intervenção não apenas sobre o indivíduo, mas sobre as instituições que produzem sofrimento e normalização. A clínica institucional entende que escolas, hospitais, prisões e demais organizações sociais são atravessadas por relações de poder, afetos, hierarquias e silenciamentos, e, portanto, devem ser também objetos da clínica. Nessa perspectiva, cuidar é também transformar as condições institucionais que adoecem (Guattari, 1981).

⁴⁶ Conjunto de ideias desenvolvidas por Friedrich Nietzsche, que critica a moral tradicional, os sistemas metafísicos da verdade e os ideais de racionalidade e progresso herdados da filosofia ocidental. Em vez disso, propõe uma visão afirmativa da vida baseada na vontade de potência, na criação de valores e na crítica radical às formas de sujeição do corpo e do desejo. Sua filosofia inspira pensamentos pós-estruturalistas por enfatizar o caráter instável, múltiplo e perspectivista da existência (Deleuze, 1976).

⁴⁷ Vertente do pensamento marxista que se distancia das leituras dogmáticas ou economicistas do marxismo clássico. Em vez de focar exclusivamente nas estruturas econômicas ou na luta de classes estrita, a crítica heterodoxa amplia o escopo analítico para incluir cultura, linguagem, subjetividade e desejo. (Benjamim, 1987).

práticas coletivas e transformam os modos de habitar. Em última instância, o percurso do pesquisador demonstra que pensar o território hoje requer integrar cartografias materiais e mapas afetivos, sob pena de perder justamente aquilo que move e reinventa a vida social.

O rigor filosófico do mestrado, guiado por José Carlos Libâneo⁴⁸, sedimentou em Eguimar uma convicção decisiva: pensar geograficamente exige dialogar com a psicologia cognitiva, com a fenomenologia e com a didática, sem ceder à compartimentação disciplinar. A leitura paciente de Descartes⁴⁹, Kant⁵⁰ e Hegel⁵¹, associada às discussões sobre psicoignição propostas por David Ausubel⁵² e Leona Cavalcanti⁵³, deu à dissertação *O desenvolvimento do pensar geográfico* um perfil raro para a época, mais interessado em desvendar a arquitetura mental do raciocínio espacial do que em reproduzir manuais de conteúdo escolar. Essa abordagem, ao mesmo tempo filosófica e pedagógica, antecipava a atenção que ele dedicaria, anos depois, à subjetividade como dimensão inarredável da análise territorial.

Não se tratava, contudo, de um exercício solitário. Entre as aulas, Eguimar participava das assembleias da Associação dos Geógrafos do Brasil, espaço em que a crítica marxista pulsava ao lado de debates sobre currículo e métodos de campo. “Na AGB, a geografia aparecia inteira; fora dela, corríamos o risco de enxergar só fragmentos”, recorda Chaveiro (2023). Essa imersão coletiva, mesclando caderno de notas, panfleto estudantil e roda de viola, reforçou a ideia de que leitura é sempre gesto compartilhado, condição para produzir interpretações que escapem ao tecnicismo e se comprometam com a realidade concreta.

O mestrado encerrou-se, mas a pulsão investigativa se adensou. Aos vinte e poucos anos, aprovado em primeiro lugar nos concursos do Estado de Goiás e da Universidade Católica, Eguimar troca o arquivo do escritório pela sala de aula, ponto em que percebe que ensinar também é uma forma de reorganizar o próprio pensamento. Pouco depois, conquista

⁴⁸ <http://lattes.cnpq.br/7261628151334430>

⁴⁹ René Descartes (1596–1650): Filósofo racionalista francês, Descartes destacou a razão como fundamento do conhecimento, com seu famoso princípio “*Penso, logo existo*”. Para ele, o pensamento consciente e lógico é a base da verdade. Sua obra influencia concepções de aprendizagem centradas na clareza, na dedução e na autonomia da mente.

⁵⁰ Immanuel Kant (1724–1804): Filósofo alemão que uniu razão e experiência ao propor que o sujeito conhece o mundo por meio de estruturas mentais a priori (como tempo e espaço). Para Kant, a mente organiza o conhecimento de forma ativa, o que antecipa ideias modernas sobre a importância da estrutura cognitiva do aprendiz.

⁵¹ Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770–1831): Pensador idealista alemão, Hegel concebe o conhecimento como um processo dialético, construído historicamente pela interação entre opostos (tese, antítese e síntese). A aprendizagem, nesse sentido, é movimento e superação, sempre vinculada ao tempo, à cultura e à consciência coletiva.

⁵² David Ausubel (1918–2008): Psicólogo educacional americano, propôs a teoria da aprendizagem significativa. Segundo ele, novos conhecimentos só são assimilados quando conectados a saberes prévios do sujeito. Valoriza-se, portanto, a organização lógica dos conteúdos e a estrutura mental do aluno.

⁵³ Leona Cavalcanti: Pesquisadora brasileira que desenvolve a noção de *psicoignição*, integrando cognição e subjetividade. Para ela, o processo de aprender envolve afetos, experiências socioculturais e engajamento crítico. Valoriza a aprendizagem como produção de sentido situada historicamente.

igualmente o primeiro lugar na seleção para a recém-criada Universidade Federal de Catalão. A mudança de cidade, e de escala, funciona como rito de passagem: ele deixa a condição de militante-estudante para assumir a de professor-pesquisador, sem abdicar do fervor transformador que marcava a geração das Diretas Já.

Em Catalão, o campus era minúsculo, contudo, a atmosfera intelectual era intensa. Jovens docentes vindos de Goiânia e Uberlândia trocavam livros durante a semana e cruzavam o campo de futebol aos domingos, discussões sobre Foucault e Milton Santos conviviam com chorinhos improvisados em bares de esquina. “Setenta por cento do grupo era leitor contumaz”, calcula Eguimar, lembrando as mesas abarrotadas de xerox e as serenatas que atravessavam a madrugada. A universidade, ali, era menos uma instituição formal do que um espaço de experimentação no qual se afiavam argumentos, se montavam grupos de pesquisa e se sonhavam currículos menos encastelados.

Desse caldo nasce a convicção de que o raciocínio geográfico não pode prescindir da pergunta didática: como se formam conceitos espaciais na cabeça do aluno? A dissertação sobre psicocognição, longe de se encerrar como requisito burocrático, converte-se em horizonte permanente de investigação. Nas décadas seguintes, Eguimar cruzaria esse eixo cognitivo com marxismo, psicanálise e crítica literária, até chegar à proposta de uma *geografia da subjetividade*, marca registrada de sua produção e pista segura de como, em seu percurso, ler, ensinar e politizar continuam verbos indissociáveis.

A envergadura intelectual de Eguimar não se completa sem citar alguns nomes que o acompanham desde o mestrado: Ivo Gótico⁵⁴, Hamilton Santos⁵⁵, Horiestes Gomes⁵⁶ e Ruy Moreira⁵⁷. Eles contribuíram, cada um a seu modo, com réplicas para compreender o território como totalidade dialética, ora pela crítica ao discurso hegemônico, ora pela ênfase na dimensão fenomenológica do lugar. Com João Alves de Castro⁵⁸, entretanto, o vínculo tornou-se visceral:

⁵⁴ Ivo Gótico: Geógrafo e educador, Ivo Gótico propõe uma pedagogia geográfica sensível aos contextos sociais e à formação do sujeito ético-político. Valoriza práticas educativas que favorecem o reconhecimento das desigualdades territoriais e o engajamento crítico dos aprendizes com o espaço vivido.

⁵⁵ Hamilton Santos: Pesquisador ligado à geografia e à educação, Hamilton Santos reflete sobre o papel da escola como espaço de produção de subjetividades e de enfrentamento das opressões espaciais e simbólicas. Suas contribuições estão voltadas à valorização dos saberes locais e à construção de currículos territorializados.

⁵⁶ Horiestes Gomes: Intelectual comprometido com uma geografia social e transformadora, Horiestes Gomes trabalha com a ideia de que o território é atravessado por relações de poder e por processos identitários. Defende uma leitura crítica do espaço que envolva o sujeito como agente cognoscente e afetado por sua realidade.

⁵⁷ Ruy Moreira: Um dos principais nomes da geografia crítica brasileira, Ruy Moreira propõe uma ruptura com modelos eurocentrados, ao pensar a geografia como ciência humanista, situada e engajada. Para ele, conhecer o mundo exige escutar os sujeitos e suas territorialidades, o que aproxima sua proposta das pedagogias decoloniais.

⁵⁸ João Alves de Castro: Geógrafo e educador, João Alves de Castro discute o ensino de geografia a partir das experiências concretas dos alunos, defendendo uma prática pedagógica que articule espaço, cultura e consciência crítica. Suas reflexões dialogam com propostas freirianas e com epistemologias do território.

“Ele lia de tudo e depois vinha para a aula fazer o texto pegar fogo - era impossível não se contagiar”, recorda Eguimar. Sob a tutoria inquieta desse professor, aprendeu que o ofício da leitura exige, além de método, uma certa combustão estética capaz de transformar qualquer referência em pólvora discursiva.

Foi nesse domínio de influências que a timidez deixou de ser barreira e virou motor criativo. A voz que antes se recolhia passou a desafiar códigos acadêmicos com pequenas insubordinações performáticas, como a sacolinha plástica presa à cintura, exibindo documentos e anotações em plena sala de aula. O gesto, ao mesmo tempo cômico e subversivo, visava denunciar o fetiche da seriedade instituída: “Era um chute na pose”, diz ele, “a defesa da humanidade pelos escombros”. Essa irreverência, refinada pela leitura de Manuel de Barros⁵⁹ e pela poesia marginal que circulava nas praças de Goiânia, converteu-se em marca estilística: uma escrita que recusa ornamento excessivo, porém, tolera as rachaduras, as gírias e os silêncios como parte do processo de um pensar.

Daí a sensação de pertencimento que nutriu com a Associação dos Geógrafos Brasileiros. A AGB surge como o palco coletivo no qual teoria e prática se retroalimentavam, assembleias que começavam com relatórios de campo e terminavam em saraus de poesia ou em disputas de futsal. Foi também ali que consolidou a noção de que “forçar a geografia” significa aproximá-la da rua, da praça, do mercado, do culto, e, sobretudo, do corpo que lê e sente. Não por acaso, seus referenciais favoritos combinam radicalidade epistemológica e abertura poética: é possível ouvir ecos de Ruy Moreira nas críticas ao positivismo, tanto quanto ressonâncias de Hamilton Santos na cartografia da solidariedade social.

O resultado é um perfil de leitor que trafega entre Sartre⁶⁰ e Stanislaw Ponte Preta com a mesma curiosidade, capaz de sublinhar, na *Fenomenologia do Espírito*⁶¹, a dialética senhor-escravo, e de aplaudir o humor cáustico de um cronista que desmascara as pequenezas do cotidiano. Essa elasticidade, longe de apontar dispersão, aponta uma amplitude de interesses

⁵⁹ Manoel de Barros (1916–2014): Poeta brasileiro do Pantanal, Manoel de Barros reinventou a linguagem poética ao valorizar o “desimportante”, o “menor” e o “ridículo” como matéria-prima para a criação. Sua poesia faz da infância, da natureza e do delírio elementos de uma cognição sensível e afetiva, rompendo com lógicas instrumentais e racionais. Ao subverter a norma linguística, ele constrói uma poética da escuta e do encantamento com o mundo, onde “as palavras nascem dos pés de formiga” e a verdade cabe no “despropósito”.

⁶⁰ Jean-Paul Sartre (1905-1980): Filósofo, romancista e dramaturgo francês, expoente do existencialismo. Em *O Ser e o Nada* (1943), definiu a liberdade como condição ontológica do ser humano (“a existência precede a essência”); em *Crítica da Razão Dialética* (1960), procurou articular a fenomenologia com o marxismo, reafirmando o engajamento político como uma dimensão inevitável da subjetividade.

⁶¹ Fenomenologia do Espírito: Obra de 1807 na qual G. W. F. Hegel descreve a marcha dialética da consciência, do “saber imediato” ao “saber absoluto”. O famoso episódio senhor-escravo exemplifica como o reconhecimento mútuo e o conflito histórico mediam a autoconstituição do Espírito, fundamentos que preludiam à *Ciência da Lógica* e à filosofia prática hegeliana.

agregada a uma teoria prática da leitura: cada texto é convocado a dialogar com as urgências do tempo. Ao citar, numa prova de Biogeografia, um trecho de Sartre sobre a liberdade, Eguimar não queria ostentar erudição; queria lembrar que até o estudo dos solos precisa de horizonte ético.

“Sou mestre em festas caladas”, confessa, resumindo a epifania de quem, mesmo tímido, aprendeu a celebrar intimamente cada pequena conquista discursiva. Essa festa silenciosa é, talvez, a imagem mais fiel do leitor-intelectual em que se tornou: alguém que recolhe azares e aplausos no mesmo bolso amassado, mas que nunca abandona o encantamento com a palavra, aquela que provoca, liberta e, sobretudo, funda novas cartografias para pensar o mundo.

A heterodoxia que marca a trajetória de Eguimar Felício Chaveiro encontra seu ponto de maturação na fundação do grupo Espaço, Sujeito e Existência - Dona Alzira, na virada dos anos 2000. Surgido como coletivo informal de leitura e discussão, o grupo logo buscou registro institucional, sem abrir mão da vocação transgressora. O nome já funciona como programa conceitual: ele reúne, num único gesto, as noções de espacialidade, subjetividade e condição existencial, recusando qualquer hierarquia entre elas.

A dimensão existencial, inspirada no existencialismo sartreano e em leituras de subjetividade contemporânea, garante que o debate não se esgote em diagnósticos estruturais: interessa ver como cada escolha singular, por menor que pareça, carrega potência de reconfiguração coletiva. Essa sensibilidade conduziu, por exemplo, ao projeto de pós-doutorado que resultou no livro *Uma Ponte ao Mundo*, no qual experiências de pessoas com deficiência são tratadas simultaneamente como questão de direitos, de espacialização e de produção de si. Ao articular depoimentos, análise territorial e reflexão filosófica, a obra encarna o método do Dona Alzira: combinar rigor crítico e escuta atenta do vivido.

No meu pós-doutorado, eu tive a oportunidade de desenvolver um projeto, ganhei uma bolsa e poderia ter trabalhado com várias pessoas em diferentes lugares. No entanto, optei por continuar essa parceria com o Fadel. Juntos, organizamos um livro chamado *Uma Ponte ao Mundo*. Esse livro foi uma realização muito especial, reunindo várias pessoas que estudam e trabalham com a questão das deficiências no Brasil, incluindo grandes intelectuais da área. Foi uma experiência muito gratificante, e o livro simboliza essa nossa jornada e nossa parceria.

Duas décadas depois, o grupo consolidou-se como rede de investigação, extensão e formação, mantendo diálogo aberto com universidades brasileiras e estrangeiras. Oficinas, leituras coletivas e intervenções artísticas continuam a sustentar um *ethos* de “militância de brandura”, expressão que Eguimar toma de Edgar Morin para nomear uma ação política sem

alarde, mas profundamente transformadora. Nesse laboratório vivo, a heterodoxia deixa de ser mero rótulo e se converte em prática cotidiana: misturar campos, acolher vozes dissonantes, insistir na inseparabilidade entre análise e afeto. Assim, o Dona Alzira permanece fiel ao impulso que o originou: produzir conhecimento sem amputar a vida que lhe serve de matéria.

O “Psicanálise no Boteco” logo se incorporou à malha formativa de Eguimar como extensão natural da militância heterodoxa que orienta todo o seu percurso: se a praça e a sala de aula funcionavam como laboratórios de geografia crítica, o boteco tornou-se laboratório de escuta clínica. Ao trazer os conceitos de inconsciente, pulsão e transferência para a mesa de cerveja, o coletivo desmontava a aura douta que frequentemente distancia a psicanálise do público leigo. O gesto, porém, não implicava vulgarização, impunha o desafio de traduzir Lacan⁶² ou Winnicott⁶³ em linguagem acessível sem perder precisão, “versão goiana da clínica ampliada”, brincava Eguimar, consciente de que a clareza popular é uma das formas mais radicais de rigor.

Essa transposição teve efeitos diretos sobre sua docência. Nas disciplinas de Geografia da População ou Epistemologia da Geografia, metáforas sobre recalque, desejo e sintoma passaram a frequentar as discussões sobre migração, segregação urbana e políticas territoriais. Para os estudantes, o impacto era duplo: de um lado, perceber que o espaço é também palco de lutos, fantasias e repetições; de outro, experimentar a universidade como ambiente em que o saber circula além do expediente formal. Muitos graduandos, sobretudo aqueles avessos às convenções acadêmicas, encontraram no “Boteco” o primeiro convite a ler Freud sem medo de errar, a expor dúvidas sem temor da “fala errada”.

Além disso, o grupo reforçou a ética de hospitalidade que orienta o Dona Alzira. Quem chegava com curiosidade sincera encontrava lugar, independentemente de filiação teórica ou titulação. A horizontalidade, regada a empatia e certa dose de humor, criava um clima propício para compartilhar impasses pessoais que, noutras circunstâncias, permaneceriam silenciados. Com isso, o “Psicanálise no Boteco” cumpria uma função rara na universidade massificada: devolver subjetividade aos sujeitos, lembrando que pesquisar e ensinar também implicam cuidar das feridas que cada um carrega.

⁶² Jacques Lacan (1901–1981): Psicanalista francês, Lacan propôs que o sujeito é constituído na linguagem, sendo “falado” pelo inconsciente antes mesmo de se reconhecer como eu. Para ele, o desejo, a falta e o outro estruturam a subjetividade. Ao introduzir o conceito de *estádio do espelho*, Lacan mostra que a identidade se constrói por mediação simbólica, antecipação e alienação.

⁶³ Donald Winnicott (1896–1971): Pediatra e psicanalista britânico, Winnicott trouxe contribuições originais à compreensão do desenvolvimento psíquico infantil. Introduziu conceitos como *objeto transicional* e *espaço potencial*, destacando o papel do brincar, do cuidado e da presença materna suficientemente boa na formação da subjetividade. Para Winnicott, a criatividade e o gesto espontâneo são centrais para a constituição do self verdadeiro.

Por fim, a experiência mostrou-se fértil para as próprias investigações de Eguimar sobre espaço e existência. As narrativas escutadas entre goles de cerveja, relatos de deslocamentos, conflitos familiares, sonhos recorrentes, transformavam-se em matéria-prima para artigos, intervenções artísticas e projetos de extensão. Ao abraçar o bar como lugar epistemológico, o geógrafo-psicanalista ampliou a cartografia de saberes possíveis, reafirmando a coerência de sua aposta heterodoxa: conhecimento e vida só se separam à custa de empobrecimento mútuo, mantidos juntos, fazem da crítica um território compartilhável e, sobretudo, habitável.

A seguir Chaveiro (2023) responde a uma de minhas perguntas: Qual o livro que escreveu que você mais gosta?

Weigma, eu também tenho sempre dificuldade de hierarquizar, mas, dos livros que fiz, não sei quantos, *A Vida é um Engenho de Passagem* é o que eu mais gosto. Talvez ele seja um exemplo de uma tomada de consciência, de uma mudança. Eu trabalho com a disciplina de Geografia da População na graduação, e os meus temas são variados. Essa disciplina me levou a fazer trabalho de campo em uma colônia, o Leprosário Colônia Santa Marta de Goiânia, que já foi a maior do Centro-Oeste, abrigando pessoas com lepra desde 1940. Nós íamos lá com um grupo de alunos, e além de conhecer a história da colônia, conversávamos com as pessoas. Algumas moravam lá há 40, 50 anos. Fomos até lá porque participei de um grupo terapêutico e criativo chamado *Arte do Afeto*, e um dos nossos líderes, Lindomar Tomé de Souza, trabalhava na colônia. Nossos alunos, de 18, 19, 20 anos, voltavam chorando ao ouvir as histórias de pessoas que viveram o isolamento imposto pela hanseníase. Naquela época, Goiás era uma região camponesa e a lepra era devastadora. As pessoas descobriam o diagnóstico e eram levadas para o leprosário pelo camburão, que era chamado de "onça". No leprosário, elas ficavam em quartos escuros e sem contato com ninguém, nem mesmo com o médico. O médico conversava com elas por meio de um cano inclinado, pelo qual também colocava os remédios. Isso fazia parte da política de saúde da época, que era o isolamento total. Nessa época, muitos alunos se sensibilizaram, e conseguimos um edital da prefeitura. Fizemos um projeto chamado *Deus Menino da Perulitagem*. Lidávamos com a dor e o retrato da hanseníase, ao mesmo tempo em que o *Arte do Afeto* oferecia oficinas de arte lúdica, como pintura com os dedos, mesmo para aqueles que tinham perdido os dedos por causa da doença. O projeto tinha como objetivo ouvir as histórias dessas pessoas e transformá-las em contos e poemas, inspirado na ideia de uma "literatura da carne", do Benedetti. O projeto foi aprovado e o livro nasceu em 2005, embora a ideia fosse desde 2000. Por exemplo, a lepra não ataca diretamente o sistema nervoso, mas o isolamento e o medo enlouquecem. Houve uma época em que 36% das pessoas internadas enlouqueciam. A vida isolada é enlouquecedora. Isso me inspirou a escrever um livro de contos.

Ao transformar as memórias da Colônia Santa Marta em contos, e não em um relatório técnico, Chaveiro (2023) expressa uma compreensão do texto como espaço de reconstrução do mundo. Ao deslocar para o universo narrativo vivências marcadas pela dor do confinamento, ele articula conhecimento geográfico, registro histórico e reparação simbólica. É significativo notar que uma disciplina acadêmica, "Geografia da População", desdobra-se em uma escrita

que, evocando Benedetti⁶⁴, se caracteriza como uma "literatura da carne", restituindo corpo, cor e voz aos sujeitos silenciados pelo estigma da hanseníase.

Esse movimento, do campus à colônia, das conversas aos contos, reforça o caráter heterodoxo do percurso intelectual no nosso sujeito nesta tese. Nele, as fronteiras entre pesquisa e intervenção social são diluídas, conectando três dimensões essenciais: primeiro, a investigação territorial, que mapeia a segregação sanitária; segundo, a clínica ampliada proporcionada pelo grupo Arte do Afeto, cujas oficinas colocam o cuidado e o lúdico em primeiro plano; e terceiro, a elaboração literária, por meio de contos que reintegram os ex-internos à linguagem. Assim, a escrita emerge como parte integrante de todo o processo de pesquisa, manifesta-se no ouvir atento, no conversar sensível, nas anotações cuidadosas e na ficcionalização criativa, compondo um gesto simultaneamente ético e poético.

O engajamento dos estudantes, que frequentemente "voltavam chorando", apreende a transformação da prática didática em uma experiência estritamente humana. Ao expô-los às histórias de indivíduos submetidos ao isolamento, o professor transforma a geografia em pedagogia da empatia. Essa abordagem dialoga com a noção de "revolução molecular" de Deleuze e Guattari, em que pequenas mudanças na sensibilidade dos sujeitos, o choro, o espanto e a vontade de narrar, atuam como forças que lentamente corroem imaginários estigmatizantes. Nesse processo, a sala de aula se expande, convertendo-se em um espaço clínico-político vivo e pulsante.

Outro aspecto relevante é a conquista de financiamento municipal para o projeto. Ao buscar recursos através de editais, o grupo leva o sofrimento silenciado das vítimas da hanseníase para uma esfera pública mais ampla, transferindo essa temática do domínio estritamente sanitário para a agenda cultural. Dessa maneira, a literatura deixa de ser um elemento secundário, convertendo-se em tecnologia de visibilidade: o livro publicado em 2005 registra a dor, coloca-a em circulação, questiona as políticas de memória e amplia os direitos.

No plano estilístico, Eguimar adota uma escrita afetiva e polifônica. Seus contos integram o vocabulário popular ("camburão", "onça"), descrições sensoriais intensas e marcas de oralidade captadas nas entrevistas, recursos que conferem ao texto uma presença física, visceral, em contraste aos relatos sanitizados frequentemente associados à lepra. Essa escolha

⁶⁴ Mario Benedetti (1920–2009) foi um escritor, poeta e ensaísta uruguaio, amplamente reconhecido por sua escrita engajada, voltada às experiências cotidianas, às lutas sociais e à condição humana nos contextos de exílio e repressão na América Latina. Com uma obra que transita entre a crônica, a poesia e o romance, Benedetti é um dos principais nomes da literatura latino-americana do século XX, articulando lirismo, política e resistência em uma linguagem acessível e profundamente afetiva.

literária devolve dignidade às experiências dos ex-internos e convida o leitor a compartilhar o desconforto diante de uma história de exclusão que, sob novas formas, ainda persiste.

Por fim, o episódio ressalta a lógica central do Grupo Dona Alzira: uma pesquisa só é plenamente realizada quando retorna algo concreto aos grupos envolvidos, seja através de oficinas artísticas, livros ou rodas de conversa. Essa reciprocidade, enraizada na prática da "militância de brandura", reforça o compromisso do coletivo com metodologias que unem rigor acadêmico, criação estética e responsabilidade social frente às populações vulnerabilizadas. Nesse encontro, concretiza-se o "engenho de passagem": o texto funciona como uma ponte entre a universidade e sujeitos historicamente marginalizados, comprovando que, na escrita de Eguimar Felício Chaveiro, teoria crítica e cuidado caminham 'aglutinados'.

6.2 Grupo Dona Alzira: mediação literária

A criação do Grupo Dona Alzira, vinculada ao Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG), deve ser compreendida à luz das transformações que atravessaram o ensino superior no início dos anos 2000. A denominação "Dona Alzira" traduz, em si mesma, o projeto ético-político do grupo. Como observa Ferreira Silva Junior (2019, p. 58), um *ethos* discursivo só faz sentido quando ancorado em um "espaço histórico que lhe confere credibilidade". Ao evocar a figura popular de Dona Alzira, símbolo local de hospitalidade e cuidado, o coletivo sinaliza que pretende articular produção acadêmica e valores humanizadores, mesmo sob a pressão de indicadores de desempenho.

O grupo surgiu justamente quando as universidades brasileiras passaram a exigir maior organização do trabalho pedagógico, em resposta às políticas neoliberais vigentes. Como narrou Chaveiro (2023):

Quando o grupo surge, ele surge num momento em que essa modalidade organizativa do trabalho pedagógico nas universidades, em todos os lugares resultou na criação de grupos e na institucionalização do CNPq, ou seja, uma forma de organização. [...] Ou seja, ele é filho, paradoxalmente, do neoliberalismo, porque o Estado brasileiro e as forças de comando, incluindo o Banco Mundial, estavam naquele período, impunham naquele período uma avaliação da produção até chegar no currículo lattes e isso retornar para avaliar a nota dos programas. Então, qual que é a melhor forma? É as pessoas organizarem grupos orientados a organizar grupos. Então é fim do neoliberalismo paradoxalmente. E é bom dizer isso porque nós queríamos dentro desse escopo contrapor o próprio neoliberalismo. Por exemplo, nós achávamos que essa modalidade grupal, de rede institucional, de formalização dos estudos, iam... gerar adoecimento, ia gerar uma pressão, uma pressão e uma Opressão. Inclusive nós demoramos para institucionalizar, ou seja, o grupo funcionava sem ser grupo, porque

nós falávamos que era uma forma de resistir um pouco a essa imposição. Bom!!! Institucionalizamos, no período, e aí nós fomos no Edgar Morin e criamos um princípio aqui o grupo além de fazer os estudos, as pesquisas, organizar os trabalhos pedagógicos acadêmicos ele precisa de ser um lugar de boa convivência, ele precisa gerar saúde, promover saúde nós falamos que faríamos uma militância de brandura, é um termo da D. Edgar Morin. O que é uma militância de brandura? Inclusive, me parece que isso foi uma sugestão da professora Angelita, que hoje é reitora, que era muito entusiasta do grupo, que falou assim, nós temos uma ordem neoliberal, mas nós sempre se encontrar com a ordem liberal e criar bons afetos. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 14 dez. 2023. Acervo da autora).

O fragmento anterior expõe uma contradição estrutural: o Grupo Dona Alzira nasce, ao mesmo tempo, por imposição e em contestação ao modelo neoliberal que passou a reger a avaliação universitária nos anos 2000. Quando o CNPq exige a formalização de grupos de pesquisa, ele cria um dispositivo disciplinador, o agrupamento se torna condição de financiamento, pontuação no Currículo *Lattes* e manutenção dos programas de pós-graduação. Contudo, esse mesmo dispositivo abre frestas para experiências coletivas que utilizam a burocracia como cobertura institucional para projetos contra hegemônicos. Assim, o grupo é “filho do neoliberalismo” porque dele recebe forma e enquadramento, assim como também é “contrafilho”, pois procura subverter a lógica que o gera.

O primeiro gesto crítico foi justamente retardar a inscrição oficial: operar “sem ser grupo” antes de entregar estatuto e logo do CNPq. A decisão de adiar a institucionalização indicava que ela era compreendida como uma escolha política densa de implicações, uma escolha capaz de transformar a pesquisa em produtividade cronometrada e as relações de trabalho em dinâmicas marcadas pela competição contínua. Ao adiar o selo oficial, os integrantes criavam margem para experimentar outros ritmos, laços e prioridades, testando se era possível produzir conhecimento sem adoecer sob a pressão de metas.

Quando finalmente aceitaram o registro, fizeram-no com salvaguardas simbólicas: adotaram o referencial de Edgar Morin⁶⁵ e cunharam o princípio da “militância de brandura”. A escolha do termo carrega uma intenção afirmativa: aponta para um projeto que valoriza o compromisso ético diante da lógica competitiva. Nessa perspectiva, a militância se traduz como forma de engajamento político sustentada pelo cuidado mútuo, pela hospitalidade e pela construção coletiva de formas solidárias de lidar com os conflitos. A ideia de “brandura” atua

⁶⁵ Edgar Morin (1921–2022) foi um sociólogo e filósofo francês, conhecido por desenvolver o pensamento complexo — uma proposta epistemológica que rejeita reducionismos e defende a articulação entre saberes diversos para compreender os fenômenos humanos e sociais em sua totalidade. Morin propôs uma educação que forme para a incerteza, para a solidariedade e para a compreensão, reconhecendo o sujeito como ser multidimensional.

como vacina contra o adoecimento que o próprio sistema indutor (avaliações, *rankings*, prazos) tendia a gerar.

Ao explicitar a sugestão da professora Angelita, “criar bons afetos”, Chaveiro (2023) reforça a dimensão relacional do projeto. Bons afetos são formas de convivência que promovem vínculos sólidos e criam dispositivos de sustentação subjetiva capazes de fortalecer o sujeito diante das dinâmicas do neoliberalismo. Se a lógica dominante estabelece vínculos funcionais e descartáveis, a lógica da brandura aposta em vínculos duradouros, capazes de reter memória, partilhar vulnerabilidades e sustentar a criatividade coletiva. Desse modo, o grupo tenta reconfigurar, a partir de dentro, o que conta como “produtividade”: a produção acadêmica (artigos, pesquisas e relatórios) caminha junto ao cuidado com a saúde, ao entusiasmo coletivo e ao fortalecimento do sentido comunitário.

O caminho, então, é viver na tensão: usar a linguagem e os formulários do sistema para legitimar pesquisas que questionam o próprio sistema. A “militância de brandura” converte a burocracia em armadura leve: protege sem engessar, permitindo que a crítica circule nas dobras do procedimento formal. Por fim, a experiência sugere que a resistência universitária contemporânea se constrói tanto nos clássicos espaços de mobilização “fora dos muros” quanto nas estratégias engajadas que operam “dentro dos formulários”.

Ao formalizar-se como grupo de pesquisa, o Dona Alzira adotou duas frentes complementares. De um lado, responde às exigências institucionais, mantém produção bibliográfica regular, participa de editais e registra resultados no CNPq. De outro, procura que esse rendimento conviva com rotinas de leitura coletiva, partilha horizontal de saberes e atenção ao bem-estar dos integrantes. A referência a Edgar Morin e a ideia de “militância de brandura” indicam que, para além dos indicadores quantitativos, o grupo valoriza processos formativos que favoreçam o diálogo interdisciplinar e o cuidado mútuo.

Com isso, o Dona Alzira projeta um *ethos* acadêmico que combina pesquisa crítica e compromisso ético. Termos como “boa convivência”, “saúde” e “brandura” deslocam o foco do desempenho individual para a qualidade das relações, propondo uma militância que se faz na escuta, na empatia e nos pequenos gestos de cooperação. Assim, o grupo afirma sua identidade como espaço de resistência às formas de produção acadêmica que priorizam métricas em detrimento das pessoas.

O trecho a seguir apresenta a concepção organizativa e ética que orienta o Grupo Dona Alzira, destacando a circularidade como princípio estruturante das relações pedagógicas, da produção de conhecimento e da escuta das diferenças:

A forma circular do grupo - e a disposição para aceitar a diferença e o conflito como ingredientes reais e necessários de qualquer trabalho humano - é um princípio que, sob a minha coordenação, instala-se como referência para compor o trabalho de pesquisa, de intervenção e de relações pedagógicas. No círculo espousa-se a consideração do pensamento como mote de transformação.

O conflito e a diferença das ideias impulsionaram a necessidade de ultrapassar o mero exercício intelectual e as acomodações das críticas acadêmicas desse período. Mesmo assim, cada sujeito do grupo - e este intento - não escapa das contradições que acometem outros grupos como a competição, a pressa para produzir e a necessidade de êxito e regularidade para existência. (Chaveiro, 2016, p. 09)

O modelo “circular” descrito por Chaveiro (2016) devolve à prática acadêmica um arranjo político há muito escanteado pela lógica hierárquica dos departamentos. Ao afirmar que a mesa do grupo é circular, o coordenador sinaliza que a autoria do conhecimento deve ser compartilhada e distribuída entre todos os participantes, promovendo uma lógica horizontal de saberes. Esse gesto reconfigura a própria ideia de liderança: em vez de comando vertical, uma curadoria do diálogo que mantém o fluxo de trocas vivo e equânime. No plano epistemológico, esse formato desloca a ênfase do produto para o processo, valorizando o percurso argumentativo e as escutas mútuas tanto quanto os textos finais que deles decorrem.

Outra implicação do círculo é admitir o conflito como força motriz, em vez de ameaça. Diferentemente de muitos coletivos que tratam o dissenso como ruído a ser silenciado, o Dona Alzira o entende como tensão criativa capaz de “ultrapassar o mero exercício intelectual”. Nesse âmbito, concordar ou divergir torna-se parte do processo formativo: amplia zonas de contato entre saberes, favorece o atrito criativo entre conceitos e estimula os participantes a revisar e reconstruir suas convicções. Trata-se, portanto, de transformar a crítica acadêmica, muitas vezes ritualística e autossuficiente, em prática efetiva de negociação de sentidos e, por isso, de intervenção no real.

Chaveiro (2016) reconhece, contudo, que nem mesmo essa arquitetura cooperativa escapa aos imperativos de produtividade que pairam sobre a universidade contemporânea: competição por editais, urgência em publicar, ansiedade por regularidade. Ao nomear tais pressões, ele expõe a contradição constitutiva de grupos que almejam autonomia crítica, mas dependem de métricas institucionais para existir. O mérito do Dona Alzira consiste em problematizar essa tensão, colocá-la em debate e desenvolver estratégias de cuidado que atuem diretamente na redução de seus efeitos adoecedores, mesmo em um sistema pautado por indicadores.

A “consideração do pensamento como mote de transformação” lembra que toda prática pedagógica carrega uma dimensão política: formar consciência é também redesenhar o território simbólico em que a vida social transcorre. O círculo, então, configura-se como

metáfora de igualdade, atuando como dinâmica que promove a democratização do saber e favorece a cooperação solidária entre os participantes. Nesse espaço, a contradição entre colaboração e produtividade passa a ser trabalhada como problema aberto, reafirmando o compromisso do grupo com uma universidade capaz de formular, e de habitar, modos menos violentos de criação intelectual.

No texto, Chaveiro (2016, p. 10) aponta o desafio central do grupo: construir uma insurgência intelectual e poética capaz de interpretar as contradições do espaço, do sujeito e da existência no mundo contemporâneo:

De modo que a questão que se coloca ao grupo é: como gerar referências teóricas que captem as contradições sociais do mundo na interpretação do espaço, do sujeito e da existência, servindo-se da liberdade de pensar? Como se abrir à leitura dos novos paradigmas da teoria do conhecimento sem perder as referências clássicas costuradas no âmbito da Geografia? [...] Convém partir do mundo concreto, daí o dever de considerar a ação da acumulação integral e financiarizada; da organização reticular do espaço; dos conflitos sociais no campo e na cidade; da ideologização por meio de símbolos e subjetividades esculpidas com a literatura da atualidade e do estético; convém, igualmente, estar atento, consonante à violência urbana, ao estado de guerra promovida pelas instituições, à medicalização da vida individual; aos novos estatutos da juventude e às novas doenças da alma. Isso tudo é ingrediente nuclear desafiador para constituir uma nova forma de insurgência intelectual e poética. Para agir na pesquisa formando a consciência coletiva, dispondo dessa consciência para agir na vida social.

Chaveiro (2016) delinea a ambição do Grupo Dona Alzira: forjar uma geografia capaz de captar, numa mesma lente, as engrenagens sistêmicas da acumulação financeira e os delicados dispositivos simbólicos que formatam a subjetividade contemporânea. Ao indagar “como gerar referências teóricas que captem as contradições sociais do mundo”, recoloca a antiga tensão entre rigor disciplinar e abertura transdisciplinar como problema ético antes de ser metodológico.

Para Chaveiro (2016), “partir do mundo concreto” exige encarar dois planos inseparáveis. De um lado, a materialidade da financeirização: os fluxos de capital que redesenham fronteiras e acumulam riqueza. De outro, os dispositivos simbólicos que fazem essa lógica parecer natural, da violência urbana rotinizada à medicalização do cotidiano. Analisar um sem o outro seria cair em atalhos setoriais. A mesma malha “reticular” que organiza o território condiciona os “novos estatutos da juventude”; do mesmo modo, a estética contemporânea alimenta formas sutis de controle sobre corpos e afetos. Chaveiro (2016), portanto, descarta qualquer hierarquia fixa entre infraestrutura, cultura e psiquismo: todas se articulam numa única ecologia de poder.

Por “ecologia do poder” entende-se um ambiente relacional em que diversos níveis de força (econômicos, institucionais, culturais e psíquicos) operam de forma interdependente. O poder, portanto, circula em redes: atravessa infraestruturas, molda sensibilidades, legitima discursos e, ao mesmo tempo, depende deles para se reproduzir.

A ênfase na “liberdade de pensar” destaca que a resposta surge da articulação crítica entre as matrizes clássicas da geografia e os chamados “paradigmas emergentes”, valorizando o trânsito reflexivo entre diferentes correntes teóricas em vez de depender de repertórios estanques. Isso implica ler Harvey⁶⁶ e Deleuze sem descartar Milton Santos ou Ruy Moreira, implica tensionar Lacan com a literatura marginal, cruzar estatística urbana com crônicas de periferia. A insurgência que o texto convoca é, pois, metodológica e poética: exige novas combinações discursivas que desafiem tanto o reducionismo positivista quanto o relativismo que esvazia os conflitos.

Ainda, a menção à “consciência coletiva” ecoa o projeto freireano de pesquisa-ação: produzir saber não apenas para descrever o mundo, mas para intervir nele. A educação do olhar crítico que o grupo almeja é indissociável de práticas de solidariedade e de enfrentamento político. Nesse embate, a geografia torna-se ponte entre análise estrutural e cuidado existencial, lembrando que todo mapeamento social é também convite à transformação, ou, nas palavras do próprio Chaveiro, a construção de “uma nova forma de insurgência intelectual e poética”.

Angelita Pereira de Lima (2016, p. 12) sintetiza a proposta metodológica concebida por Eguimar Felício Chaveiro em uma prática que toma o encontro e a escuta como dispositivos centrais de investigação:

O método “inventado” pelo nosso orientador, professor Eguimar Felício Chaveiro, baseia-se nos encontros com as pessoas, com as palavras escritas, com as palavras faladas e com os silêncios. O investimento é para inventar uma dança, um requadrado novo, um voo diferente, que leve ao conhecimento da existência humana. Daí não é possível escapar do eixo sartreano que atravessa a produção intelectual e geográfica em pauta: “O homem nada é além do que ele faz” (SARTRE, 2010, p. 25).

Angelita Lima (2016) identifica, no “método inventado” pelo educador Chaveiro, uma pedagogia da presença: aprender passa, antes de tudo, por se deixar afetar, pelos rostos, pelas vozes, pelas letras e até pelos silêncios que comparecem nos encontros do Dona Alzira. Essa

⁶⁶ David Harvey (1935 –), geógrafo marxista britânico, tornou-se referência nos estudos críticos sobre espaço e capitalismo ao articular a teoria do valor de Marx à dinâmica urbano-regional; entre suas obras centrais destacam-se *Justiça Social e a Cidade* (1973), *Os Limites do Capital* (1982) e *A Condição da Pós-modernidade* (1989), nas quais cunhou conceitos como “compressão espaço-tempo” e “acumulação por desapropriação”.

ênfase desloca o foco dos instrumentos formais de pesquisa para a qualidade da relação inter-humana, o trabalho de campo, a leitura coletiva e a roda de conversa são variações de uma mesma “dança” em que corpo, linguagem e afeto se entrelaçam. Ao propor “um requebrado novo”, desloca o gesto acadêmico da observação distanciada para uma partilha vivida, fazendo do processo investigativo uma experiência situada, relacional e, sobretudo, compartilhada.

O apelo ao existencialismo sartreano, “o homem nada é além do que ele faz”, sustenta a espinha ética dessa prática. Se a essência se constrói na ação, então a pesquisa só ganha sentido quando provoca implicações concretas: transformar a leitura em engajamento, a escuta em cooperação, o conceito em provocação de mundo. Nos círculos do Dona Alzira, isso significa reconhecer que cada fala ou silêncio participa da tessitura coletiva e exige responsabilidade mútua. Toda pesquisa implica posicionamento, uma vez que o pesquisador participa ativamente da constituição da realidade que investiga, assumindo o papel de coautor na produção dos sentidos e nas escolhas que orientam o processo investigativo. O método, nesse contexto, configura-se como um exercício de liberdade partilhada: ao mesmo tempo em que abre espaço para que cada integrante reinscreva sua própria voz, convoca todos a responder pelas consequências do ato coletivo.

A análise de Angelita aponta para a dimensão estética da proposta, “Inventar uma dança” é metáfora, literalidade: nas oficinas do grupo, poesia, música e performance integram o repertório sensível necessário à compreensão da existência em seus matizes. Desse modo, aproxima-se de uma geografia que reconhece a arte como forma legítima de conhecimento, lembrando que mapear o espaço também é cartografar desejos, dores e sonhos dos sujeitos que o habitam. Ao articular método, ética e estética, o trabalho desenvolvido no Dona Alzira contribui para uma tradição de pesquisa-formação que integra criticidade e sensibilidade, abrindo-se à transformação como horizonte possível da escuta e do encontro.

No parágrafo a seguir, Lima (2009, p. 12) explica por que o coletivo de pesquisa se autodenominou Dona Alzira e descreve o ritual que marca a chegada de cada integrante: a entrega de um “caderno vermelho”, símbolo de acolhimento e escrita partilhada:

Esse grupo, cheio de subjetividades e objetivos científicos, se alcunhou Dona Alzira. Porque a Dona Alzira é a síntese da existência do sujeito no espaço contemporâneo. E nós a admiramos e a amamos mesmo sem conhecê-la. O grupo é identificado pelos cadernos vermelhos, ritualisticamente entregues a cada novo/nova participante dessa lida. [...] Antes que se pense em uma padronização, é melhor apurar os sentidos: as simbólicas casas vermelhas significam abertura e acolhimento ao mergulho em uma postura científica humanizada. Cada qual produzirá, em suas páginas, sua própria história, seu percurso de pensamento. E o que se escreve é o que acontece.

O batismo “Dona Alzira” transforma o grupo em personagem coletiva: um nome que designa e encarna, ao mesmo tempo, a ideia de “sujeito no espaço contemporâneo”. Ao declarar amor por essa figura “mesmo sem conhecê-la”, Lima (2016) realça o poder da imaginação acadêmica de criar presenças simbólicas que sustentam vínculos afetivos e políticos. Nesse gesto, o coletivo reconhece que toda produção de conhecimento se faz entre subjetividades e que a ciência só ganha densidade quando admite o enraizamento existencial de quem a pratica.

Os cadernos vermelhos ritualizados prolongam essa aposta num saber humanizado. Longe de padronizar, o objeto material cria um “lugar de escrita” num espaço em que cada integrante registra seu próprio percurso, confirmando que método também é hospitalidade. Ao afirmar que “o que se escreve é o que acontece”, Lima (2016) desloca a escrita do plano meramente descritivo para o performativo: anotar é já intervir, é dar forma ao pensamento que, sem registro, talvez não emergisse. Assim, a cor vermelha, alusão simultânea à paixão, à rebeldia e à luta, sintetiza a disposição do grupo de acolher diferenças e transformá-las em matéria viva de investigação.

A seguir, Angelita Lima (2016, p. 12-13) nos situa temporalmente na trajetória do grupo de pesquisa, ao mencionar seus quatro anos de existência:

Alguns elementos, nesses quatro anos de jornada e existência, já nos permitem refletir sobre a concepção teórico-metodológica do grupo. Ele toma para si como temática central os aspectos epistemológicos da recente produção geográfica, bem como a ascensão do sujeito como elemento central para as discussões geográficas, as aproximações teóricas entre geografia e literatura, geografia e fenomenologia, Humanismo e abordagem geográfica.

O balanço que Angelita Lima (2016) faz após quatro anos de atividades sugere que o Grupo Dona Alzira alcançou uma inflexão epistemológica rara em núcleos acadêmicos recentes: conseguiu deslocar o foco da geografia dos tradicionais objetos físico-espaciais para o sujeito que experiencia o espaço. Essa virada subjetiva se realiza a partir de atravessamentos entre campos do saber, em constante trânsito entre perspectivas e disciplinas.

Lima (2016) aponta três eixos de aproximação: geografia/literatura, geografia/fenomenologia e geografia/humanismo, que funcionam como pontes para rearticular métodos e objetos. A relação com a literatura introduz a narrativa, a metáfora e a imaginação na análise do território; a interface com a fenomenologia subsidia ferramentas para captar a vivência corpórea dos lugares; e o diálogo com o humanismo recoloca valores éticos no centro da investigação, obrigando o pesquisador a responder pelas implicações humanas de seu

trabalho. Esses cruzamentos operam como antídoto contra a tentação positivista de tratar o espaço como mero dado mensurável.

Ao recusar modelos importados sem mediação crítica, o Dona Alzira constrói uma cartografia que é, simultaneamente, investigação científica e cuidado com as formas de vida que nela se inscrevem. Nesse sentido, o sujeito constitui-se como co-autor do espaço investigado, integrando ativamente as discussões geográficas e ocupando uma posição central na produção de um conhecimento comprometido com a transformação social.

Na sequência, Chaveiro (2023) apresenta o grupo Dona Alzira como uma “casa de leitura” voltada à crítica do capitalismo e à valorização das práticas culturais e espaciais dos sujeitos. A proposta articula justiça social, leitura interpretativa e formação crítica, com projetos como *Escrileitura* e *Leituras Orientadas* que consolidam o grupo como espaço de leitura, escrita e reflexão coletiva:

A existência, ou seja, há o capitalismo, mas há as práticas espaciais dentro do capitalismo complexas, insinuantes, que se desdobram em criatividade, em colaborações. E naquele período, vários orientados estudavam sujeitos, especialmente sujeito indígena, então o nome: espaço, sujeito e a existência. De maneira que ele tem uma proposta teórica que é mais ou menos o seguinte, gerar um pensamento com sede na justiça para a qual precisava ser crítico ao capitalismo, mas ao mesmo tempo se importar com práticas culturais, práticas espaciais, com os diferentes sujeitos dentro do capitalismo e suas singularidades. [...] Nós fomos vendo, até pelas pessoas que participavam, talvez a minha figura ajude muito, que nós achávamos que ele teria que ser uma casa de leitura. Uma casa de leitura, tanto na leitura do código, na leitura mesmo, ler texto, ler livro, quanto na leitura interpretativa. O Dona Alzira é uma casa de leitura. Tanto é que hoje nós temos quatro projetos de leituras. Nós temos o *Escrileitura*, nós temos o *Leituras Avançadas*, todo mundo lê um texto. Leituras de classe de geografia e leituras orientadas. Temos quatro projetos de leituras. E nisso, durante toda a existência do grupo, nós já estamos preparando, a gente faz minicursos, oficinas, também de texto. Leitura e escritura de texto. sempre atuando nesses dois campos. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 14 dez. 2023. Acervo da autora).

O Dona Alzira se sustenta sobre dois eixos inseparáveis. De um lado, a crítica estrutural: reconhecer que o espaço contemporâneo é atravessado pela lógica capitalista e, portanto, pelas contradições que ela impõe a povos indígenas, trabalhadores urbanos, mulheres ou pessoas com deficiência. De outro, a atenção ao “miúdo” da vida: práticas culturais, alianças cotidianas e gestos de criação que, mesmo dentro do sistema, insinuam alternativas e brechas de justiça. O binômio “espaço/sujeito” só faz sentido porque é imediatamente tensionado pela ideia de “existência”, isto é, pela maneira singular como cada corpo habita, ressignifica e às vezes subverte os territórios sob pressão.

Essa ambição se materializa na autodefinição do coletivo como “casa de leitura”. A metáfora inverte o paradigma produtivista: antes de exigir resultados quantificáveis, o grupo oferece abrigo ao processo de ler/escutar/interpretar. “O leitor - apesar de ser um sujeito que, solitariamente, está diante de algum tipo de texto - se forma no coletivo, a partir dos sentidos que uma sociedade em determinado tempo histórico e espaço atribui à leitura” (SILVA; MELO, 2018, p. 67) O cuidado com a palavra escrita (projetos de Escrileitura, Leituras Avançadas, minicursos de texto) e com a palavra falada (seminários, oficinas) produz uma convicção pedagógica: transformar a leitura em ato compartilhado é condição para que a crítica social se torne experiência encarnada, e não mera retórica.

Ao multiplicar formatos (caderno de campo, círculo de debate, oficina de escrita) o Dona Alzira cria dispositivos que deslocam a autoridade acadêmica para o plano da conversa. Cada integrante é leitor e autor de seu percurso, mas em diálogo constante com o outro. O resultado é uma engenharia didática que recusa tanto a hierarquia professor-discípulo quanto a dispersão individualista típica da cultura neoliberal. Ler junto, nesse contexto, é um ato político: institui vínculos de responsabilidade mútua e gera repertório comum para enfrentar violências estruturais.

Assim, o grupo torna visível uma equação rara na universidade: pesquisa rigorosa mais hospitalidade afetiva. Mais do que criticar o capitalismo, empenha-se em criar modos de estar-com que prefiguram a sociedade desejada. Ao eleger a leitura como prática central, o grupo de pesquisa afirma que todo conhecimento digno desse nome começa por uma escuta atenta: das páginas, dos territórios e das singularidades humanas que insistem em existir, mesmo sob a barbárie do mercado.

A atuação do Dona Alzira ultrapassa os limites físicos da UFG, a seguir apresentamos uma expansão do coletivo por meio de parcerias internacionais, apresentando a capacidade de articulação em redes de pesquisa mais amplas e interculturais:

Ele vai para fora também, a Dona Alzira, ele não fica só no âmbito acadêmico. [...] A Daisy está dando curso na Alemanha, [...] o Tiago na Espanha, [...] nós temos parceria em Cuba, nós temos um evento com Cuba, nós temos um evento com a Espanha, nós temos eventos internacionais do grupo. E inclusive [...] ele foi se alargando, tem um certo reconhecimento. Ele tem uma parceria com a Fiocruz, tem muitas parcerias. Com a Fiocruz a gente faz eventos. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 14 dez. 2023. Acervo da autora).

A inserção internacional do Grupo Dona Alzira decorre de parcerias acadêmicas que se estendem para além da UFG. *A Missão Brasil-Colômbia 2025: Ambiente, Território e Turismo,*

reúne pesquisadores do grupo e universidades colombianas em estudos sobre conflitos socioambientais em biomas compartilhados. As atividades combinam trabalho de campo bilateral, oficinas com comunidades locais e produção de cartografias críticas, já resultando em artigos conjuntos e bancos de dados compartilhados.

No âmbito do Colóquio Internacional *CUBRA (Cuba–Brasil: Territorio, Desarrollo, Sujeto y Lenguaje)*, docentes brasileiros e cubanos discutem economia solidária, saúde comunitária e planejamento territorial. As edições mais recentes incluíram mesas sobre práticas populares de cuidado no Cerrado goiano e experiências de gestão descentralizada em municípios cubanos, com publicação de anais e intercâmbio de materiais didáticos bilíngues.

Em Moçambique, o projeto *Sementes Crioulas, Quintais Agroecológicos e Cooperação Popular* aproxima agricultores do Cerrado e das savanas de Inhambane. Oficinas sobre manejo agroecológico, narrativas orais e cartografia participativa constituem o núcleo das ações, gerando cadernos técnicos e um repositório audiovisual de saberes camponeses.

Na Europa, integrantes do grupo atuam como professores visitantes. Daisy Menezes ministra módulos de geografia em universidades alemãs; Tiago Rodrigues coordena *workshops* de geocartografia afetiva na Espanha. Essas atividades têm rendido coautorias em periódicos europeus e convites para programas de pós-graduação sanduíche.

Por fim, a cooperação com a Fiocruz garante interface permanente com a área da saúde do trabalhador: seminários conjuntos sobre territorialização de políticas públicas e cartilhas voltadas a comunidades rurais vêm sendo desenvolvidos desde 2018. Somadas, essas iniciativas mantêm a produção bibliográfica do Dona Alzira em patamar elevado, mas procuram equilibrar indicadores formais com ações de extensão e formação de redes que respondam a demandas sociais concretas.

A seguir, Eguimar (2023) destaca a importância da professora Angelita Pereira de Lima no processo de inserção das narrativas literárias nos estudos geográficos desenvolvidos pelo grupo:

A Angelita sempre me impressionou, e ela trabalha com narrativa, ela traz o tema da narrativa e o tema fica. [...] Ela é da cadeira do jornalismo literário, então ela leva os alunos a fazerem livros, livros, reportagens. E ela trouxe isso, a força da narrativa, muito baseada em Benjamin, e o tema da narrativa vai pregar com a literogeografia, e aí Goiás se torna o grande centro da literogeografia nacional, com a Angelita, o Ricardo Assis, o Rodrigo, é muita gente envolvida, ou seja, Goiás na geografia brasileira é o grande centro quantitativo, não somos nós que avaliamos a literogeografia, ou seja, nós somos a Valéria, o grupo que mais une geografia e literatura no Brasil. Valéria Cristina, professora daqui. E a Angelita, ela foi muito importante, porque como ela era professora de narrativa lá, e veio para cá fazer doutorado, e o esquema benjaminiano está muito aclarado na cabeça dela, ela traz isso aqui, e ela tem uma pedagogia de uma escritura literária, e isso fica. Hoje eu estou

lendo narrativa, eu e a Luana lecionamos agora um curso, semestre passado, Espaço e Narrativa. Eu e o Ricardo Assis vamos lecionar agora, em Jataí, Espaço e Narrativa. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 14 dez. 2023. Acervo da autora).

A inserção de Angelita Pereira de Lima no círculo intelectual de Eguimar Felício Chaveiro representa uma interseção particularmente fecunda para esta pesquisa, que busca rastrear os momentos formadores do educador pelo viés da literatura, abordando as fronteiras e os diálogos com a Geografia Humana. Quando Chaveiro (2023) reconhece na “força da narrativa” um fio condutor para repensar o espaço e a existência, ele sugere que a própria matéria-prima da geografia, o território, pode ser abordada como texto. Trata-se de um deslocamento epistemológico radical: para entender o espaço vivido, é necessário escutar atentamente as histórias que lhe conferem sentido. A literogeografia torna-se, assim, objeto de discussão interdisciplinar no grupo Dona Alzira, emergindo como método capaz de cartografar experiências concretas e subjetivas.

Nesse ponto específico, a tese localiza seu objeto central: demonstrar que as viradas intelectuais de Chaveiro foram catalisadas, em grande medida, por encontros literários e não exclusivamente por vertentes teóricas internas à geografia. A atuação de Angelita, jornalista de formação literária, orientada pelo método benjaminiano de acolher e valorizar vozes anônimas, estimulou o professor e os integrantes do grupo a transitar entre um discurso marxista clássico para uma atenção refinada às narrativas cotidianas. Em termos formativos, é precisamente nesse momento que a cartografia existencial desenvolvida por Chaveiro (2023) acolhe o “olhar de cronista” ao qual ele se refere frequentemente, incorporando-o como prática pedagógica.

A importância desse episódio também reside na maneira como ele reposiciona Goiás no cenário acadêmico nacional. Ao declarar o estado um “centro privilegiado da literogeografia”, Chaveiro (2023) subverte as dinâmicas habitualmente centradas nos eixos acadêmicos tradicionais (Rio-São Paulo). O dinamismo regional afirma-se como uma tese explícita: momentos formadores emergem tanto em margens quanto em centros, irrompendo especialmente quando atores como Angelita, Ricardo Assis e Valéria Cristina fundam comunidades leitoras entranhadas no espaço vivido.

Do ponto de vista epistemológico, esse encontro representa a imbricação entre literatura e geografia como uma resposta crítica aos limites impostos pela análise espacial positivista. Inspirar-se em Benjamin (1987) implica adotar a deambulação reflexiva como procedimento metodológico: percorrer textos e cidades para captar o “miúdo” da experiência cotidiana que escapa às generalizações abstratas. Sob esse prisma, as cartografias existenciais localizam

sujeitos no espaço, registram afetos, memórias e disputas simbólicas, e ampliam o repertório analítico de um educador comprometido com a centralidade do sujeito, ao mesmo tempo em que explora linguagens diversas para dar forma a essa perspectiva.

É nesse contexto que se consolida a dimensão pedagógica do Dona Alzira como uma verdadeira "casa de leitura". Os cursos intitulados "Espaço e Narrativa", atualmente ministrados por Chaveiro, Luana e Ricardo, materializam a continuidade desse legado. As aulas transformam-se em laboratórios de experimentação textual, instigando estudantes a produzirem reportagens, romances breves ou crônicas como forma de compreender fenômenos espaciais. Tal abordagem confirma a hipótese de que a trajetória formadora de Chaveiro transcende sua pesquisa individual e reverbera diretamente em práticas pedagógicas que reconhecem a criação literária como ferramenta potente para a análise social.

O episódio demonstra como um acontecimento aparentemente circunstancial, a chegada de uma professora de outra área ao grupo, constitui um verdadeiro ponto de inflexão biográfica. Para esta tese, esse detalhe é crucial ao ressaltar que a formação de um intelectual se constrói de forma processual, a partir de intercessões, encontros e "sintomas de leitura" que continuamente reconfiguram vocabulários, afetos e métodos, conferindo-lhe densidade e singularidade ao longo do tempo. Registrar essa virada significa ler uma das perspectivas do mosaico biográfico que compõe a trajetória de Chaveiro.

6.3 A literatura como ferramenta do geógrafo

A relação entre geografia e literatura consolidou-se, ao longo das últimas décadas, como um campo interdisciplinar promissor, atualmente denominado geoliteratura ou literogeografia. Essa abordagem supera o interesse meramente descritivo, reconhecendo que as narrativas literárias tanto representam lugares, quanto os ressignificam, os recriam e os problematizam, proporcionando leituras complexas e críticas sobre território, paisagem e identidade espacial. Nessa perspectiva, a literatura passa a desempenhar uma função epistêmica essencial para a compreensão do espaço, já que discute as camadas afetivas, simbólicas e culturais muitas vezes invisíveis em abordagens tradicionais.

Embora contemporânea, a aproximação entre literatura e geografia possui raízes intelectuais que remontam pelo menos aos anos 1940. Nesse período, o geógrafo francês Max Sorre, em sua obra *Os fundamentos da Geografia Humana* (2003 [1943]), salientou a

importância da imaginação e da subjetividade na compreensão do espaço humano, o "ecúmeno". Embora o teórico não tenha abordado diretamente o papel da literatura, sua reflexão abriu caminho para o desenvolvimento posterior da geografia humanista, que incorporaria plenamente a narrativa literária como ferramenta analítica nas décadas seguintes. Sua imagem de espaço vivido e imaginado serviu como base para diálogos posteriores entre geógrafos e estudiosos da literatura.

Na década seguinte, Gaston Bachelard deu uma contribuição decisiva para essa convergência interdisciplinar ao publicar *A Poética do Espaço* (2008 [1957]). Nesse trabalho seminal, ele cunhou o conceito de "espaço poético", destacando como as narrativas literárias ampliam a compreensão das experiências subjetivas relacionadas ao habitar. Para o filósofo francês, espaços como a casa, metaforizada como "nosso canto no mundo", constituem territórios afetivos que estruturam nossa identidade, alimentam nossos sonhos e abrigam nossas memórias, indo além de sua materialidade física. Essa percepção contribuiu para as reflexões sobre a dimensão existencial e emocional dos lugares, influenciando a geografia cultural e humanista contemporânea.

Nos anos 1970, outro marco epistemológico foi a obra de Henri Lefebvre, particularmente em seu livro *A Produção do Espaço* (2006 [1974]). Esse estudioso defendeu que o espaço é uma construção social resultante de relações de poder, conflitos e práticas cotidianas. Ele enfatizou que as narrativas literárias desempenham um papel privilegiado ao explicar tais dinâmicas de dominação e resistência, permitindo análises críticas da produção e transformação dos espaços sociais. A partir daí, a literatura ganhou reconhecimento explícito como fonte documental e interpretativa das tensões espaciais, refletindo e problematizando processos históricos, sociais e políticos.

No contexto brasileiro, as reflexões de Milton Santos, sobretudo em sua obra clássica *A Natureza do Espaço* (1996), reforçaram essa compreensão crítica e dialógica do espaço. Ao defini-lo como um "conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações", o intelectual abriu terreno epistemológico para a valorização das múltiplas vozes narrativas que compõem os territórios, incluindo as literárias. Assim, embora seu trabalho não tenha se concentrado especificamente na literatura, sua perspectiva teórica reconhece e legitima as narrativas literárias como fontes fundamentais para apreender a complexidade do território, do espaço vivido e das representações espaciais construídas socialmente.

A partir dessas contribuições teóricas, a literogeografia se firmou como uma metodologia crítica e interdisciplinar, articulando geografia, literatura e filosofia. Tal abordagem amplia significativamente o repertório analítico disponível aos geógrafos e

pesquisadores, permitindo-lhes acessar camadas mais profundas e subjetivas do território, da paisagem e da identidade espacial, incorporando perspectivas múltiplas, inclusive marginalizadas, que notabilizam as intrincadas relações entre espaço, poder, memória e subjetividade.

Foi a partir dos anos 2000 que despontaram, no cenário acadêmico brasileiro, diversos grupos de pesquisa dedicados à interseção entre geografia e literatura. Dentre eles, destaca-se o grupo "Dona Alzira: Espaço, Sujeito e Existência", vinculado ao Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). Coordenado pelo professor Eguimar Felício Chaveiro, o grupo tem como objetivo central investigar como a literatura pode atuar como ferramenta epistemológica, permitindo aos geógrafos compreenderem e interpretarem os espaços, territorialidades e paisagens a partir das narrativas literárias e de seus significados simbólicos e culturais.

O grupo Dona Alzira surgiu na transição entre o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, consolidando-se rapidamente como um espaço privilegiado para diálogos interdisciplinares. Desde então, promove eventos acadêmicos como simpósios, seminários e encontros que ganharam reconhecimento nacional e internacional, destacando-se especialmente o Simpósio de Geografia, Literatura e Arte (SIGEOLITERARTE). Em 2022, o evento ocorreu na histórica Cidade de Goiás, reunindo pesquisadores dedicados à reflexão sobre literatura, arte e geografia como dimensões articuladas pelo fascínio espacial (Gonçalves *et al.*, 2024). Sua última edição aconteceu em 2024 no Rio de Janeiro, confirmando a expansão do alcance acadêmico e da diversidade institucional dos participantes.

Nos últimos anos, as atividades do grupo Dona Alzira também foram intensificadas por meio de parcerias acadêmicas com pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP), especialmente com o professor Suzuki⁶⁷, do departamento de Geografia. As publicações mais recentes de Suzuki (2017; 2020; 2022) propõem cinco eixos centrais para o diálogo entre geografia e literatura: a abordagem humana, cultural e fenomenológica da geografia; a reflexão sobre estética literária; as relações entre literatura e ideologias espaciais; a literatura como expressão e reprodução das relações sociais; e, finalmente, as implicações desse diálogo para o ensino de geografia e literatura em contextos educacionais diversos. Essas linhas teórico-metodológicas têm contribuído sobremaneira para as pesquisas do grupo, ampliando suas perspectivas analíticas e consolidando-o como referência em geoliteratura no Brasil.

⁶⁷ <http://lattes.cnpq.br/4360471897465420>

A partir dessas linhas orientadoras, as pesquisas conjuntas entre o Grupo Dona Alzira (UFG) e o professor Suzuki (USP) vêm consolidando a literatura geográfica como um campo interdisciplinar robusto no Brasil, por meio da produção de dossiês temáticos, capítulos de livros e artigos científicos com reconhecimento nacional e internacional. Um exemplo relevante dessa colaboração foi o intercâmbio promovido em 2021, envolvendo alunos dos programas de pós-graduação das duas universidades, o que resultou em um produtivo ciclo de debates intitulado “Cartografias literárias do Cerrado”.

O Grupo Dona Alzira, por sua vez, ultrapassa a promoção de eventos e publicações: atua intensamente na formação de novos pesquisadores de graduação e pós-graduação, envolvendo áreas como Geografia, Literatura, Turismo, Artes e História. Em 2021, por exemplo, integrantes do grupo participaram de um *workshop* conjunto com o *Laboratório LER (Leitura e Escrita Reflexiva)* da USP, coordenado pelo professor Suzuki, no qual desenvolveram ferramentas de humanidades digitais que articulam leitura de romances contemporâneos e mapeamentos socioespaciais em plataformas GIS.

Nesse contexto, foram discutidas obras literárias regionais que retratam, com diferentes perspectivas narrativas, o cotidiano, as tradições e as transformações do interior goiano. Parte desses resultados foi posteriormente apresentada no Encontro Nacional da ANPEGE (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia) e publicada em anais especializados, conforme destacam Chaveiro e Suzuki (2022).

O fortalecimento do Grupo Dona Alzira e suas interações acadêmicas com a USP recebem também importante apoio de redes nacionais e internacionais de pesquisa, como a - *Rede de Pesquisa Geografia, Turismo e Literatura* e a *REESCRITA - Rede Internacional de Estudos Críticos de Turismo, Território e Autodeterminação*. Segundo Gonçalves *et al.* (2024), essas redes têm contribuído significativamente para ampliar o alcance metodológico e teórico das investigações desenvolvidas. Através dessas parcerias estratégicas, conceitos como espaço literário, turismo cultural, territorialidades afetivas e cartografias simbólicas têm circulado entre diferentes campos do saber, promovendo diálogos enriquecedores que vão além das fronteiras disciplinares.

A ENTREMEIO congrega grupos de 14 estados brasileiros, além de núcleos em Portugal e Espanha, promovendo seminários sobre espaço literário e turismo cultural; já a REESCRITA conecta universidades do México, Argentina, Brasil e Galícia para comparar processos de territorialização e narrativas de autodeterminação. Esses circuitos transnacionais têm permitido que as investigações do Dona Alzira incluam contrapontos ibero-americanos e

latino-mexicanos, fortalecendo a dimensão comparativa e multicultural das cartografias literárias que o grupo reivindica como núcleo de sua agenda epistemológica.

Esse movimento reforça, de maneira substancial, a importância da abordagem geoliterária para o estudo integrado da literatura, da geografia e de disciplinas correlatas (como a antropologia, a sociologia e os estudos culturais), ao demonstrar seu potencial para compreender e interpretar criticamente as dinâmicas contemporâneas de organização territorial e construção simbólica dos espaços.

A interação entre geografia e literatura, nesses projetos, vai muito além da leitura de textos narrativos. Seguindo a intuição de Henri Lefebvre (2006), para quem a literatura “produz espaços” ao plasmar mundos simbólicos e políticos no imaginário coletivo, os pesquisadores exploram a ficção como vetor de territorialização, problematizando conflitos de classe, gênero e etnia, bem como práticas de resistência sociocultural. Marinho (2016, p. 282-283) e Suzuki (2017) sistematizam essa abordagem em seis frentes analíticas: (1) estudos sobre a “personalidade” dos lugares; (2) identificação de conteúdos geográficos explícitos em romances, contos e poemas; (3) descrição literária de paisagens reais ou ficcionais; (4) exame das dimensões ideológicas das obras; (5) análise da linguagem e do discurso enquanto modeladores de espacialidades; e (6) uso da literatura como recurso didático no ensino de geografia. Essas categorias têm orientado as pesquisas atuais do Dona Alzira, reforçando o estatuto da geoliteratura como campo interdisciplinar sólido e em expansão.

As múltiplas vertentes da chamada “literatura geográfica” mostram que o diálogo entre narrativa e ciência do espaço pode seguir percursos variados: do exame investigativo de processos territoriais às reflexões sobre identidades regionais, passando pela análise dos personagens como “seres do mundo” (Sartre, 1987). A noção de *imaginação geográfica* (Castro, 2016) ganha fôlego nessa chave ficcional, pois torna visíveis nuances espaciais que dificilmente emergem a partir de métodos exclusivamente quantitativos ou cartográficos.

Na obra de Eguimar Felício Chaveiro (2015; 2019; 2023), um tema frequente é a crítica à “dizibilidade burocrática” do texto geográfico. Embora a disciplina disponha de rigorosos instrumentos científicos, ela corre, argumenta o autor, o risco de perder vitalidade quando se aprisiona a formalismos que ocultam a subjetividade do pesquisador. A pergunta que atravessa as publicações e as discussões do Grupo Dona Alzira é direta: *como escrever com os pés no chão sem cair na vala da padronização acadêmica?*

Chaveiro aponta como resposta a inserção de vozes locais, de narrativas literárias e de outras linguagens capazes de “intensificar o olhar” do geógrafo (2015, p. 49). Ao trazer a experiência concreta e a imaginação para o centro da análise, evita-se o “exílio” do sujeito que

pesquisa; e, desse modo, a escrita permanece ancorada na realidade sem abrir mão da criatividade, da crítica e da densidade humana que o espaço vivido exige.

Para Chaveiro (2015, p. 44), a literatura é uma “arte do dizer”, uma voz que interroga o real e abre novas veredas ao olhar do geógrafo. Inspirando-se em Sartre (1987), ele sublinha que todo escritor é um ser engajado no mundo: as obras literárias projetam experiências individuais, memórias coletivas e contextos históricos que transbordam o mero relato factual. Assim, quando o geógrafo analisa um romance regionalista, tem a oportunidade de apreender valores culturais, conflitos socioespaciais e significações simbólicas que ultrapassam a descrição física do lugar.

Nessa perspectiva, a ficção deixa de ser mero divertimento ou ornamento estético: ela constitui porta de acesso a dramas, mitos e afetos que dão forma ao espaço social. Tal abordagem contribui para a leitura geográfica, tornando-a mais sensível às vozes plurais que compõem territórios urbanos, rurais ou de fronteira.

Conforme adverte Chaveiro (2015, p. 46), recorrer à literatura implica tratá-la como fonte legítima de conhecimento, o que exige domínio de metodologias de análise literária, atenção aos gêneros textuais e compreensão dos contextos históricos e das relações de poder que atravessam cada narrativa. Mais do que um recurso estético, a presença de versos ou trechos de romances deve contribuir criticamente para a construção do argumento, ampliando o alcance interpretativo do texto geográfico. Só assim a integração entre geografia e literatura se converte em investigação substantiva, capaz de compreender o espaço vivido em toda a sua densidade histórica, simbólica e afetiva.

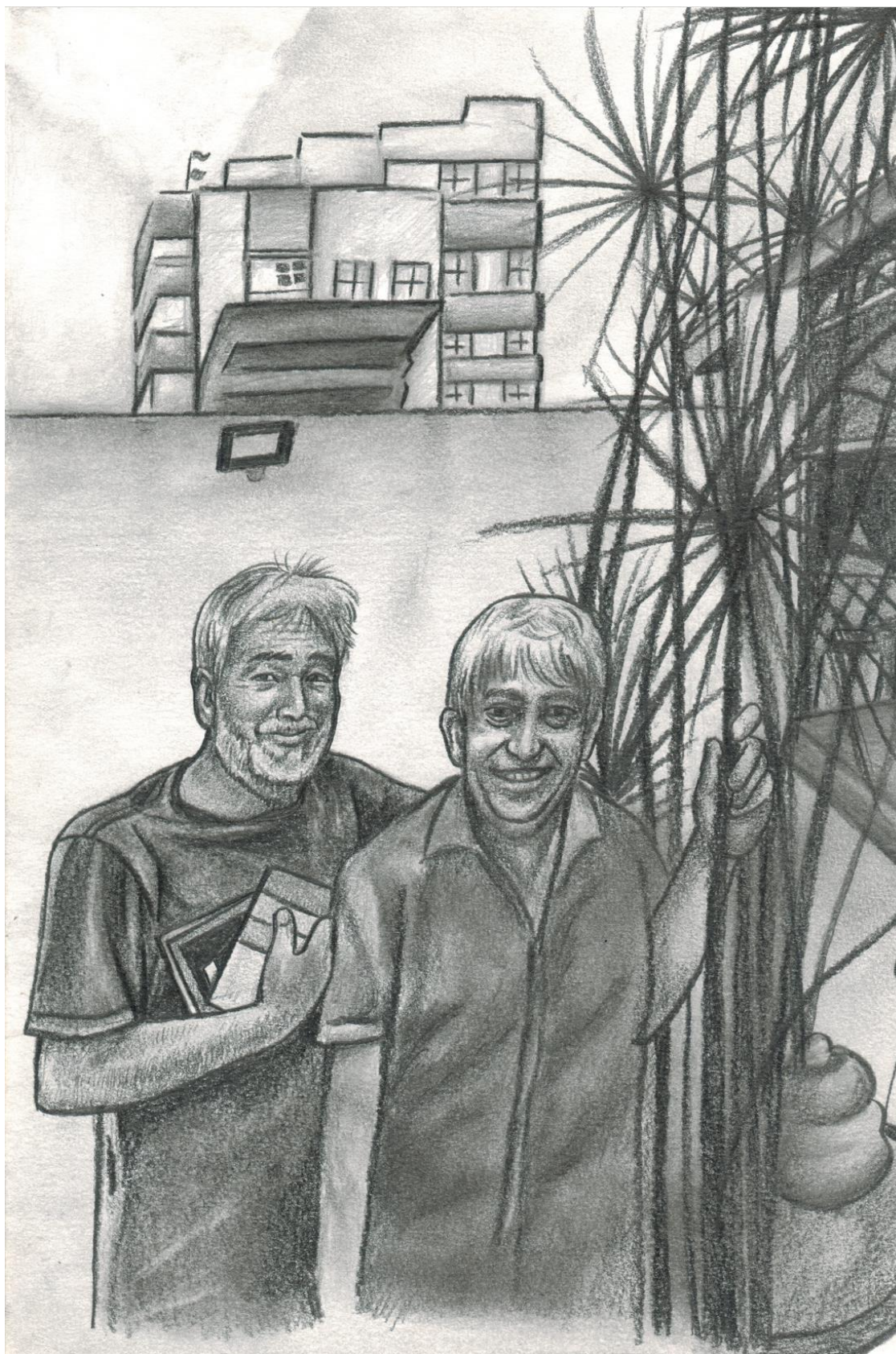
As reflexões de Chaveiro encontram ressonância nos aportes de Marinho (2016) e Suzuki (2017), que propõem protocolos analíticos bastante tangíveis: do estudo de personagens como metáforas de processos migratórios à crítica sistemática de estereótipos regionais reiterados pela literatura brasileira. Nesse sentido, o pesquisador decifra como cada texto literário projeta utopias, conflitos e discursos ideológicos sobre o espaço, convertendo a obra em documento socioterritorial.

O panorama delineado confirma que a geoliteratura, ou literatura geográfica, deixou de ser um nicho experimental para se tornar um campo de investigação consolidado e em franca expansão no Brasil. Neste movimento, o Grupo Dona Alzira (IESA-UFG), a cooperação sistemática com o professor Suzuki (USP) e a participação no SIGEOLITERARTE têm desempenhado papel decisivo: organizam simpósios, publicam dossiês temáticos e fomentam intercâmbios que aproximam pesquisadores nacionais e estrangeiros. Ao articular objetividade

científica e imaginação literária, esses coletivos desvelam dimensões do espaço que a análise estritamente quantitativa não alcança.

A leitura de romances, contos, poemas e crônicas subsidiam aos geógrafos instrumentos para investigar o *sentir* dos lugares, a “dramaticidade da vida” e os “contornos semióticos infinitos” que, segundo Chaveiro (2015, p. 41), constituem o território. Nessa conjunção de crítica e sensibilidade literária emergem novos horizontes para compreender as territorialidades contemporâneas, situando a geografia em diálogo fecundo com as artes e as humanidades, sem renunciar ao rigor metodológico nem ao compromisso social que caracterizam a disciplina. Compreendida como “arte do dizer”, a literatura consolida-se, assim, como ferramenta epistêmica capaz de produzir um conhecimento complexo, inclusivo e plural sobre espaços e sujeitos, e de reafirmar o lugar da geografia como ciência atenta, simultaneamente, à objetividade dos dados e à densidade humana das narrativas.

Figura 11: Caminhando para uma mesma direção



Fonte: Artista plástico Josinei Sousa Feitosa (2025)

7 ARTE DO AFETO: CAMINHANDO PARA FADEL

A folha de papel está aí, o olhar, teso, volteia-se e deseja enfrentá-la. Com morosidade, os dedos caminham para o centro da mesa e pega a caneta. Acessa-a com relativa firmeza. No momento, depois da chuva, o dia é impressionista. É um dia de Monet. Cabe, então, edificar uma grafia funda, intimista, inclusa, de sensações sutis. Antes de mover a caneta, o pensamento com a sua índole de ladrão do tempo controla a pauta com uma pergunta. — Eu posso confiar em mim? Vem um ventinho dançarino e arrasta a folha branca. Os dedos soltam a caneta. A pergunta se torna um martelo. Ela retorna com a personalidade de um belquior decidido. É possível confiar em mim? Um clarão se abre no tempo, o dia agora é estreccionista. A luz que banha a paisagem externa invade o terreno do pensamento. A decisão está tomada. É momento de escrever uma carta de amor. (Chaveiro, Eguimar F. Mensagem recebida por Weigma Michely da Silva. 20/03/2024. Mensagem via WhatsApp.)

O bilhete instaura, em poucas linhas, um recurso narrativo que condensa tempo, espaço e gesto autoral. A folha em branco sobre a mesa, a caneta hesitante, o sopro sutil que percorre o papel: cada elemento exerce uma função composicional precisa, dramatizando o próprio ato de escrever. O enquadramento impressionista, descrito como "um dia de Monet", desloca a experiência autoral da dimensão puramente física para uma atmosfera estética, antecipando o tom íntimo da futura carta.

Ao invés de afirmar o "eu" por meio de enunciados heroicos, o texto questiona a sua própria legitimidade com a pergunta: "Eu posso confiar em mim?". A consulta à incerteza e ao movimento responsivo diante do outro estabelece uma lógica autoral na qual a falha e a irresolução constituem a própria matéria da escrita. Conforme Bakhtin (2018, p. 86), a autobiografia irônica "parodia as formas público-heroicas", permitindo que o autor se questione ao invés de se impor. Esse deslocamento do autor-personagem conduz o leitor a compartilhar os riscos da enunciação: a carta que surge será simultaneamente confissão e construção.

Ao decidir "escrever uma carta de amor", o narrador assume um pacto implícito de co-presença com o outro ausente. A subjetividade se constitui na relação com o outro que coparticipa da enunciação. A carta emerge como espaço sensível de resposta e co-presença: o "eu" confia no "tu" exatamente na medida em que experimenta confiança em si mesmo. Assim, a pergunta inicial evolui para uma ética da comunicação, reforçando a ideia de que toda carta implica um ato de responsabilidade compartilhada.

A alternância de paisagens, do impressionismo suave ao expressionismo vibrante, compõe uma tessitura semiótica que emerge de um processo de enunciação tensionado por múltiplas vozes e olhares. Esse trânsito cromático dramatiza conflitos e escolhas em curso, inscrevendo no cenário externo os ecos de um sujeito em relação com o outro, com a memória e com o tempo. Em termos composicionais, essa variação de registros visuais antecipa a

heterogeneidade tonal do gênero epistolar, espaço em que a memória, a descrição e a confissão se interpenetram num jogo dialógico.

Embora breve, o bilhete contém a potência germinal de uma carta integral, percebemos claramente um endereçamento implícito, a expectativa de resposta e a promessa de sentidos compartilhados. A escrita do bilhete mobiliza o que Bakhtin (2018, p. 87) denomina “autoconsciência íntimo-privada”, deslocando valores convencionais, como mérito e felicidade, para o plano dos afetos. A corporalidade mínima (caneta, papel, vento) materializa o princípio epistolar de que a escrita confere corpo e concretude ao vínculo afetivo.

Esse microepisódio sugere três linhas analíticas essenciais para a última seção da tese: (i) a carta é vista como um modo de constituição do sujeito: ao escrever, o "eu" não apenas se expressa, ele se constitui discursivamente. A escrita da carta é um gesto que transforma o sujeito em texto, e isso só se dá na presença de um "outro" (o destinatário). É como se o sujeito só pudesse narrar (e se narrar) ao se dirigir a alguém; (ii) A carta permanece viva e pulsante nas práticas comunicativas contemporâneas, manifestando-se em formatos como bilhetes por *WhatsApp* ou *e-mails* curtos, que conservam traços essenciais do gênero epistolar: o endereçamento, a saudação e a assinatura. Esses elementos, contudo, se reconfiguram no ambiente digital: a temporalidade torna-se mais imediata, os suportes assumem forma eletrônica, e a escrita migra do papel e da caligrafia para interfaces móveis e comandos táteis; (iii) A carta é, por essência, dialógica: nasce da expectativa de resposta, da troca, da interação entre sujeitos; sua natureza privilegia a intimidade e o vínculo pessoal, estabelecendo uma comunicação voltada ao encontro singular entre emissor e destinatário. Em vez de se projetar a um público anônimo e massivo, como ocorre nos discursos políticos ou oficiais, a carta se ancora no espaço da confiança e da escuta mútua.

7.1 Uma ponte ao mundo: escritas epistolares na travessia

Dando sequência à reflexão anterior sobre o gênero discursivo carta como cena de negociação entre autoria e alteridade, este segmento desloca o foco para o conjunto de correspondências trocadas entre Eguimar Felício Chaveiro e Fadel Vasconcelos. O objetivo é delinear como essas cartas pavimentam o encontro de dois coletivos, Dona Alzira e Multiplicadores de Visat, conectando práticas de cuidado, militância e produção de conhecimento.

No fragmento a seguir, encontra-se a gênese de um coletivo anterior: “nós, lá por volta de 2000, tínhamos um grupo chamado Arte do Afeto”:

Nós, lá por volta de 2000, tínhamos um grupo chamado *Arte do Afeto*. Esse grupo promovia terapias, era uma ONG, e também se dedicava aos estudos. Ele fazia uma militância psicanalítica, terapêutica, e trabalhava com a subjetividade, embora a gente não soubesse bem como definir isso. Nesse contexto, uma amiga chamada Ângela Barbosa, que era poetisa, arquiteta e atuava no campo da Saúde do Trabalhador, nos aproximou. Ela era uma figura importante nesse campo e também participava do Sindicato de Saúde. Foi através dela que conheci o Fadel, uma liderança nacional em Saúde do Trabalhador. Nos eventos nacionais, Ângela percebeu que, tanto eu quanto o Fadel, tínhamos uma maneira muito singular de expressar nossas ideias. Segundo ela, compartilhávamos um estilo marginal, transgressor e poético, o que ela chamou de uma "transgressão poética". E de fato, ela estava certa. Logo nos conectamos profundamente. A partir daí, passamos a escrever juntos, a nos visitar, a dar palestras, e nunca mais interrompemos essa colaboração. (Chaveiro, Eguimar Felício. Entrevista concedida a Weigma Michely da Silva. Goiânia, 12 dez. 2023. Acervo da autora).

O grupo *Arte do Afeto* promovia terapias, era uma ONG (...) e também se dedicava aos estudos, “fazia uma militância psicanalítica, terapêutica e trabalhava com a subjetividade” (Chaveiro, 2023). A passagem já contém três vetores constitutivos: (i) terapêutico, ao mobilizar práticas de escuta; (ii) acadêmico, ao integrar pesquisa e estudo sistemático; e (iii) político, ao tensionar modelos hegemônicos de atenção à saúde. Trata-se de um *cronotopo* psicossocial no qual cuidado e transformação social se entrelaçam em “atividade responsiva” contínua.

A figura de Ângela Barbosa atua como elo de mediação: “foi através dela que conheci o Fadel, uma liderança nacional em Saúde do Trabalhador” (Chaveiro, 2023). A partir daí, as cartas funcionam como trilhas de reciprocidade, traduzindo experiências locais em linguagem compartilhada e forjando alianças que extrapolam territorialidades. O epistolário torna-se, assim, dispositivo de inter-coletivização: conecta o debate sobre subjetividade (*Arte do Afeto/Dona Alzira*) ao enfoque macroestrutural da saúde laboral (*Multiplicadores de Visat*).

O período de gestação do *Arte do Afeto* coincide com a consolidação das políticas públicas de Saúde do Trabalhador⁶⁸, as reformas psiquiátricas⁶⁹ e a emergência de práticas terapêuticas humanizadas no Brasil⁷⁰. Nesse cenário, as cartas de Eguimar e Fadel encarnam

⁶⁸ BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria n. 1.679/GM*, de 19 set. 2002. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 set. 2002. A norma institui a Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (RENAST), marco que, na primeira década dos 2000, deu densidade à política pública ao integrar vigilância, promoção e assistência no SUS e ao colocar em pauta os determinantes sociais do trabalho.

⁶⁹ BRASIL. *Lei n. 10.216*, de 6 abr. 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Conhecida como “Lei da Reforma Psiquiátrica”, ela consolidou, nos 2000, o fechamento progressivo dos hospitais psiquiátricos e a implantação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), ancorando a desinstitucionalização e a garantia de direitos dos usuários.

⁷⁰ BRASIL. Ministério da Saúde. *Política Nacional de Humanização – HumanizaSUS*. Brasília: MS, 2003. A PNH difundiu, a partir de 2003, a diretriz de acolhimento, escuta qualificada e co-gestão do cuidado, valorizando vínculos entre usuários, profissionais e gestores e impulsionando a adoção de práticas terapêuticas humanizadas em todo o país.

um gesto contra-hegemônico, denunciando o “modelo hospitalocêntrico” e a mercantilização da assistência. Ao inscrever relatos, proposições e afetos, os autores convertem a escrita em ação coletiva: palavra que convoca, que mantém a intenção de resposta.

7.2 A travessia epistolar de Eguimar e Fadel

Ao pensar a carta como gênero discursivo, é preciso considerar tanto seus elementos composicionais (saudação, corpo, fecho, assinatura) quanto a configuração espaço-temporal que ela inscreve. Todo texto projeta e organiza tempos e espaços distintos, articulando diferentes posições de enunciação: a do autor, a do leitor e a das figuras eventualmente representadas no enunciado (Bakhtin, 2018). No caso da carta, essas posições coexistem de forma integrada e se interpenetram durante o ato da escrita e da leitura, constituindo um cronotopo singular: o epistolar.

Ao definir o cronotopo como a “conexão essencial entre as relações temporais e espaciais assimiladas pela literatura” Bakhtin (2018, p. 237) desloca a atenção para o modo como o tempo e o espaço são modos de organização do sentido. No gênero carta, essa articulação assume um caráter intensamente dialógico, pois envolve tempos distintos que se relacionam: o tempo de quem escreve se projeta no tempo futuro de quem lerá, responderá ou escutará, instaurando uma interlocução que se constrói na espera e na antecipação do outro.

Há, portanto, uma defasagem constitutiva na carta: quem escreve, escreve no presente; quem lê, lê no futuro. Essa defasagem, longe de enfraquecer a ligação entre os sujeitos, estabelece um vínculo imaginado e ético. O remetente projeta um leitor, o antecipa e o convoca, e, com isso, constrói uma cena enunciativa carregada de expectativa e responsividade. Como aponta Bakhtin (2018, p. 239), “o autor está sempre voltado para o universo representado e para o ouvinte-leitor (antecipado e real)”.

Essa antecipação do outro configura o que o autor chama de cronotopo do leitor: uma posição temporal e espacial que o autor pressupõe e para a qual orienta seu discurso. No caso da carta, o leitor se apresenta de forma concreta: é nomeado, tem endereço e é diretamente interpelado. A relação que se estabelece é situada, marcada por vínculos específicos e reconhecíveis. O remetente escreve a alguém, em um momento específico, desde um lugar concreto, organizando, assim, um cronotopo do autor-remetente, marcado por localização e afeto.

Entre o instante vivido e o momento em que a experiência se cristaliza em palavras,

abre-se um intervalo de cronotopos. O tempo da recordação (memória, acontecimento, vivência) permanece ancorado num passado remoto, o da enunciação finca-se no presente de quem escreve, já o da leitura estende-se a um futuro imprevisível. Na carta, portanto, passado, presente e porvir entrelaçam-se numa mesma tessitura discursiva, fazendo conviver o “agora” do autor com o “ainda-por-vir” do leitor (Bakhtin, 2018, p. 238).

Quando Bakhtin (2018, p. 241) afirma que “toda palavra é dirigida”, reforça o caráter responsivo de todo enunciado. Na carta, essa direcionalidade se torna explícita: o texto surge do desejo de ser ouvido, de afetar o outro, de alcançar compreensão. Como Bakhtin (2016, p. 121) também pontua, compreender implica atividade: “a compreensão é sempre prenhe de resposta”. Dessa forma, a carta se organiza como um gesto de interlocução contínua, situado no entrelaçamento do que se enuncia com aquilo que ainda se aguarda ouvir, no trânsito entre o envio da mensagem e a expectativa pela resposta.

Além disso, Bakhtin (2018, p. 239) afirma que o cronotopo do autor, o das personagens e o do leitor mantêm sua especificidade, relacionando-se de maneira interdependente, sem se confundirem, mas influenciando-se mutuamente. Na carta, essa complexidade está presente quando o remetente se põe a contar histórias, evocar outras pessoas ou narrar experiências passadas. Cada narrativa dentro da carta tem seu próprio cronotopo, o tempo da infância, da militância, do cotidiano, que coexiste com o tempo da escrita e da leitura.

A multiplicidade cronotópica instala-se com especial intensidade nas cartas trocadas entre Eguimar Felício Chaveiro e Fadel Vasconcelos, em que o tempo da vida (vivida, lembrada, projetada) se articula ao tempo da produção intelectual e ao tempo da amizade. Cada carta reúne múltiplas camadas temporais: o tempo do evento relatado, o tempo da escrita, o tempo da leitura e o tempo da resposta, reiniciando o ciclo epistolar a cada novo envio.

A carta, nesse sentido, constitui uma unidade textual que se afirma como acontecimento discursivo, projetando uma arquitetura temporal complexa. Bakhtin (2018, p. 239) propõe distinguir entre o “tempo da representação” e o “tempo representado”. No caso epistolar, o tempo da representação é o instante da escrita, o tempo representado é o conteúdo da carta, e entre ambos se instaura o tempo do afeto, da espera e da escuta.

Essa temporalidade afetiva, feita de intervalos, respostas adiadas, retomadas e silêncios, é uma das marcas mais potentes do cronotopo da carta. Como o “olho que vê” de que fala Bakhtin (2018, p. 243), o autor da carta está situado fora do tempo narrado, mas o contempla e o reinscreve. Ele cria sentidos na travessia entre o vivido e o dito, entre o passado que retorna e o futuro que se antecipa na escuta do outro.

O tempo da carta pode ser compreendido como tecido entrelaçado, multifacetado. Certas

cartas retornam ao início, outras escrevem no presente com os olhos postos no futuro, algumas encerram lembranças e tantas abrem confidências. O jogo temporal no universo representado pode iniciar “pelo fim ou pelo meio”, essa liberdade composicional faz da carta um espaço privilegiado para o desdobramento da subjetividade (Bakhtin, 2018, p. 239). Assim, o cronotopo do autor-remetente, aproxima-se do “cronotopo da imaginação e do sonho” (Bakhtin, 2018, p. 243). O sujeito, ao escrever, narra o vivido e, ao mesmo tempo, projeta aquilo que ainda pode se tornar. A carta se converte em projeto, desejo, ensaio de mundo, a expectativa pela resposta, mesmo que tardia ou ausente, desenha o horizonte de sentido que mobiliza a escrita.

Ao examinar o cronotopo das cartas que circulam no Grupo do Afeto, percebe-se que esse gênero para além de um suporte expressivo, se constitui um território de co-produção de subjetividades, memória e alteridade. Conforme argumenta Ramos Júnior (2019, p. 363), “a produção de saber é uma relação entre dois ou mais sujeitos epistêmicos e não uma relação entre um sujeito que é considerado todo-saber, o acadêmico, e um sujeito objetificado, não acadêmico”.

Nesse horizonte, o sujeito epistemológico é todo participante concreto de uma comunidade, remetente ou destinatário, que, por meio da escrita, assume a autoria de um saber situado. Cada carta, portanto, é um gesto encarnado em tempo, lugar, corpo e palavra: um “encontro epistêmico” que desloca hierarquias e convoca o outro a dialogar. No âmbito do Grupo do Afeto, esse chamado persiste mesmo quando a resposta se materializa em silêncio, demora ou numa nova carta escrita noutra dobra do tempo, reabrindo o circuito afetivo-epistêmico entre os correspondentes.

Eguimar Felício Chaveiro cultiva a escrita epistolar há décadas. Nesse domínio discursivo, distinguem-se cinco conjuntos de textos: (1) as cartas enviadas individualmente a amigos e amigas; (2) os e-mails coletivos de tom afetuoso, literário, crítico e, por vezes, francamente subversivo, remetidos aos “amigos e amigas”, conforme sua própria designação; (3) as cartas dirigidas aos geógrafos do Brasil, embora não figure entre as fontes analisadas neste trabalho; (4) reflete sobre o gênero carta; e (5) a correspondência mantida com o professor Fadel Vasconcelos, intercâmbio que atravessa mais de vinte anos e se ancora em trinta de amizade, corpus que sustenta a análise da presente seção da tese.

A seguir, analisamos cinco cartas trocadas entre Fadel Vasconcelos e Eguimar Felício Chaveiro, selecionadas por sua densidade afetiva, intelectual e formativa. Neste momento da análise, propomos pensar o professor Eguimar Felício Chaveiro como remetente, como narrador de si, mas sobretudo como leitor e intérprete: um sujeito que, no espaço epistolar,

elabora sentidos a partir do encontro com o outro. Ao revisitarmos esse diálogo, nos colocamos também como sujeitos intrometidos nesse circuito de vozes, participando do processo hermenêutico das cartas, num movimento em que Eguimar, antes objeto do olhar, se torna agora sujeito da interpretação.

Antes de nos debruçarmos sobre cada carta, é importante ampliar a contextualização desse intercâmbio epistolar: trata-se de uma escrita atravessada por cumplicidade, humor, crítica e poesia, que transborda a mera função informativa para se constituir como exercício de pensamento e existência compartilhada. Ler essas cartas é acompanhar uma coreografia de vozes que se reconhecem, se desafiam e se transformam mutuamente, instaurando um verdadeiro laboratório narrativo em que memória, militância e imaginação se entrelaçam.

Iniciamos nossa análise pela carta-memória *A identidade da terra-mãe*, por entendermos que ela projeta o conflito entre pertencimento e desterro, entre raízes afetivas e as violências históricas que atravessam o território.

Quadro 10: Carta 1 - a identidade da terra-mãe - Livro 3

fadel thu, 01 Set 2011 19:37

Eguimarikus e correspondente amada

Nascido e retirado às pressas de meu torrão natal (as razões são tantas que nem eu sei), voltei por lá somente aos 15 anos, já como namorado, rapaz semi-independente e com uma rendinha própria que me permitia viajar nas férias do trabalho de mensageiro do IRB (Instituto de Resseguros do Brasil). Idos de 1964. Duas são as lembranças que me marcaram no meu retorno ao útero da minha terra-mãe: as netas do Marechal Rondon, em cuja casa fiquei hospedado (e não me perguntem porque fui parar lá pois não me lembro), e as pereiras repletas, de onde eu extraía as peras nos passeios de mãos dadas pela Abernêssia (o bairro onde nasci).

Das netas do Rondon só guardo a frase célebre de seu também célebre avô quando se referia aos índios brasileiros: “*Morrer se preciso for, matar nunca!*” Frase que eu havia aprendido com a Dona Gioconda, aquela professorinha da Escola Estados Unidos, provavelmente numa das comemorações do Dia do Índio, dia festivo em que a escola pública enfeitada como uma TABA reverenciava nossos irmãos nativos.

Muitos anos depois conheci o avô de um cliente meu do consultório que tinha uma fazenda no Mato Grosso, do tamanho da Espanha, dessas que ainda existem no Brasil, apesar do PT, Lula e outras enganações que a minha vocação esquerdista reluta em aceitar. O próprio pai do meu cliente, Ricardo, cabra de fino trato, já havia me alertado que tinha dificuldades com o seu pai, que era muito reacionário e que talvez eu ficasse chocado com suas posições políticas, pois ele mesmo já não conversava com ele sobre esses temas. Pois, por acaso, eu ouvi o tal gajo se vangloriar com seus amigos que quando ia passear na fazenda, durante os dois dias que ele levava para atravessar de uma cerca a outra ele matava algumas dezenas de índios, a que ele chamava de “bichos que falam”, que “teimavam em se aboletar em suas terras”. Isto foi em 1980, por aí, mas não é preciso dizer que essas coisas ainda acontecem...

Já das peras guardou-me o sabor e o gesto de retirá-las cuidadosamente das árvores, apenas a quantidade suficiente para a degustação lírica.

Esse primeiro retorno me aproximou da terra-mãe. Renasceu-me uma certa identidade....

Depois, já casado e na sucessão das outras idas ao meu torrão, a identidade com a terra-mãe se perdeu. Já não haviam pereiras repletas, nem os passeios bucólicos dos anos ‘60, já não havia a simplicidade das roupas dos nativos e já nem quase se via a gente humilde da terra, já escasseavam as bicicletas e os armazéns que vendiam de barbante cheiroso a fumo de rolo; carne seca, banha de pacote, pneu de bicicleta e cerol de pipa também já não estavam lá. Os vizinhos remanescentes de minha casa

na Abernédia (onde eu havia nascido a fórceps), que eu havia conhecido na minha primeira ida, já haviam desaparecido todos.

Campos do Jordão virou uma passarela da moda da elite paulistana.

Os índios e outros bichos que falam continuam a ser assassinados até hoje por latifundiários. E a identidade perdida da terra-mãe transferi-a para a utopia ideológica de pátria.

Abraços, Fadel.

Fonte: Acervo particular do Fadel

Para dar forma à leitura das cartas, estruturamos a análise a partir de categorias que emergem tanto da materialidade discursiva dos textos quanto das afetações produzidas por suas memórias, tensões e gestos enunciativos. As categorias propostas funcionam como ferramentas analíticas flexíveis, afinadas com a fluidez do discurso e atentas às múltiplas camadas de sentido que se entrecruzam nas cartas, permitindo uma leitura sensível às singularidades de cada enunciado. Com elas, buscamos acompanhar a densidade simbólica, ética e política dos enunciados, respeitando as singularidades de cada escrita e o modo como elas se inscrevem em práticas de si e do mundo. Assim, o quadro teórico que sustenta esta análise, fundamentado em conceitos como dialogismo, cronotopo, exotopia, carnavalização e memória discursiva, nos permite compreender as cartas como espaços de elaboração subjetiva e crítica do real.

Quadro 11: Categorias/subcategorias da carta “A identidade da terra-mãe” (Fadel, 01 set. 2011)

CATEGORIA/SUBCATEGORIAS	RECORTES ENUNCIATIVOS OU DISCURSIVOS (transcritos)	ELEMENTOS DA GEOGRAFIA E/OU DA LITERATURA
1) Memória: identidade e formação do sujeito	- "Nascido e retirado às pressas de meu torrão natal (as razões são tantas que nem eu sei)" - "Duas são as lembranças que me marcaram no meu retorno ao útero da minha terra-mãe: as netas do Marechal Rondon [...] e as pereiras repletas"	- Território da infância e da memória - Espaços que marcam identidade pessoal
2) Diálogo intertextual e influências: Vozes que o atravessam	- "Das netas do Rondon só guardo a frase célebre de seu também célebre avô quando se referia aos índios brasileiros: 'Morrer se preciso for matar nunca!'" - "[...] aprendido com a Dona Gioconda, aquela professorinha da Escola Estados Unidos"	- Influências históricas e culturais (Marechal Rondon) - Diálogo com contextos educativos e sociais
3) Concepção de ensino, pesquisa e epistemologia	- "Campos do Jordão virou uma passarela da moda da elite paulistana" - "E a identidade perdida da terra-mãe transferi-a para a utopia ideológica de pátria"	- Concepção crítica sobre identidade local - Reflexões sobre a transformação social e política dos espaços
4) Elementos espaciais	- "Já não havia pereiras repletas, nem os passeios bucólicos dos anos '60 [...] já escasseavam as bicicletas e os armazéns"	- Geografia afetiva e memória espacial - Transformações da

CATEGORIA/SUBCATEGORIAS	RECORTES ENUNCIATIVOS OU DISCURSIVOS (transcritos)	ELEMENTOS DA GEOGRAFIA E/OU DA LITERATURA
	- "Os vizinhos remanescentes de minha casa na Abernédia [...] já haviam desaparecido todos."	paisagem urbana e rural

Fonte: a própria autora

O conceito de memória desempenha um papel essencial na carta de Fadel (2011), apresentando-se como um processo contínuo e dinâmico de reconstrução da identidade, permeado por representações que se ressignificam constantemente no presente. A metáfora do "retorno ao útero da minha terra-mãe" ilustra a busca por raízes identitárias que se reconfiguram frente às inevitáveis transformações do espaço e do tempo. Nesse percurso, o sujeito epistolar ultrapassa a nostalgia, construindo um novo entendimento de si próprio, marcado por perdas e pela percepção da mutabilidade de seu "lar".

A carta é marcada por uma intensa polifonia, composta por múltiplas vozes que dialogam entre si na construção dos sentidos. A célebre frase de Marechal Rondon, a lembrança pedagógica de Dona Gioconda e as reflexões pessoais do autor formam um rico tecido intertextual, vinculando a experiência individual à memória coletiva. Essas vozes coexistem, intensificando a compreensão histórica e cultural do sujeito e ampliando as camadas interpretativas da narrativa.

Ao refletir sobre as mudanças ocorridas em Campos do Jordão, o enunciador situa sua experiência pessoal em uma crítica mais ampla às consequências sociais e culturais da globalização e da modernização. Em diálogo com Bakhtin (2011), que afirma a constituição do sujeito através de interações com o outro e com o mundo, a carta expõe como espaços tradicionais são descaracterizados pela elitização, transformando-se em lugares urbanos, elitistas e globalizados, com profundas implicações na identidade individual e coletiva.

As conexões entre geografia, história e subjetividade ficam latentes nas lembranças de infância do autor, especialmente nos símbolos afetivos como as pereiras e os passeios pela Abernédia. A "terra-mãe", que inicialmente representa afeto e raízes, é reconfigurada pela intervenção externa, simbolizando perdas e deslocamentos emocionais e culturais, refletindo mudanças internas no próprio sujeito. Desde as primeiras linhas, a memória aparece como mediadora fundamental na constituição identitária. O deslocamento precoce do "torrão natal" é destacado com ambiguidade, demonstrando um espaço simultaneamente de pertencimento e desenraizamento, formando uma complexa geografia afetiva repleta de tensões e significados múltiplos.

No retorno adolescente à cidade natal, Fadel destaca duas lembranças significativas: as netas do Marechal Rondon e as pereiras repletas, representando uma interseção simbólica entre memória individual e coletiva. Esses elementos enriquecem a narrativa, conferindo-lhe múltiplas camadas interpretativas. A citação direta da máxima de Marechal Rondon, “Morrer, se preciso for; matar, nunca!”, funciona como força centrípeta que entrelaça memória escolar, ética humanista e crítica histórico-política. Ao reativar o lema aprendido na infância, Fadel (2011) ancora sua indignação presente na lição civilizatória que, já no início do século XX, defendia a convivência respeitosa com os povos originários. Não se trata de mero ornamento retórico: a frase injeta no texto um horizonte normativo que tensiona todo o enredo, lembrando que a identidade se forja na fricção entre vozes herdadas, reinterpretadas e, por vezes, traídas.

A imagem da Escola Estados Unidos metamorfoseada em “taba indígena” durante as comemorações do Dia do Índio representa como os espaços pedagógicos funcionam como laboratórios de imaginação social. Entre cartolinas, penas de papel e cantos ensaiados, a sala de aula converte-se em palco simbólico onde se coreografam pertencimentos e se cristalizam estereótipos. Esse cenário híbrido, ao mesmo tempo lúdico e ideológico, demonstra que a formação literária e identitária se fabrica tanto nos livros, quanto na materialidade dos objetos, no arranjo do mobiliário e no cheiro que impregna a memória dos alunos.

A força dramática da carta atinge seu ápice quando a memória lírica colide com a denúncia crua da violência contra os povos indígenas. Ao sobrepor a ternura do “Dia do Índio” à notícia dos assassinatos (em série?), Fadel (2011) explicita a falência de um projeto nacional que jamais se desvinculou da lógica colonial. A brutalidade condensada na expressão “bichos que falam” desnuda as fissuras de um país que proclama diversidade enquanto tolera genocídios silenciados, denunciando uma tensão permanente entre a retórica de integração e a *praxis* de extermínio.

A brutal clareza dessa contradição intensifica-se no episódio do fazendeiro que se gaba de dizimar “dezenas de índios” ao percorrer a própria fazenda “do tamanho da Espanha”. Ao reproduzir essa voz sem filtros, Fadel (2011) introduz um contraponto dissonante que estilhaça qualquer harmonia: a confissão de ódio racista surge como discurso outro, apresentando o pacto de poder que legitima a necropolítica agrária. O choque entre a indignação do narrador e a frieza do latifundiário confirma o caráter polifônico da carta e materializa a disputa por terra, memória e futuro no Brasil.

A autorização para matar povos indígenas e apropriar-se de suas terras durante a ditadura civil-militar (1964-1985) não foi um ato isolado de fazendeiros “de fazenda do tamanho da Espanha”. Ela se desdobra numa cadeia de comando que une Estado, grandes

proprietários e empresas, erguendo o que Achille Mbembe (2018) chamaria de necropolítica agrária. Abaixo estão os principais elos desse pacto.

Quadro 12: A necropolítica autorizada

Nível de decisão	Atores centrais	Instrumentos de autorização	Impacto direto
Cúpula do Estado	Presidentes-generais (Castelo Branco, Costa e Silva, Médici, Geisel, Figueiredo) e o Conselho de Segurança Nacional	<i>Atos Institucionais</i> (AI-5), decretos de “segurança nacional”, despachos do CSN	Fornecem a cobertura legal para operações militares em áreas indígenas e suspendem liberdades civis, impedindo reação judicial
Ministério do Interior	Ministros gerais (p.ex. Rangel Reis) e presidentes militares da FUNAI, como o general Ismarth de Araújo Oliveira	Plano de Integração Nacional (PIN, 1970) e diretrizes de “pacificação”	Militarizam a política indigenista, vinculando-a à estratégia de abertura de estradas (BR-174, Transamazônica)
Estrutura fundiária	IBRA/INCRA, Banco da Amazônia, SUDAM, DNER	Estatuto da Terra (Lei 4.504/1964) reinterpretado como estímulo ao latifúndio “empresa rural”; títulos provisórios em faixa de 100 km ao longo das estradas	Legalizam grilagem e expulsão, oferecendo crédito subsidiado e isenções fiscais
Aparelho repressivo	Exército (brigadas de selva), Polícia Militar, DOI-CODI regionais, Guarda Rural Indígena	Operações de “limpeza da área” antes de obras e fazendas; apoio logístico a jagunços	Bombardeios, envenenamento, chacinas (caso Waimiri-Atroari reduziu o povo de 3 000 para 350 pessoas)
Elite local e empresas	Latifundiários, madeireiras, mineradoras (p.ex. Taboca/Paranapanema), construtoras (Andrade Gutierrez, Camargo Corrêa)	Contratos de colonização, parcerias com batalhões de engenharia, financiamento estatal	Expansão de fazendas e projetos extrativos; violência privada que se apoia na inércia ou no auxílio estatal
Discurso legitimador	Parlamentares da Arena, mídia oficial, tecnocratas do “milagre”	Narrativa de “terra sem gente” e “integração para não entregar”	Desumanização dos povos originários e naturalização da necropolítica

Fonte: a própria autora

Como esse sistema opera na prática: 1 - Da lei ao terreno. Em 1967, a FUNAI substituiu o Serviço de Proteção ao Índio (SPI) exatamente quando o *Relatório Figueiredo* revelou tortura, trabalho escravo e guerras químicas contra indígenas⁷¹;

⁷¹ Relatório Figueiredo (1967). Encomendado pelo ministro Afonso Lima, o documento de 7 000 páginas listou 134 agentes do SPI envolvidos em crimes de genocídio; 38 foram demitidos, nenhum processado.

nenhum responsável foi julgado⁷². O novo órgão, chefiado por generais, passou a tratar aldeias como “entraves” a obras do PIN⁷³, vinculando proteção indígena à doutrina de segurança nacional; 2 - O latifúndio como “empresa”: o Estatuto da Terra⁷⁴, promulgado dias após o golpe, proclamava reforma agrária, mas no art. 4º equiparou pastagens e matas a áreas cultivadas. Ao classificar grandes fazendas como “empresa rural”, a lei as livrava de desapropriação, consolidando a aliança entre terra e capital já apontada por Prieto (2017); 3 - Militarização dos “contatos”: Relatórios internos da própria FUNAI registram demonstrações de metralhadora, granadas e dinamite diante de grupos Waimiri-Atroari para “persuadir” à abertura da BR-174. A CNV estimou que, no total, 8 350 indígenas foram mortos entre 1946 e 1988, sendo 2 650 desse povo; 4 - Financiamento e isenção: Bancos públicos, SUDAM e fundos de incentivos cobriam até 75 % do custo de fazendas modelo. Projetos como Balbina, Carajás e polos agropecuários ganharam crédito farto, enquanto populações removidas ficavam sem qualquer indenização; 5 - Impunidade programada: a Lei de Anistia (1979) blindou civis e militares. Mesmo depois de fazendeiros se gabarem de dizimar indígenas, nenhuma condenação tramita em juízo. O direito à memória ficou com as cartas e testemunhos, como a de Fadel (2011), que expõe a tessitura polifônica entre indignação do narrador e frieza do latifundiário.

Com essa engrenagem, a voz racista do fazendeiro citada por Fadel (2011) emerge como parte de um coro sustentado por leis, decretos, empréstimos e canhões. Identificar quem assina a ordem de remoção, e quem lucra com ela, argumenta que o pacto de poder é menos um desvio individual e mais a espinha dorsal de um projeto de Estado que, até hoje, disputa terra, memória e futuro no Brasil.

Do ponto de vista epistemológico, a carta denuncia e desmonta o mito desenvolvimentista que perpassa sucessivos governos e suas promessas de reparação. Ao notar que o extermínio indígena persiste “apesar” de políticas autocelebradas como progressistas, Fadel (2011) escancara o abismo entre enunciado oficial e práxis governamental, exemplificando a insuficiência das ações estatais quando capturadas por lógicas tuteladoras. A epístola converte-se, assim, em instrumento analítico capaz de rastrear as zonas de sombra em

⁷² FUNAI militarizada (1967-1985). Criada pelo Decreto-Lei 5.371/1967, a Fundação ficou subordinada ao Ministério do Interior e, após 1969, foi dirigida apenas por oficiais-generais, transformando “contato” em operação militar.

⁷³ Plano de Integração Nacional (PIN, 1970). Decreto 1.106/1970, assinado por Médici, abriu 2 milhões km² à colonização, autorizando a retirada de populações “não integradas” num raio de 100 km de cada rodovia.

⁷⁴ Estatuto da Terra (Lei 4.504/1964). Sancionado um mês após o golpe, garantiu às “empresas rurais” imunidade contra desapropriação desde que apresentassem “plano de utilização econômica”.

que a violência estatal e paraestatal se perpetua, demonstrando como as epistemologias hegemônicas produzem silenciamento e naturalizam o genocídio.

A nota lírica das peras colhidas com parcimônia irrompe como um gesto de *poiesis*⁷⁵ resistente. Contra o ruído bélico da história, emerge a delicadeza tátil do fruto que, ao ser transmutado em lembrança gustativa, confirma a potência subversiva da memória sensorial. Nessa imagem, poesia e sobrevivência tornam-se indissociáveis: cada mordida imaginada restitui ao presente a possibilidade de ternura, afirmando que a invenção estética pode suspender, ainda que por instantes, a lógica brutal que governa o mundo social.

Quando descreve Campos do Jordão como “passarela da moda da elite paulistana”, Fadel (2011) articula uma crítica densa ao processo de gentrificação que converte o lugar vivido em vitrine de consumo. Ecoando a leitura *lefebvriana* da produção do espaço, o autor mostra como as forças do capital expulsam memórias e gestos partilhados, substituindo bicicletas rangentes e armazéns multissensoriais por boutiques reluzentes e calçadas sanitizadas. O resultado é um território estetizado que ostenta luxo enquanto erode as narrativas coletivas que lhe davam densidade histórica.

O inventário de objetos corriqueiros (bicicletas enferrujadas, barbante cheiroso, fumo de rolo) devolve ao texto um veio memorialístico que transforma o espaço em personagem. Esses detalhes funcionam como recursos de ancoragem temporal, permitindo que o leitor percorra os corredores olfativos e sonoros de uma cidade que já não existe. Tal estratégia narrativa realiza, à maneira benjaminiana, o gesto de “escovar a história a contrapelo”: ao ressuscitar resíduos do passado, a carta expõe a violência implícita nas transformações socioeconômicas e nos convida a ponderar sobre o que se perde quando o progresso se impõe sem mediação.

Ao reiterar que “os índios e outros bichos que falam continuam a ser assassinados”, a carta alcança seu clímax testemunhal. Entre a dor que confessa e a indignação que convoca, o texto desliza da crônica para o território do testemunho, espaço narrativo em primeira pessoa que combina documento, memória oral e denúncia política. Trata-se de um relato de experiência vivida no qual o(a) narrador(a) fala não só em seu nome, mas em nome de um coletivo subalternizado. Dessa forma, a narrativa reafirma a inseparabilidade entre ética escritural e responsabilidade social, conclamando o leitor a reconhecer sua própria implicação na manutenção, ou superação, dessa violência.

⁷⁵ Poiesis (do grego ποιήσις, "ação de criar") designa o ato de trazer algo à presença, conceito retomado por Martin Heidegger em "A Origem da Obra de Arte".

No desfecho, a transferência da “identidade perdida da terra mãe” para uma “utopia ideológica de pátria” se transforma em alegoria de resiliência subjetiva diante do esfacelamento territorial. Fadel (2011) reinscreve o pertencimento no campo das potencialidades políticas: quando a terra se converte em mercadoria, resta ao sujeito reinventar a morada no plano simbólico e utópico, produzindo uma narrativa em que a esperança atua como contradiscurso ao desarraigo. Assim, mesmo diante da perda concreta da terra, o sentimento de pertencimento à pátria pode ser reconstruído simbolicamente como estratégia subjetiva de resistência e reinvenção.

A epístola de Fadel (2011) funda-se na confluência de memória, crítica espacial, poética do cotidiano e dialogismo histórico, compondo um painel polifônico das contradições brasileiras. A narrativa opera como lente multifocal, revelando a intimidade sensorial de um fruto, que expande a macroestrutura que legitima o extermínio dos povos originários. Do entrelaçamento dessas escalas desponta uma ética da atenção ao detalhe e ao coletivo, instigando o leitor a repensar os rumos dos territórios, das identidades e das histórias que insistimos em narrar.

A troca epistolar entre Fadel e Eguimar é tudo menos mero registro: ao reler o amigo, Eguimar converte-se em intérprete meticuloso, revolve camadas sutis de memória e devolve o texto impregnado de novas tessituras críticas. Cada resposta sua expande o horizonte do diálogo, reinscreve afetos e desloca significados, transformando a carta num ato político de criação coletiva e resistência.

A próxima carta, *essas grandezas*, escrita por Eguimar em 26 de agosto de 2009, convoca imagens inesperadas, ironiza a vitória e a derrota e arma um cenário pulsante de dúvidas, astúcias e afetos. Entre dribles verbais e lampejos líricos, o texto convida o leitor a repensar de que matéria se faz a grandeza quando o jogo da vida insiste em escapar aos manuais de estratégia. Entre e veja por si.

Quadro 12: Carta 2 – essas grandezas – Livro 3

eguimar wed, 26 Aug 2009 04:45 PM

Fadelíssimo

Tínhamos internalizado o que nos fazia ainda mais tristes: éramos um time derrotado. Apenas um gol, um único golzinho maltrapilho, custoso, daqueles que a bola entra porque entra, entrou porque a baliza é um orifício e, nós ali, formando uma comunidade de jogadores perdidos. Atados ao destino do orifício.

Alguém chegou com um Lugar-comum: a vida é um jogo, alguém ganha e alguém perde. Quem perde um dia vai ganhar – e quem ganha, um dia vai perder. Não há dor total, nem alegria exata e não haverá um gol pleno como não haverá gozo perfeito. A derrota é passageira – e o destino ancião.

Aos pés de Diego, a bola entra estrela em Copacabana; entra alegria no semblante de um

médico, jogador de vida, quando vê uma criança sorrir. A bola rola brava na Medicina do trabalho por essa via: se liberta a vida inteira ou a medicina jamais compreenderá as Mães da Praça 13 de Maio.

Em Copacabana a bola circula em versos que são quase escárnios não fosse uma maravilha de jogada de Verso & Vícios. Todos rendemos a Diego. Copacabana compreende a estrela solitária, mas alguém poderá revelar essas grandezas de amor na travessia permanente entre Goiânia e Copacabana?

Disponibilizo abaixo uma tabela que organiza as quatro categorias de análise, os objetivos de cada uma e exemplos dos elementos a serem identificados no texto.

Quadro 13: Categorias/subcategorias da carta “Essas grandezas” (Eguimar, 26 ago. 2009)

CATEGORIAS/UBCATEGORIAS	RECORTES ENUNCIATIVOS OU DISCURSIVOS (transcritos)	ELEMENTOS DA LITERATURA
1. Metáforas existenciais: a vida como jogo	- "Tínhamos internalizado o que nos fazia ainda mais tristes: éramos um time derrotado. Apenas um gol, um único golzinho maltrapilho, custoso, daqueles que a bola entra porque entra"	- Linguagem metafórica para expressar a existência humana - Alegoria futebolística como símbolo da vida
2. Filosofia do cotidiano e senso comum	- "Alguém chegou com um Lugar-comum: a vida é um jogo, alguém ganha e alguém perde. Quem perde um dia vai ganhar – e quem ganha, um dia vai perder. Não há dor total, nem alegria exata e não haverá um gol pleno como não haverá gozo perfeito."	- Sabedoria popular e reflexão filosófica cotidiana
3. Relações sociais e políticas (metáforas da medicina e sociedade)	- "Aos pés de Diego, a bola entra estrela em Copacabana; entra alegria no semblante de um médico, jogador de vida, quando vê uma criança sorrir." - "A bola rola brava na Medicina do trabalho por essa via: se liberta a vida inteira ou a medicina jamais compreenderá as Mães da Praça 13 de Maio."	- Metáfora que conecta medicina, sociedade e política - Referência às “Mães da Praça 13 de Maio” como símbolo político
4. Diálogos literários e poesia das cidades	- "Em Copacabana a bola circula em versos que são quase escárnios não fosse uma maravilha de jogada de Verso & Vícios." - "Copacabana compreende a estrela solitária, mas alguém poderá revelar essas grandezas de amor na travessia permanente entre Goiânia e Copacabana?"	- Espaço urbano como cenário poético - Relação entre literatura e representação simbólica das cidades

Fonte: a própria autora

A carta condensa um feixe de metáforas e referências que convergem para uma reflexão densa sobre a condição humana. Já na abertura, “éramos um time derrotado”, o léxico futebolístico converte-se em importante chave existencial: a derrota, aqui, ultrapassa o simples troço desportivo e se converte em sentimento interiorizado de impotência diante de circunstâncias que parecem escapar ao controle do sujeito. O trecho seguinte reforça essa ideia de esforço inglório: “um único golzinho maltrapilho, custoso, daqueles que a bola entra porque

entra”. A imagem cristaliza a dificuldade de converter desejo em conquista e de transformar pequenas vitórias em mudanças efetivas. Ao deslocar a lógica das quatro linhas para o plano da vida cotidiana, Chaveiro (2009) transmuta o futebol em recurso estético apto a ilustrar a precariedade dos triunfos pessoais e coletivos.

Quando surge o provérbio “a vida é um jogo, alguém ganha e alguém perde”, o texto faz eco à sabedoria popular que reconhece a alternância inevitável entre êxitos e fracassos. Essa voz proverbial introduz o horizonte moral da carta, lembrando que toda alegria traz em si a semente da perda e toda dor preserva a possibilidade de superação. É nessa linha que o autor declara: “Não há dor total, nem alegria exata e não haverá um gol pleno como não haverá gozo perfeito”, síntese de um existencialismo cotidiano que recusa tanto o pessimismo absoluto quanto a fantasia de plenitude.

Num giro decisivo, Chaveiro (2009) articula o universo lúdico do futebol com o repertório da medicina do trabalho: “A bola rola brava na Medicina do trabalho por essa via: se liberta a vida inteira ou a medicina jamais compreenderá as Mães da Praça 13 de Maio⁷⁶.” A metáfora sugere que qualquer prática de cuidado que ignore o sofrimento social, representado aqui pelas Mães da Praça 13 de Maio, falha em seu propósito. Ao mencionar essas mães, Eguimar convoca um símbolo de resistência coletiva e denúncia, inserindo a carta na tradição de uma literatura engajada que recusa a separação entre estética e ética.

A poética espacial também é crucial, “Em Copacabana a bola circula em versos que são quase escárnios não fosse uma maravilha de jogada de Verso & Vícios⁷⁷.” O tradicional bairro de Copacabana, com sua praia, carregada de mitologias culturais, aparece como palco em que o lirismo e a ironia se entrelaçam. No fecho, a pergunta “alguém poderá revelar essas grandezas

⁷⁶ As mães da 13 de Maio são um dos mais emblemáticos movimentos de direitos humanos da Argentina. Surgidas em 30 de abril de 1977, no auge da ditadura militar (1976-1983), essas mães reuniram-se na Praça de Maio para exigir notícias dos filhos e filhas sequestrados pelos órgãos de repressão.

⁷⁷ “O *Verso e Vício* foi fundado em 1980 com o objetivo de divulgar poemas. Reuníamos-nos para ler nossos poemas e os dos outros. Passamos então a produzir revistas artesanais fotocopiadas com cerca de 12 páginas manuscritas, frequentemente ilustradas com artesanias toques de arte. Tal final, com tiragem média de duzentos exemplares vendidos praticamente a preço de custo. Realizamos recitais para a apresentação das revistas em bares, livrarias, escolas e todos os lugares que permitissem. Em 1983 publicamos o primeiro livro VERSO VÍCIO pela Editora Tote. Surpreendentemente os exemplares esgotaram-se em dois meses. O segundo livro foi lançado em dezembro de 1985 num show que lotou as dependências do bar Arco da Velha, na Lapa. Outros shows foram realizados, destacadamente as apresentações na Cabana da Serra e na Turma OK. Assustados com a retração do público em decorrência dos planos econômicos do “governo” passado, suspendemos os shows e novos lançamentos a partir de 1986. Mais assustados ainda com o verdadeiro estímulo cultural imposto pelo atual “governo” resolvemos lançar este livro como foco de resistência. Para tanto não medimos esforços e nos privamos de jantares, carros zero, viagens à Europa, coberturas duplex, ida ao Maracanã, sorvetes Dragão na praia, creme rinse, filmadoras e outras necessidades essenciais. Esperamos ver amplamente recompensado este esforço e futuramente surfar mais ondas de liquidez com o retorno deste desprezioso investimento.” (FATAL et al., 1990, p. 100).

de amor na travessia permanente entre Goiânia e Copacabana?” dilata o horizonte da carta: Goiânia e Copacabana deixam de ser meros pontos no mapa e convertem-se em polos afetivos que configuram uma travessia emocional constante. Os espaços evocados, assim, tornam-se cronotopos de uma geopoética que mistura saudade, pertencimento e deslocamento.

A geografia existencial dos interlocutores, Eguimar, instalado em Goiânia, e Fadel, em Copacabana, põe em jogo dois polos com capitais cujas dinâmicas urbanas se desencontram. Goiânia, centro administrativo do Cerrado, cresce em linhas horizontais, alterna avenidas largas com praças arborizadas e preserva ritmos de vizinhança que ressoam a interioridade goiana. Copacabana, bairro-síntese do Rio de Janeiro, exhibe o vaivém incessante da orla atlântica, onde densidade populacional, turismo permanente e contrastes sociais marcam cada esquina. Entre a capital planejada do Planalto Central e a capital litorânea de passado federal, estendem-se mais de mil quilômetros que a correspondência encurta, convertendo distância em matéria de criação compartilhada. A carta opera como ponte de afetos e saberes: a cada envio, Goiânia e Rio de Janeiro deslocam seus contornos físicos para tornar-se territórios literários e relacionais, prova de que o deslocamento, longe de separar, engendra encontro e reciprocidade.

Em toda a carta, ressoa o princípio do dialogismo: metáforas esportivas, saberes populares, crítica social, medicina e paisagem urbana dialogam entre si, constituindo uma polifonia em que cada voz convoca outras vozes. A “estrela solitária” que Copacabana “compreende” simboliza o sujeito moderno, fragmentado, mas ainda capaz de irradiar sentido.

Ao final, Chaveiro (2009) eleva o gesto epistolar à crônica reflexiva que conjuga futebol, política, medicina, memória e cidade numa só pulsação poética. As “grandezas de amor” evocadas no título ultrapassam o mero romantismo: apontam para a força que sustenta as relações humanas e para a esperança que insiste em nascer mesmo entre os escombros da derrota. É precisamente nessa tensão, entre a confissão de fragilidade e o desejo de reexistir, que o texto encontra sua potência literária e crítica. Continuamos a sequência com a resposta à carta lida:

Quadro 14: Carta 3 - Essas grandezas... e miudezas - Livro 3

fadel fri, 28 Aug 2009 15:00

Eguimariante

Revolvo minhas vísceras procurando, procurando, por algo que nem sei o quê. Sei que faz falta, sei que sobrava, sei que soçobrou e sei que, vai que descobri, faltou.

Essas miudezas invisíveis, metamicroscópicas que revolucionam o mundo por fora e o corpo por dentro sem que a gente perceba, o microcaos, o paracaos, o nanocaos da surdina e das sombras. Acho que saudades. É VERO, estou como que macaqueando nanobananas em meus ermos, é assim que fala?, buscando amores e perdas ainda não perdidas porque não foram ainda achadas.

Tramóias de minhas vísceras brincando de esconde-esconde comigo mesmo, entre bosques, baço, passarinhos, fígado, nuvenzinhas, rinzinhos, flores, pâncreas, sol e plexo solar no meio do diafragma, bexiga, riachos....

Talvez seja preciso errar mais, vadiar mais, des-pensar mais, conspirar mais, trair mais, cuspir mais, chorar mais, e claro, peidar muito mais.

O amor falta tanto que a gente vai fazendo tudo de menos. E ó, vai que façamos.

Se, nas primeiras cartas, Fadel já exibía a habilidade de transformar lembranças em labirintos poéticos, na mensagem que se segue ele desloca o foco para o próprio corpo-universo e confere às entranhas o estatuto de palco filosófico. Redigida do horizonte febril de Copacabana e endereçada a “Eguimariante”, a carta faz pulsar uma geografia íntima onde desejo e carência se dobram em espirais microscópicas, o tom mescla confissão crua, humor irreverente e uma saudade que lateja por baixo de cada metáfora.

Quadro 15: Categorias/subcategorias da carta “Essas grandezas... e miudezas” (Fadel, Livro 3)

CATEGORIA/SUBCATEGORIAS	RECORTES ENUNCIATIVOS OU DISCURSIVOS	ELEMENTOS DA LITERATURA
1) Subjetividade e introspecção	"Revolvo minhas vísceras procurando, procurando, por algo que nem sei o quê."	Imagens metafóricas e fluxo de consciência.
	"Tramóias de minhas vísceras brincando de esconde-esconde comigo mesmo."	Intimidade reflexiva.
2) Corpo como espaço simbólico	"entre bosques, baço, passarinhos, fígado, nuvenzinhas, rinzinhos, flores, pâncreas, sol e plexo solar..."	Alegoria poética do corpo humano.
	"Essas miudezas invisíveis [...] revolucionam o mundo por fora e o corpo por dentro sem que a gente perceba."	Metáfora orgânica da existência.
3) Diálogo intertextual e influências	"microcaos, paracaos, nanocaos da surdina e das sombras."	Referências implícitas ao caos literário.
	"buscando amores e perdas ainda não perdidas porque não foram ainda achadas."	Ecos da literatura existencial.
4) Ironia, humor e crítica existencial	"Talvez seja preciso errar mais, vadiar mais, des-pensar mais, conspirar mais, trair mais, cuspir mais, chorar mais."	Ironia e humor como ferramentas críticas.
	"e claro, peidar muito mais."	Irreverência no enfrentamento da realidade humana.
5) Afeto, amor e falta	"O amor falta tanto que a gente vai fazendo tudo de menos."	Reflexão sobre o amor e suas ausências.
	"Acho que saudades."	Nostalgia e desejo afetivo.

Fonte: a própria autora.

As duas cartas dialogam como espelhos em escala desigual. A de Eguimar (2009) parte do macro: o futebol, a medicina do trabalho, as cidades de Goiânia e Rio de Janeiro para refletir sobre derrota, esperança e travessia interestadual. A de Fadel (2009), por sua vez, mergulha no micro: vísceras, nanocaos, diminutivos corporais, para interrogar a falta que corrói o sujeito. Juntas, compõem uma poética da incompletude que oscila entre o exterior coletivo e o interior visceral.

Na carta intitulada "Essas grandezas... e miudezas", Fadel (2009) constrói uma introspecção literária marcada por uma busca incessante, íntima e indefinida. Ao afirmar que "Revolvo minhas vísceras procurando, procurando, por algo que nem sei o quê", o autor expõe a complexidade subjetiva de sua narrativa, conferindo-lhe um tom confessional próximo ao fluxo de consciência. Esse movimento interno de investigar as próprias entranhas ganha uma potência poética singular ao empregar o corpo como metáfora existencial. A imagem das "tramóias de minhas vísceras brincando de esconde-esconde comigo mesmo" evoca um embate silencioso e profundo, em que os órgãos simbolizam inquietações emocionais e dilemas existenciais que permeiam a experiência humana.

A metáfora do corpo adquire maior riqueza quando Fadel descreve suas vísceras entremeando elementos naturais, como "bosques, baço, passarinhos, fígado, nuvenzinhas, rinzinhos, flores, pâncreas, sol e plexo solar". Nesse instante, o corpo é poeticamente transformado em uma paisagem interior, unindo natureza e fisiologia numa organicidade simbólica, criando uma fusão entre o microcosmo corporal e o macrocosmo natural.

Nesse cenário, o sujeito se percebe envolvido pelo "microcaos, paracaos, nanocaos da surdina e das sombras". Tal passagem evoca claramente uma tradição literária que explora o caos íntimo, semelhante à escrita introspectiva e visceral encontrada nas obras de Clarice Lispector⁷⁸ e Samuel Beckett⁷⁹, cujas narrativas ressaltam a natureza caótica e inefável das emoções humanas.

O diálogo intertextual, ainda que implícito, inscreve-se numa tradição existencial ao expressar a busca por "amores e perdas ainda não perdidas porque não foram ainda achadas". Essa reflexão sintetiza uma permanente condição de incompletude, característica das narrativas

⁷⁸ Clarice Lispector (1920–1977) foi uma das mais importantes escritoras brasileiras do século XX. Sua obra é marcada por uma profunda interiorização da linguagem, pelo uso de fluxo de consciência e por temas como identidade, silêncio, vazio e epifania. Entre seus romances mais conhecidos estão *A paixão segundo G.H.* (1964), *A hora da estrela* (1977) e *Perto do coração selvagem* (1943).

⁷⁹ Samuel Beckett (1906–1989) foi um dramaturgo, romancista e poeta irlandês, laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1969. É um dos nomes centrais do teatro do absurdo. Sua obra enfatiza a condição humana frente ao vazio, ao fracasso e à espera, com linguagem minimalista e marcada por silêncios e repetições. Destacam-se as peças *Esperando Godot* (1953) e *Fim de jogo* (1957), além das prosas *Molloy* (1951) e *Worstward Ho* (1983).

modernas e contemporâneas, em que a busca assume maior relevância do que o alcance do objetivo. A ironia e o humor despontam como estratégias narrativas cruciais na carta, articulando uma crítica existencial refinada. Quando o autor sugere que "Talvez seja preciso errar mais, vadiar mais, des-pensar mais", emprega a ironia e o humor para desafiar a pressão social por perfeição, apontando a autenticidade humana como algo inerentemente ligado às falhas e à liberdade, às indiossincrassias.

Essa abordagem atinge seu ápice na proposição irreverente e cômica: "e claro, peidar muito mais". A irreverência aqui destrutura qualquer pretensão de absoluta seriedade, oferecendo um contraponto à rigidez existencial e destacando a condição humana como inevitavelmente marcada pelo ridículo e pelo cotidiano trivial. O humor empregado apresenta a dimensão trágica das frustrações afetivas. Ao afirmar que "O amor falta tanto que a gente vai fazendo tudo de menos", a carta penetra numa reflexão humana sobre como a ausência afetiva impacta as percepções e ações cotidianas.

O sentimento de ausência e nostalgia é condensado poeticamente na frase minimalista: "Acho que saudades". Nesse breve instante, o literário demonstra seu poder ao transformar um sentimento difuso e impreciso numa expressão intensa e evocativa, dialogando com tradições românticas e contemporâneas que investigam o vazio decorrente da perda ou da ausência. A busca por aquilo que "sei que faz falta, sei que sobrava, sei que soçobrou" manifesta-se como uma tentativa contínua de lidar com algo que escapa às definições claras e objetivas. A própria linguagem do autor amplifica essa percepção. A imagem que beira ao surrealismo "macaqueando nanobananas em meus ermos", de tom lúdico e inventivo, reforça a ideia de que o sujeito habita um território interior distante e enigmático, povoado por imagens que resistem à compreensão racional.

O uso frequente dos diminutivos, "rinzinhos", "nuvenzinhas", estabelece uma atmosfera de delicadeza e fragilidade emocional, enfatizando uma abordagem literária marcada pela sutileza contemplativa. Esse estilo reflete fielmente a natureza do gênero epistolar poético, situado entre a esfera íntima e a universal. A carta exemplifica de forma clara como o literário consegue articular simultaneamente as grandezas e as miudezas da condição humana. Nessa combinação de escalas aparentemente opostas, o texto apresenta sua força poética ao explorar as complexidades emocionais e a ambiguidade da existência, permanentemente dividida entre o sublime e o trivial, a busca e a impossibilidade de alcançar a completude.

Na carta a seguir: "Fadel é arte", emerge uma poética da ternura que subverte normas afetivas e sexuais em nome de uma sensibilidade radical. Longe de compreender a ternura como atributo da idade, o autor a eleva a um estado de existência ampliado: gesto estético, político e

espiritual. Ao fundir corpo, desejo e mundo numa espécie de erotismo cósmico, a carta instaura uma linguagem em que tudo se torna experiência sensível e artística. Nesse contexto, o sujeito se constitui pela abertura à alteridade e pela recusa da rigidez moral e normativa, compreendendo que viver, amar e imaginar são formas de criação.

Quadro 16: Carta 4 - Fadel é arte - Livro 3

eguimar fri, 28 Aug 2009 02:59 PM

Fadelíssimo...

Fadel é arte...

Tenho dito que estou entrando na idade da ternura e saindo da idade do sexo. Quando se lê a expressão IDADE da ternura, a designação IDADE é apenas um contrabando de sentido. Isto é, a ternura como modo de vida, técnica de ação, exercício espiritual e faculdade de relacionar, não é apreendida e exercida pela idade. Mas por um comprometimento transgressor com tudo que é burocrático, narcísico, normótico e egocêntrico.

Em estado de ternura o sexo não se sucumbe, apenas se afeiçoa ao estado prático e imaterial da carícia e do carinho. Não se ama mais a esposa, a namorada, o amigo. Ama-se o amor de amar, ama porque amar é maior que os costumes, as tradições e os hábitos, os corpos etc.

Nunca mais pensará o sexo como um momento particular de encontro, o exercício da penetração ou o estado de ereção do pênis mental, tal como advoga a humorada teoria do prof. Calaça. A vida toda será sexual, bolinatória, fusionada, procurante do gozo. Além de monogamia, bigamia, poligamia e panssexualismo, o corpo em estado permanente de sexo - e em aprendizagem de ternuramento -, abrirá as comportas dos poros para turnos infinitos de prazer. Comerá o vento, o humor, cada passo andado. Comer será uma modalidade exuberante de entrega ao tempo do mundo. Se a cenoura é o cinema do Coelho - em estado de ternura sexual - a nossa pergunta é: que relação existe entre você e a mandioca?

Que relação existe entre mim e todas as coisas? A pergunta não é absurda, nem transgressora ou imprópria, pois somos essa farinha quântica, essas gotículas cósmicas do mundo do trabalho e da cultura, projeto inacabado feito por interrogações: SERÁ POSSÍVEL BOTAR NA TELA DA IMAGINAÇÃO, EM ESTADO DE TERNURA, UM GESTO SEQUER QUE NÃO SEJA ARTE?

Fadel é arte... abs Eg

A polifonia que sustenta as cinco cartas analisadas opera, à luz dos estudos *bakhtinianos*, como uma carnavalização epistolar: desloca hierarquias, embaralha o sério-cômico e expõe “os aspectos ocultos da natureza humana” ao “libertar o comportamento, o gesto e a palavra do poder de qualquer posição hierárquica” (Bakhtin, 2018, p. 140). Sapatos, pererecas, consultórios, salas de aula, a PIOROCURA irônica ou a borboleta baiana convertem-se em máscaras cambiantes que revelam, pelo riso profano, camadas densas da experiência.

Como no carnaval, “o riso é ambivalente” e se enraíza na lógica morte/renascimento (Bakhtin, 2018, p. 144), por isso, cada carta é, simultaneamente, confissão íntima e “imagem sincrética de espetáculo” em vozes se entrecruzam sem jamais se fundirem num ponto de vista único. Essa escritura em muitas vozes confirma que “o objeto das intenções do autor não é a ideia em si, mas a realização do enredo em várias vozes desconexas” (Bakhtin, 2018, p. 315),

permitindo que Eguimar e Fadel transformem distância geográfica em comunidade afetiva regida por um “novo modus de relações mútuas” (Bakhtin, 2018, p. 140).

Reconhecer tal correspondência, portanto, é percebê-la como menipeia inacabada: obra que, ao “converter as formas carnavalescas em poderosos meios de interpretação artística da vida” (Bakhtin, 2018, p. 181), mantém viva a esperança de que a palavra, irônica, visceral ou poética, continue a fundar utopias de ternura, desejo e solidariedade. A seguir o quadro com as categorias da carta *Fadel é arte*:

Quadro 17: Categorias/subcategorias da carta “Fadel é arte” (Eguimar, 28 ago. 2009)

Categoria/Subcategorias	Recortes discursivos	Elementos da Literatura
1. Subjetividade e afetividade	“Estou entrando na idade da ternura e saindo da idade do sexo.”	Metáforas, subjetividade, introspecção
	“A ternura como modo de vida [...] não é apreendida pela idade, mas por um comprometimento transgressor.”	Intimidade, lirismo afetivo
2. Crítica social e existencial	“[...] comprometimento transgressor com tudo que é burocrático, narcísico, normótico e egocêntrico.”	Crítica social, denúncia poética
	“Ama-se o amor de amar, amar é maior que os costumes, as tradições e os hábitos.”	Existencialismo, questionamento de normas
3. Erotismo e transcendência	“A vida toda será sexual, bolinatória, fusionada, procurante do gozo.”	Erotismo poético, corporalidade, desejo
	“O corpo em estado permanente de sexo [...] abrirá as comportas dos poros para turnos infinitos de prazer.”	Sensualidade, transcendência do corpo
4. Intertextualidade e humor	“[...] o estado de ereção do pênis mental, tal como advoga a humorada teoria do prof. Calaça.”	Humor, ironia, referências intertextuais
	“Se a cenoura é o cinema do Coelho [...] que relação existe entre você e a mandioca?”	Metáforas humorísticas, alegorias
5. Arte como modo de existência	“Fadel é arte...”, “Que relação existe entre mim e todas as coisas?”	Arte como vida, estética existencial
	“Será possível botar na tela da imaginação, em estado de ternura, um gesto sequer que não seja arte?”	Poética da existência, interrogações filosóficas

Fonte: a própria autora.

A carta “Fadel é arte”, destaca-se pela forte presença poética e reflexiva sobre o papel da arte como uma dimensão existencial. Logo na abertura, Eguimar (2009) sinaliza uma transição subjetiva importante: “Tenho dito que estou entrando na idade da ternura e saindo da

idade do sexo”. Essa passagem sugere um deslocamento simbólico, indicando sua transfiguração em algo mais amplo e transcendente.

Em seguida, Eguimar (2009) explora a ideia de que a “ternura como modo de vida” supera qualquer condicionante cronológico, sendo antes resultado de um comprometimento ético-estético com o mundo. Isso fica claro no recorte: “A ternura [...] é apreendida por um comprometimento transgressor com tudo que é burocrático, narcísico, normótico⁸⁰ e egocêntrico”. A crítica a essas estruturas normativas é intensa e representa um convite a pensar a existência como contínua transgressão poética.

O erotismo, longe de ser descartado, ganha dimensão ampliada e filosófica, ao afirmar que “a vida toda será sexual, bolinatória, fusionada, procurante do gozo”, Eguimar (2009) redimensiona o conceito do desejo, ampliando-o da esfera privada e biológica para uma experiência contínua e universal, vivenciada em todas as interações com o mundo. O corpo, portanto, é visto como um território infinito de prazer e descoberta sensorial.

Esse intenso erotismo filosófico encontra seu ápice no seguinte trecho: “O corpo em estado permanente de sexo abrirá as comportas dos poros para turnos infinitos de prazer”. Aqui, percebe-se uma clara influência da literatura poética que trabalha a corporalidade como metáfora de liberdade e plenitude existencial. O autor aponta para um estado contínuo de prazer como condição existencial ideal, desafiando conceitos normativos e tradicionais sobre o corpo e o desejo.

A carta também dialoga fortemente com a intertextualidade e o humor, elementos centrais no discurso de Eguimar (2009). Exemplo disso é a menção humorística à “humorada teoria do prof. Calaça”, ao falar do “estado de ereção do pênis mental”. Com isso, ele satiriza as formas rígidas e reducionistas do pensar intelectual, abrindo espaço para uma abordagem mais lúdica e provocadora da realidade. Esse humor estende-se ainda à metáfora divertida e provocadora sobre as relações metafóricas entre seres e objetos: “Se a cenoura é o cinema do Coelho, que relação existe entre você e a mandioca?”. Tal recurso reforça a dimensão literária da carta, que mescla alegorias com humor, propondo uma reflexão existencial e ao mesmo tempo leve, acessível e inquietante sobre como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

O ponto central, entretanto, é a afirmação categórica “Fadel é arte”, reforçada pela pergunta existencial: “Que relação existe entre mim e todas as coisas?”. Aqui, a existência é

⁸⁰ "Normótico" é um termo informal, não encontrado em dicionários tradicionais, mas frequentemente usado em discussões sobre psicologia e sociologia. Ele se refere a um indivíduo que se encaixa excessivamente nas normas e padrões sociais, muitas vezes em detrimento de sua própria individualidade e bem-estar. Essa pessoa tende a seguir o senso comum e as expectativas sociais sem questionar, o que pode levar a uma estagnação pessoal e até mesmo a problemas de saúde mental.

poeticamente tratada como um contínuo questionar-se e relacionar-se com o entorno, apontando a arte como um modo de vivenciar cada experiência cotidiana. Nesse sentido, a reflexão se expande quando o autor indaga de forma provocadora: “Será possível botar na tela da imaginação, em estado de ternura, um gesto sequer que não seja arte?”. Essa pergunta retórica sugere que todo gesto humano, se percebido com sensibilidade, torna-se artístico, carregado de significado e potencial transformador.

Na concepção de Eguimar (2009), portanto, viver plenamente implica reconhecer a existência como obra de arte em permanente construção. A ternura nesse caso passa do afeto par uma atitude existencial que desafia normas burocráticas e egocêntricas, abrindo caminho para uma percepção transgressora da realidade. Na carta “Fadel é arte”, o autor nos apresenta uma reflexão vigorosa sobre a vida, o erotismo, a ternura e a arte como elementos inseparáveis da experiência humana. Seu texto, marcado por forte poeticidade, humor e crítica, posiciona-se como um manifesto existencial em que viver, amar e criar são atos indissociáveis, gerando uma relação íntima, sensível e transformadora com o mundo e com o outro.

Na carta “Tempo desgovernado”, dando sequência às nossas análises, Fadel (2009) recorre ao humor irreverente e à imagética sexual-poética para confessar uma espécie de extravio existencial vivido na ausência dos conselhos de Eguimar. A metáfora da “borboleta”, figura erótica e mítica, encarna um tempo regido pelo desejo e pela pulsão, contrapondo-se à “PIOROCURA”, representação cômico-crítica da racionalidade medicamentosa e burocrática. A escrita, permeada por trocadilhos e alusões literárias, tensiona o binômio ordem/desordem, colocando em cena um sujeito que, entre o riso e a inquietação, busca reencaminhar-se a partir da escuta e da amizade. Observemos:

Quadro 18: Carta 5 - tempo desgovernado - Livro 2: Desvios para a mesma direção

fadel wed, 17 Aug 2011 15:16

Eguimartti

Ninguém vive sem ser governado – pela patroa ou pelo chefe, pelo pastor ou pelo faustão, pelo pedro bial ou pelo ronaldinho, pelo trrim do celular ou pelo glup-glup do computador, pelo ronco do motor ou pelo chefe da força jovem, pela Capes ou pelo CNPq, no meu caso, eu vivia governado pelos seus conselhos e pelos remédios profusos da PIOROCURA.

Hoje, relendo nosso livro DESVIOS PARA A MESMA DIREÇÃO vol. 2, caiu-me a ficha. Descobri que nos últimos dois anos vivi um tempo desgovernado e, por falta de seus conselhos, me deixei governar por uma xoxotinha em formato de borboleta.

Tantas vezes desesperado, o sapo e a perereca me salvaram, quando as medicinas da PIOROCURA ainda não eram alvo da vigilância sanitária. Mas, agora, meu prezado Eg, preciso me deixar desgovernar para ser reconduzido. Necessito, novamente de seus conselhos.

É uma borboleta que vem das matas da Bahia. E voa longe exuberante.

Bem de pertinho, cada uma das asas tem um tratado a ser desvendado em hieroglifos microscópicos. Já consegui decifrar algumas passagens, tais como: “a bocetinha é o sarcófago do esperma-faraó” OU “o paraíso é aqui” OU “antonio machado nos ensina: não há caminhos, faz-se caminhos ao penetrar” OU “sou sua”. Pode uma coisa dessas?

Meu temor é que uma eternidade não dê TEMPO de ler todas as mensagens lá cuidadosamente incrustadas. O que devo fazer?

Abraços

Fadel

A seguir, apresenta-se o quadro com as categorias de análise que orientam a leitura da carta “Tempo desgovernado”, permitindo apreender recorrências temáticas, estratégias discursivas e movimentos estéticos que atravessam a escrita epistolar. Essas categorias funcionam como lentes interpretativas que possibilitam compreender os modos de construção do sujeito, os atravessamentos ético-políticos da linguagem e as articulações entre memória, espaço, afetividade e criação literária.

Quadro 19: Categorias/subcategorias da carta "Tempo desgovernado" (Fadel, 17 ago. 2011)

Categoria/Subcategorias	Recortes discursivos	Elementos da Literatura
1. Governança e Desgoverno do Sujeito	"Ninguém vive sem ser governado [...], eu vivia governado pelos seus conselhos e pelos remédios profusos da PIOROCURA."	Ironia, metáforas sobre controle e libertação
	"Descobri que nos últimos dois anos vivi um tempo desgovernado."	Reflexão existencial, questionamento de identidade
2. Erotismo e Metáforas do Desejo	"[...] me deixei governar por uma xoxotinha em formato de borboleta."	Erotismo literário, metáforas corporais e sensoriais
	"A bocetinha é o sarcófago do esperma-faraó."	Imagens sensuais, alegorias do desejo
3. Intertextualidade Literária	"Antonio Machado nos ensina: não há caminhos, faz-se caminhos ao penetrar."	Referências literárias diretas, intertextualidade poética
	"O paraíso é aqui."	Evocação simbólica, referências literárias e filosóficas

Categoria/Su- bcategorias	Recortes discursivos	Elementos da Literatura
4. Temporalidad e Inquietação	"Meu temor é que uma eternidade não dê TEMPO de ler todas as mensagens."	Reflexões sobre o tempo, ansiedade literária
	"[...] preciso me deixar desgovernar para ser reconduzido."	Temporalidade existencial, dualidade tempo-espço
5. Humor e Ironia	"[...] pelos remédios profusos da PIOROCURA."	Humor irônico, sátira
	"Pode uma coisa dessas?"	Questionamento humorístico, ironia retórica

Fonte: a própria autora.

A carta “Tempo desgovernado” constitui-se como uma reflexão irônica e carnavalesca acerca das formas de governo e desgoverno que permeiam a vida contemporânea. A abertura provocativa, “Ninguém vive sem ser governado”, instaura a problemática central da carta: a condição humana constantemente submetida a formas múltiplas e cotidianas de autoridade, desde o âmbito privado até esferas midiáticas e institucionais. A enumeração vertiginosa dos diversos agentes que governam o sujeito, desde a “patroa” ao “Faustão”, passando pela academia (“Capes ou CNPq”), introduz um humor irônico que questiona a naturalização dessas relações hierárquicas e ilustra uma insatisfação latente frente ao controle contínuo.

A ironia de Fadel (2011) revela a ambiguidade presente na própria submissão ao outro, especialmente destacada na referência aos “remédios profusos da PIOROCURA”, em que a cura prometida é ao mesmo tempo forma de disciplinamento. Ao reconhecer-se como governado pelos conselhos do interlocutor, o sujeito assume uma posição que o aproxima do conceito bakhtiniano de carnavalização, onde “o comportamento, o gesto e a palavra do homem libertam-se do poder de qualquer posição hierárquica” (Baktin, 2018, p. 140), permitindo um espaço ambivalente entre ordem e desordem.

O erotismo que atravessa a carta surge como expressão máxima dessa ambivalência carnavalesca. A imagem da “xoxotinha em formato de borboleta” governa por meio do desejo, instaurando um regime simbólico pautado pelo corpo e pela imaginação sensorial. Segundo Bakhtin (2018, p. 140), “a profanação é formada pelos sacrilégios carnavalescos [...], pelas indecências carnavalescas relacionadas com a força produtora da terra e do corpo”. Essa profanação aparece na carta através de metáforas sensuais como “a bocetinha é o sarcófago do esperma-faraó”, reforçando a potência subversiva do corpo enquanto espaço político e criativo.

Fadel (2011) também incorpora a intertextualidade literária como elemento estruturante do texto. Ao citar Antônio Machado (“não há caminhos, faz-se caminhos ao penetrar”), evoca uma filosofia de existência que se realiza na ação e no encontro com o outro, aproximando-se da ideia de que a "vida autêntica do indivíduo se constrói em um enfoque dialógico" (Bakhtin, 2018, p. 67). O sujeito é sempre incompleto, em contínua formação e transformação através da interação com o mundo e com o outro.

O léxico escatológico-lúdico (“sapo e perereca”, “Pode uma coisa dessas?”) tempera a carta com riso, sem abafar sua gravidade. A comicidade atesta a precariedade humana, obrigada a negociar a todo instante entre o peso das normas e a leveza do impulso. Em síntese, “Tempo desgovernado” demonstra como o gênero epistolar pode combinar crítica social, reflexão existencial e erotismo metafórico. Fadel (2011) convida o leitor a rever as instâncias que o comandam, sejam conselhos, remédios ou dispositivos midiáticos, e a experimentar a desgovernança como espaço onde o desejo, longe de caos improdutivo, se converte em princípio ativo de autoconhecimento e criação.

Ao revisitar os mais de vinte e cinco anos da correspondência entre Fadel Vasconcelos e Eguimar Felício Chaveiro, vislumbra-se muito além de uma simples troca epistolar: percebe-se a constituição de uma cartografia afetiva, tecida com reflexões sobre corpo, cidade, desejo, trabalho e pensamento. Desde as primeiras cartas, já em plena fase adulta, ambas permeadas por inquietações maduras e vibrantes, até os textos mais recentes, marcados por uma terna e crítica consciência filosófica, os autores têm utilizado a escrita como espaço singular de experimentação ética e estética. Com ironia aguçada e pulsante erotismo, Fadel dialoga harmoniosamente com a ternura crítica e existencial proposta por Eguimar, formando juntos um contraponto dialógico que expõe suas contradições e afinidades, numa complexa dança entre governo e desgoverno pessoal.

Cada carta encena aquilo que Bakhtin (2018, p. 315) chama de “realização do enredo em muitas vozes”: vozes que se chocam, se completam e se apartam, representando a condição de “homem que nunca coincide consigo mesmo” (Bakhtin, 2018, p. 67). O humor, a profanação erótica e a ironia que atravessam essas missivas incorporam a lógica da carnavalização: suspendem hierarquias, baralham o sério e o cômico e permitem que “formas profundo-sensoriais” expressem aquilo que só a linguagem carnavalesca alcança (Bakhtin, 2018, p. 140–141).

Nessa arena epistolar, Goiânia e Rio de Janeiro deixam de ser referências geográficas estáveis e se convertem em cronotopos móveis onde os interlocutores experimentam sucessivas “quebras de governo”: ora submetidos às ordens de instituições acadêmicas e midiáticas, ora

devolvidos ao desgoverno criativo do desejo. Assim, as cartas funcionam como menipeias modernas: misturam confissão íntima, denúncia social, reflexão filosófica e riso parodístico, instaurando “uma comunidade fora das formas sociais vigentes” (Bakhtin, 2018, p. 317). Em vez de encerrar a obra, o intercâmbio perpetua-se como processo, inacabado, dialógico, utópico, no qual a palavra, “irônica, visceral ou poética”, continua a afirmar a possibilidade de uma sociabilidade fundada na imaginação solidária e no reconhecimento mútuo.

CONSIDERAÇÕES

A travessia empreendida ao longo desta tese evidenciou que investigar os momentos formadores do educador Eguimar Felício Chaveiro é adentrar uma cartografia viva, dinâmica e em constante transformação. Neste território interdisciplinar, docência, literatura e geografia entrelaçam-se, constituindo-se como compromisso ético-estético fundamentado na atenção sensível e na acolhida permanente ao outro. Ao desvendar esse percurso singular, a pesquisa reafirma que experiências individuais podem tornar-se projetos coletivos de reinvenção, onde a palavra é sempre gesto e ação.

Ao reinscrever a história de vida como método e território investigativo, esta tese sustenta que experiências formativas, engajamento político e invenção pedagógica compõem as múltiplas faces de um mesmo compromisso: ensinar é, acima de tudo, responder aos apelos do mundo. É reconhecer as marcas do vivido, restituindo dignidade, significado e presença ao espaço coletivo. Nesse movimento, o trabalho docente supera a mera transmissão de conteúdos, convertendo-se em prática de escuta ativa e abertura radical à alteridade, assumindo a responsabilidade política e poética de recriar continuamente territórios, narrativas e sujeitos por meio da linguagem.

(a) História de Vida e Experiências Formativas

A tessitura das narrativas de Chaveiro mostra que sua infância no espaço rural goiano, marcada por casas de pau-a-pique e cooperação comunitária, fornece o “chão sensível” a partir do qual se projeta toda a sua prática docente. Esse lastro afetivo, contudo, é permanentemente reconfigurado pela ruptura da migração, primeiro para Trindade, depois para Goiânia, onde o menino tímido enfrenta “explosões de estranhamento” e *bullying* escolar que lhe impõem novas linguagens de pertença e resistência. Entre raízes e deslocamentos, emerge uma pedagogia que incorpora a ambiguidade dos lugares, reconhecendo que ensinar exige tempo de maturação: o educador precisa metabolizar contradições territoriais, visitar memórias e converter experiência em teoria. No seu caso, a passagem de “filho da roça” a intelectual metropolitano instala um cronotopo formativo no qual temporalidades rurais de solidariedade dialogam com a urgência urbana da crítica social. As vivências de campo e cidade funcionam como “dispositivos pedagógicos” que ensinam a ler o território com escuta ética, sensibilidade sociocultural e atenção às vozes subalternizadas.

(b) Literatura e Geografia Humana nas Práticas de Ensino e Pesquisa

Nas crônicas, cartas e bilhetes, a palavra literária opera como heurística cartográfica: ela redesenha o espaço vivido, inscrevendo uma poética dos lugares que torna visíveis zonas de

exclusão e possibilidades de esperança. Longe de mero ornamento didático, a literatura torna-se método para “sentir o território” e, simultaneamente, ferramenta de democratização epistêmica: ao conviver com citações de Neruda, Quintana ou Shakespeare “com cachaça”, Chaveiro aproxima gramáticas acadêmicas de linguagens populares, fundando gramáticas pedagógicas inclusivas que acolhem o leitor como coautor do conhecimento. Essa escrita multivocal, que alterna lirismo e denúncia, amplia o repertório crítico dos estudantes e rompe a dicotomia entre objetividade geográfica e subjetividade estética, acionando a imaginação como condição de leitura ativa do espaço.

(c) Discurso e Movimentos da Trajetória Docente, Intelectual e Política

A trajetória de Chaveiro se constitui no trânsito incessante entre sala de aula, militância comunitária e esfera pública. As crônicas sobre saúde do trabalhador transformam indignação em intervenção, convertendo a denúncia da exploração em convite à “sensibilidade insurgente”. Já as cartas trocadas com Fadel Vasconcelos materializam uma militância de brandura: um engajamento que recusa o produtivismo neoliberal e aposta em vínculos solidários para produzir conhecimento situado/insurgentes. Nesse entrelaçamento de pesquisa, escrita e ação, o discurso não apenas descreve, se realiza: convoca coletivos (Grupo Dona Alzira, Arte do Afeto), funda alianças inter-regionais e institui redes de cuidado na universidade. A palavra, portanto, age, instaura territórios de mobilização e reposiciona o sujeito pesquisado como intelectual-artífice que produz teoria a partir da prática partilhada.

(d) Regularidades Temáticas e Estilísticas nas Produções Literárias

Quatro núcleos atravessam toda a produção eguimariana: território, memória, resistência e afeto. Esses eixos articulam-se em enunciados de tom conversacional, povoados de imagens sensoriais (cheiro de cartilha nova, poeira da estrada, sangue no asfalto) que instauram uma estética de proximidade e engajamento ético. A memória surge sempre como prática dialógica, numa reconfiguração contínua que coloca o “eu” em tensão criativa com o outro. O território, por sua vez, é vivido como corpo simbólico a ser defendido, daí a presença insistente da resistência, ora contra a exploração laboral, ora contra a lógica neoliberal da academia. O afeto se torna o princípio epistemológico que sustenta alianças pedagógicas e insurgências estético-políticas.

Nesse conjunto, destaca-se uma ética da responsividade, isto é, um compromisso com a escuta, a abertura ao diálogo e a disposição para responder às demandas e as vozes dos outros. À luz dos conceitos bakhtinianos, “responsivo” significa que o discurso de Chaveiro está sempre situado no campo do encontro e da interlocução, sendo afetado e transformado pela alteridade. Assim, sua escrita se converte em espaço de hospitalidade discursiva, acolhendo

múltiplas vozes e promovendo a construção coletiva de sentidos. Trata-se, portanto, de uma produção que, se coloca como convite permanente ao diálogo, à escuta atenta e à ação compartilhada.

A opção pela história de vida se instaurou um espaço de co/investigação em que eu e Eguimar nos constituímos mutuamente. Inspirado em Josso (2004), Thompson (2002) e no Círculo de Bakhtin, os procedimentos fizeram das entrevistas um ato que desencadeia consciência crítica sobre o próprio percurso. Ao reconhecer que todo enunciado nasce como resposta e já projeta futuras réplicas, a teoria *bakhtiniana* desloca a narrativa autobiográfica do registro meramente documental para uma arena de elaboração identitária e pedagógica. Assim, a história de vida converte-se em dispositivo de pesquisa-formação: enquanto representa as inflexões da subjetividade docente de Chaveiro, me oportunizando um laboratório reflexivo para repensar currículo, práticas de escuta e escrita acadêmica.

A cartografia existencial, tal como articulada por Chaveiro e Vasconcelos (2018) mostrou-se uma lente política capaz de captar aquilo que *lateja* no território antes de ser capturado por categorias convencionais. Ao mapear tramas entre corpo, memória, espaço e comunidade, o estudo defendeu que afetos e narrativas são forças de inscrição territorial: marcam as rotas da migração, os silêncios do luto e as epifanias do engajamento. Situar essas marcas nos “lugares de disputa” (escola, rua, universidade) implicou ler o território como texto inacabado, em que as práticas insurgentes surgem como gestos de resistência. A cartografia existencial, portanto, amplia a caixa de ferramentas da pesquisa qualitativa ao privilegiar sensibilidade, potência afetiva e micropolítica na análise do espaço vivido.

O percurso investigativo comprova que geografia e literatura podem de fato se entrelaçar como matriz epistêmica capaz de reordenar os modos de conhecer. Os experimentos do Grupo Dona Alzira transformam a leitura coletiva de romances, crônicas e cartas em prática cartográfica: cada obra serve de bússola para localizar desigualdades, memórias e desejos no espaço. Nesse cenário, a “militância de brandura”, conceito forjado a partir da prosa afetiva de Chaveiro, inscreve outra temporalidade na pesquisa, desafiando o produtivismo acadêmico e valorizando o ritmo lento da escuta, do cuidado e da construção horizontal de saberes. Ao fazer da arte um método (e não apenas um objeto), a tese legitima a pesquisa literogeográfica/geoliterária como caminho fértil para problematizar território, identidade e justiça social.

Reconhecer Eguimar Felício Chaveiro como co-autor desloca o eixo tradicional pesquisador/“objeto” para uma relação de co-produção de sentido. Emergindo como intelectual-artífice, Chaveiro fabrica conhecimento situado, intrincado às práticas comunitárias

de leitura, às lutas sindicais e às pedagogias afetivas. Essa posição rompe com a lógica extrativista que muitas vezes subsiste mesmo em estudos qualitativos: aqui, os materiais gerados voltam à comunidade na forma de oficinas, crônicas comentadas e arquivos abertos, reforçando o ciclo dialógico. O resultado é uma redefinição do sujeito epistemológico como “agente situado em rede”, cuja representação nasce da interdependência entre pertença territorial e crítica às macroestruturas de poder. Desse modo, a tese confirma que produzir ciência com, e não sobre, alguém constitui gesto de descolonização metodológica que amplia as fronteiras do saber acadêmico.

Quando articuladas, essas quatro contribuições constituem um *ethos* investigativo que privilegia narrativas encarnadas, afetos compartilhados e compromissos políticos concretos. Elas demonstram que é possível conjugar rigor teórico com disponibilidade sensível, convertendo a pesquisa em prática formativa mutualmente transformadora. O legado metodológico reside na disposição ética de escutar, dialogar e tornar-se, junto ao outro, sujeito de um conhecimento que toque, simultaneamente, o território e a imaginação.

Os achados desta tese sugerem que ser professor no e do território implica transformar o cotidiano escolar em palco de escuta. Quando a prática pedagógica incorpora narrativas de vida, próprias e alheias, e faz da literatura uma lente para ler o espaço vivido, inauguram-se três movimentos formativos: (i) fortalecimento dos vínculos afetivos, pois as histórias contadas devolvem rosto e voz aos lugares; (ii) expansão da leitura crítica do espaço, já que o texto literário, ao dramatizar desigualdades e potencialidades, convoca alunos a cartografar suas realidades; e (iii) instituição da universidade como laboratório de cidadania, pois a aprendizagem ultrapassa o conteúdo programático para cultivar empatia, participação política e cuidado. A docência, assim compreendida, converge com a noção de que o sujeito se forma no diálogo: ensinar é inter-habitar os territórios discursivos do outro e, nesse trânsito, redesenhar-se continuamente.

Ao articular métodos qualitativos, estética literária e análise espacial, este estudo confirma que a ciência pode ser simultaneamente necessária e sensível. A triangulação entre entrevista dialógica, cartografia existencial e leitura literogeográfica demonstra que afeto e engajamento são princípios epistemológicos que qualificam a produção do conhecimento. Essa postura inaugura uma ética investigativa que: (i) acolhe a vulnerabilidade como dado analítico (eu me transformei); (ii) valoriza a horizontalidade, participantes deixam de ser “fontes” para serem co-autores; (iii) reconhece o impacto político de narrar o território, sobretudo em contextos periféricos, convertendo a pesquisa em potência de mobilização social.

Consequentemente, a tese oferece um modelo de pesquisa capaz de dialogar com currículos, políticas públicas e projetos de extensão, indicando caminhos para inserir arte, memória e espaço na agenda acadêmica sem sacrificar a exigência metodológica.

Embora a cartografia aqui delineada represente zonas decisivas da trajetória de Eguimar Felício Chaveiro, ela não esgota a pluralidade de vozes que atravessam sua escrita nem captura todas as reverberações de suas práticas, sobretudo aquelas que se desdobram no presente. Reconhecem-se, portanto, as seguintes lacunas e possíveis desdobramentos: (i) Escuta da recepção: acompanhar a circulação de suas crônicas e cartas em salas de aula do ensino básico e em espaços não-escolares permitiria compreender como diferentes públicos ressignificam sua “militância de brandura”; (ii) Comparação inter-territorial: Estender a cartografia existencial a outros educadores do Norte e Centro-Oeste possibilitaria traçar convergências e singularidades regionais, enriquecendo o debate sobre formação docente em contextos periféricos; (iii) Dimensão performativa da estética: investigar, em projetos de extensão universitária, como a escrita de Chaveiro inspira performances artísticas (slam, teatro comunitário, exposições cartográficas) poderia aprofundar a análise da palavra como dispositivo de ação coletiva; (iv) Arquivamento digital colaborativo: a criação de um acervo virtual, aberto e comentado, garantiria a preservação da obra e incentivaria leituras plurais, estimulando práticas de curadoria comunitária dos materiais.

Encerrar, ou melhor, suspender, esta investigação significa pôr em movimento a sua própria perenidade: cada enunciado aqui tecido permanece à espera de novas respostas, como fios soltos de um diálogo que se renova a cada interlocutor que o acolhe. No decurso deste trabalho, vi minha escrita ganhar corpo e respiração, aprendi a olhar à docência, e, sobretudo, meus alunos, por meio de uma política dos afetos, entendendo que educar é cultivar vínculos capazes de deslocar certezas e inaugurar pertencimentos. Ao atravessar os lugares que outrora habitavam apenas os territórios do desejo, confirmei que toda geografia é, antes de tudo, possibilidades: basta organizar o passo, reconhecer o traçado e lançar-se na travessia. Cada deslocamento, cada experiência partilhada, ampliou minha capacidade de ler o mundo e as pessoas como textos vivos, sempre inacabados.

A convivência cotidiana com o Grupo Dona Alzira, e a generosidade com que fui acolhida em sua roda, foi decisiva para que eu concluísse esta tese, integrando categorias e léxicos oriundos de outras áreas do saber. Nesse intercâmbio, descobri que a transdisciplinaridade pode também ser um gesto de hospitalidade epistêmica: abrir a porta para que conceitos outros encontrem morada e, ali, transformem-se junto conosco.

Empreender uma tese que se debruce sobre a docência insurgente de Eguimar Felício Chaveiro significa legitimar práticas pedagógicas que transpõem os muros da universidade para inscrever-se em lutas concretas: a defesa da soberania alimentar dos povos Karajá, a construção de alianças pelos direitos humanos ao lado de Fadel Vasconcelos, o cuidado com o Cerrado entendido como corpo-território ameaçado, e o cultivo das *machambas* em Moçambique como exercício de reciprocidade ecológica. Mapear essas ações é reconhecer que o ato de ensinar, quando atravessado por princípios de justiça socioambiental, converte a sala de aula em trincheira de resistência, lugar onde saberes tradicionais e acadêmicos se encontram para ressignificar o presente e disputar futuros possíveis.

Além disso, registrar a tessitura de encontros como onde geografias afro-ameríndias, lusófonas e latino-americanas dialogam em paridade de vozes, exemplifica a força de uma pedagogia que faz da troca intercontinental de experiências um método de pesquisa-formação. Ao documentar as múltiplas frentes de atuação do grupo coordenado por Eguimar, esta tese demonstra que a universidade pode (e deve) funcionar como ponte entre territórios, articulando redes de solidariedade que atravessam fronteiras linguísticas, políticas e epistemológicas. Nesse gesto, reafirma-se a centralidade de uma docência engajada em políticas insurgentes, capaz de transformar práticas locais em referências globais de cuidado, dignidade e esperança compartilhada.

Confirma-se, então, a hipótese inaugural: a vida narrada com rigor e cuidado converte-se em território formativo para todos os envolvidos, pesquisadora, sujeito narrador, universidade e comunidade. Ao cabo deste percurso, a palavra de Eguimar Felício Chaveiro permanece em estado de convocação permanente: convida-nos a reimaginar o ato de ensinar como cartografia de afetos, a reconhecer a pesquisa como exercício de alteridade radical e a habitar o mundo com a delicadeza combativa de quem aposta na força das pequenas insurgências.

Que esse eco continue a ressoar, abrindo veredas para novos encontros entre geografia, literatura e compromisso ético-estético com o outro. Afinal, como nos lembra o próprio Chaveiro, todo território se refaz quando alguém decide narrá-lo, e a narrativa, por sua vez, nunca se fecha enquanto houver quem a escute, a reescreva e a partilhe.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2017.
- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: FGV, 1990.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARNAUD, Claude. **Le goût du vivant**. *Senso*, n. 7, déc.-jan. 2003.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. Tradução: J. Guinsburg. Perspectiva, 1987 (Coleção ELOS).
- BAUMAN, Zigmund. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2016.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. Em: **Magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Vol. 1 – 3. ed. Editora Brasiliense, 1987. P. 36-49.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. Em: **Magia e técnica, arte e política – Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Vol. 1 – 3. ed. Editora Brasiliense, 1987. P. 114-119.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Em: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** . 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BRASIL. Conselho Nacional de Direitos Humanos – **CNDH. Ata da 68ª reunião ordinária do conselho nacional dos direitos humanos.** Disponível em: <https://www.gov.br/participamaisbrasil/atas-de-reunioes>. Acesso em: 10 jan. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001.** Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 9 abr. 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 1.679, de 19 de setembro de 2002.** Institui a Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (RENAST). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 20 set. 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Humaniza SUS: política nacional de humanização.** Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2003.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CALLIGARIS, Contardo. **O sentido da vida.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas.** Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 [1923-1985].

CANDIDO, Antonio. “A vida ao rés do chão”, in: *Para gostar de ler – Crônicas 5.* São Paulo: Ática, 1981.

CÂNDIDO, Antonio et al. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CHAVEIRO, E. F.; VASCONCELOS, L. C. F. **Cartografias existenciais da pessoa com deficiência e o trabalho**. Goiânia: Kelps, 2018.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9540141505352914>. Acesso em: 24 jan. 2025.

CHAVEIRO, Eguimar F. Mensagem recebida por Weigma Michely da Silva. 03 fev. 2024. Mensagem via *WhatsApp*.

CHAVEIRO, Eguimar F. Mensagem recebida por Weigma Michely da Silva. 28 mar. 2024. Mensagem via *WhatsApp*.

CHAVEIRO, Eguimar F. Mensagem recebida por Weigma Michely da Silva. 12 dez. 2023. Mensagem via *WhatsApp*.

CHAVEIRO, E. F. **A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura – uma leitura possível**. Revista Geografia Literatura e Arte, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 175–186, 2007. DOI: 10.5216/ag.v1i2.3019. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/3019>. Acesso em: 19 out. 2024.

CHAVEIRO, E. F. **Experiências autoetnográficas com o trabalho: a estética da feira**. Revista Geografia Literatura e Arte, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 74–89, 2018. DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2018.174361. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/174361>. Acesso em: 19 out. 2024.

CHAVEIRO, E. F. **A boca Armada**. In: *Multiplicadores de Visat*. Disponível em: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/coluna-opiniao>. Acesso em: dia, mês, ano.

CHAVEIRO, E. F. **Varandródomo**. In: *Multiplicadores de Visat*. Disponível em: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/coluna-opiniao>. Acesso em: dia, mês, ano.

CHAVEIRO, E. F. **A morte do rascunho**. In: *Multiplicadores de Visat*. Disponível em: <https://www.multiplicadoresdevisat.com/coluna-opiniao>. Acesso em: dia, mês, ano.

DELGADO, L. DE A. N. **História oral: memória, tempo, identidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia – Vol. I**. Tradução: Luiz Orlandi. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução ao rizoma. Em: **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a Filosofia*. São Paulo: Rio: Editora Rio, 1976.

DEL PRIORI, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DOSSE, Francois. **O desafio biográfico: Escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009 [1950].

DUTRA, Eliana. A crônica no Brasil: o cotidiano e a literatura. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Belo Horizonte, v. 14, n. 28, p. 2006-2008, 2012.

FATAL, Paulo; FADEL, Luiz Carlos; SANTOS, Carlos Silveira dos; COSTA FILHO, Jairo da; MENDES, Luís Antonio Martins. **Verso vício**. Rio de Janeiro: Reporarte Gráfica, 1990.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 86 edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Ed. 34, 2006.

GENTIL, Hélio S. Introdução. Em: **RICOEUR, P. Tempo e narrativa: o tempo narrado**. Campinas: Papyrus, 2012.

GASPAR, Alberto. **A educação formal e a educação informal em ciências**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4044729/mod_resource/content/1/Texto%206%20A

%20educa%C3%A7%C3%A3o%20formal%20e%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o%20informal%20em%20ci%C3%A4ncias.pdf. Acesso em: 13 out. 2024.

GONÇALVES, Franciane Prado; SOARES, Juliana Abadia do Prado. **A Cartografia existencial da juventude rural**. Revista Geografia Literatura e Arte, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 105–118, 2024. DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2024.213251. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/213251>. Acesso em: 14 jan. 2025.

GONÇALVES, Ricardo Assis; CHAVEIRO, Eguimar Felício; SUZUKI, Júlio César; VILELA, Benjamim Pereira. **Interlocuções entre Geografia, Literatura e Arte: as possibilidades da interpretação literogeográfica**. Revista Geografia Literatura e Arte, [S. l.], v. 4, n. 2, p. 1–6, 2024. DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2024.221445. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/221445>. Acesso em: 19 out. 2024.

GONÇALVES, Ricardo Assis; Emídio, Rodrigo. **A leitura e a devassa do tempo: situações, desafios e perspectivas**. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/okara>

GONÇALVES, Ricardo Assis. **Crônicas literogeográficas**. Disponível em: https://cdn.ueg.edu.br/source/editora_da_ueg_72/conteudo_extensao/12942/2024_CRONICA_S_LITEROGEOGRAFICAS_ebook.pdf Acesso em: 19 dez. 2024.

GUATTARI, Félix. *A Revolução Molecular*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1981.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis: Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2023.

HARVEY, David. **O neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Loiola, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de Floresta**. 7. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2001, p. 29.

JOSSO, MC. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **A transformação de si a partir da narração de histórias de vida**. Educação, [S. l.], v. 30, n. 3, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/2741>. Acesso em: 25 jan. 2025.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **História Oral: Muitas Dúvidas, Poucas Certezas e Uma Proposta.** In: MEIHY, José Carlos Sebe (Org.). (Re) Introduzindo História Oral no Brasil. Série Eventos. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996.

LACAN, J. **Escritos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência.** Tradução de Antunes, João Wanderley Geraldi. 1 ed. Belo Horizonte, 2014.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício do professor.** Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LEJEUNE, Philippe. **Je est un autre philippe: l'autobiographie de la littérature aux médias.** Disponível em: <https://archive.org/details/jeestunautrelaut0000leje>. Acesso em: 24 jan. 2025.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographie.** Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1896026/mod_resource/content/1/lejeune_pacte_autobiographique_pacte_1.pdf Acesso em: 24 jan. 2025.

LÍDER karajá, cacique, morre em Goiás. G1, Goiânia, 4 out. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2024/10/04/lider-karaja-cacique-morre-em-goias.ghtml>. Acesso em: 17 mar. 2025.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte.** Tradução de Renata Santini. São Paulo: N-1 edições, 2018. 80 p.

MACHADO DE ASSIS. **História de quinze dias.** [S.l.]: [s.n.], 1877. e-book. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000184.pdf> Acesso em: 29 maio 2025.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** São Paulo: Palas Atena, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; **HOLANDA, Fabíola Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loiola, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Memória, história oral e história**. *Oralidades - Revista de História Oral*, Nº 8, p. 179-191, Jul./Dez. 2010.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NOBRE, Marcos. **Imobilismo em Movimento: Da abertura democrática ao governo Dilma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. **Caleidoscópio de vidas e ideias**. In: CASTRO,

GUSTAVO *et al.* **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

NÓVOA, Antônio *et al.* **Vida de professores**. 2. Ed. Coimbra/Portugal: Porto Editora, 2000.

OLENDER, Mônica Cristina Henriques Leite. **A técnica do pau-a-pique: subsídios para a sua preservação**. Salvador: UFBA/PPGAU, 2006.

OLIVEIRA, Fabrício da Silva de. **Crônica, o gênero: entre as fronteiras do jornalismo e da literatura, o pós-humano nos textos cronísticos de Juan José Millás**. 2019. [número de folhas] f. Tese (Doutorado em [área do conhecimento]) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. 1ª ed. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

PORTELLI, A. A. **A ordem é registradora: a história oral como retórica e representação**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, A.A. **Filosofia e os Fatos**. *Tempo*, Rio de Janeiro, Nº 2, p. 59-72, 1996.

PORTELLI, ALESSANDRO. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letras e Voz, 2016.

PY, Fernando. Prefácio. In: PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: no caminho de Swann - Combray**. Tradução de Fernando Py. Título original: *Du côté de chez Swann*. Volume 1. Rio de Janeiro: [Editora X], 2005. p. 7-15.

RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio. Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral. *História Oral*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 359-372, jan./jun. 2019. RICOEUR, P. **Tempo e narrativa: o tempo narrado**. Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Nelson. **Toda nudez será castigada: obsessão em três atos: tragédia carioca**. Roteiro de leitura e notas de Flávio Aguiar. - 3.ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012 [1961].

RODRIGUES, Osvaldino Marra. Zenão de Eléia, discípulo de Parmenides: um esboço. Disponível em: <https://mail.anpof.org/periodicos/revista-kinesis/leitura/1157/30395>. Acesso em 30/01/2025.

SANTOS, Andrea Pereira dos; GOMES, Suely Henrique de Aquino; CHAVEIRO, Eguimar Felício (Org.). **Leituras geográficas** [recurso eletrônico]. Goiânia: Gráfica UFG, 2016. 85 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SCHWARTZ, Lúcia G. **A técnica do pau-a-pique: subsídios para a sua preservação**. Salvador: UFBA/PPGAU, 2006.

SILVA, Weigma Michelly da; SILVA, Luiza Helena Oliveira da; SILVA, Naiane Vieira dos Reis. Violência de gênero na paisagem: análise semiótica de uma intervenção estético-político-urbana no interior do Tocantins. *Revista São Luis Orione*, [S.l.], v. 11, n. 1, 2024. Disponível em: <https://seer.catolicaorione.edu.br/index.php/revistaorione/article/view/319>. Acesso em: 13 jul. 2025.

SINGER, André. **Os Sentidos do Lulismo: Reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: De Castelo a Tancredo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira: Quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

SUSUKI, Júlio César; LIMA, Angelita Pereira de; CHAVEIRO, Eguimar Felício (Org.). **Geografia, literatura e arte: epistemologia, crítica e interlocuções** [livro eletrônico]. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2016. 466 p.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2014.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

VOLÓCHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e notas** (1926-1930). São Paulo: Editora 34, 2021.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2019 [1895-1936].

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2021 [1895-1936].

VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2018.

VOLÓCHINOV, V. N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1930].